

2º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM MUSEOLOGIA

Contributo para a Conservação Preventiva da Coleção de Luís Stoffel no Museu da Chapelaria

Inês dos Santos Martins Batista

M

2025



Inês dos Santos Martins Batista

Contributo para a Conservação Preventiva da Coleção de Luís Stoffel no Museu da Chapelaria

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Museologia, orientado pela Professora Doutora Paula Menino Homem, pela FLUP e supervisionado pelas Mestres Tânia Reis e Diana Tavares, pelo Museu da Chapelaria.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025



Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma licença CC BY 4.0

Sumário

Declaração de honra	viii
Agradecimentos	ix
Resumo.....	x
Abstract	xi
Índice de Figuras	xii
Índice de Tabelas.....	xvii
Lista de abreviaturas, acrónimos e siglas.....	xviii
Introdução.....	1
1.O chapéu e as práticas de conservação preventiva	3
1.1. O chapéu: breve enquadramento	3
1.2. Bases orientadoras da conservação preventiva	4
1.3. Práticas de conservação preventiva de chapéus em museus	5
1.3.1. Acondicionamento de chapéus em reserva	6
1.3.2. Acondicionamento de chapéus em transporte	14
2.Contexto de estágio: enquadramento	23
2.1. Contexto, objeto e objetivos do estágio	23
2.2. Abordagem metodológica	25
2.3. Caracterização da instituição de acolhimento	27
3.Contexto de estágio: contributo	34
3.1. Caracterização da coleção	34
3.1.1. O autor	34
3.1.2. História e percurso da coleção	35
3.1.3. Composição da coleção	37
3.1.4. Caracterização material e técnica.....	38
3.1.4.1 Têxteis	42
3.1.4.2 Penas	45
3.1.4.3 Metal	46
3.1.4.4 Plástico	48
3.1.4.5 Vidro.....	50
3.1.4.6 Papel.....	52
Considerações	53

3.2. Avaliação do estado de conservação da coleção	55
3.2.1. Relatórios de verificação de estado de conservação ou <i>condition reports</i> e escalas de estado de conservação	55
3.2.2. Análise dos dados	61
Considerações	63
3.3. Identificação e estudo dos principais agentes de deterioração	66
3.3.1. Condições incorretas de temperatura e humidade relativa	66
3.3.1.1 Temperatura e humidade relativa no contexto da coleção de Luís Stoffel	71
3.3.2. Radiação eletromagnética	74
3.3.2.1 Radiações eletromagnéticas no contexto da coleção de Luís Stoffel	76
3.3.3. Forças físicas	78
3.3.3.1 Forças físicas no contexto da coleção de Luís Stoffel	80
3.3.4. Poluentes	82
3.3.4.1 Poluentes no contexto da coleção de Luís Stoffel	87
3.3.5. Pragas.....	88
3.3.5.1 Pragas no contexto da coleção de Luís Stoffel.....	95
Considerações	99
3.4. Contributo para a conservação da coleção	100
3.4.1. Análise do risco	100
3.4.1.1 Determinação e avaliação dos riscos	101
3.4.2. Plano de conservação preventiva para a coleção de Luís Stoffel	105
3.4.3. Plano de acondicionamento em reserva e transporte	117
3.4.4. Outras ações de conservação realizadas	124
Considerações	128
Considerações Finais	129
Referências	131
Anexos	139
Anexo 1- Características do local de implementação do Museu da Chapelaria.	140
Anexo 2- Plantas do Museu da Chapelaria.	144
Anexo 3- Níveis de temperatura e HR registados na Reserva 2 do Museu da Chapelaria, de fevereiro de 2023 a outubro de 2024.	146
Anexo 4- <i>Tineola bisselliella</i> (traça-das-roupas).	148
Anexo 5- Modelo ABC (Pedersoli Jr. <i>et al</i> , 2017).	150

Apêndices	154
Apêndice 1- Atividades paralelas desenvolvidas durante o estágio curricular.....	155
Apêndice 2- Modelo de Relatório de Estado de Conservação ou <i>Condition Report</i> elaborado para a coleção de Luís Stoffel.....	160
Apêndice 3- Esquema de acondicionamento em reserva e transporte para a coleção de Luís Stoffel.	164
Apêndice 4- Variedade de materiais presentes na coleção de Luís Stoffel.	170
Apêndice 5- Estado de conservação da coleção.	175
Apêndice 6- Tipos de dano verificados na coleção.	177
Apêndice 7- Têxteis: fibras naturais vegetais, fibras naturais animais e fibras sintéticas não celulósicas.	181
Apêndice 8- Vidro.....	186
Apêndice 9- Plástico.	189
Apêndice 10- Deterioração do papel.	191
Apêndice 11- Categorização de materiais de coleções museológicas segundo a norma ISO Blue Wool.	193
Apêndice 12- Produtos emissores de poluentes.....	194
Apêndice 13- Estratégias de controlo de poluentes em museus.....	196
Apêndice 14- Medidas de controlo, deteção e monitorização de infestações.....	201
Apêndice 14- Medidas de resposta a infestações.....	206
Apêndice 16- Níveis de temperatura e HR máximos e mínimos registados na Reserva 2 do Museu da Chapelaria, de fevereiro de 2023 a outubro de 2024.	214
Apêndice 17- Relatórios do Estado de Conservação (<i>Condition Reports</i>) da coleção de Luís Stoffel.	217

Declaração de honra

Declaro que este documento é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e na lista final de referências, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa para realização de parte(s) do presente relatório.

[Porto, 30 de setembro de 2025]

[Inês Batista]

Agradecimentos

Começo por agradecer aos meus pais, que me permitiram escolher e seguir o meu caminho livremente e fazer o que gosto, com tudo que isso implica, e aos meus avós, que sempre ajudaram a que isso fosse possível.

Ao Rodrigo, pelo amor, pela paciência e por todo o apoio nos momentos em que me achei incapaz. E também porque, mesmo sem saber, me encorajou a recuperar uma motivação que em tempos achei ter perdido e por me inspirar a exigir o melhor de mim própria.

Aos meus amigos, Joana, Matilde e Simão, por estarem sempre à distância de uma mensagem e me transmitirem ânimo sempre que partilhei com eles as dificuldades deste processo.

Agradeço também às minhas colegas e amigas de turma, Matilde e Maria, por tornarem o caminho percorrido no Mestrado menos solitário. Deixo ainda um grande obrigada ao Zé, por me ter ensinado a “desenhar”, o que me permitiu ilustrar melhor algumas das ideias que apresentei neste documento.

A todas as colegas do Museu da Chapelaria, à Diretora Tânia Reis, à Diana, à Rosa, à D. Fernanda e à D. Paula, que me receberam tão bem e tornaram todos os meus dias de estágio agradáveis, deixo um grande agradecimento. E em especial à Diana, pelo acompanhamento, conselhos e ensinamentos que permitiram a entrega deste relatório.

Agradeço por fim à minha orientadora, a Professora Doutora Paula Menino Homem. Por toda a confiança que depositou nas minhas capacidades, desde o primeiro ano do Mestrado em Museologia, pela inspiração, aprendizagem, rigor e amabilidade.

Resumo

Este documento resulta do desenvolvimento de um estágio curricular no Museu da Chapelaria, em São João da Madeira, no âmbito do Mestrado em Museologia (MMUS) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

O objetivo geral do estágio foi o contributo para a conservação preventiva de uma coleção de autoria do *designer* português Luís Stoffel, que consiste num conjunto de coberturas de cabeça e máscaras de proteção, que empregam múltiplos materiais. Mais especificamente, objetivou-se estudar as condições de acondicionamento da coleção, em contexto de reserva e de transporte. Nesse sentido, caracterizaram-se os objetos, aferiu-se o seu estado de conservação, identificaram-se os agentes de deterioração a que estão expostos e procedeu-se a uma análise do risco inerente.

Deste processo, resultou a produção de documentação de diagnóstico (*condition reports*) e de propostas de procedimentos que visam a melhoria do estado de conservação da coleção e das suas condições de acondicionamento, alguns com implementação efetiva.

Palavras-chave: Museus e Museologia; Coleções; Chapéus; Reserva e Transporte; Gestão do Risco; Conservação Preventiva.

Abstract

This document is the result of a curricular internship at Museu da Chapelaria (Hat Museum) in São João da Madeira, as part of the Master's Degree in Museology (MMUS) at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (FLUP).

The main objective of the internship was to contribute to the preventive conservation of a collection by the Portuguese designer Luís Stoffel, which comprises a set of head coverings and protective masks made from multiple materials. More specifically, the objective was to study the conditions of the collection, both in storage and during transport. To this end, the objects were characterised, their state of conservation was assessed, the agents of deterioration to which they were exposed were identified, and an inherent risk analysis was conducted.

This process resulted in the production of diagnostic documentation (condition reports) and proposed procedures aimed at improving the collection's conservation status and storage conditions, some of which have been effectively implemented.

Key-words: Museums and Museology; Collections; Hats; Storage and Transport; Risk Management; Preventive Conservation.

Índice de Figuras

FIGURA 1- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉUS. © MUSEUMS & GALLERIES COMMISSION (2000).	8
FIGURA 2- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉUS. A. CHAPÉU; B. PAPEL <i>ACID-FREE</i> ; C. ANEL DE REDE TUBULAR ELÁSTICA COM ENCHIMENTO; D. TUBO DE CARTÃO <i>ACID-FREE</i> ; E. BARREIRA. © MINISTER OF PUBLIC WORKS AND GOVERNMENT SERVICES CANADA (2009).	8
FIGURA 3- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	9
FIGURA 4- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	9
FIGURA 5- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	9
FIGURA 6- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	10
FIGURA 7- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	10
FIGURA 8- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	10
FIGURA 9- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	10
FIGURA 10- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO PARA CHAPÉU. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	11
FIGURA 11- CAIXA COM LADO FRONTAL COLAPSÁVEL. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	14
FIGURA 12- CAIXA COM LADO FRONTAL COLAPSÁVEL. © MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON.	14
FIGURA 13- SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO EM QUE TRAVAMENTOS DE MADEIRA SÃO COLOCADOS PARA IMOBILIZAR UMA ESCULTURA DURANTE O SEU TRANSPORTE. © BUTTERWORTH & CO. LTD. 1987.	16
FIGURA 14- ESQUEMA DE SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO DE NEGATIVOS ESCAVADOS EM PLACAS DE ESPUMA. © BUTTERWORTH & CO. LTD. 1987.	16
FIGURA 15- ESQUEMA DE SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO DE NEGATIVOS ESCAVADOS EM PLACAS DE ESPUMA. © BUTTERWORTH & CO. LTD. 1987.	16
FIGURA 16- ESQUEMA DE SISTEMA DE ACONDICIONAMENTO COM DUAS CAIXAS. 1. CAIXA EXTERIOR EM CONTRAPLACADO OU MADEIRA; 2. MATERIAL DE AMORTECIMENTO; 3. CAIXA DE CONTRAPLACADO INTERIOR. © BUTTERWORTH & CO. LTD. 1987.	17
FIGURA 17- MATERIAIS DE AMORTECIMENTO PARA SISTEMAS COM DUAS CAIXAS. A. CHIPS DE ENCHIMENTO ENTRE AS PAREDES DAS CAIXAS; B. BLOCOS OU PLACAS DE UM MATERIAL ABSORVENTE DE CHOQUES E VIBRAÇÕES NOS CANTOS ENTRE AS PAREDES DAS CAIXAS. © BUTTERWORTH & CO. LTD. 1987.	17
FIGURA 18- ACONDICIONAMENTO DO CHAPÉU <i>THE MODES DE LOUVES</i> , COM MOLDE DE <i>PLASTAZOTE</i> ® COM REVESTIMENTO ALMOFADADO E PLACA DE <i>PLASTAZOTE</i> ® REMOVÍVEL. © ROISIN MORRIS, 2011.	22
FIGURA 19- CAIXA DE ACONDICIONAMENTO PARA TRANSPORTE DE UM CHAPÉU. © ROISIN MORRIS, 2011. ..	22

FIGURA 20- PLANTA DO PISO -1 DO MUSEU DA CHAPELARIA. © CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA MADEIRA.	32
FIGURA 21- ESQUEMA REPRESENTATIVO DOS ESPAÇOS DA RESERVA 2 E SISTEMAS DE ARMAZENAMENTO. © INÊS BATISTA, 2025.....	33
FIGURA 22- DATAÇÃO DA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	36
FIGURA 23- QUANTIFICAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DOS MATERIAIS NA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	39
FIGURA 24- QUANTIFICAÇÃO DO NÚMERO DE DIFERENTES TIPOS DE MATERIAIS POR OBJETO NA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	39
FIGURA 25- ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO. © INÊS BATISTA, 2025.	61
FIGURA 26- QUANTIFICAÇÃO DOS TIPOS DE DANOS PRESENTES NA COLEÇÃO DE CHAPÉUS DO DESIGNER LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	62
FIGURA 27- SINAIS DE INFILTRAÇÃO NUMA PAREDE DA RESERVA 2. © INÊS BATISTA, 2025.	73
FIGURA 28- ABERTURA NO TOPO DA PORTA DE ENTRADA DA RESERVA 2. © INÊS BATISTA, 2025.....	73
FIGURA 29- CORROSÃO DO METAL NA MÁSCARA “GÓTICO MEDIEVAL I”. © INÊS BATISTA, 2025.	74
FIGURA 30- CORROSÃO DO METAL NA MÁSCARA “GÓTICO MEDIEVAL I”. © INÊS BATISTA, 2025.	74
FIGURA 31- DOSES DE EXPOSIÇÃO ANUAL À LUZ, PARA MATERIAIS COM DIFERENTES NÍVEIS DE SENSIBILIDADE. © IPM (2007).	75
FIGURA 32- DESCOLORAÇÃO NO CHAPÉU “FELTRO VERMELHO”. © INÊS BATISTA, 2025.	78
FIGURA 33- DESCOLORAÇÃO NO CHAPÉU “FELTRO VERMELHO”. © INÊS BATISTA, 2025.	78
FIGURA 34- ACONDICIONAMENTO INADEQUADO DA COLEÇÃO. © INÊS BATISTA, 2025.	80
FIGURA 35- SEPARAÇÃO DE ELEMENTO NA MÁSCARA “PRIMAVERA”. © INÊS BATISTA. 2025.	81
FIGURA 36- FRATURA NUMA PENA DO <i>FASCINATOR</i> “PANDEMIA”. © INÊS BATISTA, 2025.	81
FIGURA 37- ORIFÍCIO NO <i>SINAMAY</i> DO TOUCADO “CINZA PRATA”. © INÊS BATISTA, 2025.....	81
FIGURA 38- DEFORMAÇÕES EM PENAS DO <i>FASCINATOR</i> “PANDEMIA”. © INÊS BATISTA, 2025.....	81
FIGURA 39- QUEBRA NAS LIGAÇÕES DA REDE DO VÉU DO <i>FASCINATOR</i> “TEÁRA PRETA”. © INÊS BATISTA, 2025.	82
FIGURA 40- ABRASÃO EM PEDRARIA DE PLÁSTICO NA MÁSCARA “MOULIN ROUGE”. © INÊS BATISTA, 2025.	82
FIGURA 41- SEPARAÇÃO DE ELEMENTOS NO TOUCADO “PIED DE POULE” © INÊS BATISTA, 2025.....	82
FIGURA 42- PERDA DE FIXAÇÃO NO TOUCADO “PIED DE POULE”. © INÊS BATISTA, 2025.	82
FIGURA 43- DEPOSIÇÃO DE PÓ NA MÁSCARA “GÓTICO MEDIEVAL I”, VISÍVEL NAS MISSANGAS. © INÊS BATISTA, 2025.....	88

FIGURA 44- DEPOSIÇÃO DE PÓ NA MÁSCARA “GÓTICO MEDIEVAL I”, VISÍVEL NAS MISSANGAS. © INÊS BATISTA, 2025.....	88
FIGURA 45- AMARELECIMENTO DO PAPEL NO FASCINATOR “ROSAS VERMELHAS”. © INÊS BATISTA, 2025....	88
FIGURA 46. AMARELECIMENTO DO PAPEL NO CHAPÉU “LADY SÉCULO XIX”. © INÊS BATISTA, 2025.	88
FIGURA 47- LARVA DE <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> REMOVIDA DE UM OBJETO DA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	95
FIGURA 48- PUPA DE <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> REMOVIDA DE UM OBJETO DA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	95
FIGURA 49- INSETO DE <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> MORTO, JUNTO À COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.....	95
FIGURA 50- ORIFÍCIOS E LACUNAS CAUSADAS PELO INSETO <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> NAS PENAS DO <i>FASCINATOR</i> “TRICOLOR I”.	96
FIGURA 51- LACUNAS E ESTADO DE FRAGILIDADE DAS PENAS NO <i>FASCINATOR</i> “AVE” CAUSADAS PELO INSETO <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> . © INÊS BATISTA, 2025.	96
FIGURA 52- PUPA E DETRITOS DE <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> NO <i>FASCINATOR</i> “MARFIM”. © INÊS BATISTA, 2025.	97
FIGURA 53- ORIFÍCIOS, LACUNAS, FRAGILIDADE DAS PENAS E DETRITOS DE <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> NO <i>FASCINATOR</i> “AVE”. © INÊS BATISTA, 2025.....	97
FIGURA 54- REPRESENTAÇÃO DA MAGNITUDE DE RISCO, ESTIMADA A PARTIR DO MÉTODO ABC (PEDERSOLI JR. ET AL, 2017) © INÊS BATISTA, 2025.....	104
FIGURA 55- ILUSTRAÇÃO REPRESENTATIVA DO SISTEMA A. © INÊS BATISTA, 2025.....	121
FIGURA 56- ILUSTRAÇÃO REPRESENTATIVA DO SISTEMA B. © INÊS BATISTA, 2025.	121
FIGURA 57- ILUSTRAÇÃO REPRESENTATIVA DO SISTEMA C. © INÊS BATISTA, 2025.	122
FIGURA 58- ILUSTRAÇÃO REPRESENTATIVA DO SISTEMA D. © INÊS BATISTA, 2025.....	123
FIGURA 59- MATERIAL UTILIZADO NA LIMPEZA MECÂNICA DA COLEÇÃO: ASPIRADOR E RESPECTIVOS ACESSÓRIOS E PINCÉIS. © INÊS BATISTA, 2025.	125
FIGURA 60- LOCAL ESCOLHIDO (A VERDE) PARA A RELOCALIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	126
FIGURA 61- ACONDICIONAMENTO PROVISÓRIO CRIADO PARA A COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.....	127
FIGURA 62- ACONDICIONAMENTO PROVISÓRIO CRIADO PARA A COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.....	127
FIGURA 63- ACONDICIONAMENTO PROVISÓRIO CRIADO PARA A COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.....	127

FIGURA 64- LOCALIZAÇÃO DO MUSEU DA CHAPELARIA.	140
FIGURA 65- LOCALIZAÇÃO DO MUSEU DA CHAPELARIA.	140
FIGURA 66. CARTA DE PERIGOSIDADE DE INCÊNDIO RURAL. © INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS, I.P. (ICNF).	141
FIGURA 67- MAPA DE PERIGOSIDADE SÍSMICA PARA PORTUGAL, CONSIDERANDO AS ZONAS SISMOGÉNICAS DE MAR (ESQUERDA) E AS ZONAS SISMOGÉNICAS DE TERRA (DIREITA). © COSTA <i>ET AL</i> (2008).	142
FIGURA 68- LEVANTAMENTO DA ÁREA DE VEGETAÇÃO DAS PROXIMIDADES DO MUSEU DA CHAPELARIA EM JUNHO DE 2021 (A), MAIO DE 2023 (B) E FEVEREIRO DE 2024 (C).	142
FIGURA 69- TEMPERATURA MÉDIA ANUAL DE PORTUGAL CONTINENTAL. © IPMA, 2025.	143
FIGURA 70- PRECIPITAÇÃO ACUMULADA ANUAL DE PORTUGAL CONTINENTAL. © IPMA, 2025.	143
FIGURA 71- PLANTA PISO -1.	144
FIGURA 72- PLANTA PISO 0.	144
FIGURA 73- PLANTA PISO 1.	144
FIGURA 74- PLANTA PISO 2.	145
FIGURA 75- FEVEREIRO A ABRIL DE 2023.	146
FIGURA 76- MAIO A SETEMBRO DE 2023.	146
FIGURA 77- OUTUBRO DE 2023 A MAIO DE 2024.	146
FIGURA 78- MAIO A OUTUBRO DE 2024.	147
FIGURA 79- <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> . LARVAS, INSETO ADULTO E OVOS. © INSECTS LIMITED, INC (2019).	148
FIGURA 80- <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> . INSETO ADULTO. © INSECTS LIMITED, INC (2019).	148
FIGURA 81- DETRITOS E PUPA DE TRAÇA-DAS-ROUPAS EM LÃ PRETA. © INSECTS LIMITED, INC (2019).	149
FIGURA 82- TEIAS DE SEDA E DETRITOS DEIXADOS POR LARVAS DE <i>TINEOLA BISSELLIELLA</i> . © ENGLISH HERITAGE.	149
FIGURA 83- ESCALA DE PONTUAÇÃO DO COMPONENTE A.	150
FIGURA 84- ESCALA DE PONTUAÇÃO DO COMPONENTE B.	151
FIGURA 85- ESCALA DE PONTUAÇÃO DO COMPONENTE C.	152
FIGURA 86- ESCALA DA MAGNITUDE DO RISCO (MR).	153
FIGURA 87- FLORES DE PAPEL NO <i>FASCINATOR</i> “FLORES VERMELHAS”. © INÊS BATISTA, 2025.	172
FIGURA 88- VÁRIOS MATERIAIS PRESENTES NO ACESSÓRIO DE CABEÇA ESCULTURAL “CORONAVÍRUS”. ROSA- MASSA DE MODELAR; VERDE- METAL; AZUL - PLÁSTICO; VERMELHO- TÊXTIL. © INÊS BATISTA, 2025..	172
FIGURA 89- VÁRIOS MATERIAIS PRESENTES NO <i>FASCINATOR</i> “PRIMAVERA”. ROSA- PENAS; VERDE- METAL; AMARELO- PLANTAS SECAS ; AZUL- PLÁSTICO; VERMELHO- TÊXTIL. © INÊS BATISTA, 2025	173

FIGURA 90- VÁRIOS MATERIAIS PRESENTES NO ACESSÓRIO DE CABEÇA ESCULTURAL “ÉTNICO”. TÊXTIL E VIME (A VERDE). © INÊS BATISTA, 2025.....	173
FIGURA 91- VÁRIOS MATERIAIS PRESENTES NO ACESSÓRIO DE CABEÇA ESCULTURAL “A BORBOLETA”. ROSA- PENAS E PLUMAS; VERDE- METAL; AMARELO- VIDRO; AZUL- PLÁSTICO; VERMELHO- TÊXTIL. © INÊS BATISTA, 2025.	174
FIGURA 92- DIFERENTES ESTILIZAÇÕES APLICADAS NAS PENAS E PLUMAS NA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.	174
FIGURA 93- TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE CONTAS DE VIDRO. © DAVISON (2003).	187

Índice de Tabelas

TABELA 1- QUANTIFICAÇÃO DA COLEÇÃO DE LUÍS STOFFEL, SEGUNDO A ÁREA E DENOMINAÇÃO ATRIBUÍDAS. © INÊS BATISTA, 2025.....	37
TABELA 2- ESCALA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO APRESENTADA PELO IPM (PINHO & FREITAS, 2000, P. 55). 58	
TABELA 3- ESCALA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO APRESENTADA POR SUZANNE KEENE (2002, P. 146).	59
TABELA 4- ESCALA DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO ELABORADA PARA A COLEÇÃO DE CHAPÉUS DE LUÍS STOFFEL. © INÊS BATISTA, 2025.....	60
TABELA 5- DETERMINAÇÃO DOS RISCOS PARA A COLEÇÃO, A PARTIR DO MÉTODO ABC (PEDERSOLI JR. ET AL, 2017). © INÊS BATISTA, 2025.	102
TABELA 6- CARACTERÍSTICAS, COMPOSIÇÃO QUÍMICA, DEGRADAÇÃO TÍPICA E NOMES COMERCIAIS DE FIBRAS SINTÉTICAS NÃO CELULÓSICAS.	183
TABELA 7- SENSIBILIDADE À LUZ DOS MATERIAIS.	193
TABELA 8- ALGUNS PRODUTOS EMISSORES DE POLUENTES, NÃO RECOMENDÁVEIS À CONSERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS.	194
TABELA 9- ESTRATÉGIAS DE CONTROLO DE POLUENTES EM MUSEUS.	196
TABELA 10- TEMPERATURA DO CONGELADOR E RESPECTIVO TEMPO MÍNIMO DE CONGELAMENTO.	208

Lista de abreviaturas, acrónimos e siglas

ICOM-CC	COMITÉ PARA A CONSERVAÇÃO DO CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (<i>INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS COMMITTEE FOR CONSERVATION</i>)
ICCROM	CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PARA A CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS CULTURAIS (<i>INTERNATIONAL CENTRE FOR THE STUDY OF THE PRESERVATION AND RESTORATION OF CULTURAL PROPERTY</i>)
IMC	INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO
IPM	INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS
CCI	<i>CANADIAN CONSERVATION INSTITUTE</i>
MFABOSTON	<i>MUSEUM OF FINE ARTS BOSTON</i>
V&A	<i>VICTORIA AND ALBERT MUSEUM</i>
IPMA.....	INSTITUTO PORTUGUÊS DO MAR E DA ATMOSFERA
DGT	DIREÇÃO GERAL DO TERRITÓRIO
AVAC	AQUECIMENTO, VENTILAÇÃO E AR CONDICIONADO
RADIAÇÃO ULTRAVIOLETA	U.V.
RADIAÇÃO INFRAVERMELHA	IV
POLI (CLORETO DE VINILO).....	PVC
HR	HUMIDADE RELATIVA
T.....	TEMPERATURA
LED.....	DIODO EMISSOR DE LUZ (<i>LIGHT-EMITTING DIODE</i>)
PET	POLIETILENO TEREFTALATO
IPM	<i>INTEGRATED PEST MANAGEMENT</i>
MR	MAGNITUDE DO RISCO

Introdução

O presente documento procura a partilha do trabalho desenvolvido ao longo de 520 horas no Museu da Chapelaria, em São João da Madeira, no âmbito do 2º ano do Mestrado em Museologia (MMUS) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

O principal objetivo do estágio foi contribuir para a conservação preventiva de uma coleção de acessórios para a cabeça da autoria do figurinista e *designer* Luís Stoffel, doada pelo mesmo ao Museu da Chapelaria. Como contributo, teria de ser elaborado um plano de acondicionamento que se adaptasse a contextos de reserva e transporte, no sentido de fazer face à necessidade expressa pela equipa do Museu da Chapelaria. A coleção em questão consiste num universo único de 77 objetos, de produção contemporânea e composição material mista, incluindo têxteis, penas, metais, plásticos, vidro e papel.

O trabalho desenvolvido partiu de uma revisão de literatura que contemplou uma contextualização sobre o chapéu enquanto acessório de vestuário no ocidente, os princípios da conservação preventiva, práticas de seu acondicionamento, bem como os diferentes materiais que compõem a coleção e os agentes de sua potencial deterioração.

Procedeu-se à aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos no contexto prático da coleção de Luís Stoffel e, para alcançar o objetivo definido, definiram-se duas linhas metodológicas: a aferição do estado de conservação da coleção e a gestão do risco inerente, em contexto de sua reserva e transporte.

As tarefas definidas, que inicialmente se focavam na análise do risco e no planeamento do acondicionamento da coleção, foram sendo alargadas a outras, tendo em conta as evidências de dano encontradas ao longo do processo de inspeção da coleção, que denunciam os seus agentes. Entre eles, identificou-se uma infestação de um inseto popularmente conhecido por traça-da-roupa (*Tineola bisselliella*). Assim, o trabalho integrou também a monitorização e o controlo de tal infestação.

Este documento estrutura-se em três capítulos. O primeiro apresenta um enquadramento breve e relativo ao percurso histórico do chapéu, a que se seguem os princípios orientadores da conservação preventiva e das práticas de acondicionamento em contexto de reserva e transporte. O segundo capítulo situa o estudo no contexto do estágio, descrevendo a instituição de acolhimento, os objetivos do estágio e a abordagem metodológica adotada. O terceiro, e último, capítulo detalha a proveniência, a composição e a caracterização material e técnica da coleção de Luís Stoffel. Partilha, ainda, a avaliação desenvolvida relativamente ao estado de conservação da coleção, a identificação e referencial teórico focada apenas nos principais agentes de deterioração sobre os quais existem evidências de dano na coleção, para além do exercício de análise do risco e, em sintonia, as propostas de medidas de conservação adaptadas às necessidades da coleção, incluindo um plano de acondicionamento e intervenções levadas a cabo durante o período do estágio.

O trabalho desenvolvido durante o estágio compreendeu ainda um conjunto de atividades paralelas, que, embora não se integrem no universo da coleção de Luís Stoffel, compreenderam o objetivo de conhecer e integrar o ambiente de trabalho num museu. Por constrangimento de espaço, a descrição destas atividades apresenta-se nos apêndices deste documento.

1. O chapéu e as práticas de conservação preventiva

Neste primeiro capítulo apresenta-se um breve enquadramento relativo à história do chapéu na cultura ocidental e às suas características. Segue-se uma abordagem orientada para a representação de objetos de vestuário e da moda em museus e para as preocupações, ao nível da conservação, que lhes são associadas. O capítulo termina com a revisão sobre as práticas de conservação de chapéus em museus, nomeadamente práticas de acondicionamento em contextos de reserva e transporte.

1.1. O chapéu: breve enquadramento

Considerando a variedade de chapéus que se faz representar nas coleções dos museus, em que se inclui o Museu da Chapelaria, o seu conceito assume-se alinhado com o dos autores Beverly Chico (2013) e Hilda Amphlett (2003). Assim, considera-se um alargado tipo de objetos de vestuário usado na, ou para cobrir, a cabeça humana (*headcovering*, *headwear*, *headpiece* ou *headdress*), que pode ter uma variedade de funções práticas, estéticas e simbólicas, desde a social à militar, bem como implicar a associação de diferentes materiais, orgânicos e inorgânicos, como tecidos, peles, penas e metais (Amphlett, 2003, p. 4; Chico, 2013, p. 5). Neste conceito alargado, inclui-se um extenso número de termos e definições mais específicas, como “chapéu” (*hat*), que Chico (2013, p. 6) define como, geralmente, contendo uma copa e uma aba. Outros termos são, por exemplo, toucados, gorros, turbantes, etc.

Os chapéus e as múltiplas categorias de objetos de vestuário utilizados na cabeça são considerados acessórios, ou seja, elementos secundários no vestuário, que, por motivos práticos ou estéticos, servem para complementar e completar uma indumentária (Cumming *et al*, 2022, p. 1).

Segundo Cumming *et al* (2022, pp. 137-138), no ocidente, a utilização social de chapéu – com copa e aba – por homens data do século X em diante. O desenho de um chapéu era pensado para atrair a atenção para a cabeça e espelhar o estatuto social do seu utilizador. Até ao século XVI, não era comum, nem socialmente aceite, que as mulheres utilizassem chapéus. Ainda no século XIX, considerava-se que os toucados seriam mais adequados à utilização das mulheres aos domingos e na igreja.

A partir de Cumming *et al*, sabe-se que a utilização de penas, como adornos em acessórios utilizados na cabeça, foi adotada pelos homens até aos finais do século XVIII e pelas mulheres a partir do século XVI (2022, p. 317). A partir do século XVIII, a utilização de tufo de penas e plumas a adornar a cabeça das mulheres entrou em voga, com os chamados *aigrettes* (2022, p. 5). As flores artificiais, frequentemente feitas de materiais têxteis, constam como elementos decorativos na chapelaria a partir do século XIX (2017, p. 13). Na década de 90 do século XX verificou-se um revivalismo desta moda, aplicando penas e plumas em chapéus e toucados, surgindo então os *fascinators*. A designação de *fascinator* veio a significar “uma confeção leve de penas, flores, fitas e rede que se usava na cabeça em vez de um chapéu”¹, segundo o *The Dictionary of Fashion History* (2017, p. 106), ao que Cleide Cruz, no Glossário de Terminologias do Vestuário (2013, p. 38) acrescenta a utilização de pedrarias.

1.2. Bases orientadoras da conservação preventiva

O conceito de conservação adotado segue uma problemática que funde a abordagem do ICOM-CC (2008) e a abordagem de Ignacio González-Varas (2018).

Em sintonia com ICOM-CC (2008), a conservação define-se como “todas as medidas e ações destinadas a salvaguardar o património cultural tangível, assegurando simultaneamente a sua acessibilidade para as gerações presentes e futuras” (p. 1). As ações de conservação podem ser de carácter curativo ou preventivo. A conservação preventiva deve consistir em ações que compõem rotinas profiláticas, que atuam sobre as causas da degradação dos bens culturais. Visa a redução e/ou eliminação dos riscos de dano ou perda. A conservação preventiva necessita de um conhecimento aprofundado sobre a tecnologia de produção dos objetos e sobre as características dos materiais que os compõem. A conservação curativa inclui ações aplicadas diretamente sobre os objetos degradados, tem um efeito terapêutico e atua sobre os efeitos da degradação dos objetos, de modo a restituir a sua estabilidade. Esta conceptualização

¹ Tradução livre do original “*a lightweight confection of feathers, flowers, ribbons and net which was worn on the head in lieu of a hat*”.

também salvaguarda que todas as ações de conservação curativa devem ser utilizadas apenas em casos de necessidade, como um último recurso à conservação. Devem ser mínimas, inócuas e reversíveis, respeitar a autenticidade dos objetos, respeitando os seus significados históricos, sociais e espirituais, devem resultar de decisões e abordagens interdisciplinares e as decisões devem ser documentadas e suportadas por investigação – que deve ter em conta as dimensões históricas, artísticas, científicas e técnicas dos objetos.

O IMC (Sousa *et al*, 2007, p. 7) sublinha que a conservação preventiva deve ser uma linha de ação prioritária de um museu, permitindo que a instituição prolongue a vida das coleções, evite danos e intervenções de conservação curativa e faça uma gestão mais eficiente dos seus recursos. Para tal, deve ser definido um plano de conservação preventiva, que é um conjunto de normas e procedimentos que ditam as orientações e boas práticas a serem implementadas num museu, de modo a preservar e proteger adequadamente o seu acervo (p. 7). A elaboração de um plano de conservação preventiva deve considerar o contexto particular de cada instituição, tendo em conta a sua caracterização e a avaliação dos riscos para a conservação dos bens culturais. A caracterização da instituição deve ser pensada ao nível do edifício, acervo, recursos disponíveis, atividades que desenvolve e público que recebe (p. 13). A avaliação dos riscos passa pela identificação dos vários fatores que podem contribuir para a deterioração dos bens culturais, tais como “luz, variações bruscas ou valores incorretos de temperatura e humidade relativa, presença de pragas, presença de poluentes atmosféricos” e o “manuseamento e acondicionamento inadequados” (p. 37).

1.3. Práticas de conservação preventiva de chapéus em museus

Marie Riegels Melchior (2014), na introdução à obra por ela editada em conjunto com Birgitta Svenson, *“Fashion and Museums: Theory and Practice”*, descreve e discute a trajetória da moda nos espaços museológicos. Segundo a autora, o vestuário e a moda têm-se afirmado nos museus desde o século XX, no pós-Segunda Guerra Mundial. A moda começou a integrar uma nova conceção de arte e tornou-se também um interesse da esfera académica, com o surgimento de disciplinas como a história da moda e do

vestuário e o interesse em compreender a moda como um sistema influenciado pelas determinações da história e da indústria (Melchior, 2014, pp. 3-4).

Exposições de museus centradas na moda têm atraído o interesse do público, o que se pode explicar pelo facto de serem representações de elementos da cultura popular e os objetos de vestuário permitirem criar, devido à sua ligação com o corpo, uma relação de proximidade e fácil compreensão com o visitante. Consequentemente, a moda e o vestuário – embora a moda não seja considerada uma expressão artística pelos tradicionais museus de belas-artes – têm visto a sua presença nas coleções e exposições de museus legitimada. Eventualmente, desde os anos finais da década de 1990 em diante, surgem novos museus, em que o vestuário e a moda são o objeto central, e em que a moda tanto pode ser representada em exposições com construções visuais deslumbrantes, relacionadas com a imagem da alta-costura, ou ser alvo de uma interpretação crítica em instalações artísticas (Melchior, 2014, p. 6).

O interesse na moda no século XXI tem-se centrado, sobretudo, em peças e *designers* contemporâneos e do século XX, pelo que Marie Riegels Melchior (2014, p. 9) aponta que as preocupações de conservação têxtil, aplicadas a coleções de cronologias anteriores, têm sido frequentemente ignoradas nestas exposições. Preocupações essas expressas na exposição em vitrinas que protegem os objetos da deposição de pó e do toque dos visitantes ou na manutenção de níveis de luminosidade adequados à conservação das cores.

1.3.1. Acondicionamento de chapéus em reserva

Nathan Stolow (1987, p. 59) sublinha que os objetos de coleções museológicas devem ser armazenados e acondicionados com sistemas que lhes proporcionem segurança, protegendo-os dos danos causados por agentes ambientais e físicos, estejam em exposição, em reserva ou em transporte.

Os acessórios, incluindo os chapéus, podem ser categorizados como “duros” ou “moles”, sendo que os chapéus são considerados acessórios “duros”, devido à sua forma tridimensional e à sua construção muitas vezes complexa (Robison & Pardoe, 2000, p. 34). Estes objetos são, frequentemente, feitos de vários materiais orgânicos e

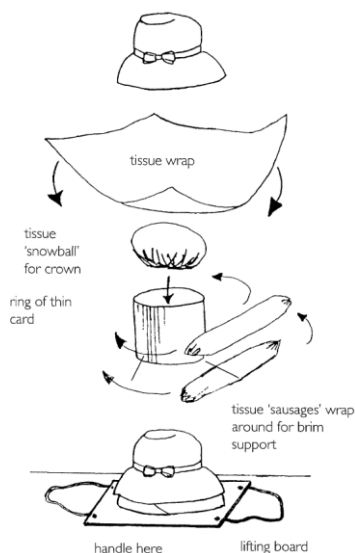
inorgânicos, exigindo considerações especiais no seu acondicionamento (Robison & Pardoe, 2000, p. 34). Recomenda-se a utilização de suportes para chapéus feitos à medida, que podem ser fabricados a partir de cartão e enchimento de tecido e papel, ou em formas de espuma de plástico expandido (Robison & Pardoe, 2000, p. 42).

Proporcionar suporte interno na copa é crucial para manter a forma do chapéu e a aba, muitas vezes, requer um suporte adicional para evitar danos estruturais causados pelo peso do chapéu sobre ela (Robison & Pardoe, 2000, p. 33).

Os chapéus são vulneráveis a danos causados pelo manuseamento, pelo que é essencial utilizar estratégias que o permitam sem contacto direto (Robison & Pardoe, 2000, p. 33), tais como através do recurso a tabuleiros ou pranchas de cartão ou espuma. Um tabuleiro deve abranger todo o perímetro do chapéu para proteção durante o armazenamento (Gausch & Thompson, s.d., s.p.). Uma simples prancha de elevação, ligeiramente maior do que o perímetro do chapéu, pode ser utilizada em vez de um tabuleiro (Gausch & Thompson, s.d., s.p.).

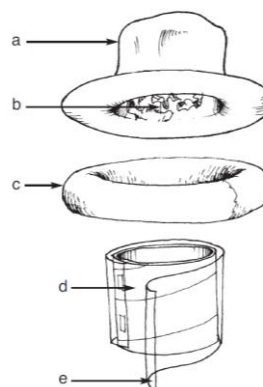
Para proporcionar um suporte adequado para chapéus com copa e aba, Robison e Pardoe (2000, p. 33) recomendam que se crie um molde com uma “almofada” de tecido para a copa, um anel de cartão fino e “salsichas” de tecido para apoiar a aba. Estas diferentes partes devem ser contidas num invólucro de tecido (Figura 1). O Canadian Conservation Institute (2009, p. 2) recomenda um sistema semelhante (Figura 2), em que, para o suporte das abas, se utiliza um rolo de papel livre de ácido (*acid-free*) amassado ou um anel de rede tubular elástica com enchimento de poliéster. Para o suporte da copa, salienta, como sistema preferencial, a utilização de moldes de espuma de plástico expandido em forma de cabeça, que proporcionam o suporte mais adequado. Em alternativa, equaciona a utilização de um anel de cartão, revestido de um material “barreira”, em papel *acid-free* amassado.

Figura 1- Sistema de acondicionamento para chapéus. © Museums & Galleries Commission (2000).



Fonte: Robison e Pardoe (2000, p. 33).

Figura 2- Sistema de acondicionamento para chapéus. A. Chapéu; B. Papel *acid-free*; C. Anel de rede tubular elástica com enchimento; D. Tubo de cartão *acid-free*; E. Barreira. © Minister of Public Works and Government Services Canada (2009).



Fonte: CCI (2009, p. 2).

A orientação do chapéu no armazenamento depende das suas necessidades específicas, mas, normalmente, é melhor acondicioná-lo com a copa para cima (Robison & Pardoe, 2000, p. 33).

No que diz respeito à criação de sistemas de acondicionamento para toucados com tamanhos e formas variáveis, elementos frágeis e potencialmente mais pesados, o *Museum of Fine Arts* de Boston (*MFABoston*) executou suportes, em formas de espuma de polietileno, algumas das quais estão representadas nas Figuras 3, 4 e 5, esculpidas à medida que cada chapéu, de modo a preencher o seu espaço negativo (Gausch & Thompson, s.d., s.p.). Os suportes de espuma criados são, então, envolvidos por uma fina camada de enchimento de fibras de poliéster, de modo a criar uma camada de acolchoamento, e cobertos com um tecido, como malha de algodão ou cetim liso (Gausch & Thompson, s.d., s.p.). A escolha do tecido do revestimento deve ter em consideração o estado e as características da superfície interior do chapéu. É visível, também no suporte representado na Figura 5, que, na presença de chapéus com fitas,

estas são enroladas em volta de tubos de cartão revestidos de papel *acid-free*, evitando, assim, danos decorrentes de dobras e vincos no tecido das fitas.

Figura 3- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Figura 4- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Figura 5- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Ainda do *MFABoston* existem outros exemplos de sistemas de acondicionamento de chapéus (Gausch & Thompson, s.d.). É possível criar suportes mais simples, de cartão, para objetos como toucados. A Figura 6 representa um suporte em cartão em forma de arco, com uma estrutura interior em espuma, concebido para suportar o peso e a forma dos toucados. O suporte representado na Figura 7 carece de uma estrutura de espuma, devido à leveza do toucado que suporta, e o material *Tyvek*® é utilizado como barreira de proteção para os elementos mais delicados do objeto. A fita de nastro pode ser utilizada para unir as várias partes do suporte (Figura 6), evitando o uso de adesivos, assim como para manter um objeto imobilizado (Figura 7). Ainda para evitar a utilização de adesivos, os arcos de cartão podem ser inseridos em ranhuras feitas nas bases de espuma (Figura 7).

Figura 6- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Figura 7- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

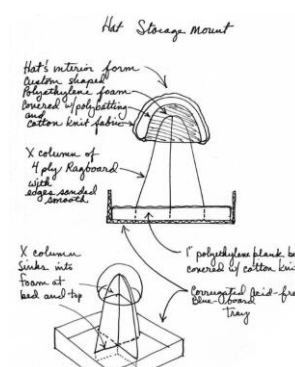
Gausch e Thompson (s.d.) apresentam ainda, enquanto sistemas de acondicionamento à base de cartão executados no MFABoston, suportes construídos em que duas peças de cartão encaixadas em forma de “X”, formando uma coluna, sobre a qual assenta uma forma de espuma de polietileno, acolchoada com enchimento de fibras de poliéster e revestida de um tecido de algodão (Figuras 8 e 9). A coluna assenta sobre ranhuras feitas numa placa de espuma, que, por sua vez, encaixa num tabuleiro de cartão.

Figura 8- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Figura 9- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Suportes planos podem ser utilizados para chapéus mais simples, não estruturados, sendo estes colocados sobre um tabuleiro (Gausch & Thompson, s.d., s.p.). Se o chapéu

for bordado ou contiver decorações com relevo, é recomendado que o tabuleiro seja revestido de uma camada acolchoada, como uma almofada com enchimento de fibras de poliéster (Gausch & Thompson, s.d.) (Figura 10).

Figura 10- Sistema de acondicionamento para chapéu. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

As formas em formato de cabeça, que são tipicamente feitas em Esferovite® (poliestireno expandido), podem fornecer um suporte adequado para a copa, sendo necessário cobrir as mesmas com um material-barreira, como papel de *acid-free*, Tyvek® (polietileno trançado de alta densidade) ou tecido de malha de algodão (CCI, 2009, p. 2).

Os suportes de armazenamento devem, idealmente, servir como suportes de manuseamento e, potencialmente, também como suportes de exposição e transporte (Robison & Pardoe, 2000, p. 33).

Para determinar se um material ou produto é adequado à conservação de bens patrimoniais, é necessário entender as suas características físicas e químicas, tanto a curto como a longo prazo, em articulação com as características dos objetos a serem conservados, tais como os seus materiais, vulnerabilidades e estado de conservação. Surge então a preocupação de priorizar a utilização de produtos inertes, que não emitem compostos orgânicos ou inorgânicos voláteis – poluentes resultantes de processos de hidrólise, oxidação e degradação térmica.

Alguns materiais recomendados, vários já mencionados, para os sistemas de acondicionamento de chapéus são papéis, cartolinas e cartões livres de ácido (*acid-free*), tecidos de algodão e poliéster, tecidos não tecidos, como o Tyvek®, e outros produtos

compostos de plásticos inertes, como o polietileno e o polipropileno, em formato de espumas, filmes, sacos e placas alveolares.

O papel *acid-free* pode ter, ou não, uma reserva alcalina (ser *buffered* ou *unbuffered*). Para a conservação têxtil, em especial para coleções com fibras animais, podem ocorrer danos quando se utilizam materiais com reservas alcalinas (Schrock *et al*, 2016, p. 31), pelo que a sua utilização não é recomendada.

Um material como o papel pode ser utilizado para encher espaços negativos ou para embrulhar chapéus. Não é recomendável utilizar películas ou sacos de plástico para este efeito, uma vez que este material potencia a criação de microclimas no seu interior, potenciando o aumento da Humidade Relativa (HR) e o crescimento de microrganismos, do tipo fungos e bolores, nos objetos (Schrock *et al*, 2016, p. 31).

Em ambientes não controlados, o papel, sendo um material higroscópico, pode servir também como um tampão que atenua mudanças no nível da HR (Schrock *et al*, 2016, p. 31).

Enquanto a utilização de tecidos de fibras animais não é indicada, os tecidos de algodão podem ser apropriados, quando não são tingidos e são previamente lavados com um detergente neutro (Schrock *et al*, 2016, p. 31). Tecidos de poliéster, nas mesmas condições, também podem ser utilizados. O Tyvek® é uma opção de um tecido não tecido indicado, por exemplo, para criar invólucros e revestir superfícies abrasivas. O enchimento de fibras de poliéster, posteriormente revestido de um tecido, é útil para criar superfícies acolchoadas (Schrock *et al*, 2016, p. 31; Gausch & Thompson, s.d., s.p.). Schrock *et al* (2016, p. 31) aconselham, também, a utilização de *Marvelseal*®, um produto composto de polietileno e nylon, que consiste num filme de barreira e pode proteger os têxteis ao isolar materiais que libertam compostos voláteis.

Jean Tétreault (2017), num boletim técnico publicado pelo CCI, define um invólucro (*enclosure*) como uma “estrutura ou revestimento que rodeia e encerra completamente um volume limitado de espaço e no qual podem estar contidos um ou vários objetos de

museu”², que pode variar na sua forma, como “sacos de plástico, vitrinas, armários de armazenamento, caixas e contentores de transporte”³ (p. 9). Mais tarde, Tétreault (2021b, s.p.) recomenda a utilização de invólucros fechados para o acondicionamento de objetos com superfícies difíceis de limpar, como as penas, e cujo ato de limpeza pode introduzir riscos de danos mecânicos.

Como invólucro para chapéus, é comum a utilização de caixas, feitas de placas de cartão *acid-free* e plásticos inertes, como o polietileno e o polipropileno. O cartão pode ser sólido, laminado ou canelado. O cartão canelado proporciona estabilidade às caixas, mas quando outro tipo de cartão é utilizado, os cantos das caixas podem ser reforçados com cantos de metal (Schrock *et al*, 2016, p. 31).

As caixas com paredes colapsáveis (Figura 11 e 12) podem ser uma escolha pertinente, quando se pretende acondicionar chapéus de grandes dimensões, com decorações elaboradas e frágeis, em que, para o manuseamento, é necessário retirá-los da caixa segurando na sua base. Na construção das caixas, podem ser utilizados adesivos, fita de nastro de algodão e ataches de metal. A utilização de fita de nastro e de ataches pode ser útil para evitar o uso de adesivos, que podem ser fontes de danos por poluentes ou mesmo perder eventualmente o seu poder de adesão e comprometer a estrutura das caixas. Contudo, há que considerar que a utilização dos ataches de metal pode ser arriscada em ambientes com HR elevada, pois os óxidos resultantes da oxidação do metal podem migrar para o objeto acondicionado.

² Tradução livre do original “*A structure or covering that completely surrounds and encloses a limited volume of space and in which one or several museum objects may be contained*”.

³ Tradução livre do original “*plastic bags, display cases, storage cabinets, boxes and transportation crates*”.

Figura 11- Caixa com lado frontal colapsável. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Figura 12- Caixa com lado frontal colapsável. © Museum of Fine Arts, Boston.



Fonte: Gausch & Thompson (s.d.).

Os chapéus são, normalmente, acondicionados em prateleiras de estantes ou armários. Segundo Joana Amaral (2011, p. 49), as estantes e armários utilizados nas reservas de museus são, tipicamente, construídos em madeira ou metal. Os móveis de metal devem receber um tratamento para impedir a corrosão, enquanto os de madeira devem ter a superfície revestida de uma camada isolante, para impedir os danos pela emissão de ácidos orgânicos da madeira (Amaral, 2011, p. 49). Devido aos potenciais danos causados pelos ácidos emitidos pela madeira, Stolow (1987, p. 62) afirma que se deve ter preferência pelos móveis construídos em metal.

1.3.2. Acondicionamento de chapéus em transporte

No acondicionamento de objetos para o seu transporte, é necessário pensar em sistemas que os protegem de danos físicos e ambientais durante toda a sua deslocção. Para tal, estes sistemas de acondicionamento são, frequentemente, pensados e construídos de forma individualizada, respeitando as características e necessidades de conservação de cada objeto, assim como as características do transporte (como o meio, distância, duração, etc.).

Partindo dos danos por agentes ambientais, é importante considerar que, durante o transporte, os objetos podem ser expostos a condições ambientais desfavoráveis à sua conservação. Embora existam sistemas de acondicionamento utilizados para transporte, complexos e dispendiosos, que, por mecanismos mecânicos, elétricos ou químicos, têm a capacidade de controlar o ambiente no seu interior (Stolow, 1987, p. 71), os sistemas,

tipicamente, utilizados para o transporte da maioria dos objetos não oferecem esta possibilidade. Contudo, alguns materiais utilizados nestes sistemas – como a madeira – podem oferecer alguma estabilidade ambiental. Stollow (1987, p. 71) recomenda que, previamente, à sua utilização, os sistemas construídos com madeira sejam condicionados durante várias semanas às condições de HR desejáveis para uma boa conservação dos objetos.

Para proteger objetos tridimensionais de danos físicos, é importante criar sistemas de acondicionamento que impeçam que os objetos se movimentem e mudem de posição (Stollow, 1987, p. 82). Existem exemplos de sistemas descritos por Stollow (1987, p. 82) em que os objetos tridimensionais são envoltos num material como um tecido suave e rodeados por todos os lados de material acolchoante, como farripas de papel, plástico almofadado com bolsas de ar, papel amassado e espuma de plástico como o polietileno. Contudo, este tipo de sistema só se adapta a objetos com superfícies lisas e regulares (Stollow, 1987, p. 82).

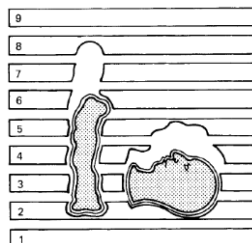
Em alternativa, Stollow (1987, p. 83) apresenta a criação de suportes, formas ou moldes ajustados aos contornos dos objetos. É também possível escavar cavidades, cortar ou criar moldes a partir de espuma de plástico expandido (Figura 14 e 15). Na Figura 13, é visível um sistema de acondicionamento em que travamentos, que devem também ser acolchoados, são colocados nas paredes interiores das caixas de transporte que rodeiam e suportam os objetos em diferentes pontos (Stollow, 1987, pp. 83-84). Para o controlo das vibrações, Paul Macron (2018, s.p.) aconselha que se proporcione uma restrição ao amarrar firmemente os objetos aos seus sistemas de acondicionamento.

Figura 13- Sistema de acondicionamento em que travamentos de madeira são colocados para imobilizar uma escultura durante o seu transporte. © Butterworth & Co. Ltd. 1987.



Fonte: Stollow (1987, p. 90).

Figura 14- Esquema de sistema de acondicionamento de negativos escavados em placas de espuma. © Butterworth & Co. Ltd. 1987.



Fonte: Stollow (1987, p. 92).

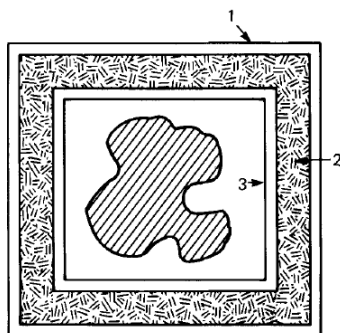
Figura 15- Esquema de sistema de acondicionamento de negativos escavados em placas de espuma. © Butterworth & Co. Ltd. 1987.



Fonte: Stollow (1987, p. 92).

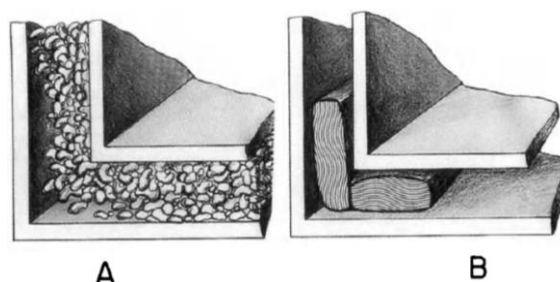
Com o objetivo de proporcionar proteção contra choques e vibrações durante o transporte, existe também a prática de encerrar os objetos em caixas, para, depois, serem colocadas numa segunda caixa de transporte (Figura 16), colocando um material de amortecimento, como uma espuma de plástico expandido, entre as duas (Figura 17) (Stollow, 1987, p. 93).

Figura 16- Esquema de sistema de acondicionamento com duas caixas. 1. Caixa exterior em contraplacado ou madeira; 2. Material de amortecimento; 3. Caixa de contraplacado interior. © Butterworth & Co. Ltd. 1987.



Fonte: Stollow (1987, p. 83).

Figura 17- Materiais de amortecimento para sistemas com duas caixas. A. Chips de enchimento entre as paredes das caixas; B. Blocos ou placas de um material absorvente de choques e vibrações nos cantos entre as paredes das caixas. © Butterworth & Co. Ltd. 1987.



Fonte: Stollow (1987, p. 83).

A madeira e o cartão são dois materiais frequentemente utilizados para a construção de caixas de transporte. As caixas de madeira podem ser compostas de madeira maciça e contraplacado de madeira e apresentam elementos que lhes conferem robustez, como estruturas de contraventamento e batentes (Stollow, 1987, p. 103).

As caixas de cartão podem ser compostas de um cartão homogêneo, laminado, canelado ou alveolar. O cartão canelado é um cartão muito comum em caixas de transporte, em que uma folha de cartão canelado é revestida por ambos os lados por uma folha lisa de cartão (Stollow, 1987, p. 108). Uma placa de cartão pode conter várias camadas deste tipo, tornando-se mais resistente. Caixas construídas neste tipo de material são adequadas para encerrar objetos de menores dimensões em viagens mais curtas e o cartão canelado ou alveolar possibilita a construção de caixas que, não deixando de ser leves, são resistentes aos impactos (Stollow, 1987, p. 110).

Acondicionar objetos de arte contemporânea para o seu transporte é uma tarefa desafiante, para a qual os sistemas tradicionais nem sempre são apropriados. Devido à fragilidade e à variedade de tamanhos, formas, materiais e texturas que se podem encontrar nestes objetos, não existem regras gerais para a conceção de sistemas para o

seu acondicionamento, pelo que cada caso deve ser individualmente pensado em função das suas necessidades, tal como alerta Stolow (1987, pp. 87-92). Considerando a possível complexidade dos sistemas criados, Stolow (p. 92) recomenda que os objetos sejam acompanhados das suas instruções de acondicionamento, que, para além de uma descrição, contenham fotografias. Estas instruções devem contemplar a montagem e a desmontagem dos sistemas de acondicionamento.

O artigo de Roisin Morris (2011), conservadora têxtil no *Victoria and Albert Museum* (V&A), apresenta um exemplo prático da aplicação do acondicionamento e transporte de uma coleção de chapéus. A autora enuncia cinco preocupações de conservação (p. 67) aquando da preparação da exposição temporária *"Hats: An Anthology by Stephen Jones"*, que decorreu no V&A, em 2009:

- Preocupações de saúde e segurança para os profissionais que entram em contacto com os objetos, relacionadas com a presença de substâncias nocivas nos chapéus, tais como mercúrio e arsénio;
- A presença de corantes e revestimentos têxteis vulneráveis e sensíveis à luz;
- A acumulação de pó depositados em superfícies e adornos delicados, cuja limpeza, para além de ser uma tarefa difícil, é um risco de dano;
- Um elevado risco de infestação biológica por insetos, uma vez que os objetos eram constituídos, principalmente, por materiais sujos e à base de proteínas;
- Um elevado risco de segurança por ação dos visitantes da exposição, uma vez que muitos dos chapéus eram pequenos e facilmente portáteis e tinham decorações removíveis.

As preocupações enunciadas relacionam-se também com a intenção de expor os objetos sem caixas de exposição. Devido às vulnerabilidades identificadas, optou-se por expor a maioria dos objetos em vitrinas.

O artigo assinala também a utilização de elementos não orgânicos e não-têxteis, com intenções funcionais, tais como arames metálicos. Estes elementos não decorativos, sem intenção de ficarem visíveis, servem para perfilar os chapéus, moldando-os na forma desejada, e para conceder rigidez à estrutura dos chapéus.

Este tipo de elementos pode exercer danos quando utilizados em conjunto com materiais mais sensíveis e delicados, em que a diferença entre a sua resistência física é acentuada, “como a palha, a seda e outros têxteis”⁴ (Morris, 2011, p. 72). Este risco é exemplificado pela possibilidade de distorções nos arames perfurarem têxteis e exercerem danos estruturais nos materiais que os envolvem.

Um outro risco seria a presença de materiais metálicos – no caso, ferro – sem revestimento, muito propensos à oxidação e, portanto, à formação de produtos de corrosão. Este fenómeno, que ocorre, por exemplo, nos arames metálicos, poderia causar danos estruturais nos objetos, por enfraquecimento e fratura do material e migração de óxidos para outros materiais que se encontrem em contacto com o metal oxidado, causando danos como manchas.

Roisin Morris (2011, p. 73) destaca também a presença de penas e plumas como elementos decorativos nos chapéus da coleção, identificando penas de espécies frequentemente utilizadas na chapelaria, tal como penas de avestruz, pato, ganso, faisão e galinha-d'angola ou pintada-da-guiné. A autora atenta que em chapéus cuja produção preceda atos de preservação de espécies selvagens, é necessário ter atenção à correta identificação das espécies a que pertencem as penas e apresentar a documentação necessária para o seu transporte internacional no caso de pertencerem a espécies protegidas, conforme as exigências da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção (CITES)⁵, assinada em 1973 e em vigor desde 1975. A tarefa de identificação das espécies pode ser dificultada pela estilização das penas que, frequentemente, se dá na produção chapeleira. Algumas das técnicas de alteração da aparência das penas enumeradas são

⁴ Tradução livre do original “*like straw, silk and other textiles*”.

⁵ “Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora” (CITES). Mais informações disponíveis em <https://cites.org/eng> (consultado a 21 de novembro de 2024) e <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/convention-on-international-trade-in-endangered-species-of-wild-fauna-and-flora.html?fromSummary=28> (consultado a 21 de novembro de 2024).

o “branqueamento, tingimento, pintura, decapagem e (o) enrolamento”⁶ (Morris, 2011, p. 73).

No contexto do transporte, que no caso apresentado por Morris (2011) passaria pelo transporte marítimo e rodoviário, o principal objetivo era prevenir danos causados por choques e vibrações nos chapéus de natureza frágil (p. 74), através de um acondicionamento que os protegesse adequadamente destes riscos.

Roisin Morris (2011, p. 74) refere primeiramente a aquisição de caixas modulares, com tamanhos padronizados, para acondicionar os chapéus de médias dimensões, protegendo-os imediatamente da acumulação de pó e detritos na sua superfície. De modo a evitar a dissociação dos objetos durante o transporte e as exposições externas ao museu, as caixas foram etiquetadas com os números associados aos objetos que continham, ao número da exposição e ao número dos caixotes onde viajaram. Para evitar danos de manuseamento, as caixas foram também marcadas com setas que indicavam a sua correta orientação.

Foram criados moldes em espuma de polietileno almofadados para um grande número de chapéus. Os moldes foram construídos sobre uma placa em *Plastazote*⁷ e feitos de um acolchoamento coberto por um tecido de seda ou algodão. Sobre o processo de construção do acolchoamento, a autora partilha a seguinte descrição:

O acolchoamento foi construído com sacos de rede cobertos de seda. Foram cortados círculos de seda e as bordas foram cosidas com um ponto corrido, deixando dois fios compridos em ambas as extremidades, que foram puxados suavemente para se juntarem, formando uma borda franzida. Os sacos foram cheios com um tule grosso, que proporciona volume e apoio sem peso. Os

⁶ Tradução livre do original “bleaching, dying, painting, stripping and coiling”.

⁷ *Plastazote*[®] é uma espuma expandida de polietileno de célula fechada. Oferece as vantagens de ser quimicamente inerte, resistente aos danos de produtos químicos, bastante leve e absorver impactos, tornando-a adequada à utilização em conservação, em contexto de reserva, exposição e transporte, criando suportes para objetos de museus e revestimentos para o embalamento e proteção dos mesmos em caixas, prateleiras e gavetas (Futurdidact, s.d.; Kewell Converters, s.d.; Restaurar & Conservar, s.d.).

*sacos foram fixados aos blocos de espuma por cima do chapéu*⁸ (Morris, 2011, p. 75).

O revestimento acolchoado, para além de ajudar a sustentar a forma das copas, permitia que os chapéus permanecessem fixos de forma segura ao molde, ao proporcionar tração (Morris, 2011, p. 75). Os moldes eram então fixados a placas que podiam ser facilmente deslizadas ou levantadas das caixas de armazenamento.

Embora tenham sido criados moldes para uma significativa parte da coleção de chapéus, a autora menciona que alguns chapéus foram acondicionados e transportados nos seus suportes de exposição, quando se considerava que os mesmos constituíam um suporte com características semelhantes aos moldes, nomeadamente a manutenção das formas das copas, um suporte macio e uma fixação estável (Morris, 2011, p. 75).

Para os chapéus que não se equilibravam nos moldes ou suportes sem o auxílio de uma fixação adicional, nomeadamente chapéus com copas mais rasas, foram esculpidos negativos em blocos de *Plastazote*®, que foram também almofadados e forrados (Figura 18) (Morris, 2011, p. 75).

Para imobilizar as placas onde se fixavam os moldes ou suportes durante as viagens, as mesmas foram encaixadas nas caixas em conjunto com placas de *Plastazote*® amovíveis, cortadas à medida (Figura 19).

⁸ Tradução livre do original *“The padding was constructed from silk-covered net bags. Circles of silk were cut and the edges were stitched with a running stitch leaving two long threads at both ends which were gently pulled to draw together forming a gathered edge. They were filled with coarse dress net, which provides volume and support without weight. The bags were attached to the foam blocks above the hat”*.

Figura 18- Acondicionamento do chapéu *The Modes de Louves*, com molde de Plastazote® com revestimento almofadado e placa de Plastazote® removível. © Roisin Morris, 2011.



Fonte: Morris (2011, p. 76).

Figura 19- Caixa de acondicionamento para transporte de um chapéu. © Roisin Morris, 2011.



Fonte: Morris (2011, p. 77).

Na preparação do acondicionamento para a coleção de chapéus do V&A, evitou-se a utilização de adesivos e fitas adesivas, mas também de cintas e fitas para a fixação dos objetos nos moldes, com a preocupação de que a utilização destes métodos de fixação poderia causar danos em chapéus delicados, para além de a sua utilização poder tornar o embalamento e desembalamento da coleção num processo mais demorado.

Morris (2011, p. 77) concluiu que não seria possível estabelecer uma abordagem uniformizada para o acondicionamento e transporte da coleção de chapéus visada na exposição *Hats: An Anthology by Stephen Jones*, uma vez que as características de cada objeto ditavam a imprescindibilidade de uma abordagem diversificada, que atentasse às necessidades individuais de cada chapéu. Ao que acrescenta, ainda, a reflexão de que as exposições itinerantes de peças de vestuário são uma tendência crescente, sublinhando a necessidade de estudar e monitorizar os riscos e danos decorrentes do transporte dos objetos, nomeadamente os efeitos da vibração, para estabelecer que riscos e danos são aceitáveis e melhor determinar que coleções podem estar sujeitas ao transporte e com que frequência podem as exposições itinerantes ocorrer.

2. Contexto de estágio: enquadramento

Este segundo capítulo tem por objetivo enquadrar o trabalho desenvolvido durante o estágio curricular no Museu da Chapelaria, no que diz respeito à definição de objetivos, metodologia e à breve caracterização da instituição, do seu edifício e território em que se insere.

2.1. Contexto, objeto e objetivos do estágio

A opção de realizar um estágio curricular, materializado na redação de um relatório de estágio, deveu-se à vontade de desenvolver competências na área da conservação preventiva e aplicar, de forma prática, conhecimentos, métodos e técnicas adquiridos durante o primeiro ano do Mestrado em Museologia, em particular nas unidades curriculares de “Riscos, Museus e Vulnerabilidades” e “Conservação Preventiva”. A seleção do Museu da Chapelaria, localizado em São João da Madeira, e da sua coleção de chapéus passa pela valorização de um património cultural local e do produto de uma das mais importantes atividades da região. O Museu da Chapelaria enquadra-se no perfil de museu industrial e a exposição de longa duração contempla, sobretudo, a coleção de maquinaria. A coleção do museu é diversificada. Os chapéus estão, pontualmente, presentes na exposição de longa duração, mas a coleção de chapéus do museu é, também ela, vasta e faz-se representar, sobretudo, na reserva, em exposições temporárias e itinerantes.

Ressalva-se, ainda, que, à data de início do estágio curricular, o Museu da Chapelaria se encontrava sob um processo de requalificação da sua exposição permanente e das suas salas de exposição temporárias. Devido à dimensão das obras necessárias, o Museu da Chapelaria encontrava-se encerrado ao público.

Existindo já uma intenção prévia de estudar a conservação preventiva de uma amostra da coleção de chapéus do Museu da Chapelaria, selecionou-se a coleção doada pelo *designer* Luís Stoffel como universo de estudo, por sugestão da instituição de acolhimento. O universo de estudo consiste em 77 objetos, de materiais mistos e com uma forte representação de penas e plumas. A coleção em estudo esteve presente na exposição temporária “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria”, patente de 21 de maio de

2022 a 30 de abril de 2023, no Museu da Chapelaria. Após este período, a exposição e os objetos que a integram foram disponibilizados para aluguer, por parte de outras instituições.

Durante um contacto inicial com a instituição de acolhimento, em que surgiu a proposta do universo de estudo, a Diretora do Museu, Tânia Reis, e a conservadora-restauradora responsável pelo Serviço de Gestão de Coleções, Diana Tavares, salientaram a necessidade de planear o acondicionamento em contexto de reserva e transporte da coleção de Luís Stoffel, considerando que o então acondicionamento adotado para a coleção era inadequado e que a mesma iria ser alvo de itinerância para outras instituições que pretendessem alugar a exposição temporária “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria”.

Integrados no plano de trabalho, propuseram-se, também, o acompanhamento do Serviço de Gestão de Coleções do Museu da Chapelaria e o trabalho no campo da conservação preventiva, que faz parte deste serviço, assim como a realização de atividades extraplano, que permitissem alargar o conhecimento e a integração no meio profissional.

De modo a orientar as atividades realizadas ao longo do estágio, estabeleceram-se os objetivos gerais:

- (OG1) Conhecer e integrar o ambiente de trabalho num museu, a partir do contexto do Museu da Chapelaria;
- (OG2) Fazer uma análise do risco de amostra da coleção de chapéus, especificamente do universo de criação de Luís Stoffel.
- (OG3) Contribuir para a conservação preventiva da coleção, a partir do universo de amostra, potenciando o contexto de acondicionamento em reserva e transporte.

Partindo dos objetivos gerais, surgiram os seguintes objetivos específicos:

- (OE1.1) Participar em atividades no âmbito da programação cultural do museu.

- (OE1.2) Acompanhar e assistir a tarefas dos diferentes serviços, com especial interesse no Serviço de Gestão de Coleções.
- (OE1.3) Participar nas tarefas de preparação da reabertura do museu, após o término das obras em curso, como na limpeza do acervo nas salas de exposição.
- (OE2.1) Conhecer os materiais, métodos e técnicas de produção da coleção de Luís Stoffel.
- (OE2.2) Caracterizar o estado de conservação da coleção de Luís Stoffel.
- (OE2.3) Identificar os perigos, analisar e avaliar os riscos para a coleção, identificando os seus agentes de dano, o seu impacto na coleção e definindo prioridades de ação para a conservação da coleção, apontando os fatores de deterioração e o seu impacto na coleção em estudo;
- (OE3.1) Identificar um conjunto de normas e procedimentos a serem implementados no museu, de modo a preservar e proteger adequadamente a coleção em estudo.
- (OE3.2) Identificar materiais e métodos para o acondicionamento da amostra da coleção em reserva e em transporte para exposições temporárias externas.
- (OE3.3) Propor sistemas de acondicionamento da amostra da coleção para reserva e em transporte para exposições temporárias externas.

2.2. Abordagem metodológica

Metodologicamente, adotou-se a observação participante e não participante durante o estágio curricular e a investigação documental, que permitiu a produção de uma revisão da literatura sobre coleções de chapéus, em termos das características de produção e conservação preventiva.

A pesquisa documental abrangeu ainda a consulta de documentação do museu sobre a coleção de Luís Stoffel (fichas de inventário, o catálogo da exposição “Luís Stoffel. A arte da Chapelaria” e a ficha de verificação coletiva do estado de conservação da coleção) e permitiu a definição de demais metodologias de trabalho a adotar, ao nível da avaliação de estado de conservação e da avaliação e gestão do risco.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, foram então selecionadas linhas metodológicas a seguir, baseadas em Suzanne Keene (2002) e no Método ABC (Pedersoli Jr. *et al*, 2017). Embora ambas as metodologias abordem estratégias de gestão dos riscos para a conservação preventiva de uma coleção, a escolha pela metodologia de Keene (2002) responde sobretudo à necessidade de avaliar o estado e conservação da coleção de Luís Stoffel, e o Método ABC (Pedersoli Jr. *et al*, 2017) permite uma avaliação e análise dos riscos mais objetiva.

Keene (2002, pp. 140-141) descreve uma metodologia focada na avaliação do estado de conservação das coleções, na identificação de evidências de danos e agentes de deterioração e no diagnóstico de tendências futuras, intervindo para as alterar.

A avaliação envolve o estudo do estado de conservação de cada objeto e do conjunto da coleção. Os danos necessários devem ser recolhidos durante um processo de inspeção dos objetos e resultar em análises estatísticas sobre o estado da coleção e os tipos de dano identificados. Após a identificação dos danos, segue-se a análise das causas de deterioração. Para tal, é necessário recolher registos ambientais, informações sobre o seu acondicionamento e sobre todo o percurso dos objetos. É, então, possível realizar um diagnóstico de tendências de deterioração e intervir para as alterar.

Com o objetivo de alterar as tendências de deterioração, pode alterar-se o ambiente, modificar a utilização dos objetos ou intervir diretamente neles, e deve considerar-se quais são os agentes de dano mais preponderantes. Segue-se a necessidade de avaliar os recursos (materiais, económicos, humanos, espaço, etc.) necessários para alterar as tendências de deterioração, assim como avaliar os benefícios de cada intervenção. Por fim, chega a fase de definir prioridades, devendo considerar-se as vulnerabilidades dos objetos, os riscos de magnitude mais elevada e avaliar a relação entre os recursos necessários e os benefícios.

A gestão do risco, em especial no que diz respeito à sua análise, foi complementada pelo Método ABC desenvolvido por Stefan Michalski e José Luiz Pedersoli Jr. (Pedersoli Jr. *et al*, 2017). Este método engloba a definição do contexto físico e administrativo em que se enquadra a coleção, a identificação dos agentes de deterioração e riscos e a análise

dos riscos segundo as escalas desenvolvidas pelos autores, que resultam em magnitudes. A partir das magnitudes do risco aferidas, é possível identificar prioridades de ação, para, depois, exercitar a definição de estratégias de tratamento, controlo e monitorização dos riscos. Em particular, a análise dos riscos implica um diagnóstico das tendências de deterioração que quantifica a probabilidade de ocorrência de um evento de risco e a perda de valor que se espera num acervo quando os eventos ocorrem.

A elaboração de um plano de conservação que engloba as referidas estratégias foi orientada pelo modelo do Instituto dos Museus e da Conservação (Sousa *et al*, 2007).

2.3. Caracterização da instituição de acolhimento

A indústria chapeleira chegou a São João da Madeira no início do século XIX e, no século seguinte, tornou-se o principal centro de produção de chapéus de Portugal, sob o impulso do empresário António José de Oliveira Júnior, que introduziu maquinaria pesada nesta indústria (Cruz, 2015, pp. 47-49). Na década de 1970, o setor passou por grandes instabilidades e as dificuldades implicaram sucessivas mudanças que descaracterizaram o fabrico de chapéus e reduziram a sua produção industrial.

Em 1995, encerrou a Empresa Industrial de Chapelaria Limitada, fundada em 1914 e que detinha o monopólio da produção e comercialização de chapéus. Uma década mais tarde, o edifício da "Fábrica Nova" desta mesma empresa foi transformado no Museu da Chapelaria (Cruz, 2015, pp. 65-66).

A criação de um museu conceptualmente orientado para a preservação e divulgação do património da indústria da chapelaria de São João da Madeira nasceu de uma vontade de décadas e de dois acontecimentos particulares: o desenvolvimento de um projeto escolar, de investigação e recolha de objetos, promovido pelo Projeto Educativo da Escola Secundária João da Silva Correia, com início em 1993, e do já mencionado encerramento da Empresa Industrial de Chapelaria, em 1995 (Menezes, 2006, p. 136).

O referido Projeto Educativo deu origem a um projeto para um Museu Regional, que, em 1995, evoluiu para a criação da Sala Museu da Indústria de Chapelaria. O edifício da

antiga Empresa Industrial de Chapelaria foi adquirido em 1996 pela Câmara Municipal de São João da Madeira, acompanhado do acervo de máquinas que o recheava.

Dada a posse do edifício da Empresa Industrial de Chapelaria e do seu acervo industrial pelo município, desenvolveu-se, ao longo de uma década, um projeto que preparou a constituição do museu. A inauguração do Museu da Chapelaria deu-se a 22 de junho de 2005, tutelado pela Câmara Municipal de São João da Madeira. No ano de 2023, o Museu da Chapelaria recebeu um financiamento, na área de acessibilidade e inclusão, concedido pelo Programa de Apoio a Museus da Rede Portuguesa de Museus – ProMuseus (Museu da Chapelaria, s. d.). Este financiamento permitiu a requalificação da exposição de longa duração e das duas salas destinadas a receber exposições temporárias. Após um encerramento de cerca de meio ano, em que se preparou a requalificação, o Museu da Chapelaria reabriu ao público a 25 de janeiro de 2025.

O Museu da Chapelaria apresenta um conjunto de serviços que sustentam as suas funções de conservar, documentar, investigar, interpretar e difundir os bens culturais e conhecimentos associados à indústria da chapelaria (Museu da Chapelaria, s. d.). Esses serviços são o Serviço de Atendimento, o Serviço Educativo, o Serviço de Gestão de Coleções, o Centro de Documentação e o Auditório.

O Serviço de Atendimento tem ao seu cargo o acolhimento dos visitantes e a loja do museu. O Serviço Educativo tem como principal objeto de interesse o chapéu e organiza programas educativos destinados a vários públicos, fazendo ligação com as exposições patentes no museu, a coleção, a cidade e as pessoas. O Serviço de Gestão de Coleções é responsável pela conservação, registo, catalogação, documentação, estudo e interpretação das coleções, em associação à recolha de testemunhos dos antigos operários da indústria da chapelaria, e por todos os eventos que envolvam diretamente os objetos do acervo do museu e impliquem a sua manipulação. O Centro de Documentação é responsável pela preservação, aquisição e gestão de documentação, nomeadamente dos fundos documentais da Empresa Industrial de Chapelaria. É um espaço que auxilia a investigação e está à disposição do público interessado, nomeadamente investigadores e estudantes. Em articulação com o Serviço de Gestão de Coleções, o centro de documentação está também envolvido na gestão da base de

dados do museu. Por último, o Museu da Chapelaria apresenta à disposição um Auditório apropriado à realização de alguns eventos, que pode ser requisitado por instituições terceiras.

A exposição de longa duração elenca, através do percurso e da museografia, a cadeia operatória da produção de chapéus, passando pelo tratamento do pelo e pelo fabrico de feltros, culmina na produção do produto final, o chapéu, e da sua comercialização. Estes processos de fabrico contam-se através da exposição da maquinaria industrial utilizada para este propósito, acompanhada de matéria-prima, feltros, mobiliário, chapéus, imagens, textos, vídeos e testemunhos de operários. O percurso de visita ao Museu da Chapelaria inclui também duas salas de exposições temporárias, a primeira dedicada a exposições que abordam principalmente os usos sociais dos chapéus e a segunda, que recebe exposições de chapeleiros e designers contemporâneos.

O Museu da Chapelaria situa-se no concelho e freguesia de São João da Madeira, no distrito de Aveiro, em Portugal Continental, a uma distância de cerca de 14,5 km do mar⁹.

Segundo os resultados das normais climatológicas de 1971-2000, consoante a classificação de Köppen-Geiger, São João da Madeira situa-se numa zona de “clima temperado, com inverno chuvoso e verão seco e pouco quente” (IPMA, s.d.). Considerando as zonas sismogénicas de mar e de terra, São João da Madeira situa-se numa zona de baixo nível de perigosidade.

Ao nível do perigo de incêndio rural, a perigosidade é de “Muito baixa” a “Baixa” (DGT, s.d.). Contudo, o município situa-se relativamente perto de áreas de classe de perigosidade “Alta” a “Muito alta”, pelo que, em períodos mais propícios aos incêndios rurais, o Museu da Chapelaria poderá ser afetado ao nível da qualidade do ar e da presença de poluentes, como as partículas de cinza.

O edifício do Museu da Chapelaria encontra-se implantado num meio urbano e está rodeado por vias de comunicação (estradas). A Rua António José de Oliveira Júnior, para

⁹ Medição efetuada com o *Google Earth*®.

onde está virada a fachada frontal do edifício, apresenta um tráfego automóvel mais intenso. Já em frente à fachada traseira, encontra-se uma estrada com menos movimentação automóvel, que serve, sobretudo, de local de estacionamento. A ligação do edifício com as vias de comunicação significa a introdução de agentes de danos, como poluentes e vibrações. Contudo, estas infraestruturas significam também um fácil acesso ao museu em caso de desastres como os incêndios.

Até ao ano de 2023, o edifício tinha nas suas proximidades, virada para a fachada traseira, um coberto vegetal que se podia caracterizar como uma mata. Este coberto vegetal podia favorecer a presença de insetos, microrganismos e animais. Como impacto positivo, a vegetação existente podia ser um fator de proteção ao edifício, minimizando os fenómenos abrasivos e climáticos causados pela pluviosidade e por ventos fortes. Não havendo uma proximidade direta entre o edifício e o coberto vegetal, não se considera que este possa ter servido de proteção à exposição solar direta.

No ano de 2023, iniciou-se um empreendimento de construção civil no terreno do então coberto vegetal. Nas imediações mais próximas do edifício do museu, deu-se a desflorestação do espaço e a implementação de um edifício de cariz habitacional, concluído em 2025. Este período de construção poderá ter sido uma fonte de agentes de dano, como as vibrações e as poeiras. Em 2024, já se registava uma quase total desflorestação do coberto vegetal, significando que as então vantagens e desvantagens da presença da vegetação no envolto do Museu da Chapelaria deixaram de existir.

O edifício que alberga o Museu da Chapelaria data de 1914, tendo sofrido uma significativa intervenção em 1994, preparando-o para a sua atual função. Sérgio Lira (2007) descreve as ações de intervenção arquitetónica realizadas no edifício aquando da sua preparação para a instituição do Museu da Chapelaria, entre as quais importa sublinhar as intervenções que atribuíram uma maior segurança estrutural e estanquicidade ao edifício. Deu-se a recuperação e substituição dos telhados, de elementos estruturais, vigas e colunas, tendo sido colocada uma nova estrutura interna de aço no edifício. As paredes estruturais foram também reconstruídas, uma vez que eram previamente compostas de materiais pobres e inadequados. Quando possível, os

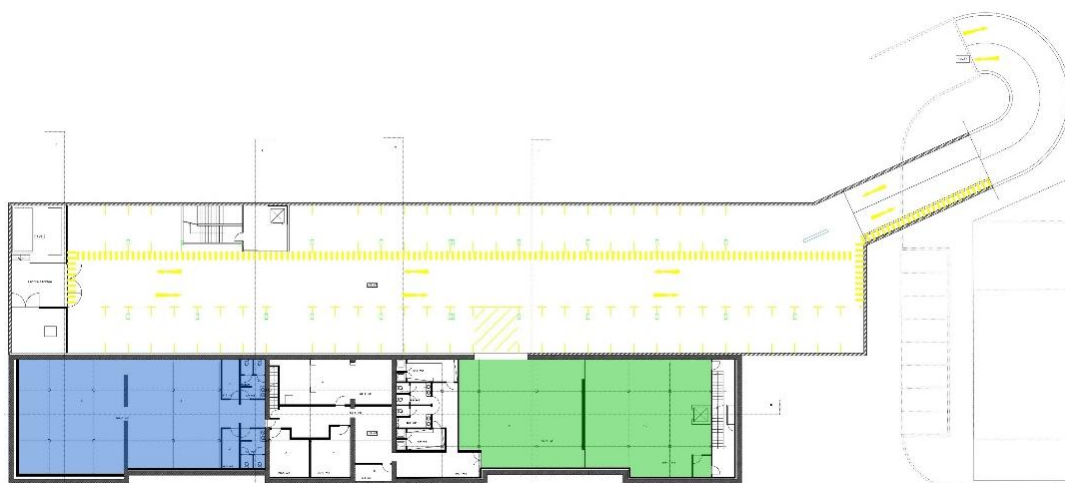
estuques das paredes foram removidos e substituídos por argamassas e materiais isolantes. A caixilharia das janelas foi também substituída.

De acordo com Lira (2007, p. 78), aquando da reconstrução do edifício, foi instalado um sistema de tratamento do ar de aquecimento, ventilação e ar condicionado (AVAC) no interior do Museu que permite o controlo da temperatura, da HR, dos ciclos de renovação e a filtragem de partículas. Este sistema permitia estabelecer valores apropriados à conservação do acervo do museu, estabelecer variações máximas aceitáveis relativamente à temperatura e à HR em ciclos de 24 horas e controlar estes parâmetros para cada área do edifício. Apesar destas afirmações, 19 anos após a inauguração do Museu da Chapelaria, verifica-se que o sistema de tratamento do ar instalado se tornou obsoleto, é de difícil manutenção, reparação e substituição. Durante o período do estágio, o mesmo sistema apenas se encontrou capaz de controlar a temperatura por aquecimento através do ar condicionado e de filtrar partículas através dos filtros. O arrefecimento não era possível devido a uma avaria no *chiller* do ar condicionado, que implica a sua substituição. Segundo a equipa técnica do Museu da Chapelaria, as funcionalidades que implicavam o controlo da HR deixaram de estar operacionais, cerca de 5 anos após a inauguração do museu.

O Museu da Chapelaria é composto por um total de quatro andares. No piso -1, o piso subterrâneo, estão instaladas as reservas do museu, divididas em duas áreas, uma na ala norte e a outra na ala sul do edifício. Neste andar, as reservas estão acompanhadas da cozinha e dos respetivos anexos do restaurante e do parque de estacionamento. No piso 0, encontram-se a principal entrada do museu, a receção e loja, a primeira de três salas da exposição de longa duração, o restaurante, a sala de exposições temporárias e o auditório. No piso 1, situam-se os gabinetes de trabalho, o centro de documentação e as áreas do serviço educativo, na ala sul deste nível. Na ala central e norte do edifício, encontra-se mais uma sala da exposição de longa duração. No piso 1 existe, ainda, uma sala de refeições do restaurante do museu. No piso 2, encontra-se, também na ala central e norte do edifício, a terceira e última sala da exposição permanente, acompanhada de uma segunda sala destinada a exposições temporárias, chamada de Sala dos Usos Sociais. Nos pisos -1, 0 e 1 existem também serviços sanitários.

O piso -1 aloja a cozinha do restaurante, o estacionamento automóvel subterrâneo, salas de arrumos, casas de banho, balneários, áreas e circulação e as reservas do museu. As reservas estão divididas em três salas. As duas primeiras, representadas a verde na Figura 20, representam a área da Reserva 1, que armazena essencialmente maquinaria e ferramentas da indústria da chapelaria. A Reserva 2, a representada a azul, destina-se ao armazenamento da coleção de chapéus do Museu da Chapelaria. De acordo com Menezes (2006, pp. 168-169), aquando do planeamento e fundação do Museu, as salas da Reserva 1 seriam as únicas áreas de reservas: uma reserva visitável, a outra não. Atualmente, verifica-se que todas as salas de reservas são não visitáveis. Sérgio Lira (2007, p. 82) apresenta também as, então, reservas não visitáveis como um espaço dedicado à conservação e ao restauro, com laboratórios próprios para o efeito. Contudo, esta funcionalidade nunca existiu plenamente e, durante o período do estágio, não se identificou qualquer laboratório de conservação e restauro. A sala onde se encontra a Reserva 2 seria, inicialmente, uma área técnica do museu, pelo que terá havido uma expansão da área das reservas para a sala em questão, devido ao aumento contínuo e significativo de doações e depósitos de chapéus.

Figura 20- Planta do piso -1 do Museu da Chapelaria. © Câmara Municipal de São João da Madeira.

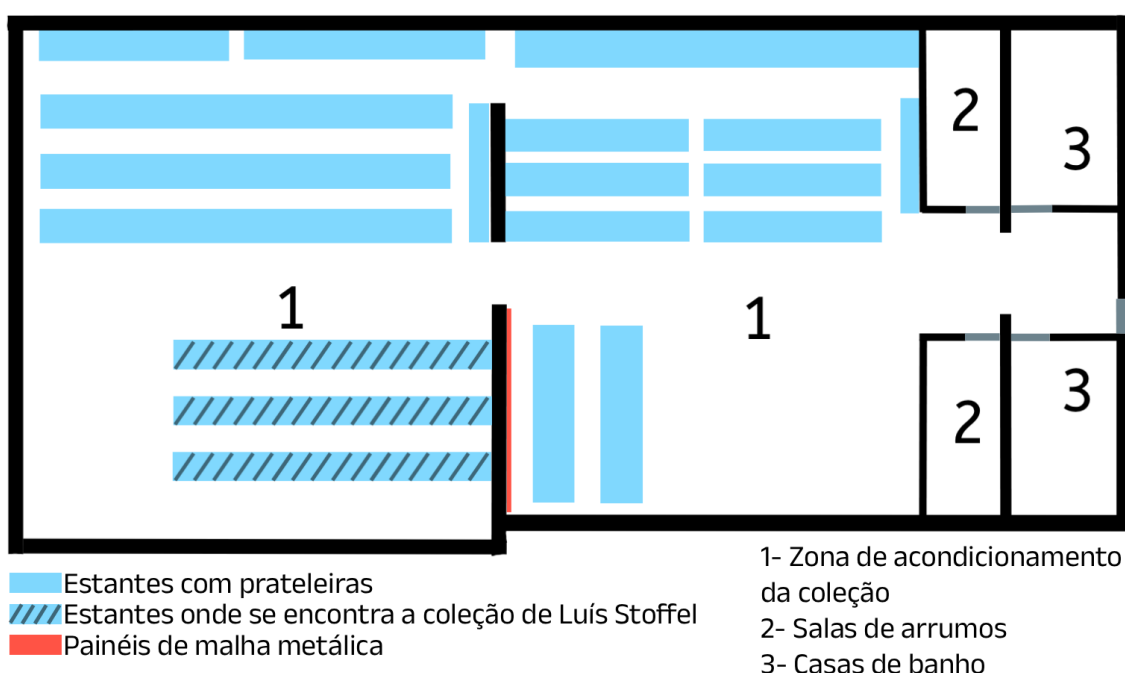


A Reserva 2, ou reserva dos chapéus, representada na planta da Figura 21, contém duas casas de banho (feminina e masculina), duas pequenas salas de arrumos, uma área de estantes de aço inoxidável com prateleiras e painéis de malha metálica, para o

armazenamento de pinturas. As estantes são o principal sistema de armazenamento adotado para o acondicionamento da coleção e albergam a coleção de chapéus do Museu da Chapelaria e um depósito da coleção de chapéus do Museu Nacional do Traje. A área da reserva dos chapéus apresenta duas frentes com paredes exteriores, não inclui janelas, partilha uma parede com a cozinha do restaurante e o acesso, controlado por chave, dá-se por uma porta corta-fogo com ligação a uma área de circulação.

Figura 21- Esquema representativo dos espaços da Reserva 2 e sistemas de armazenamento.

© Inês Batista, 2025.



No que diz respeito aos sistemas de acondicionamento utilizados em chapéus no Museu da Chapelaria, verifica-se que a sua maioria está acondicionada em sacos de polietileno transparentes. Contudo, existem também sistemas em que se empregam caixas de polipropileno ou caixas de cartão. O papel de seda, livre de ácidos, é utilizado, sobretudo, para criar enchimentos para chapéus e envelopes. Folhas de polietileno expandido, ocasionalmente, são também utilizadas para criar enchimentos.

Para marcação dos chapéus com o seu número de inventário, são utilizadas etiquetas em fita de nastro que são cosidas aos objetos ou etiquetas amovíveis de papel.

3. Contexto de estágio: contributo

Este último capítulo aborda o trabalho desenvolvido durante o estágio curricular no Museu da Chapelaria, que se resume na caracterização da coleção de Luís Stoffel, definição do seu estado de conservação, identificação de agentes de deterioração, análise do risco, definição de um plano de conservação preventiva e de um plano de acondicionamento em contexto de reserva e transporte, para além de se partilharem, também, outras atividades de conservação concretizadas.

Devido a constrangimentos de espaço, as atividades paralelas que foram desenvolvidas durante o mesmo período serão sucintamente apresentadas posteriormente, no Apêndice 1.

3.1. Caracterização da coleção

3.1.1. O autor

Luís Stoffel¹⁰, natural de Santarém, autor da coleção que se tornou objeto de estudo durante o período de estágio, é um artista diversificado, que veio a encontrar na chapelaria o seu posto. Tendo iniciado o seu percurso artístico na dança, formou-se na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa, na Companhia de Dança de Lisboa e na Universidade de *Marly-le-Roi*, em Paris. Prosseguiu a sua carreira em Portimão, atuando como professor de dança, formador profissional, diretor artístico, coreógrafo e figurinista em produções de dança e de moda. Foi neste contexto que começou o seu percurso na chapelaria de forma autodidata, criando chapéus para as bailarinas com quem trabalhava.

No ano de 2002, Luís Stoffel muda-se para Lisboa, à procura de uma carreira como aderecista. A primeira oportunidade surge em março do mesmo ano, quando, a convite do encenador Filipe La Féria e do estilista João Rôlo, trabalhou na Gala dos 45 anos da RTP. A sua colaboração neste espetáculo levou a que Filipe La Féria convidasse Luís

¹⁰ <https://luistoffel.weebly.com/>

Stoffel a colaborar, consecutivamente, em todas as produções do encenador, enquanto aderecista de guarda-roupa e responsável pelas peças de chapelaria, no Teatro Politeama.

Luís Stoffel é *designer* de figurinos, mas também de moda. As suas criações consistem, sobretudo, em acessórios utilizados na cabeça, particularmente em *fascinators* e são muitas vezes destinadas a serem utilizadas em cerimónias e eventos. De 2002 em diante, o *designer* tem apresentado as suas criações não só no teatro, como em produções e revistas de moda, na televisão, em eventos e cerimónias, em marchas populares e em exposições. O seu sucesso e reconhecimento foram crescentes, tendo sido destacado, em 2012, como chapeleiro, pela revista *Vogue* Portugal.

3.1.2. História e percurso da coleção

A coleção doada ao Museu da Chapelaria foi produzida em diferentes contextos. Partindo das criações destinadas ao mundo do espetáculo, nomeadamente para as produções de Teatro de Revista à Portuguesa, no Teatro Politeama, Stoffel criou várias “cabeças”, como assim são designados os acessórios de cabeça utilizados nestas produções. As “cabeças” são acessórios que procuram o esplendor. Apresentam, tipicamente, construções volumosas e decorações elaboradas, utilizando elementos como penas, plumas e pedraria. Estas criações terão sido utilizadas em palco múltiplas vezes por artistas, como atrizes e bailarinas.

O *designer* tem sido convidado a participar em eventos, portefólios e revistas de moda e eventos sociais, criando peças destinadas a estes contextos. Estes modelos são, frequentemente, inspirados na alta sociedade britânica, em interpretações que evocam o luxo, a extravagância e uma marcada expressão individual.

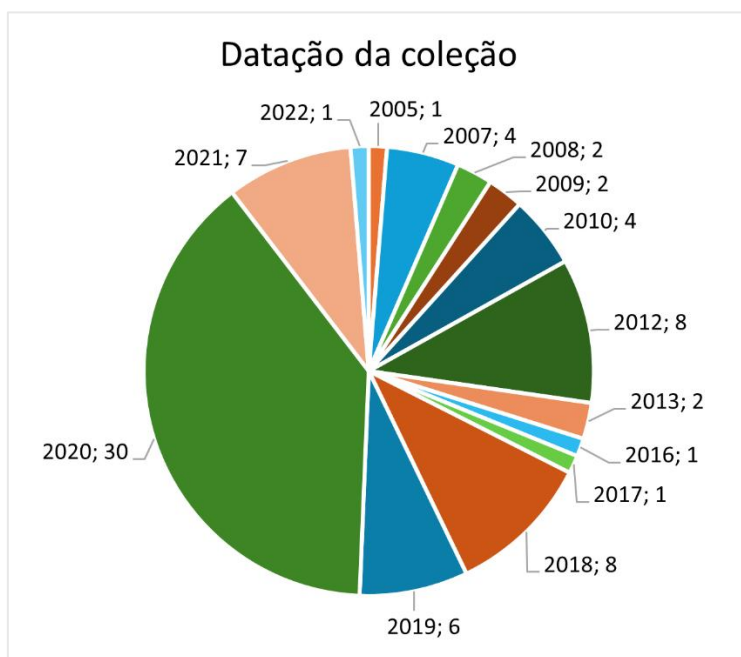
Luís Stoffel direciona, ainda, as suas criações para o mercado de luxo e, na coleção em estudo, existem, ainda, vários exemplares executados a pensar em cerimónias especiais.

Por fim, a coleção apresenta também máscaras de proteção individual. Estas peças, que não tiveram um carácter utilitário, surgiram como uma reinterpretação de um objeto que dominou o período da pandemia do COVID-19, a partir de 2020. Nelas, o artista transpôs técnicas e materiais utilizados na chapelaria, cunhando-as com a sua estética

identitária. Representou também o contexto da época de criação desses objetos e da nova realidade que Stoffel vivia, deparando-se com uma crise no mundo das artes e com as salas de espetáculo fechadas.

No que diz respeito à datação dos objetos, a cronologia de produção da coleção vai de 2005 a 2022 (Gráfico 1).

Figura 22- Datação da coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



A coleção foi doada por Luís Stoffel ao Museu da Chapelaria, surgindo uma proposta de exposição temporária dedicada ao autor. A exposição “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria” esteve patente de 21 de maio de 2022 a 30 de abril de 2023, na sala de exposições temporárias do Museu da Chapelaria, no piso 0, junto ao restaurante. Da exposição resultou um catálogo, publicado em maio de 2022.

Após o encerramento da exposição temporária no Museu da Chapelaria, ao fim de quase um ano, a coleção foi disponibilizada para aluguer, tornando-se possível que outras instituições apresentassem também a coleção em exposições temporárias. Até ao período em que decorreu o estágio, a coleção de Luís Stoffel ainda não tinha deixado o Museu da Chapelaria, permanecendo desde maio de 2023 acondicionada na Reserva 2, com os demais objetos do acervo têxtil do museu.

Os objetos da coleção de Luís Stoffel encontravam-se, quando se iniciou o estágio curricular, acondicionados em três sistemas distintos: 7, em sacos de plástico fechados; 22, colocados sobre bustos, normalmente utilizados como material de acondicionamento em exposições, compostos de poliestireno expandido, revestido de um tecido aveludado sintético; e, os restantes 48, em caixas de cartão canelado.

3.1.3. Composição da coleção

A coleção em estudo é composta por um total de 77 objetos. Através da consulta do catálogo da exposição “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria” e do inventário da coleção, é possível identificar que esta se encontra dividida em quatro áreas, tendo em conta o seu contexto de produção e utilização. Estas áreas são o espetáculo, a moda e eventos sociais, as cerimónias e eventos especiais e as máscaras faciais de proteção individual. Para identificar os objetos são utilizadas sete denominações distintas: *fascinator*, acessório de cabeça escultural, chapéu, toucado, capeline, cartola e máscara. Quantificando as denominações, verifica-se, a partir da Tabela 1, que na coleção existem 36 *fascinators*, 13 acessórios de cabeça esculturais, 12 toucados, 9 máscaras, 5 chapéus, 1 capeline e 1 cartola.

Tabela 1- Quantificação da coleção de Luís Stoffel, segundo a área e denominação atribuídas.

© Inês Batista, 2025.

ÁREA	DENOMINAÇÃO	QUANTIDADE
ESPETÁCULO	<i>Fascinator</i>	2
ESPETÁCULO	Acessório de cabeça escultural	2
MODA E EVENTOS	<i>Fascinator</i>	14
MODA E EVENTOS	Acessório de cabeça escultural	3
MODA E EVENTOS	Chapéu	5
MODA E EVENTOS	Tocado	2
MODA E EVENTOS	Capeline	1

MODA E EVENTOS	Cartola	1
CERIMÓNIA	<i>Fascinator</i>	20
CERIMÓNIA	Acessório de cabeça escultural	1
CERIMÓNIA	Tocado	10
MÁSCARAS	Máscara	9
MÁSCARAS	Acessório de cabeça escultural	7

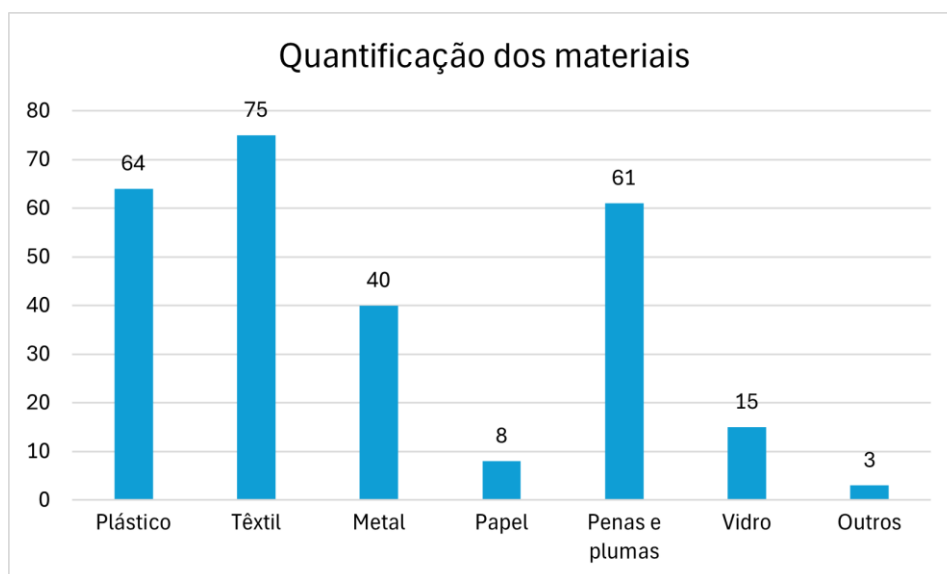
3.1.4. Caracterização material e técnica

A identificação dos materiais que compõem os objetos da coleção de Luís Stoffel deu-se através da consulta das fichas de inventário e da observação macroscópica. Os dados, ao nível dos materiais, presentes nas fichas de inventário, foram também conseguidos pela observação macroscópica e por informações dadas pelo próprio artista que produziu os objetos.

Para efeitos de quantificação, os materiais foram divididos nas seguintes categorias, consoante a sua natureza e características: plástico; têxtil; metal; papel; penas e plumas; vidro; e outros.

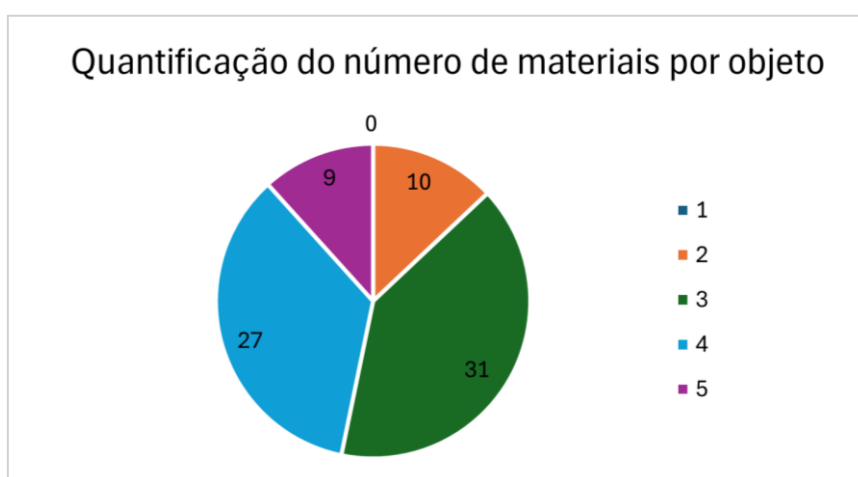
Foram identificados 63 objetos com elementos de plástico, 72 com têxtil, 39 com metal, 58 com penas e plumas, 14 com vidro e 3 com outros tipos de materiais (Gráfico 2).

Figura 23- Quantificação da representação dos materiais na coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Como representado no Gráfico 3, todos os objetos da coleção são compostos por múltiplos materiais, não se verificando nenhum que seja composto apenas por um tipo. Verifica-se, ainda, que 10 objetos são compostos por dois tipos de materiais, 31 são compostos por três, 27 por quatro e 8 por cinco.

Figura 24- Quantificação do número de diferentes tipos de materiais por objeto na coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Através da consulta das fichas de inventário da coleção de Luís Stoffel, foram identificadas duas fibras naturais vegetais: a ráfia e o abacá (*Musa textilis*), também

conhecido, na língua portuguesa, por Cânhamo-de-manila (Vaughan, 2012, p. 334). Os fios de abacá podem ser tecidos para criar o tecido *sinamay*, popularmente utilizado na chapalaria a partir da última década do século XX.

As fibras naturais animais identificadas na coleção de Luís Stoffel, tanto na consulta das fichas de inventário como na inspeção dos objetos, são a seda e a lã. Estão identificados 2 objetos com tecido de seda e 2 com seda selvagem. Contudo, é possível que a identificação de seda, em pelo menos um dos objetos, a Máscara "*Moulin Rouge*", conste como um erro no inventário, dado que o tecido se assemelha a outros, identificados no inventário como acetinados, provavelmente compostos de fibras sintéticas. A lã é identificada no feltro do Chapéu "Feltro Vermelho".

Os materiais têxteis surgem identificados como tecidos de vários tipos, como o feltro natural e sintético, tecidos acetinados, aveludados, véus de rede, seda e tule.

Considerando a cronologia de produção dos objetos da coleção em estudo, pressupõe-se que os elementos têxteis não identificados no inventário relativamente à sua natureza sejam compostos por fibras sintéticas. Devido aos métodos de identificação disponíveis, não foi possível identificar estas fibras, mas supõe-se que a maioria dos elementos têxteis da coleção sejam sintéticos.

Os metais, também não identificados especificamente, surgem como elementos estruturais, na forma de arames, elementos decorativos e elementos funcionais, como os fechos e as bandoletes. A maioria dos plásticos presentes na coleção também não foram identificados e surgem como elementos decorativos, como em missangas e pedraria, mas verificam-se também algumas bandoletes de plástico, revestidas por têxtil. São também plásticos os elásticos de borracha, utilizados para segurar o chapéu à cabeça. Do mesmo modo, não foi possível identificar se os elásticos são naturais, sintéticos ou uma combinação de ambos. É exceção a espuma de etil-vinil acetato (EVA), identificada no inventário do *Fascinator* "Primavera" e da Máscara "Primavera".

A presença de penas e plumas, todas elas naturais, é um elemento identificativo da coleção de Luís Stoffel e do estilo de chapalaria por ele produzido. No inventário, são

identificadas penas e plumas de galo, pato, faisão, marabu, avestruz, cegonha, galinha-da-índia e arara.

No inventário do *Fascinator* "Arara" consta que o objeto é composto por penas sintéticas. Após a observação das mesmas, concluiu-se que se trata de penas naturais, por apresentarem barbas, bárbulas e barbicelos, estruturas que constituem as penas naturais, e danos por traças-das-roupas, revelando que se trata de um material queratinoso. Às penas acrescenta-se a presença de plumas, também elas naturais, caracterizadas pela sua maciez e bárbulas que não se unem entre si. O erro na inventariação poderá dever-se à presença de uma espessa camada de coloração artificial, que concede a algumas penas uma rigidez acrescida e um aspeto mais plastificado.

O vidro surge em alguns objetos na forma de missangas ou contas – ou vidrilhos, como surge no inventário. O papel é utilizado também em elementos decorativos, como em flores de papel, e para conceder estrutura interna, na forma de cartão.

Pontualmente, em três objetos, surgem outros tipos de materiais que fogem às seis categorias com uma representação mais extensiva. Esses materiais são o vime, plantas secas e pasta de modelar.

Ao nível da técnica, os objetos são de produção artesanal, em que Luís Stoffel aplicou técnicas de *millinery*. Os objetos são construídos através da costura e colagem dos diferentes elementos. As penas são estilizadas através do seu corte, encurvamento e pintura. É frequente encontrar penas cujas barbas são completamente removidas, restando apenas o raque.

Fios de metal e cartão são utilizados como elementos estruturais, que concedem forma e rigidez aos objetos. Contudo, a identificação dos materiais estruturais não visíveis é limitada pela observação macroscópica, pelo que estes não foram identificados em todos os casos.

3.1.4.1 Têxteis

Um têxtil define-se por um tecido de fibras. O processo de produção de tecidos compreende várias etapas sequenciais: a fiação, a tecelagem, a coloração, o acabamento. Após a criação do tecido, o mesmo é cortado e costurado para criar um produto.

Antes de mais, para ser possível criar um tecido, é necessário criar fios. Para tal, as fibras para a fiação a granel são rodadas a alta velocidade e torcidas, o que permite formar uma trama ou um fio contínuo (Landi, 1985, p. 8).

As fibras são filamentos com um papel essencial no processo de produção têxtil, podendo ser classificadas em duas categorias principais: naturais e sintéticas.

As fibras naturais incluem aquelas com origem em fontes vegetais, animais e minerais. As fibras vegetais podem ser conseguidas de caules, folhas e sementes. As fibras animais podem ser conseguidas de pelos, de lã e da seda (NPS, 2002a, p. 2). As minerais, que normalmente não são utilizadas em produtos têxteis, comportam a fibra de amianto e a fibra de vidro (Landi, 1985, p. 6).

As fibras sintéticas podem ser produzidas a partir de materiais naturais, sobretudo de materiais celulósicos e de proteínas, ou ser produzidas a partir de polímeros criados em laboratório (NPS, 2002a, pp. 2-3).

As fibras vegetais provêm de plantas e são chamadas de fibras celulósicas, visto que são maioritariamente compostas de moléculas de celulose. O algodão e o linho são das fibras vegetais mais comuns no vestuário e nas coleções de museus, mas podem aparecer outras fibras, como o cânhamo, a juta, o sisal e a ráfia (Dancause *et al*, 2018, s.p.).

As fibras animais são fibras proteicas, sendo as mais comuns a lã e a seda. Na generalidade, as lãs são feitas a partir das fibras que formam a camada de proteção térmica das ovelhas, mas também é possível encontrar lãs com pelos de outros animais, nomeadamente a caxemira, proveniente de cabras, *mohair* ou angorá, proveniente de

coelhos e cabras angorá, e lãs de camelídeos, como a alpaca, o lama, o camelo e a vicunha (CCI, 2008, p. 3).

Nas fibras animais, os pelos podem, ou não, ser fiados. Por exemplo, no feltro, o pelo de coelhos, lebre ou castor passa por um processo químico e físico que aglomera as fibras num têxtil, sem que os pelos sejam fiados. Pelo contrário, os pelos de cabra podem ser fiados para criar caxemira, ou o *mohair* e o angorá podem ser criados a partir da fiação de pelos de cabra ou de coelho (NPS, 2002a, p. 3).

A seda consiste num longo e contínuo filamento proteico, produzido e extrudido pela boca da larva do bicho-da-seda para criar o seu casulo (pupa). Segundo o Canadian Conservation Institute (2008, p. 2), a principal espécie de bicho-da-seda utilizada para a produção de seda cultivada é o *Bombyx mori*. A seda de Tussah, das traças *Antherea mylitta* e *Antherea pernyi*, é mais escura e considerada seda selvagem.

“O termo sintético descreve qualquer fibra fabricada a partir de síntese química”¹¹, define a publicação periódica *Conserve O Gram* (NPS, 2002b, p. 1). Renée Dancause, Janet Wagner e Jan Vuori (2018, s.p.) descrevem o processo de produção de fibras sintéticas na publicação das *Preventive conservation guidelines for collections* do CCI que se referem em específico à conservação de coleções têxteis e de traje. As fibras sintéticas, criadas pelo ser humano, são produzidas através da extrusão de polímero líquido através de uma fieira ou extrusora com pequenos furos, que dão a forma desejada aos filamentos. Este processo permite criar filamentos longos, contínuos e padronizados. Os filamentos longos resultantes do processo de extrusão são, então, torcidos em fios de filamentos, ou podem ser cortados em comprimentos mais curtos para serem fiados.

Também as fibras sintéticas são subdivididas em celulósicas e não celulósicas. As fibras sintéticas celulósicas surgiram ainda no século XIX. Estas são compostas de polímeros naturais que provêm de materiais de origem vegetal, sobretudo de celulose. Os polímeros naturais são então modificados quimicamente, para que se transformem de

¹¹ Tradução livre do original “The term synthetic describes any manufactured fiber made from chemical synthesis”.

estado sólido para estado líquido, antes de se serem reconstituídos em fibras sólidas. Sheila Landi (1985, p. 6) chama de fibras regeneradas a este tipo de fibras. Dentro desta categoria, inserem-se as fibras sintéticas compostas de materiais naturais. Existem fibras regeneradas à base de proteínas, nomeadamente da caseína do leite, a que se chama de lanital, mas estas não têm relevância comercial nem representação em coleções têxteis. Das fibras regeneradas, destacam-se as já mencionadas fibras sintéticas celulósicas, que se fazem representar sob o nome de viscose ou *rayon*.

Por outro lado, as fibras sintéticas não celulósicas são desenvolvidas a partir de produtos químicos, criando polímeros sintéticos, e não de fontes naturais (Dancause *et al*, 2018, s.p.). Landi (1985, p. 6) destaca as classes das poliamidas e dos poliésteres como as mais importantes nas fibras sintéticas. A poliamida e o poliéster são ambos polímeros sintéticos termoplásticos.

As fibras sintéticas não celulósicas mais comuns, produzidas desde a década de 30 do século XX, são o nylon, o poliéster, o acrílico, o poliuretano e o elastano (*spandex*).

Na produção têxtil contemporânea, opta-se, frequentemente, pela utilização estratégica de diferentes fibras num só fio ou produto têxtil, o que permite conceder propriedades diversificadas a um tecido, ou mesmo reduzir custos de produção, por exemplo, quando se misturam fibras naturais com fibras sintéticas.

As fibras enunciadas, sendo elas naturais ou sintéticas, são materiais orgânicos, o que significa que são constituídas por compostos com moléculas que contêm carbono (C) e hidrogénio (H).

Após a fiação, segue-se a tecelagem, um processo que pode ser manual ou industrial, em que os têxteis tecidos são fabricados através do entrelaçamento de dois conjuntos distintos de fios. O primeiro conjunto, a que se chama teia, corre paralelamente e permanece sob tensão, proporcionando estrutura, enquanto os fios do segundo conjunto, a trama, são tecidos perpendicularmente, passando por cima e por baixo dos fios do primeiro, criando, assim, o tecido. Uma vez que os fios da teia têm de suportar uma tensão constante durante a tecelagem, são, normalmente, mais fortes do que os da trama. Quando o tecido é dobrado na diagonal, alinhando as duas direções dos fios,

revela-se o viés - uma característica fundamental que afeta a elasticidade e o caimento do tecido (Dancause *et al*, 2018, s.p.; Landi, 1985, p. 8).

No entanto, nem todos os têxteis são tecidos. Para além da tecelagem, é possível criar têxteis através da tricotagem dos fios e da feltragem das fibras. Existem também técnicas como o crochê – uma técnica unicamente manual – e a renda. No tricô, os fios são entrelaçados em laços e é uma técnica que pode ser executada manualmente ou por máquinas, permitindo a sua produção industrial. O tricô é caracterizado pela sua elasticidade e pela resistência a vincos (Dancause *et al*, 2018, s.p.).

A feltragem é, tradicionalmente, feita com fibras de lã, mas a produção com outras fibras animais é também possível, nomeadamente de fibras de pelo de coelho, lebre e castor. O processo de feltragem comporta o uso de calor, produtos químicos e força mecânica para juntar as fibras soltas, criando um feltro. Com o desenvolvimento das fibras sintéticas, disseminou-se também a produção de feltros sintéticos.

A renda mais simples proporciona a criação de redes, frequentemente utilizadas nos véus. As rendas e as redes são têxteis delicados, com aberturas vulneráveis a danos (Dancause *et al*, 2018, s.p.).

Dada a criação de um tecido, o mesmo pode receber uma variedade de acabamentos, com funcionalidades estéticas ou práticas.

O acabamento mais frequente é a coloração e a impressão. Uma estampa é impressa num tecido finalizado, enquanto a coloração pode ser aplicada no tecido ou, ainda antes, nas fibras e nos fios.

Em adição, os tecidos e os produtos têxteis podem ser decorados com uma variedade de técnicas e de materiais, bordados e aplicações, como missangas de plástico ou de vidro, elementos de metal, ou também de plástico, penas e papel (Dancause *et al*, 2018, s.p.).

3.1.4.2 Penas

As penas são formadas por 90% de b-queratina, 8% de água, 1% de lípidos, 1% de proteínas e colorantes. A queratina é o principal tipo de proteína que se encontra nas

penas, constituída por quantidades elevadas de um aminoácido que contém enxofre, a cisteína. Quanto à sua forma, são constituídas por um conjunto de partes: o raque, barbas, bárbulas e o cálam (Dignard & Mason, 2018, s.p.).

Segundo Dignard e Mason (2018, s.p.), existem dois principais tipos de penas, as penáceas e as plumosas. As penas penáceas (ou de contorno) são mais longas e apresentam barbas com dois conjuntos de bárbulas, que se unem entre si através de barbicelas, que funcionam como pequenos ganchos (Dignard & Mason, 2018, s.p.). Este tipo de penas é revestido por uma camada hidrofóbica que lhes confere impermeabilidade. Essa impermeabilidade provém de óleos secretados pelas glândulas uropigiais, localizadas na região da cauda, que as aves espalham pelas asas e pelo corpo através do seu bico (Bishop Museum, 1996, p. 2).

Por sua vez, as penas plumosas, tipicamente penas de penugem, possuem barbas soltas, que formam filamentos leves e tufo felpudos (Dignard & Mason, 2018, s.p.).

Na chapelaria, as penas podem ser utilizadas no seu estado natural, mas na contemporaneidade o uso de penas que são modificadas na sua forma e cor é frequente. Depois de retiradas das aves, as penas podem ser revestidas artificialmente por uma camada de cor e ser estilizadas com técnicas que modificam a sua forma e aspeto, tais como o corte e o encurvamento, ou mesmo recebendo calor para serem ligeiramente queimadas, como frequentemente acontece com penas de avestruz.

3.1.4.3 Metal

Os metais com maior representação no património cultural e em objetos de museus são o cobre, o chumbo, o ouro, o estanho, a prata, o níquel, o ferro, o zinco e o alumínio (Barclay *et al*, 2021, s.p.). Estes metais foram cronologicamente descobertos e trabalhados na ordem apresentada.

Os metais são encontrados e extraídos de minérios – à exceção do ouro e, raramente, da prata e do cobre, que podem ser encontrados na natureza no seu estado elementar puro. Para tal, os minérios passam por um processo de fundição e remoção dos elementos indesejados.

Após serem extraídos, os metais podem ser utilizados no seu estado puro ou ser derretidos e ligados com outros metais e elementos, formando ligas metálicas. Os metais puros são caracterizados por apresentarem uma maior maleabilidade, sendo possível atribuir-lhes uma determinada forma, exercendo pressão sobre os mesmos (Selwyn, 2004, p. 9). É, por exemplo, possível fazê-lo martelando os metais e ou laminando-os sob a pressão de pares de rolos. Contrariamente, as ligas metálicas são menos maleáveis sob pressão.

A maioria dos metais encontrados em museus são ligas. Robert Barclay, Carole Dignard e Lyndsie Selwyn (2021, s.p.) destacam as ligas metálicas que consideram mais comuns:

Exemplos de ligas comuns nas coleções são o latão (cobre e zinco), o bronze (cobre e estanho), o aço (ferro mais carbono, manganês, níquel, cromo, etc.), a prata esterlina (prata e cobre) e a prata niquelada, também chamada “prata alemã” (cobre, níquel e zinco). O alumínio é normalmente ligado a outros metais (por exemplo, cobre, manganês, magnésio, mas são possíveis muitos outros), enquanto o ouro é frequentemente ligado à prata, à platina ou ao cobre¹².

Em qualquer dos casos, os metais precisam de ser manipulados para criar objetos e formas. Para tal, a sua manipulação pode dar-se através da fundição ou do trabalho por conformação mecânica. A fundição dá-se quando um metal é derretido e derramado num molde, que lhe atribuirá a forma desejada. Na conformação mecânica, os metais podem ser aquecidos e trabalhados através de uma variedade de técnicas, podendo, por exemplo, ser martelados, laminados, forjados, extrudidos e estirados. Embora neste processo os metais não sejam derretidos, a utilização de temperaturas elevadas auxilia a sua deformação. Contudo, também é possível trabalhar alguns metais sem os aquecer.

¹² Tradução livre de “*Examples of common alloys in collections are brass (copper and zinc), bronze (copper and tin), steel (iron plus carbon, manganese, nickel, chromium, etc.), sterling silver (silver and copper) and nickel silver, also called “German silver” (copper, nickel and zinc). Aluminum is usually alloyed with other metals (e.g. copper, manganese, magnesium, but many others are possible), while gold is often alloyed with silver, platinum or copper*”.

Para construir um objeto metálico pode ser necessário conformar o(s) metal(ais) numa forma inicial, moldar as suas dimensões, juntar as várias partes e dar um acabamento com propósito decorativo ou protetor (Selwyn, 2004, p. 11).

Os metais podem ser revestidos e receber diferentes acabamentos. No revestimento, os metais são revestidos por uma fina camada de outro metal. Os acabamentos podem ser dados através da utilização de calor e de químicos, alterando a cor dos metais. O acabamento também pode ser o resultado de um processo natural: a corrosão. Quando os efeitos da corrosão num metal são apreciados e desejados, como parte da passagem do tempo por um objeto, são chamados de pátina, “uma camada esteticamente agradável que realça o objeto metálico e que não deve ser removida” (Barclay *et al.*, 2021, p. 11).

3.1.4.4 Plástico

Os plásticos são polímeros modificados com aditivos e transformados de líquidos em sólidos através de processos de moldagem. Os materiais que vulgarmente conhecemos como plásticos são polímeros sintéticos ou semissintéticos. Embora os polímeros naturais, materiais como o látex, a goma-laca, a celulose, a borracha natural, sejam utilizados há milénios pelo ser humano, o primeiro polímero semissintético foi desenvolvido no século XIX e os polímeros sintéticos só vieram a ser patenteados e utilizados no século XX.

Os polímeros são substâncias macromoleculares, ou seja, substâncias com um peso molecular elevado, formadas através da repetição de unidades de baixo peso molecular (monómeros), que se unem através de processos de polimerização.

Yvonne Shashoua (2008, p. 22) define um polímero semissintético como um material que é produzido através do tratamento químico de um polímero natural, de modo a manipular as suas propriedades. Os polímeros sintéticos são conseguidos através de processos de polimerização que juntam monómeros de modo a formar macromoléculas. A polimerização pode ser conseguida através de reações de adição ou de condensação.

A polimerização por adição resulta em homopolímeros, ou seja, polímeros conseguidos a partir de um único tipo de monómeros. Os homopolímeros são tipicamente termoplásticos e flexíveis. A termoplaticidade é a capacidade de um plástico poder ser repetidamente amolecido, quando aquecido, e endurecido, quando arrefecido. Deste grupo fazem parte o polietileno, o polipropileno, o poli (metacrilato de metilo), o poliestireno e o poli (cloreto de vinilo), ou PVC (Shashoua, 2008, p. 43).

Já a polimerização por condensação resulta em copolímeros, que são produzidos a partir de mais do que um tipo de monómero. A combinação de monómeros permite a combinação e manipulação das suas propriedades. Os copolímeros são mais frágeis e termoendurecíveis, pelo que são irreversivelmente endurecidos através de calor ou radiação e o seu amolecimento resulta em degradação. Os copolímeros podem ser poliésteres, nylons, policarbonatos, polímeros de formaldeído e epóxis (Shashoua, 2008, p. 49).

Na produção de plásticos, as propriedades físicas e químicas, a longevidade, a estabilidade e o tipo de degradação que pode afetar os materiais são consequências das reações de polimerização, dos aditivos utilizados e dos processos de moldagem utilizados. Os aditivos utilizados podem ser “plastificantes, agentes deslizantes, corantes, absorventes de ultravioletas (U.V.), estabilizadores de calor, antioxidantes e cargas minerais e orgânicas”¹³ (Fenn & Williams, 2018, s.p.). Dependendo do polímero e da aplicação e custo dos aditivos, estes podem ter longevidades distintas, variando entre os 1 e os 50 anos.

Por exemplo, o PVC (cloreto de polivinilo), que se veio a tornar num dos plásticos mais amplamente usados devido à sua versatilidade, pode ser rígido ou flexível, dependendo dos aditivos utilizados na sua produção. A flexibilidade é uma característica do PVC plastificado. Os plásticos plastificados são plásticos que contêm aditivos plastificantes, que lhes concedem maleabilidade e os tornam menos quebradiços. Sem a utilização de

¹³ Tradução livre do original “*plasticizers, slip agents, colourant, ultraviolet (U.V.) absorbers, heat stabilizers, antioxidants, and mineral and organic fillers*”.

quaisquer aditivos, o PVC seria um material frágil e a sua utilização seria praticamente inviável.

Feen e Williams (2018, s.p.) apresentam as borrachas, naturais ou sintéticas, um subtipo de plásticos, por serem elastómeros. Os elastómeros são materiais com propriedades elásticas.

Quanto à transformação dos plásticos de estado líquido para o estado sólido, Yvonne Shashoua (2008, pp. 76-77) apresenta as seguintes técnicas:

A calandragem e a extrusão são utilizadas para produzir películas de plástico. Os plásticos sólidos tridimensionais são formados por moldagem por injeção, extrusão, moldagem por sopro, termoformação, moldagem por rotação, moldagem por compressão, fundição e encapsulamento. O plástico espumado é moldado por injeção, extrusão e moldagem por compressão em combinação com um processo de formação de espuma¹⁴.

3.1.4.5 Vidro

O vidro é caracterizado como um material transparente e rígido, mas frágil e quebradiço, que pode ser utilizado em uma variedade de objetos e formas. Tal como os esmaltes, o vidro é constituído por sílica, estabilizadores, fundentes e pigmentos colorantes (CCI, 2007, s.p.). As matérias-primas habitualmente utilizadas para o vidro incluem o quartzo – a forma de sílica mais comum, que se apresenta como areia ou cristal de rocha (Davison, 2003, p. 1) – óxido de sódio e óxido de potássio que são utilizados como fundentes, óxido de cálcio (cal), como estabilizador e óxidos de metais como o ferro, o cobre, o cobalto e o manganês como colorantes e descolorantes (CCI, 2007, s.p.; Davison, 2003, p. 2 e p. 6). A sílica, o material vitrificante, tem um ponto de fusão bastante elevado e impraticável, de cerca de 1600°C a 1713°C, pelo que é necessário adicionar fundentes à formulação, tal como o óxido de sódio, que reduz o ponto de fusão

¹⁴ Tradução livre do original “Calendering and extrusion are used to make plastic films. Three-dimensional solid plastics are formed by injection moulding, extrusion, blow moulding, thermoforming, rotational moulding, compression moulding, casting and encapsulation. Foamed plastic is shaped using injection, extrusion and compression moulding in combination with a foaming process”.

para cerca de 800°C. Para estabilizar o produto e torná-lo insolúvel na água, é adicionado um estabilizador como a cal (Koob, 2006, p. 11). Koob (2006, p. 11) salienta que a maioria dos vidros é composta por 70% de sílica (SiO_2), 20% de óxido de sódio (Na_2O) e 10% de óxido de cálcio (CaO), sendo que esta formulação base pode sofrer variações com a presença de impurezas, de colorantes e descolorantes.

Este tipo de vidro, criado pelo homem, chamado de vidro de silicato (Davison, 2003, p. 2), é um material inorgânico resultante da fusão das matérias-primas num estado mole, que, quando arrefecido, se torna rígido sem cristalizar, apresentando uma estrutura amorfa. Ou seja, os átomos do vidro estão dispostos aleatoriamente, tal como os átomos de um líquido. Esta estrutura explica a transparência e fragilidade do vidro, tal como a sua deterioração característica.

Ao nível da tecnologia de produção, desenvolvida pelos fenícios e proliferada pelos romanos, surgiu a técnica do sopro do vidro, que permitiu uma revolução na produção vidreira, tornando os objetos de vidro em comodidades acessíveis e comuns (Davison, 2003, p. 23; Hess & Wight, 2005, p. IX). Nesta técnica, a forma do vidro é transformada através do sopro. Uma porção de vidro fundido e maleável é recolhida na extremidade de um tubo de sopro. Soprando-se ar pelo tubo, forma-se uma bolha de ar no interior do vidro. O vidro pode então ser moldado livremente na forma desejada, ao ser rodado, esticado, moldado com ferramentas como pinças e tesouras. Em alternativa, é também possível colocar o vidro insuflado num molde, que lhe atribuirá a forma e as decorações desejadas (Hess & Wight, 2005, p. 7). Em seguida, o vidro é arrefecido gradualmente numa câmara de arrefecimento, que permite que o calor dissipe lentamente e evita que os objetos de vidro se deformem e quebrem por mudanças abruptas de temperatura (Hess & Wight, 2005, pp. 2-3). Esta técnica é aplicada na produção vidreira artesanal e industrial.

Anteriormente à descoberta desta técnica de manipulação, os objetos de vidro eram fabricados por fundição ou moldagem do vidro quente reunido em torno de um núcleo de barro ou de um material vegetal coberto de calcite, que proporcionava a forma interior dos objetos. Após a conformação, os objetos eram também lentamente

arrefecidos numa câmara, e, após o seu arrefecimento, o núcleo era removido por raspagem (Hess & Wight, 2005, p. 18).

3.1.4.6 Papel

O papel foi inventado na China por volta do ano 100 d. C. e foi introduzido na Europa apenas no século XII (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 61). Trata-se de um material produzido a partir de matérias-primas vegetais fibrosas, como a madeira, o algodão e o linho (Guild, 2018, s. p.). O seu processo de produção envolve a transformação das fibras vegetais – que na atualidade são geralmente de celulose – numa polpa, que depois é prensada para aumentar a ligação entre as fibras e formar finas folhas de uma superfície contínua, com as fibras compactadas ou entrelaçadas, como um feltro (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 61; Guild, 2018, s. p.). A polpa é uma suspensão aquosa das fibras, que é derramada sobre uma tela, como uma peneira, por onde a água escorre, com o auxílio da compressão. A restante humidade presente nas folhas é removida por evaporação, e, quando seco, o papel pode ser novamente comprimido, ser revestido ou impregnado de substâncias, dependendo da utilização pretendida (Britt, 1999, s. p.).

Com o aumento da demanda por papel, a partir de 1800, os processos de produção de polpas foram alvo de um desenvolvimento substancial, e a utilização de madeira afirmou-se sobre a utilização do linho e do algodão, permitindo uma produção mais intensa e um produto mais acessível.

Os primeiros papéis de madeira desenvolvidos resultavam da trituração da madeira e continham todos os componentes da mesma, com cerca de 20% de celulose e 80% de outros componentes, como a lignina (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 61). Este papel é de menor qualidade, menos duradouro, mais escuro e o seu uso é limitado.

Alternativamente, desenvolveu-se um método de produção que utiliza substâncias químicas para dissolver as partes indesejadas da madeira, nomeadamente a lignina, produzindo um papel rico em celulose, mais branco, de maior qualidade e durabilidade (Britt, 1999, s. p.; Broeze-Hoernemann, 1998, p. 61).

Segundo Britt (1999, s. p.) o papel composto apenas de fibras de celulose é naturalmente absorvente e necessita de receber um tratamento que reduz a sua

absorção, para que possa ser utilizado em conjunto com tintas aquosas. O tratamento de papel com substâncias que reduzem a sua absorção é chamado de apresto (*sizing*). A partir de meados do século XIX, as polpas passaram a ser tratadas com resina, um derivado do pinheiro, ou alúmen, um sal de alumínio (Britt, 1999, s. p.). Contudo, Broeze-Hoernemann (1998, p. 61) alerta para o facto destes agentes aumentarem os níveis de acidez do papel, o que acelera a sua deterioração. Para criar papéis mais estáveis, de pH neutro ou alcalino, atualmente, são utilizados compostos sintéticos de celulose como agentes que reduzem a absorção do papel (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 61).

Adicionalmente, podem ser adicionados corantes, branqueadores e aditivos, como cargas de argila, óxidos de titânio e carbonato de cálcio para conceder diferentes acabamentos ao papel.

A qualidade e longevidade do papel são ditadas pelas características das fibras e pelo método de produção, sendo que, quanto maiores forem as fibras e o conteúdo de celulose, melhor é o papel (Guild, 2018, s. p.). A celulose é um polímero, composto por unidades de glucose ligadas (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 61; Guild, 2018, s. p.). Os papéis de maior qualidade são feitos de algodão e de linho, seguidos dos papéis feitos a partir da madeira que possuem uma elevada proporção de celulose e um teor de lignina reduzido. A lignina é um componente natural, presente nas paredes celulares das árvores e das plantas, e os papéis que indicam ser livres de lignina apresentam, na verdade, cerca de 1% deste composto (Schrock *et al*, 2016, p. 3).

Guild (2020, s. p.) salienta que os processos de deterioração mais relevantes no papel são a hidrólise ácida, agravada pela humidade e pela presença de ácidos na composição do papel e no ambiente, e a oxidação, acelerada por poluentes, pela luz e por metais. Ambos quebram as cadeias de celulose, enfraquecendo o papel e alterando a sua aparência.

Considerações

A caracterização da coleção de Luís Stoffel, produzida entre 2005 e 2022, aponta para um conjunto diversificado de 77 objetos, organizados em quatro contextos de produção

(espetáculo, moda e eventos, cerimónia e máscaras) e classificados em sete denominações distintas para acessórios utilizados na cabeça: *fascinator*, toucado, acessório de cabeça escultural, chapéu, capeline, cartola e máscara. A distribuição quantitativa das tipologias mostra um predomínio dos *fascinators*.

A quantificação dos materiais presentes na coleção e da sua coexistência num mesmo objeto revela uma coleção mista, composta por combinações de múltiplos materiais num só objeto. O plástico, o têxtil e as penas e plumas são os materiais dominantes e nenhum objeto é constituído apenas por um material.

A identificação dos materiais, a par dos seus processos de deterioração típicos e vulnerabilidades, permite também reconhecer potenciais incompatibilidades entre os materiais (por exemplo, quando um metal oxidado entra em contacto com um tecido e transfere óxidos) e propor soluções de acondicionamento adaptadas às suas características.

A caracterização material esteve dependente da observação macroscópica, das informações presentes no inventário e fornecidas pelo próprio artista. A técnica de observação macroscópica apresenta limitações, pelo que muitos materiais – sobretudo os têxteis, plásticos e metais – não foram identificados ao nível específico da sua composição. Devido à cronologia de produção da coleção, que é contemporânea, presume-se que a maioria dos têxteis não identificados sejam sintéticos, mas não existe uma análise laboratorial que o confirme.

Um outro tipo de observação poderia também auxiliar a identificação de materiais estruturais não visíveis, como arames e reforços internos, que foi limitada e dificultada pela técnica de observação possível.

Contudo e não descurando as limitações significativas, a inspeção dos objetos permitiu identificar omissões de materiais não identificados e erros no inventário. Por exemplo, existem penas registadas como sintéticas, cuja observação revelou serem naturais.

3.2. Avaliação do estado de conservação da coleção

Durante a consulta da documentação associada à coleção de chapéus do *designer* Luís Stoffel e do contacto inicial com os objetos, tornou-se evidente que existia uma disparidade entre o estado de conservação dos mesmos, registado nas fichas de inventário individuais, e o atual estado de conservação da coleção. Surgiu, assim, a necessidade de inspecionar toda a coleção em estudo, de modo a registar danos verificados até ao momento e preencher relatórios individuais. Este processo permitiria averiguar o atual estado de conservação da coleção e identificar tendências de deterioração nos materiais. Para tal, tornou-se necessário elaborar um modelo de documento adaptado às características da coleção e que albergasse estes registos individuais, assim como uma escala que permitisse qualificar o estado de conservação de cada objeto de forma adequada.

3.2.1. Relatórios de verificação de estado de conservação ou *condition reports* e escalas de estado de conservação

Um relatório de estado de conservação, ou *condition report*, é um documento que permite registar e avaliar o estado de conservação de um objeto, identificando danos, causas de deterioração e, eventualmente, diagnosticar tendências ao longo do tempo. Partindo dos danos introduzidos num *condition report*, que detalham o estado de conservação de cada objeto, é possível gerar análises quantitativas e estatísticas sobre o estado de conservação de uma coleção.

A partir de um relatório de estado de conservação, é igualmente possível identificar os fatores que causaram os danos e, em articulação com estudos sobre os agentes de deterioração, é possível prever alterações futuras, a vulnerabilidade e a estabilidade dos objetos.

Esta documentação deve ser criada para cada objeto aquando da sua incorporação e ser atualizada com alguma frequência, permitindo monitorizar o estado do objeto, identificar tendências de deterioração e vulnerabilidades, para colocar em ação medidas de conservação adequadas e atempadas. Contudo, por falta de recursos, esta prática não se estabelece em todas as instituições museológicas e os *condition reports*, muitas

vezes, só são criados ou atualizados quando os objetos são integrados em exposições externas, por motivo de monitorização dos danos durante o seu transporte.

O preenchimento de relatórios de estado de conservação aquando da entrada de um objeto na instituição ainda não é um procedimento sistemático no Museu da Chapelaria, o que se verifica na ausência deste tipo de documentação para a coleção de Luís Stoffel. Contudo, verifica-se a existência de uma Ficha de Verificação Coletiva para a coleção, preenchida a 14 de abril de 2022, que teve como propósito a preparação da exposição temporária “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria”. Neste documento, existe um registo das imagens identificativas das peças da coleção, do seu título, materiais e estado de conservação. Apesar da existência de um campo destinado ao registo do estado de conservação, o mesmo encontra-se em branco para a maioria dos objetos, à exceção do registo de danos em 4 *fascimators*. Após um contacto inicial da coleção durante o período do estágio, verificou-se que os danos presentes na coleção seriam significativamente mais extensos do que os registados, o que se veio a confirmar durante o processo de verificação individual da coleção.

Assim, concluiu-se que a Ficha de Verificação Coletiva, tal como a sua denominação indica, foi fruto de uma inspeção mais ligeira e generalizada, que não permitiu verificar detalhes. Tornou-se evidente a necessidade de criar relatórios de estado de conservação individualizados e adaptados às características da coleção, cujo preenchimento seria o fruto de uma inspeção mais minuciosa.

Os relatórios de verificação de estado de conservação, ou *condition reports*, permitem recolher e analisar dados sobre o estado de conservação de objetos e coleções (Keene, 2002, p. 141). Estes dados permitem verificar se as instituições museológicas estão a cumprir adequadamente o seu papel de preservar os bens patrimoniais ao seu cuidado e que partes de uma coleção necessitam de mais atenção e são mais vulneráveis (Keene, 2002, p. 139).

A elaboração de um modelo de relatório de verificação de estado de conservação para a coleção de Luís Stoffel teve por base a categorização de Keene (2002). A autora apresenta setenta e sete termos utilizados para descrever danos em múltiplos materiais,

e divide-os em oito categorias: Danos estruturais maiores; Danos estruturais menores; Danos superficiais; Desfiguração; Danos químicos; Danos biológicos; Depósitos; Intervenções anteriores (Keene, 2002, pp. 144-146). A categorização de Keene (2002) e os termos por ela apresentados vão ao encontro do objetivo de classificar os danos, a par do estado de conservação, “de forma normalizada, aplicável a todos os tipos de coleções”¹⁵ (p. 139). Este modelo foi implementado no V&A.

Os *condition reports* devem também conter informações administrativas para auxiliar a identificação dos objetos sobre os quais os relatórios incidem. Algumas informações importantes a incluir nestes documentos são o número de inventário, a localização, a denominação, a descrição, os materiais e a época de produção do objeto.

Para cada uma das categorias, a categorização de Keene (2002) dispõe de uma lista de termos apropriados para descrever os respetivos danos em diferentes materiais e tipologias de objetos, desde têxteis, vidros, metais, papel, entre outros. Para a seleção dos termos descritivos dos danos adaptados a cada um dos materiais da coleção em estudo, foram consultadas, para além de Keene (2002), outras fontes, nomeadamente as Normas de Inventário Gerais (Pinho & Freitas, 2000, p. 55) as Normas de Inventário para Têxteis (Alarcão & Pereira, 2000, p. 35), o *Preservation Glossary* (Schindler, 2022), o modelo de *condition report* para objetos de plástico e a lista de termos para degradação de plásticos, ambos elaborados no âmbito do projeto *POPART: Preservation Of Plastic ARTefacts in museum collections* (s.d.).

Para complementar a informação apresentada no questionário estruturado em categorias e tipos de danos, considerou-se necessário acrescentar um campo em que se atribui um estado de conservação ao objeto segundo uma escala, outro em que se descreve detalhadamente o estado de conservação, um espaço que se destina à introdução de imagens dos danos identificados, um campo para deixar recomendações de intervenções de conservação e um último, para registar demais observações.

¹⁵ Tradução livre do original “*Condition and damage can be categorized in standard ways that can apply to all types of collection*”.

A este questionário, destinado a averiguar os tipos de danos e deterioração que afetam os objetos de forma individual, foram acrescentados outros campos identificativos, como a sua denominação, tipologia, número de inventário, descrição, imagem identificativa, ano de produção, autor, dimensões e materiais.

Para estabelecer uma escala de estado de conservação, partiu-se da escala apresentada nas Normas Gerais de Inventário publicadas pelo Instituto Português de Museus (Pinho & Freitas, 2000), por se considerar que podia ser um exemplo representativo das escalas adotadas nos museus portugueses. Este documento apresenta a escala adotada pelo então Programa *Matriz*, representada na Tabela 2.

Tabela 2- Escala de estado de conservação apresentada pelo IPM (Pinho & Freitas, 2000, p. 55).

Muito Bom	Peça em perfeito estado de conservação.
Bom	Peça sem problemas de conservação (materiais estabilizados) mas que pode apresentar alguma(s) lacuna(s) e/ou falha(s).
Regular	Peça que apresenta lacuna(s) e/ou falha(s) e que necessita de intervenções de conservação e/ou restauro.
Deficiente	Peça em que é urgente intervir.
Mau	Peça muito mutilada que apresenta graves problemas de conservação.

Fonte: Pinho & Freitas (2000, p. 55).

Para estabelecer comparações, foi também consultada a escala definida por Suzanne Keene (2002), representada na Tabela 3.

Tabela 3- Escala de estado de conservação apresentada por Suzanne Keene (2002, p. 146).

Bom	Objeto que no contexto da sua coleção está em boas condições de conservação, ou está estável.
Razoável	Condição aceitável, desfigurado ou danificado, mas estável. Não necessita de uma ação imediata.
Fraco	Condição fraca, e/ou de uso restrito, e/ou provavelmente instável, ação desejável.
Inaceitável	Condição completamente inaceitável, e/ou severamente enfraquecido, e/ou altamente instável e em deterioração ativa, e/ou a afetar outros objetos: deve ser tomada uma ação imediata.

Fonte: Keene (2002, p. 146).

A diferença mais evidente entre as duas escalas é a diferença de níveis entre ambas – a escala do IPM (Pinho & Freitas, 2000) apresenta cinco níveis, enquanto a de Keene (2002) é mais reduzida, com quatro.

Keene (2002, p. 148) justifica a sua opção de estabelecer quatro níveis de estado de conservação com uma reflexão crítica. Uma escala com três níveis pode ser insuficiente, pois os níveis são muito abrangentes e não discriminam o bastante, não permitindo distinguir, devidamente, o estado de conservação dos objetos de uma coleção. Acresce-se a possibilidade da maioria dos objetos estar em níveis intermédios. Sobre uma escala com cinco níveis, aplica também a crítica da maioria dos objetos se poder encontrar sobre os dois níveis intermédios.

Após a consulta e comparação das duas escalas anteriores, foi estabelecida uma escala para a coleção de chapéus de Luís Stoffel (Tabela 4), que se considera suficientemente discriminada para responder às suas características.

Tabela 4- Escala de estado de conservação elaborada para a coleção de chapéus de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.

Muito Bom	Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro.
Regular	Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro.
Fraco	Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro.
Mau	Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

Fonte: Pinho & Freitas (2000, p. 55); Keene (2002, p. 146).

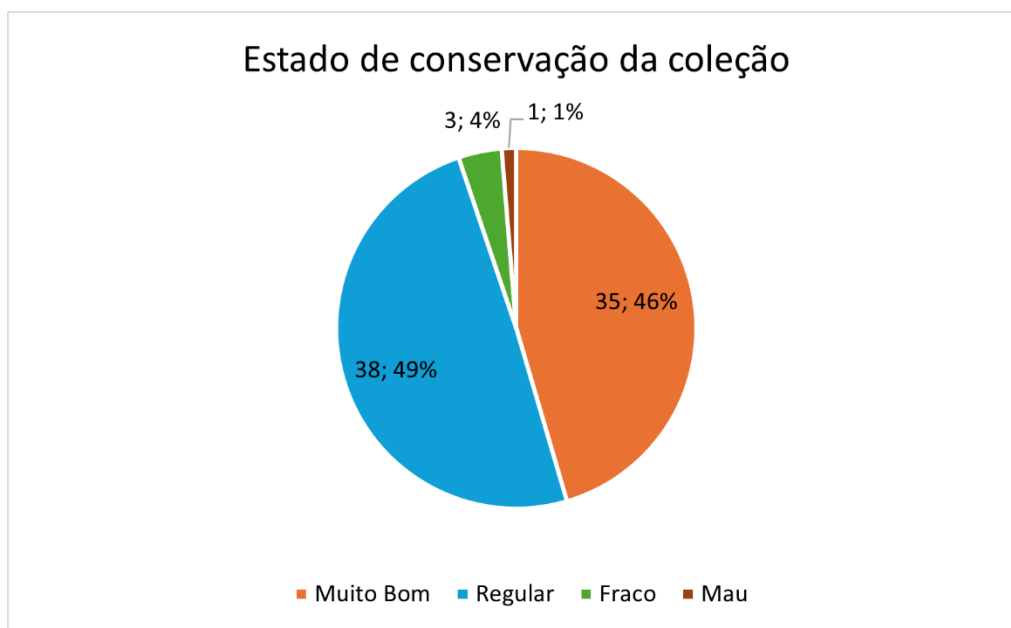
Devido à contemporaneidade da coleção e à existência de múltiplos chapéus sem danos visíveis, optou-se por estabelecer uma escala com quatro níveis. Estes chapéus, sem qualquer dano, sublinharam a necessidade de estabelecer um nível para objetos em muito bom estado de conservação, distinguindo-os dos demais, em particular daqueles que estão em bom estado de conservação, mas que apresentam algum tipo de falha, mesmo que ligeira, posicionando-os num patamar regular relativamente à generalidade da coleção. O fraco estado de conservação destina-se aos objetos da coleção que podem estar instáveis, devendo permanecer sob uma observação mais atenta, e cujo uso é limitado pela sua fragilidade. O nível do mau estado de conservação destina-se aos objetos mais instáveis e em deterioração ativa, que podem colocar em risco outros objetos e necessitam urgentemente de uma intervenção de conservação que interrompa os processos de deterioração. Uma escala com quatro níveis permitiu discriminar detalhadamente o estado de conservação da coleção e adaptou-se às características da mesma.

3.2.2. Análise dos dados

Após a análise dos dados, como representado no Gráfico 4, verificou-se que 46% da coleção se encontra em Muito Bom estado de conservação, 49% em estado Regular, 4% em Fraco estado de conservação e 1% em Mau estado de conservação. É de ressaltar que, dos 35 objetos que se encontram em Muito Bom estado de conservação, 4 apresentam deposição de partículas de pó. Contudo, por se tratar de uma leve camada, pouco significativa e visível, que pode ainda ser facilmente removida e que não se encontra a causar danos adicionais, considerou-se que estes se enquadram no estado de conservação elegido.

Verifica-se que os objetos estão mais distribuídos entre os dois primeiros níveis da escala. A maior parte da coleção (95%) encontra-se em estado de conservação Muito Bom (46%) e Regular (49%), sendo que o estado Regular tem uma frequência ligeiramente maior. Existem 3 objetos em Fraco estado de conservação, representando 4% da coleção e 1 objeto em Mau estado de conservação, representando apenas 1%.

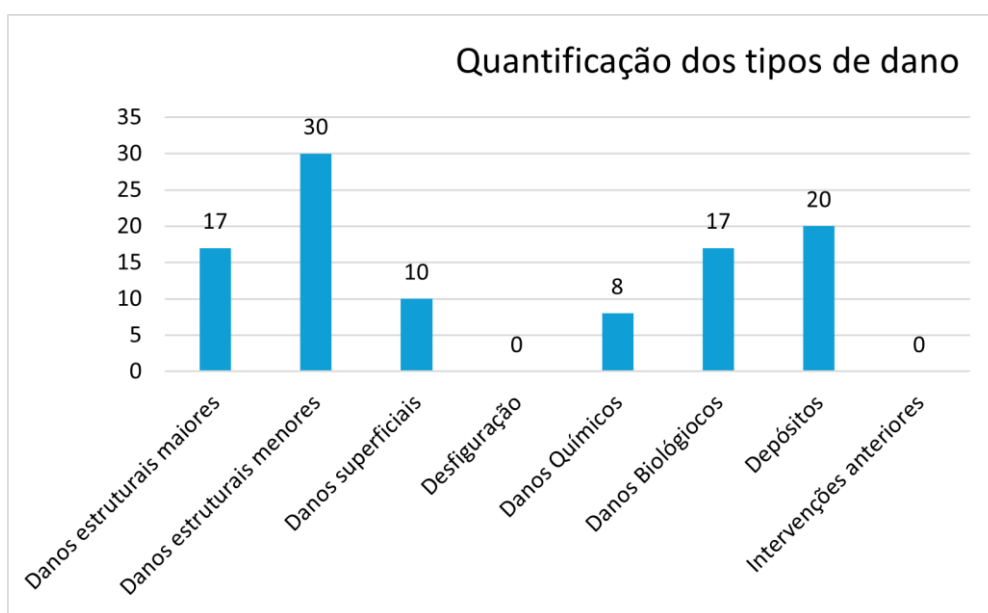
Figura 25- Estado de conservação da coleção. © Inês Batista, 2025.



Segundo o modelo empregue, foi também possível quantificar os tipos de dano que afetam a coleção de chapéus de Luís Stoffel (Gráfico 5). Esta quantificação não aponta o número de vezes que determinados danos foram observados, mas sim quantos objetos apresentam esses mesmos danos.

Os danos mais incidentes são os danos estruturais menores, que estão presentes em 30 objetos. Estes danos, na maioria deformações, são, sobretudo, causados por um acondicionamento inadequado. Outros danos estruturais menores, como pequenas lacunas e orifícios, são coincidentes com os danos de origem biológica presentes em 17 objetos, que foram inteiramente causados por insetos (traças-das-roupas). Nos 20 objetos em que se verificam depósitos, 19 apresentam uma ligeira camada de pó depositado na sua superfície e 1 apresenta gordura. Os danos estruturais maiores dizem respeito a fraturas em penas, concretamente nos seus raques, elementos separados, elementos em falta e elementos frágeis. Os danos superficiais verificados em 10 objetos consistem sobretudo em manchas, mas também se verificam abrasão e descoloração. Os danos químicos referem-se, na sua maioria, à corrosão de elementos metálicos e, ocasionalmente, amarelecimento de papel. Não se verificam desfigurações nem intervenções anteriores.

Figura 26- Quantificação dos tipos de danos presentes na coleção de chapéus do designer Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Considerações

O modelo criado mostrou-se aplicável a uma coleção como a de Luís Stoffel, que apresenta uma variedade de materiais, pelo que se considera que o mesmo seja também aplicável a toda a extensão da coleção de chapéus do Museu da Chapelaria. Contudo, não se exclui a necessidade de o modelo necessitar de uma revisão crítica e eventuais adaptações. Embora exista em cada categoria um campo destinado a “outras” patologias, é recomendável que, ao aplicar o modelo a demais objetos do acervo do museu, se verifique a ausência de qualquer patologia, se atualize o modelo, adicionando a patologia em falta.

O modelo de relatório de verificação de estado de conservação adotado detém um elevado carácter prático, intuitivo e baseia-se numa categorização adotada internacionalmente e em terminologia normalizada. Contudo, considera-se que não se adaptou em todos os aspetos à realidade da coleção de Luís Stoffel. A falha manifestou-se no caso das fraturas nas penas, um tipo de dano categorizado como dano estrutural maior, mas que, na maioria das vezes, não se manifesta como um dano visualmente e estruturalmente significativo e não ameaça a integridade dos objetos. Assim sendo, este tipo de dano deveria ser incorporado também nos danos estruturais menores, acrescentando uma distinção entre as duas categorias na dimensão do dano.

Observa-se que a divisão dos danos em categorias nem sempre é apropriada, dado que o mesmo dano pode ser registado em mais do que uma categoria em simultâneo quando estes se relacionam entre si, como é o exemplo dos danos por infestações de insetos, que se manifestam, por exemplo, como lacunas, algumas em forma de orifícios,

Considera-se, ainda, que a análise quantitativa das categorias dos danos que foi efetuada foi limitadora, pois não permitiu quantificar as patologias e danos específicos, dentro das categorias.

Devido à irregularidade das formas dos chapéus da coleção, não foi possível elaborar um mapeamento dos danos nos *condition reports*, o que poderá dificultar uma inspeção futura e a comparação dos danos ao longo do tempo. Esta falha pode, no entanto, ser colmatada pela inclusão de registos fotográficos dos danos, que se considera essencial.

Partindo da inspeção da coleção, foi possível delinear várias conclusões sobre o seu estado de conservação. Alguns dos danos não terão necessariamente ocorrido após a verificação coletiva da coleção e a sua presença terá escapado à inspeção que resultou na Ficha de Verificação Coletiva da coleção. Por exemplo, a ausência de alguns elementos decorativos, como pedraria de plástico que terá perdido a sua fixação, poderá ter ocorrido previamente à incorporação da coleção, considerando que estes elementos em falta não foram encontrados nos locais de acondicionamento dos objetos, nem existe um registo de terem sido encontrados anteriormente no museu. A presença de produtos de corrosão em alguns elementos metálicos poderá também ser um dano prévio, fundamentado pelas condições ambientais não controladas em que os objetos se encontravam acondicionados antes da sua incorporação na coleção do Museu da Chapelaria. Não obstante, a corrosão poderá ter permanecido ativa após a incorporação da coleção, considerando que não existe um sistema de climatização no museu que mantenha os valores ambientais estáveis e que a HR pode atingir valores pouco apropriados à conservação dos metais.

Outros danos, como as fraturas das penas, dobras e deformações, poderão ter ocorrido durante a sua utilização anterior à musealização dos objetos, mas também, em alguns casos, devido ao seu acondicionamento inadequado, tanto antes, como após, a incorporação da coleção.

Existem evidências de que os danos biológicos pela espécie (traças-das-roupas) terão ocorrido já após a incorporação da coleção. Evidências tais como a presença de traças vivas na sala da reserva em que se encontra a coleção, traças mortas nas prateleiras, serrim, teias, ovos, larvas e/ou traças mortas em múltiplos elementos da coleção, um foco de infestação ativa no interior de duas caixas que acondicionavam vários objetos e a presença de um foco de infestação muito desenvolvido que veio a ser encontrado pela gestora da coleção em dois objetos do acervo do Museu da Chapelaria, embora estes não pertençam à coleção em estudo.

Tal como foi referido anteriormente, os objetos da coleção em estado de conservação Muito Bom, não apresentam qualquer dano, à exceção de alguns casos, em que se verifica a deposição de pó, num estado reversível e que não acrescenta danos.

Aqueles em Regular estado de conservação apresentam danos pouco significativos, que não interferem nas características estéticas e na integridade estrutural dos objetos, podendo ser recomendável que se realizem intervenções simples, maioritariamente colagens nos pontos de fixação de penas e elementos decorativos que se encontram soltos e separados.

Os objetos em Fraco estado de conservação têm as penas fragilizadas devido a infestações por traças-das-roupas, pelo que o seu uso deve ser restrito. Embora pareça que se tenha alcançado a sua estabilidade através das ações de conservação descritas adiante, no subcapítulo “Outras ações de conservação realizadas”, os objetos em Fraco estado de conservação devem ser mantidos sob uma observação regular. Havendo novas suspeitas de que as infestações podem continuar ativas, é necessária a desinfestação dos objetos.

O objeto em Mau estado de conservação apresenta uma fragilização generalizada, tornando o seu manuseamento numa ação arriscada e verificam-se detritos fecais de larva de traça-das-roupas pela sua superfície. Existe suspeita de uma infestação ativa, uma vez que os danos nas penas são generalizados, que não foi possível limpar de forma mecânica o objeto devido à sua elevada fragilidade e que foram encontradas uma traça adulta morta e uma pupa no interior do saco de plástico onde o objeto foi temporariamente acondicionado. É provável que a infestação presente neste objeto tenha afetado outros e que possa continuar a afetar se a mesma não for devidamente controlada

Confirmou-se, na consulta do inventário da coleção de Luís Stoffel, que todos os objetos da mesma se encontram inventariados como estando no primeiro nível numa escala do estado de conservação de sete níveis, ou seja, se encontravam no melhor estado de conservação possível dentro da escala. Para além desta escala, definida pela base de dados, ser excessivamente extensa, verifica-se que o estado de conservação dos objetos, aqui registado, não corresponde à realidade atual e que carece de atualização. Fazendo um exercício de equivalência entre a escala elaborada para a coleção e a escala adotada pelo Museu da Chapelaria, verifica-se uma descida do estado de conservação de parte da coleção para níveis inferiores.

Todavia, pelos mesmos motivos supramencionados, é de ponderar que este registo não tenha sido efetuado de forma fidedigna no momento da inventariação. Portanto, a alteração no estado de conservação de alguns objetos nem sempre deverá corresponder a um agravamento que ocorreu após a entrada da coleção no Museu da Chapelaria.

Não obstante, e embora a coleção se encontre maioritariamente entre o estado de conservação Muito Bom e Regular, é possível deduzir que os objetos que apresentam danos de origem biológica sofreram de uma rápida deterioração entre 2022, quando a coleção foi incorporada no museu, e 2024, quando se iniciou o processo de inspeção da coleção.

3.3. Identificação e estudo dos principais agentes de deterioração

Devido à sua natureza orgânica, as coleções de objetos têxteis são frágeis e vulneráveis. Para a sua conservação, é essencial o estabelecimento de medidas preventivas para o controlo de agentes de deterioração. O *Canadian Conservation Institute* (2013) enumera as radiações eletromagnéticas, as condições termohigrométricas incorretas, as pragas, forças físicas e poluentes como agentes de deterioração mais relevantes que afetam os têxteis.

No âmbito do presente relatório, serão identificados e estudados os agentes de deterioração sobre os quais surgiram evidências durante o período de estágio – e particularmente no processo de inspeção da coleção do *designer* Luís Stoffel – que terão sido causadores de danos. Assim, os agentes de deterioração identificados foram as condições termohigrométricas incorretas, as radiações eletromagnéticas, as pragas, as forças físicas e os poluentes.

3.3.1. Condições incorretas de temperatura e humidade relativa

A HR presente no ambiente pode ser um agente de dano para os objetos em museus, se não se adequar às suas necessidades. Dependendo das características dos materiais, níveis de HR excessivos podem estimular infeções microbiológicas fúngicas, como o crescimento de bolor, e a corrosão dos metais. Ao contrário, níveis reduzidos são

responsáveis por danos físicos, como a deformação e fissuração de materiais higroscópicos.

O ar tem a capacidade de reter moléculas de água na forma de vapor, que é diferente em função da temperatura.

A quantidade de vapor de água presente no ar mede-se através da escala da humidade absoluta (g/m^3), que representa a quantidade de água (g) presente num volume de ar (m^3).

O nível de HR é calculado através da seguinte equação (Thomson, 1986, p. 68):

$$HR = \frac{\text{quantidade de água num volume de ar}}{\text{quantidade máxima de água que o ar consegue absorver a uma determinada temperatura}} \times 100\%$$

Segundo Thomson (1986, p. 82) e Landi (1985, p. 15) podem dar-se três tipos de deterioração por interação da humidade: “mudanças no tamanho e na forma”; “reações químicas” e “biodeterioração”.

A higroscopia é a capacidade de os materiais absorverem vapor de água do meio ambiente para o interior da sua estrutura. A madeira, o tecido, o papel, a pele, o pelo e as penas são alguns exemplos de materiais higroscópicos que se fazem representar nas coleções museológicas. As dimensões dos materiais são, então, alteradas, podendo expandir quando a HR aumenta e os materiais a absorvem, e contrair, quando a HR diminui e eles a libertam, correspondendo então ao primeiro tipo de deterioração apontado por Thomson (1986) e Landi (1985). Estas alterações podem causar danos na estrutura dos materiais, que podem ser mais significativos quando as variações termohigrométricas são frequentes, pois os materiais não conseguem acompanhar as constantes alterações dimensionais sem que ocorram danos. Se a HR atingir valores muito reduzidos, os têxteis podem tornar-se extremamente secos e as suas fibras perdem flexibilidade e resistência física (Landi, 1985, p. 15).

Temperaturas elevadas podem também causar expansão em materiais higroscópicos, mas estas alterações, quando causadas pela temperatura (T), são inferiores e menos relevantes do que quando causadas por HR (Thomson, 1986, p. 68). Nos têxteis, os

danos causados pelo calor incluem o enfraquecimento das fibras e uma descoloração acastanhada, para além de que o calor é um catalisador das reações químicas, acelerando os processos de deterioração (Bishop Museum, 1996, p. 3; Michalski, 1998, p. 13).

As reações químicas podem, por exemplo, manifestar-se na corrosão dos metais, no desvanecimento das cores e no enfraquecimento do papel e dos têxteis (Thomson, 1986, p. 84). O Canadian Conservation Institute (2013, s.p.) indica que, a cada aumento de 5° C, estima-se que a velocidade de degradação química dos têxteis duplique e que o tempo de vida estimado do objeto se reduza a metade.

As temperaturas elevadas beneficiam também a reprodução e desenvolvimento dos insetos, sendo um fator ambiental propiciador de infestações.

Embora as temperaturas reduzidas beneficiem a conservação dos têxteis, inibindo o desenvolvimento de reações químicas e de infestações, em locais em que as variações de temperatura e HR não são controladas, as temperaturas reduzidas podem causar um aumento da HR. O Canadian Conservation Institute (2013, s.p.) aponta para duas situações em que temperaturas reduzidas tipicamente causam um aumento da HR:

- 1. todo o espaço sofre uma queda súbita de temperatura, por exemplo, uma casa mal isolada sofre uma tarde quente e húmida seguida de uma noite fria; ou*
- 2. os têxteis são armazenados em armários encostados a uma parede exterior fria, como uma cave no verão ou um rés-do-chão no inverno¹⁶.*

Os metais têm sempre preferência por ambientes com níveis de HR baixos e, geralmente, os limites de HR mínimos considerados para outros materiais e aplicados nos museus, são os limites máximos adequados para os metais – cerca de 40 a 45% HR

¹⁶ Tradução livre do original “1. the whole space experiences a sudden temperature drop, for example, a poorly insulated house experiences a warm humid afternoon followed by a cold snap at night; or 2. textiles are stored in cabinets pushed against a cold exterior wall, such as a basement in summer, or a ground floor in winter”.

para metais instáveis e de baixa qualidade e até 55% HR para metais estáveis, segundo Garry Thomson (1986, p. 84).

A água, em estado líquido ou gasoso, é o maior agente de deterioração do vidro. A água pode ser atraída para os vidros pelos componentes higroscópicos que os compõem e pela sujidade depositada na sua superfície (Ohern & McHugh, 2014, p. 207). A deterioração dos objetos de vidro pode manifestar-se na sua dissolução, sob a forma de formação de gotículas de líquido na sua superfície, um fenómeno chamado de vidro lacrimejante ou suado (*weeping* ou *sweating*) ou de uma rede de microfissuras (*crizzling*), ambos causados por uma formulação incorreta e exacerbados pela flutuação da HR (CCI, 2007, p. 5).

Os níveis de temperatura e HR também são relevantes na deterioração do papel. O aumento da HR influencia as reações de acidificação do papel (Guild, 2020, s. p.) e as temperaturas elevadas aceleram qualquer deterioração química. Adicionalmente, as variações de HR podem causar danos, como expansão do papel e deformações suaves em forma de ondulação ou rugas, que ocorrem quando os níveis de HR são demasiado elevados, ou tornar o papel frágil e quebradiço, quando a HR atinge níveis muito reduzidos (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63).

O desvanecimento das cores e o enfraquecimento dos materiais têxteis, danos causados pelo calor e pelas radiações eletromagnéticas, que serão discutidos adiante, são acelerados e agravados por níveis de HR elevados.

A biodeterioração manifesta-se através do surgimento de infestações (macrorganismos) e infeções (microrganismos). Níveis de HR a partir dos 70% causam o crescimento de bolor e, no geral, níveis de HR elevados favorecem o desenvolvimento dos insetos e dos seus ciclos de vida. Materiais húmidos e com sujidade tornam-se alvos do desenvolvimento e alimentação dos organismos. O bolor pode danificar os têxteis, deixando manchas pretas, brancas, cinzentas ou verdes. Têxteis contaminados com bolor podem tornar-se mais ácidos (Landi, 1985, p. 15).

Michalski (1998, p. 10), aponta que os níveis de temperatura e HR ideais para a categoria de objetos decorativos e de belas-artes, na qual inclui os têxteis, se encontram nos 21

°C e 50% de HR, enquanto Sheila Landi (1985, p. 196) indica o valor de 55% de HR. Para evitar danos e manter a estabilidade dos materiais, é também importante manter os valores mais ou menos estáveis, com variações que rondam 1 °C de temperatura (Michalski, 1998, p. 10) e 5 pontos percentuais de HR (Michalski, 1998, p. 10; Landi, 1985, p. 196).

Em relação aos têxteis de fibras sintéticas, são apontados valores máximos de 50 a 55% de HR e de 20 °C a 22 °C, para a sua conservação adequada (NPS, 2002, p. 3).

Em materiais queratinosos, dos quais fazem parte as penas, a presença de água e humidade relativa em excesso pode causar expansão, distorção e deterioração dos materiais e promover o desenvolvimento de infestações microbiológicas, nomeadamente o crescimento de bolor. Níveis de HR superiores a 65/70%, se assim forem mantidos por longos períodos, podem promover o crescimento de bolor nas superfícies. A contínua HR elevada acelera a hidrólise ácida das penas, que causa a sua decomposição (Bishop Museum, 1996, p. 3). Níveis de HR excessivamente reduzidos são também prejudiciais. Segundo o *Art Conservation Handout* do Museu de Bishop (1996, p. 3), intitulado *The Care of Feathers*, a níveis inferiores a 35% de HR, as penas tornam-se bastante secas e as suas barbas quebradiças ao toque.

As temperaturas elevadas podem também desidratar os materiais queratinosos, destruir a estrutura da queratina, provocando contração e fissuração, acrescentando a catalisação das reações químicas de deterioração, que podem causar outros tipos de danos. Em situações em que se verifiquem tanto temperaturas como níveis de HR elevados, a queratina pode degradar-se, resultando em deformações e fissuras nos materiais (Minnesota Historical Society, s.d., p. 4).

De um modo geral, os limites máximos e mínimos para a HR considerados aceitáveis rondam 65% e 40%, respetivamente. No entanto, estes valores podem não se adequar à conservação de todo o tipo de coleções museológicas. É essencial compreender as necessidades e comportamentos específicos de cada material e adaptar os valores. Tendo em conta a natureza heterogénea de muitos objetos de museus, tanto a nível dos materiais como das técnicas, esta tarefa dificilmente será clara e simples. Embora nem

sempre seja possível estabelecer, ou mesmo manter, valores ideais para todas as coleções, é prioritário mantê-los estáveis, sem variações significativas e constantes.

Para evitar flutuações de temperatura e HR, deve evitar-se o acondicionamento de bens culturais vulneráveis a estes elementos sob saídas de ventilação, junto a janelas e portas com ligação ao exterior, aquecedores, radiadores, ar condicionado, tubagens quentes e lâmpadas incandescentes (Minnesota Historical Society, s.d., p. 5).

3.3.1.1 Temperatura e humidade relativa no contexto da coleção de Luís Stoffel

No Museu da Chapelaria e nos espaços da Reserva 2, a monitorização dos valores de temperatura e HR é feita através de um sistema de recolha e acumulação de dados, um *datalogger*. O equipamento utilizado é o *EasyLog EL-SIE-2+*, um dispositivo móvel que mede a temperatura e a HR, apresenta os valores obtidos no momento num pequeno ecrã e armazena os dados das leituras, cujo *download* pode ser feito ao conectar o equipamento a um computador através de um cabo USB. Os dados podem também ser carregados para a nuvem *EasyLog Cloud*, permitindo a sua visualização em gráficos.

A conservadora-restauradora e gestora de coleções do Museu da Chapelaria, Diana Tavares, estabeleceu valores máximos e mínimos aceitáveis, tanto para a temperatura, como para a HR. Ao nível da temperatura, encontra-se estipulado que os valores devem estar entre os 10°C e os 27°C e que os valores de HR devem estar entre os 35% e os 65%.

Optou-se por consultar os dados do *datalogger* colocado em maior proximidade com a coleção do *designer* Luís Stoffel, do período entre 12 de fevereiro de 2023 (quando foram adquiridos os equipamentos) e 22 de outubro de 2024 (o dia, no período inicial do estágio curricular, em que os dados foram descarregados). Considera-se que a consulta dos dados recolhidos dentro do referido período proporcionaria uma visão completa das condições de T e HR a que a coleção em estudo esteve exposta durante o seu tempo de permanência em reserva. Para além da consulta dos gráficos concedidos pelo *EasyLog Cloud* (Anexo 3), apontaram-se os valores máximos e mínimos que a HR e a T atingiram em cada mês (Apêndice 16).

Após a consulta dos dados, constatou-se que, apenas durante os meses de abril de 2023 e fevereiro e março de 2024, se verificaram valores de T e HR que respeitam os limites

estabelecidos. Contudo, em abril de 2024, o valor máximo de HR registado (64.6%) aproximou-se bastante do limite máximo (65%).

Durante 2023, todos os valores registados para a temperatura estiveram dentro do intervalo estipulado. Contudo, a HR violou o limite mínimo em fevereiro e março e atingiu ou excedeu o limite máximo de maio a dezembro. Nos meses de agosto, setembro e outubro, todos os valores de HR registados, incluindo os mínimos, excederam valores superiores ao limite de 65%. A maior amplitude de temperatura registada durante um mês foi em dezembro (8.56°C) e de HR foi em março (27,9%), seguido de novembro (25.5%) e maio (25.1%).

No ano de 2024, verificou-se em agosto uma temperatura que excedeu o limite máximo estabelecido, atingindo os 27.65 °C. A HR excedeu o limite de 65% nos valores máximos registados em quase todos os meses de 2024, exceto fevereiro e março. Os meses de 2024 com maior amplitude de temperatura foram julho (4.91 °C), agosto (4.41 °C) e setembro (3.75 °C). Quanto à HR, as maiores amplitudes registadas no período de um mês foram em setembro (22.1%), abril (20.4%), junho (18.9%) e maio (18.8%).

Uma HR superior a 65% promove o crescimento de fungos, a corrosão dos metais e a deterioração química dos materiais. Os valores de HR foram especialmente críticos em agosto, setembro e outubro de 2023, pois estes mantiveram-se sempre acima do limite de 65%, indicando uma exposição prolongada à humidade excessiva.

Os valores de HR inferiores a 35%, que se verificaram em fevereiro e março de 2024, também são prejudiciais por promoverem o ressecamento e a fragilização dos materiais orgânicos, como o têxtil, o papel e as penas que compõem a coleção.

Os valores para a temperatura e HR registados na Reserva 2 são altamente propícios ao desenvolvimento da *Tineola bisselliella*, especialmente quando a HR atinge valores superiores a 65% e as temperaturas rondam os 20 °C, acelerando o seu ciclo biológico.

A unidade de tratamento do ar (UTA) do sistema de climatização AVAC que abrange a área da Reserva 2 permaneceu desligada durante o período em que decorreu o estágio curricular, apontando para uma falta de controlo ambiental.

Existem registos em que, durante o verão de 2023, se verificou uma queda de água num dos equipamentos do sistema de climatização instalados no espaço da Reserva 2. Este fenómeno, para além de significar um risco de inundação, influencia negativamente os níveis de HR.

Verificam-se sinais de uma infiltração numa parede que poderá ser uma fonte de humidade na Reserva 2 e existe ainda uma abertura no topo da porta de entrada para a Reserva 2 que reduz a estanquicidade do espaço e pode dificultar o controlo ambiental (Figura 22 e 23).

Figura 27- Sinais de infiltração numa parede da Reserva 2. © Inês Batista, 2025.

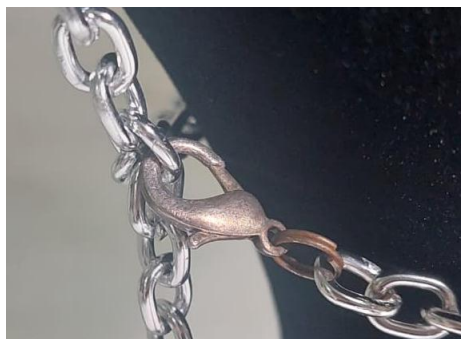


Figura 28- Abertura no topo da porta de entrada da Reserva 2. © Inês Batista, 2025.



Os danos que são diretamente causados por níveis de T e HR inadequados que se verificam na coleção de Luís Stoffel são a corrosão dos metais (Figura 24 e 25). Não se verificam danos por infeções microbiológicas (fungos) ou infeções microbiológicas ativas, contudo, o risco está presente devido à exposição prolongada da coleção a níveis de HR iguais ou superiores a 65%.

**Figura 29- Corrosão do metal na Máscara
“Gótico Medieval I”. © Inês Batista, 2025.**



**Figura 30- Corrosão do metal na Máscara
“Gótico Medieval I”. © Inês Batista, 2025.**



3.3.2. Radiação eletromagnética

Os danos causados pelas radiações eletromagnéticas, visíveis e invisíveis, são cumulativos e irreversíveis. A exposição dos bens culturais a níveis elevados de radiação eletromagnética pode provocar a alteração e desvanecimento das cores dos materiais, para além de degradar a queratina. As radiações podem induzir danos quando a energia luminosa é absorvida pelos materiais e quebra de ligações moleculares, resultando em alterações colorimétricas, como o desvanecimento e o amarelecimento das cores, assim como na fragilização dos materiais. A incidência de luz sobre os metais torna os átomos dos metais mais reativos e o calor acelera a velocidade de reação da oxidação.

De um modo generalizado, a radiação visível (luz) provoca desvanecimento de cores, a radiação ultravioleta (UV) provoca o amarelecimento, enfraquecimento e desintegração dos materiais e a radiação infravermelho (IV) aquece as superfícies dos materiais, podendo causar os danos decorrentes de uma temperatura desadequada (Michalski, 2018, s.p.).

A radiação UV constituiu um agente de dano de consequências mais agravadas. É capaz de enfraquecer as fibras têxteis, amarelecer o papel e mesmo o plástico. Segundo Stefan Mishalski (2018, s.p.), papéis de baixa qualidade são altamente sensíveis à radiação UV, têxteis como o algodão, a lã e a seda, em conjunto com os papéis, podem ser de sensibilidade elevada se contiverem corantes mais sensíveis à luz ou de sensibilidade média. A maioria dos plásticos é também de sensibilidade média, podendo sofrer de

fissuração. Materiais inorgânicos, como os metais, a pedra, a cerâmica e o vidro, não apresentam sensibilidade à luz.

A atual resposta às questões que envolvem a sensibilidade das cores dos materiais à luz baseia-se na norma ISO 105-B08:1995, chamada de *Blue Wool*. Esta norma foi desenvolvida para medir a velocidade do desvanecimento das cores, refletindo uma larga gama de sensibilidades de cores encontradas em materiais e objetos do cotidiano, de corantes naturais e sintéticos a pigmentos.

Em 2004, a CIE (*Commission Internationale de l'Éclairage*), estabeleceu diretrizes internacionais sobre a iluminação de museus, adotando três categorias de sensibilidade, baseadas na ISO *Blue Wool*: 1) Sensibilidade alta: ISO *Blue Wool* 1, 2 e 3; 2) Sensibilidade média: ISO *Blue Wool* 4, 5 e 6; 3) Sensibilidade baixa: ISO *Blue Wool* 7, 8 e superiores, que Michalski (2018, s.p.), posteriormente, subcategorizou em materiais de sensibilidade baixa, média e alta (Apêndice 11). Sob esta categorização, os objetos têxteis são considerados muito sensíveis.

A decisões sobre a iluminação das coleções deve considerar as doses recomendadas para cada tipo de bem patrimonial, consoante a sua sensibilidade (Figura 26). A dose de iluminação que um objeto recebe pode ser calculada multiplicando a iluminância (lux), que representa a intensidade da luz incidente numa superfície, pelo tempo de exposição, em horas. Se uma dose recomendada for excedida, deve reduzir-se a iluminância ou o tempo de exposição.

Figura 31- Doses de exposição anual à luz, para materiais com diferentes níveis de sensibilidade. © IPM (2007).

Sensibilidade	Intensidade da luz	Tempo recomendado	Intensidade máxima de exposição à luz/ano
muito sensível	50 lux	250 h /ano	12500 lux / ano
sensível	200 lux	3000 h/ ano	600000 lux / ano
pouco sensível	300 lux	—	—

Fonte: Sousa *et al* (2007, p. 98).

A utilização da norma ISO *Blue Wool* e a sua articulação com as doses máximas anuais de iluminância a que os objetos podem estar sujeitos orientam as práticas de iluminação em museus, permitindo a proteção e conservação das coleções, em equilíbrio com a fruição dos visitantes dependente da boa visibilidade dos objetos expostos.

Os têxteis são particularmente vulneráveis aos danos por radiações eletromagnéticas, sendo as radiações UV a evitar por completo. Deve realizar-se uma monitorização periódica dos níveis de iluminação. Os momentos essenciais de monitorização são na colocação e substituição do material, como as lâmpadas e filtros, e no acondicionamento, em exposição ou reserva, dos objetos. Deve também realizar-se uma monitorização periódica durante o período de utilização do material, de modo a acompanhar a sua integridade. Por exemplo, os filtros podem perder eficácia e lâmpadas fluorescentes podem emitir maior radiação UV quando se aproxima o fim do seu tempo de vida útil (CCI, 2013, s.p.; Sousa *et al*, 2007, p. 56).

A iluminação artificial deve ser desligada fora dos períodos de exposição e, se possível, podem ser utilizados sensores de movimento que só acionam a luz quando algum visitante se aproxima dos objetos. A iluminação natural deve ser evitada. Se ela existir, devem utilizar-se meios que reduzam os níveis de luz e radiação, nomeadamente cortinas, telas, persianas, estores e filtros ultravioleta. Não obstante, a incidência de luz solar direta sobre os objetos deve ser sempre evitada.

A iluminação nas reservas deve ser apenas artificial e manter-se desligada na maioria do tempo, excetuando quando existir circulação de pessoas nas reservas. A escolha da iluminação deve, em simultâneo, ser adequada às necessidades de conservação da coleção e à segura utilização do espaço nas atividades que nele decorrem. A circulação em reservas com pouca iluminação é também um risco para as coleções, podendo originar, por exemplo, choques e manuseamento inadequado dos objetos.

3.3.2.1 Radiações eletromagnéticas no contexto da coleção de Luís Stoffel

Na Reserva 2, a iluminação utilizada é totalmente artificial, com recurso a lâmpadas LED (*light-emitting diode*), cujas emissões de radiação UV e IV são bastante reduzidas (Sousa *et al*, 2007, p. 100). As luzes são apenas ligadas quando necessário, ou seja, quando se

dá a permanência de pessoas no interior da Reserva 2. As lâmpadas estão posicionadas no corredor de passagem, onde não existem estantes com objetos, pelo que não existe incidência direta de luz sobre a coleção. Nos períodos em que as luzes se encontram desligadas, o espaço da Reserva 2 permanece em escuridão.

No Museu da Chapelaria, não existem aparelhos de monitorização de radiações eletromagnéticas, como um luxímetro que mede a luminância em Lux, pelo que existe uma insuficiência de dados que apoiem a gestão. Também não existem dados sobre o período em que existe exposição à luz, ou seja, por quanto tempo permanecem ligadas as luzes da Reserva 2. Contudo, é evidente que em contexto de acondicionamento em reserva, não existem riscos relevantes relacionados com a exposição da coleção de Luís Stoffel a radiações eletromagnéticas.

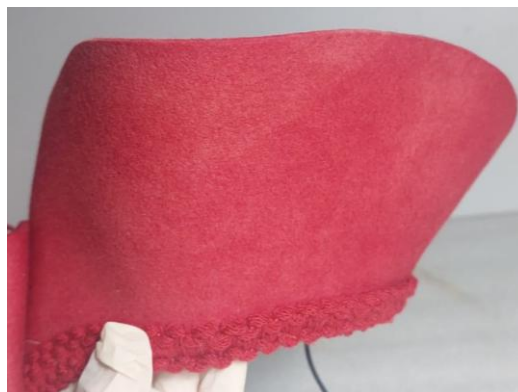
Durante o período em que a coleção permaneceu em exposição na sala de exposições temporárias do Museu da Chapelaria, também não existiram práticas de monitorização das radiações eletromagnéticas. Neste espaço a iluminação é feita de forma artificial e não existem janelas para o exterior. Existe, no entanto, uma porta de vidro que conecta a sala de exposição com o restaurante, que recebe iluminação natural. Esta porta de vidro não contém filtros UV.

Na coleção de Luís Stoffel, verifica-se que existe desvanecimento da cor no Chapéu “Feltro Vermelho” (Figura 27 e 28), um dano causado pela incidência de luz no objeto. Este dano é irreversível e cumulativo, como os demais danos que podem ser causados pela luz. A degradação deverá ter tido origem no período prévio à incorporação da coleção de Luís Stoffel no Museu da Chapelaria ou no período em que esta permaneceu em exposição temporária.

Figura 32- Descoloração no Chapéu “Feltro Vermelho”. © Inês Batista, 2025.



Figura 33- Descoloração no Chapéu “Feltro Vermelho”. © Inês Batista, 2025.



3.3.3. Forças físicas

A deformação, rasgões, orifícios, abrasão, perda de partes e o estilhaçamento são os principais tipos de danos que podem ocorrer por forças físicas. São consequência do manuseamento, acondicionamento, montagem e transporte inadequados, assim como de colisões acidentais. As vibrações causadas pelo tráfego de veículos, especialmente veículos pesados, também podem ser origens de dano. Menos frequentes são, ainda, eventos como deslizamentos de terra e, em especial, os terremotos.

Michalski (1992, p. 3) enumera o choque, a vibração, a abrasão e a gravidade como as forças físicas que impactam diretamente os objetos.

O impacto é o resultado de embates entre dois objetos, ou entre um objeto e uma superfície, que pode causar pequenos danos localizados. Quando os impactos são fortes, resultam em choques. O choque é uma força que pode causar danos significativos e que frequentemente causa danos em objetos delicados, por exemplo, em situações de transporte.

A vibração ocorre quando um objeto se movimenta em relação a um ponto fixo definido. A vibração pode seguir um movimento previsível ou aleatório. A vibração aleatória ocorre também em situação de transporte.

A pressão pode ser um resultado do manuseamento, da gravidade ou do empilhamento, consistindo numa força exercida sobre uma área. A distribuição correta do peso é

essencial para evitar danos. É recomendável ter isto em atenção quando objetos ou embalagens são empilhados, sendo que a maior pressão é aplicada aos objetos na base das pilhas. O risco de dano dos empilhamentos incrementa-se nos contextos de transporte, agravados pelo choque e pela vibração, que podem induzir a queda das pilhas. O CCI (Macron, 2018, s.p.) recomenda também que se coloquem objetos mais pesados sobre paletes, que são capazes de distribuir a carga. A pressão em excesso pode causar vincos, dobras, fissuração e fraturas.

Por último, a fricção dá-se quando duas superfícies se movimentam uma contra a outra. O dano é tão grave quanto maior for a pressão aplicada sobre as superfícies e dependendo da textura e dureza das mesmas. As superfícies mais delicadas são então as mais frágeis e podem sofrer de danos imediatos. Contudo, os danos também podem surgir ao longo do tempo quando existe movimento constante em superfícies resistentes. A presença de partículas depositadas entre as superfícies é uma agravante dos danos. Estas forças, na forma de abrasão, conduzem ao desgaste, isto é, à perda de material.

Segundo Paul Marcon (2018) e Stefan Michalski (1992), os danos por forças físicas podem surgir por eventos comuns, raros ou processos cumulativos.

Marcon (2018, s.p.) considera como forças cumulativas aquelas que têm pouca intensidade, mas atuam numa ação contínua. O manuseamento ao longo do tempo dos objetos, a vibração acumulada em processos de transporte e a força da gravidade são os exemplos dados.

Os eventos comuns dizem respeito a eventos decorrentes de atividades do quotidiano, mas relacionam-se também com os processos cumulativos. O manuseamento dos objetos é uma das atividades que, mais frequentemente, pode causar danos por forças físicas. A deslocação interna, entre diferentes espaços das instituições museológicas, dos objetos é também um evento comum. As forças gravitacionais que momentaneamente são aplicadas sobre os objetos são também relevantes e frequentes, podendo traduzir-se em deformações causadas pela força da gravidade, assim como as deformações por compressão dos materiais. Estes danos podem

acontecer por um acondicionamento temporário inadequado. É de acrescentar aos eventos comuns, como o transporte externo de objetos.

Para os eventos raros são considerados os eventos catastróficos, como sismos, que provocam o movimento dos solos e podem ter diferentes magnitudes.

3.3.3.1 Forças físicas no contexto da coleção de Luís Stoffel

A coleção de Luís Stoffel apresenta danos por forças físicas, causados por eventos cumulativos e comuns, como colisões acidentais, o manuseamento, transporte e acondicionamento inadequados. As forças que atuam nestes eventos são os impactos, as vibrações, a fricção, a pressão e a gravidade.

Remetendo ao historial da coleção, é possível que alguns dos danos tenham ocorrido previamente à incorporação dos objetos na coleção do Museu da Chapelaria, tanto pela sua utilização como pelas condições possivelmente menos adequadas, em que estes terão sido manuseados, acondicionados e transportados. Contudo, o risco de dano por forças físicas permaneceu evidentemente presente mesmo após a entrada da coleção no museu, devido à falta de sistemas de acondicionamento adequados para vários objetos (Figura 29).

Figura 34- Acondicionamento inadequado da coleção. © Inês Batista, 2025.



As fraturas, perdas de fixação, desgaste, rasgões, deformações, orifícios e a separação de elementos são os tipos de dano causados por forças físicas que se verificam na coleção em estudo (Figura 30 a 37).

Figura 35- Separação de elemento na Máscara “Primavera”. © Inês Batista.



Figura 36- Fratura numa pena do *Fascinator* “Pandemia”. © Inês Batista, 2025.



Figura 38- Deformações em penas do *Fascinator* “Pandemia”. © Inês Batista, 2025.



Figura 37- Orifício no *sinamay* do Toucado “Cinza Prata”. © Inês Batista, 2025.



**Figura 40- Abrasão em
pedraria de plástico na
Máscara “Moulin Rouge”. ©
Inês Batista, 2025.**



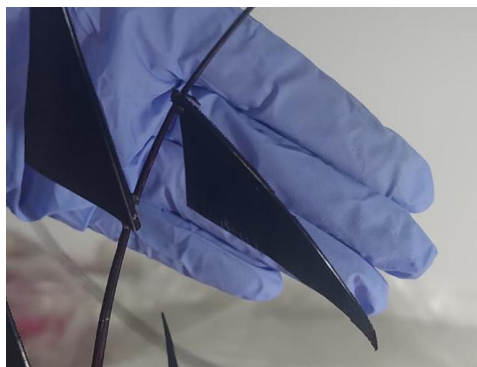
**Figura 39- Quebra nas ligações da rede
do véu do *Fascinador* “Tiara Preta”. ©
Inês Batista, 2025.**



**Figura 41- Separação de
elementos no toucado
“Pied de poule” © Inês
Batista, 2025.**



**Figura 42- Perda de fixação no
Toucado “Pied de poule”. © Inês
Batista, 2025.**



Os pontos em que existe fixação de elementos, em especial em pontos de colagem, mostram-se mais vulneráveis aos danos provocados por forças físicas. As penas são também elementos mais vulneráveis, devido à sua fragilidade, a par das redes que compõem os véus.

3.3.4. Poluentes

Os compostos que podem reagir quimicamente com os objetos e ser causa de deterioração são considerados poluentes, podendo ser encontrados na forma de “gases,

aerossóis, líquidos ou sólidos, de origem antropogénica ou natural”¹⁷ (Tétreault, 2021a, s.p.). Neste, incluem-se os depósitos de partículas sólidas, o chamado pó. Segundo Jean Tétreault (2021a, s.p.), num museu, os poluentes podem atingir e deteriorar objetos pela sua transmissão pelo ar (poluentes atmosféricos) e/ou por transmissão por pontos de contacto entre dois materiais. Por último, os poluentes podem ser intrínsecos aos objetos, existindo nos materiais que os compõem ou sendo decorrentes das suas reações químicas.

Os poluentes atmosféricos são transportados pelo ar e têm origem na atividade humana e na natureza. São frequentemente associados às atividades humanas, industriais e urbanas. Podem causar danos como a “acidificação de papéis, corrosão de metais, descoloração de corantes, eflorescência de objetos à base de cálcio em conjunto com a HR (por exemplo, conchas) e a perda de resistência dos têxteis”¹⁸ (Tétreault, 2021a, s.p.).

Os típicos poluentes atmosféricos de origem exterior aos museus são o ozono, o sulfureto de hidrogénio, o dióxido de enxofre e o dióxido de azoto. O ácido acético é o principal poluente de origem interior aos museus (Ryhl-Svendsen, 2006, p. 27). As partículas estão incluídas no grupo dos poluentes atmosféricos, sendo os sais e a fuligem das mais prejudiciais.

As partículas encontradas no interior de museus são, tipicamente, geradas a partir de terra, fibras de tecidos, pelos e cabelos, descamação da pele e, possivelmente, de atividades culinárias (Tétreault, 2021a, s.p.), quando uma instituição apresenta um restaurante ou outro espaço que sirva a confeção de alimentos. O pó nem sempre causa danos, mesmo quando a sua deposição interfere com a estética dos objetos. Não obstante, a interferência nas características visuais dos objetos e na perceção de pessoas externas às instituições sobre o seu cuidado com as coleções são consequências

¹⁷ Tradução livre do original “*gases, aerosols, liquids or solids of either anthropogenic or natural origin*”.

¹⁸ Tradução livre do original “*Acidification of papers, corrosion of metals, discoloration of colorants, efflorescence of calcium-based objects with RH (e.g. seashells), loss of strength for textiles*”.

adversas relevantes. No entanto, dependendo da superfície em que se deposita, o pó pode ficar encrustado e ser particularmente difícil de remover. Tétreault (2021a, s.p.) indica que as superfícies mais vulneráveis à deposição de pó são porosas e frágeis. O pó pode também desgastar superfícies delicadas, como as cassetes de áudio e vídeo, através da fricção. Partículas higroscópicas, oleosas ou metálicas podem iniciar ou acelerar processos de deterioração e ser um elemento potenciador de infestações, tanto de bolores como de insetos, uma vez que o pó pode ser um elemento de atração de pragas que se podem alimentar do mesmo (Tétreault, 2021a, s.p.).

A prioridade deve ser a prevenção da deposição de poeiras, uma vez que os processos de limpeza podem ser demorados e, dependendo da superfície, a remoção total do pó pode ser difícil ou mesmo impossível. Tanto em áreas de exposição como em reserva, objetos de difícil limpeza devem estar tapados e fechados em invólucros, como em vitrinas e caixas construídas com materiais adequados à conservação. Em contexto de reserva e, particularmente, quando se trata de objetos de grandes dimensões para os quais não é possível ou fácil criar invólucros, é possível tapar e cobrir os objetos com folhas de papel livre de ácido, tecido, tecido não tecido, plástico ou de espumas, impedindo assim que o pó se deposite nos objetos.

Os poluentes que se transferem por contacto são típicos dos materiais que compõem os objetos, assim como de materiais de conservação e acondicionamento inadequados. Jean Tétreault (2021a, s.p.) enuncia os materiais e produtos que surgem como frequentes agentes de dano em museus: madeiras não seladas; plastificante de PVC flexível; compostos de enxofre de borracha natural (elásticos de borracha); plásticos à base de enxofre; folhas de acetato de celulose; papéis ácidos; espumas de poliuretano antigas; cliques de metal em papéis; fitas adesivas; algumas colas líquidas; ácidos de alguns espécimes minerais; superfícies contaminadas com sais (pavimentos de tijolo ou cerâmica contaminada); metais em condições de humidade (apresentam o risco de corrosão galvânica noutros metais e de manchar materiais orgânicos); gorduras de objetos gordurosos como o couro; óleos e secreções corporais (transpiração) de pessoas.

Os poluentes transferidos por contacto com estes materiais podem causar manchas, descoloração e corrosão. Para evitar danos de poluentes por contacto, é necessário procurar prescindir de produtos e materiais inadequados à conservação. Idealmente, estes materiais devem ser completamente evitados. Tal não sendo possível, é necessário bloquear o contacto entre os objetos e os materiais ou produtos que possam causar dano. Podem, inclusive, utilizar-se barreiras entre os objetos e os poluentes, como papéis livres de ácidos, possivelmente com reserva alcalina, ou folhas de plástico finas, como PET (polietileno tereftalato) ou *Melinex 516*, que são folhas de plástico finas com baixa permeabilidade (Tétreault, 2021, p. 17). As secreções corporais são tidas como poluentes que se transferem por contacto e podem impregnar-se e manchar os materiais, como os têxteis e as penas, particularmente os mais delicados, sensíveis e com cores claras. Havendo a presença de fluidos corporais nos materiais, estes tornam-se também mais suscetíveis a serem alvos de danos provocados por insetos. Tendo estes riscos em consideração, recomenda-se a utilização de luvas de materiais apropriados e inócuos para o seu manuseamento, como o algodão e o nitrilo, sem pó. Os visitantes não devem tocar nos objetos em exposição. Para tal, podem ser utilizadas barreiras físicas entre os objetos e os visitantes, serem colocados sensores de proximidade com alarmes ou adotar-se a vigilância dos espaços.

Muitos materiais que compõem objetos de museus, ou que envolvem os mesmos em vitrinas ou invólucros de acondicionamento, podem ser emissores e poluentes que lhes são intrínsecos ou que decorrem de reações químicas sobre si ou no seu interior durante o processo de degradação do material (poluentes intrínsecos secundários) (Tétreault, 2021a, s.p.). É exemplo de poluente intrínseco o ácido acético, frequentemente gerado no interior dos edifícios, em móveis de exposição e armazenamento, quando são utilizados produtos inadequados, particularmente tintas e madeiras ácidas. O ácido acético também pode ser libertado por películas de acetato de celulose, sujeitas a processos de hidrólise.

No contexto dos têxteis, Sheila Landi (1985, pp. 15-16) descreve que não só os poluentes ácidos são prejudiciais, mas também os alcalinos. As fibras celulósicas são mais vulneráveis a ácidos, que podem provocar hidrólise da celulose. A quebra da cadeia

molecular provocada por hidrólise reduz a resistência das fibras celulósicas. As fibras da lã são relativamente resistentes a compostos ácidos e mais vulneráveis aos danos causados por compostos alcalinos. As suas cadeias moleculares proteicas podem estar sujeitas a hidrólise, causando a deformação e perda de resistência das fibras, processos que se tornam mais agravados na lã danificada por compostos alcalinos. Já as cadeias moleculares proteicas da seda são igualmente vulneráveis à hidrólise causada por compostos ácidos e alcalinos. A quebra destas cadeias causa também a perda de resistência das fibras da seda.

Para além dos danos por contacto, alguns dos materiais suprarreferidos, como as espumas de poliuretano, o PVC flexível, materiais à base de enxofre, colas inapropriadas à conservação e o acetato de celulose, podem emitir gases (Tétreault, 2021a, s.p.), compostos voláteis, e causar danos também desta forma.

Os materiais emissores de compostos voláteis, poluentes resultantes de reações químicas, como processos de hidrólise, oxidação e degradação térmica, seguem um ciclo caracterizado por até três fases. Na primeira fase, a de formação, que dura cerca de um mês, as emissões voláteis atingem o pico. Jean Tétreault (2017, p. 16) reporta que a maioria dos danos causados por elevadas concentrações de emissões voláteis é identificada quando os objetos de museus são acondicionados em invólucros relativamente novos, embora os poluentes emitidos não causem danos imediatamente visíveis, mas possam ativar alterações químicas nos materiais que compõem os objetos. Os produtos que emitem mais compostos voláteis na sua fase de formação não devem ser utilizados no período inicial do seu ciclo de vida.

Segue-se um período estável, que para muitos produtos é a última fase, em que as emissões se estabilizam em valores menos preocupantes. Quando alcançam esta fase, os compostos emitidos atingem concentrações baixas que podem ser consideradas aceitáveis para o acondicionamento de objetos.

Por fim, em alguns produtos, dá-se uma fase de acentuada degradação dos mesmos, em que as emissões de poluentes atingem novamente níveis elevados e que pode surgir entre os 10 e 100 anos de vida do produto. Tendo esta característica, produtos como

espuma de poliuretano de baixo custo e folhas de acetato de celulose podem ser utilizados de forma segura apenas nos anos iniciais do seu ciclo de vida.

3.3.4.1 Poluentes no contexto da coleção de Luís Stoffel

No Museu da Chapelaria não existem equipamentos de monitorização de poluentes, o que limita a presente contextualização. Porém, é possível apontar algumas fontes de poluentes a que a coleção de Luís Stoffel pode estar exposta. Como referido anteriormente, o edifício do Museu da Chapelaria localiza-se numa área metropolitana em que existe tráfego automóvel constante, e, nos últimos anos, terão ocorrido intervenções de construção civil na sua proximidade. A Reserva 2, onde se encontra armazenada a coleção de chapéus, está bastante próxima da cozinha do restaurante do museu. A circulação de pessoas no espaço da Reserva 2, embora seja reduzida, pode também ser uma fonte de poluentes. Por fim, uma parte da coleção encontrava-se inadequadamente acondicionada em caixas de cartão comum, emissor de ácidos.

Como estratégias de controlo, são utilizadas luvas, de algodão ou de nitrilo, para o manuseamento das coleções e o sistema de controlo do ar AVAC é dotado de filtros para partículas.

Durante a inspeção da coleção, verificou-se a deposição de gordura em 1 objeto e de pó em 19 objetos (Figura 38 e 39), assim como nas prateleiras das estantes onde a coleção se encontra acondicionada.

**Figura 43- Deposição de pó na Máscara
“Gótico Medieval I”, visível nas missangas.**

© Inês Batista, 2025.



**Figura 44- Deposição de pó na Máscara
“Gótico Medieval I”, visível nas missangas. ©**

Inês Batista, 2025.



Verifica-se ainda a existência de poluentes intrínsecos a elementos de papel que compõem dois objetos (*Fascinador “Rosas Vermelhas”* e Chapéu “Lady Século XIX”), por estes se encontrarem amarelecidos (Figura 40 e 41).

**Figura 45- Amarelecimento do papel no
Fascinador “Rosas Vermelhas”. © Inês Batista,
2025.**



**Figura 46. Amarelecimento do papel no
Chapéu “Lady Século XIX”. © Inês Batista,
2025.**



3.3.5. Pragas

A presença indesejável de animais, por exemplo, de insetos, representa uma ameaça significativa para a conservação das coleções de museus, que são frequentemente compostas por materiais que servem de alimento a estes organismos.

Para proceder a um controlo adequado das infestações de insetos, é necessário conhecer o comportamento das espécies e as condições que favorecem o seu desenvolvimento, para que se contraponham essas condições e se criem ambientes menos favorecedores à sua propagação descontrolada.

Os animais a considerar como pragas em museus são, sobretudo, os insetos e os pequenos roedores. Outras espécies também podem surgir em espaços museológicos e apresentar ameaça, nomeadamente aves, como pombos e pardais, morcegos e gatos. Estes animais podem causar danos nas coleções ao alimentarem-se delas, mas também ao deixarem dejetos, desgastando superfícies e retirando materiais dos objetos para a criação dos seus ninhos (Sousa *et al*, 2007, p. 111).

Os insetos são pragas extremamente comuns que causam efeitos nocivos decorrentes da sua alimentação a partir de coleções com materiais orgânicos, deixando danos como orifícios, lacunas e galerias. A sua presença pode também ser reconhecida através da identificação de espécimes mortos, serrim, ovos e teias, em adição a espécimes vivos, nas suas diferentes fases de vida. De forma geral, os níveis de temperaturas e de HR elevados favorecem o desenvolvimento dos insetos. O IMC (Sousa *et al*, 2007, p. 112), aponta para valores de cerca de 30 °C e 65% de HR como as condições ideais para o desenvolvimento dos insetos.

De momento, irá ser revisto o conhecimento sobre as características, ciclo de vida e comportamento da espécie *Tineola bisselliella*, coloquialmente conhecida por traça-das-roupa, uma praga cuja presença tem sido identificada no Museu da Chapelaria e ameaçado as suas coleções.

Caracterização dos insetos alvo: *Tineola bisselliella* (Hummel), Traça-das-roupas

A Traça-das-roupas, *Tineola bisselliella* (Hummel), é um agente de dano comum devido à sua alimentação à base de materiais orgânicos compostos por fibras naturais animais, nomeadamente “pelos, peles, penas, peles de mamíferos e de aves, lã, seda suja, mobiliário estofado, feltro de piano, algodão e cerdas naturais, bem como vestuário e

têxteis, especialmente os sujos com comida, suor ou urina”¹⁹ (Cox & Pinniger, 2007, p. 8), dependendo de uma alimentação à base de queratina. Embora não sejam alvos tão comuns, P. Cox e D. Pinniger (2007, p. 8) mencionam que já foram registados danos por *T. bisselliella* em materiais e objetos como “encadernações de livros em tecido de lã, papel, esqueletos de animais imperfeitamente limpos, cadáveres de múmias e espécimes de insetos”²⁰.

A sujidade e partículas depositadas nas superfícies também são compostas de materiais que servem a alimentação da *T. bisselliella*, tais como o pó, cabelos, pelos, descamações de pele, algodão e insetos mortos (MuseumPests.net, 2019, p.1).

Segundo o folheto informativo divulgado pela *MuseumPests.net* (2019, p. 1), a *Tineola bisselliella* é morfologicamente caracterizada, enquanto inseto adulto, por ser de cor bege ou amarelo-claro, ter aproximadamente 6 a 11 mm de comprimento, possuir asas amarelas/douradas, com brilho e franjas de pelos, antenas e um tufo de pelos na cabeça. Durante o estado larval, são brancas com uma cabeça castanha ou preta e podem atingir 11 mm no seu último estágio de desenvolvimento (MuseumPests.net, 2019, p. 1).

Os danos dão-se pela ação de alimentação das larvas, sendo que os insetos adultos não têm as características necessárias para perfurar e mastigar os materiais, como boca e mandíbula adequadas. Ao alimentarem-se, as larvas consomem o material queratinoso e produzem fios de seda.

O ciclo reprodutor da traça-das-roupas inicia-se quando um inseto macho, atraído pelas feromonas sexuais libertadas pela fêmea, a fecunda. Nos dias seguintes, a fêmea liberta cerca de 40 a 50 ovos, no local, ou nas proximidades, da fonte de alimento. Após a eclosão, as larvas alimentam-se dos materiais. Os ambientes quentes são propícios ao desenvolvimento e eclosão dos ovos em períodos mais reduzidos, de 4 a 10 dias, sendo

¹⁹ Tradução livre do original “hair, fur, feathers, mammal and bird skins, wool, soiled silk, upholstered furniture, piano felt, lint and natural bristles, as well as garments and textiles, particularly those soiled with food, sweat or urine”.

²⁰ Tradução livre do original “Woollen cloth book bindings, paper, imperfectly cleaned animal skeletons, mummified cadavers and insect specimens have also been damaged by *T. bisselliella*”.

que em ambientes frios podem levar até 3 semanas a eclodir (MuseumPests, 2019, p. 1). Após a eclosão, o estado larval pode perdurar de 35 dias a 2 anos, em que as mesmas se alimentam e causam danos nos objetos vulneráveis. O período larval pode ser reduzido com temperaturas baixas e por uma alimentação pouco nutritiva.

Os têxteis derivados de plantas, como o algodão, e os sintéticos não fazem parte das preferências alimentares das traças-da-roupa e normalmente não são devorados, a não ser que estes materiais se encontrem em direta proximidade com aqueles de que normalmente as larvas se alimentam e estejam contaminados por “alimentos, óleos corporais, suor ou urina”²¹ (MuseumPests, 2019, p. 1), ou se estes têxteis se encontrarem a bloquear o acesso das larvas às suas fontes de alimento preferenciais (CCI, 2013, s.p.). Os têxteis produzidos com misturas de fibras, que incluam fibras sintéticas e naturais, estão também vulneráveis ao ataque desta espécie, visto que as larvas são capazes de selecionar e se alimentar das fibras naturais proteicas presentes na mistura (Cox & Pinniger, 2007, p. 8). Com o aparecimento e afirmação das fibras sintéticas na produção têxtil notou-se, a partir da década de 1970, uma diminuição da população de *T. bisselliella* (Cox & Pinniger, 2007, p. 8).

Sendo um comportamento característico das larvas dos insetos da família Tineidae, as larvas de traça-das-roupas produzem fios de seda (Cox & Pinniger, 2007, p. 12). Com a seda, as larvas “criam tubos de alimentação, compostos por teias e resíduos”²² (MuseumPests, 2019, p. 1), enquanto se deslocam pelo material em que se alimentam. Os resíduos podem variar entre “partículas de comida, fezes, peles e outros materiais”²³ (Cox & Pinniger, 2007, pp. 12-13). Os tubos criam condições propícias à sobrevivência das larvas no seu interior, sendo “microambientes benéficos para as larvas e as

²¹ Tradução livre do original “*food, body oils, sweat or urine*”.

²² Tradução livre do original “*creates feeding tubes composed of webbing and frass*”.

²³ Tradução livre do original “*food particles, faecal pellets, cast skins and other materials wherever it moves*”.

escondem dos predadores”²⁴ (MuseumPests, 2019, p. 1). É também a partir da seda que as larvas produzem os seus casulos, chamados de pupas, no final do estado larval.

Segue-se a fase de pupa, que pode durar entre 8 e 10 dias com temperaturas altas, tendencialmente no verão, e 3 a 4 semanas em temperaturas baixas, tendencialmente no inverno. As pupas podem ser encontradas sobre a fonte de alimento das larvas ou, menos frequentemente, em ranhuras, em ambientes escuros e protegidos. Cox e Pinniger (2007, p. 13) indicam que as larvas maduras preferem deslocar-se para a superfície exterior do material de que se alimentam para se transformarem em pupas. Em infestações intensas, é frequente encontrar linhas de pupas posicionadas nos limites dos focos das infestações, o que facilita “a emergência e a dispersão subsequentes das traças”²⁵ (Cox & Pinniger, 2007, p. 13). Após a metamorfose, a fase adulta dura cerca de um mês, sem que o inseto se alimente, visando apenas a sua reprodução.

Durante a fase adulta, o inseto adquire a capacidade de voar, utilizando-a, sobretudo, para se reproduzir. Ao emergirem das pupas, as traças-da-roupa dirigem-se para áreas escuras, uma vez que esta espécie exibe fototropismo negativo, evitando a exposição à luz (Cox & Pinniger, 2007, p. 14). Ao contrário de algumas outras espécies de traças, aquelas que se alimentam de fibras têxteis têm preferência por ambientes com pouca luminosidade, protegidos da luz solar e artificial, mostrando uma tendência para se alojarem, colocarem ovos e se alimentarem em locais escuros, procurando armários, caixas, fendas e ranhuras. Os materiais suscetíveis de serem atacados tornam-se ainda mais vulneráveis se forem deixados em condições de baixa luminosidade e não forem manuseados e inspecionados frequentemente (Cox & Pinniger, 2007, p. 9).

Estudos citados por Cox e Pinniger (2007, p. 14) abordam os padrões de voo da traça-das-roupas e revelam que os machos têm mais tendência a deslocar-se pelo voo, enquanto as fêmeas se deslocam mais através da corrida. O voo da espécie torna-se mais intenso à noite, mesmo em locais que não são iluminados durante o dia, indicando

²⁴ Tradução livre do original “*beneficial micro-environments for the larvae as well as concealing them from predators*”.

²⁵ Tradução livre do original “*facilitating the subsequent emergence and dispersal of the moths*”.

que a *T. bisselliella* é uma espécie de atividade predominantemente noturna. As temperaturas amenas, por volta dos 20 °C, também potenciam o voo.

A reprodução pode acontecer imediatamente após a emergência do inseto adulto da sua pupa. Para tal, o inseto fêmea emite uma feromona que atrai o inseto macho ao seu encontro, levando à copulação. Para além da utilização de feromonas, os insetos de traça-das-roupas adultos comunicam entre si através da emissão de sons de baixas frequências. Após a copulação, a fêmea pode depositar ovos ainda no mesmo dia. Os ovos podem ser depositados na superfície dos materiais de alimentação, ou, na ausência destes, em outros materiais como o papel (Cox & Pinniger, 2007, p. 15).

Os principais fatores que influenciam a duração do ciclo de vida da traça-das-roupas são a temperatura, a HR e a qualidade e disponibilidade de alimentos (Cox & Pinniger, 2007, p. 9). No interior dos museus ou da generalidade dos edifícios, as traças encontram-se protegidas de condições ambientais mais agrestes, consequentes das diferentes estações do ano, prolongando o seu tempo de vida. No interior dos edifícios, o desenvolvimento da *T. bisselliella* é contínuo, desenvolvendo-se em múltiplas gerações todos os anos (Cox & Pinniger, 2007, p. 9). Esta questão exacerba-se em edifícios climatizados a temperaturas amenas.

Segundo Cox e Pinniger (2007, pp. 10-11) a traça-das-roupas é relativamente resistente a ambientes com níveis de HR reduzidos, podendo completar todas as suas etapas de desenvolvimento a 30% de HR. Contudo, o seu desenvolvimento melhora quando se dão níveis de HR mais elevados. A espécie mostrou-se capaz de se desenvolver e completar o seu ciclo de vida a 33 °C (Rawle, 1951, p. 39). Temperaturas superiores limitam a reprodução dos insetos adultos e os 41 °C tendem a ser letais para a espécie em todas as suas fases de vida. Apresenta também alguma resistência às temperaturas baixas, a “-20°C os tempos mais longos de sobrevivência eram de 16h para os ovos e de menos de 1h para as larvas, pupas e adultos”²⁶ (Cox & Pinniger, 2007, p. 11). Embora possa sobreviver por determinados períodos a temperaturas baixas, as mesmas limitam

²⁶ Tradução livre do original “-20°C the longest times with survival were 16h for eggs but less than 1h for larvae, pupae and adults”.

significativamente o seu desenvolvimento. Por exemplo, quando se atingem os 9 °C a alimentação das larvas é interrompida (Cox & Pinniger, 2007, p. 11). Temperaturas que rondam os 20 °C mostram-se mais favoráveis ao desenvolvimento da *T. bisselliella*.

Os indícios de uma infestação de *Tineola bisselliella* passam, sobretudo, pelas consequências da sua alimentação, como orifícios de formas irregulares, teias de seda e serrim. As mordidas das larvas deixam pequenos orifícios espalhados pelo material têxtil e as suas partes bocais tecem teias de seda que permanecem depositadas sobre os materiais. Em objetos de pelo e penas, nomeadamente em animais taxidermizados e peças de vestuário, o material pode chegar a desfazer-se e cair (MuseumPests, 2019, p. 1). O serrim, granulado de fezes, é também uma consequência da alimentação, sendo expelido pelas larvas em pequenas esferas. O serrim de traça-das-roupas fica normalmente preso às teias de seda deixadas no material e a sua cor pode refletir o tom do material que foi consumido.

A *Tineola bisselliella* é uma espécie que pode ser introduzida nos museus a partir de várias origens: os insetos adultos podem voar do exterior para o interior dos edifícios dos museus, entrando por portas, janelas e ranhuras; materiais e objetos já infestados podem ser trazidos para o interior dos museus, por exemplo a partir de doações, empréstimos, aquisições, e, sem as precauções necessárias, podem contaminar a restante coleção; profissionais e visitantes podem trazer insetos alojados nas suas roupas. Com o aumento das temperaturas, maior é a probabilidade de os insetos invadirem edifícios (Pinniger, 2001, p. 47). David Pinniger (2001, p. 47) evidencia também a presença de animais mortos, como ratos, e ninhos de aves no interior e proximidades dos edifícios de museus como um fator que influencia o surgimento de traças-da-roupa e outros insetos que se alimentam de pelo e penas.

Já no interior dos museus, os insetos adultos voam para se reproduzirem, podendo depositar ovos em objetos vulneráveis, previamente não infestados. As larvas têm também a capacidade de se deslocarem, em distâncias mais curtas, à procura de fontes de alimento, descolando-se entre objetos próximos.

3.3.5.1 Pragas no contexto da coleção de Luís Stoffel

No Museu da Chapelaria, a monitorização de insetos é feita através da colocação de armadilhas de multi-espécies em lugares estratégicos, como junto a portas e em prateleiras. Na inspeção das três armadilhas direcionadas a insetos voadores, que são colocadas suspensas em altura nas prateleiras das estantes da Reserva 2, verificou-se a presença de insetos adultos da espécie *Tineola bisselliella* em duas das armadilhas. Verificou-se, contudo, durante uma inspeção inicial, que a armadilha colocada em maior proximidade dos objetos da coleção de Luís Stoffel não capturou qualquer inseto, mas que existiam insetos mortos, também da espécie *Tineola bisselliella*, sobre as prateleiras, junto aos objetos da coleção.

Durante a inspeção da coleção em estudo e do registo do seu estado de conservação, verificou-se a presença de danos por traça-das-roupas nas penas e plumas de 17 objetos e evidências de infestações ativas (Figura 42 a 44). Os danos passam pela presença de orifícios, lacunas e fragilização das penas e plumas. Por sua vez, as infestações ativas são evidenciadas pela presença de insetos mortos e vivos (incluindo larvas), pupas, ovos, serrim e teias (Figura 45 a 48).

Figura 47- Larva de *Tineola bisselliella* removida de um objeto da coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Figura 48- Pupa de *Tineola bisselliella* removida de um objeto da coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Figura 49- Inseto de *Tineola bisselliella* morto, junto à coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Figura 50- Orifícios e lacunas causadas pelo inseto *Tineola bisselliella* nas penas do *Fascinator* “Tricolor I”.

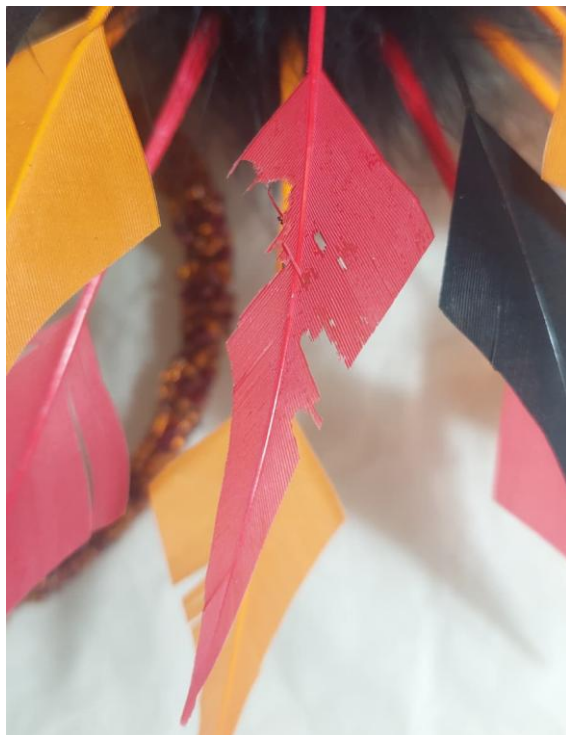


Figura 51- Lacunas e estado de fragilidade das penas no *Fascinator* “Ave” causadas pelo inseto *Tineola bisselliella*. © Inês Batista, 2025.



Figura 52- Pupa e detritos de *Tineola bisselliella* no *Fascinator* “Marfim”. © Inês Batista, 2025.



Figura 53- Orifícios, lacunas, fragilidade das penas e detritos de *Tineola bisselliella* no *Fascinator* “Ave”. © Inês Batista, 2025.



Ao inspecionar os objetos acondicionados em caixas de cartão, ao movimentar as caixas e retirar os objetos das mesmas, o avistamento de traças-da-roupa vivas a movimentar-se pelo espaço das Reservas 2 aumentou significativamente. Pressupõe-se que as caixas proporcionavam um ambiente favorável à atividade das traças, potencialmente por oferecerem ambientes mais escuros e protegidos, indo ao encontro às preferências desta espécie. É também de assinalar que as últimas duas filas de prateleiras onde estavam armazenadas estas caixas recebem menos iluminação que as restantes. As duas últimas caixas inspecionadas encontravam-se na zona menos iluminada da fila de prateleiras em questão e foi nelas que se identificou o maior foco de traças que atacava a coleção de Luís Stoffel, uma pequena colónia. Era na última caixa inspecionada, a menos iluminada e encostada à parede, que o foco era mais intenso.

Após a inspeção de todos os objetos da coleção de Luís Stoffel, verificou-se que existe uma tendência para as penas de faisão, as penas sem coloração artificial e as plumas atraírem ataques por *Tineola bisselliella*. Contudo, não só estas penas são vulneráveis.

Tendo sido identificada uma atividade macrobiológica relevante na Reserva 2 durante a inspeção da coleção de Luís Stoffel, tornou-se evidente a urgência de uma inspeção a todos os espaços desta reserva, para verificar a existência de mais focos de atividade e de colónias da espécie alvo. Em resposta a esta necessidade, uma inspeção foi levada a cabo pela conservadora-restauradora Diana Tavares, que identificou uma colónia ativa e bastante desenvolvida de *Tineola bisselliella*. Esta colónia estendia-se por três objetos, sendo que um deles apresentava um maior desenvolvimento da colónia e dos danos, aparentando que esta se estendeu para os dois objetos que o circundavam.

Os objetos em que se instalava a colónia foram, imediatamente, isolados em sacos de plástico fechados, sendo que os sacos que previamente os isolavam se encontravam com orifícios e lacunas que permitiam que os insetos circulassem e escapassem. Os objetos foram retirados da Reserva 2 e movimentados para a Reserva 1, onde se encontra maquinaria não vulnerável à ação desta espécie. Os objetos apresentavam uma desfiguração significativa e, de igual modo, grande sujidade por depósito de detritos, como seda, dejetos e ovos de traça-das-roupas. Tendo em consideração o seu estado de conservação e a ameaça que apresentavam para a restante coleção têxtil, a conservadora restauradora iniciou o processo de desincorporação e abate destes objetos.

Após a identificação da referida colónia e a remoção da Reserva 2 dos objetos que esta atingia, notou-se uma diminuição significativa do avistamento de traças-das-roupas vivas e da sua captura nas armadilhas.

Considerou-se ainda que a captura de insetos das já existentes armadilhas suspensas não parecia corresponder à dimensão da atividade da espécie *Tineola bisselliella* na Reserva 2. Ao observar o comportamento das traças, que frequentemente se deslocavam sem recurso ao voo e se escondiam em reentrâncias ao notarem movimento e luz, optou-se por colocar, no dia 13 de fevereiro de 2025, mais 7 armadilhas próximas aos objetos da coleção de Luís Stoffel, onde era frequente ver traças-da-roupa vivas ou mortas. Destas armadilhas, 5 foram colocadas sobre as prateleiras, montadas em forma triangular, e 2 foram suspensas, permanecendo abertas e não montadas. O objetivo era testar a eficácia das armadilhas montadas em

comparação às armadilhas suspensas, colocando a hipótese de que as armadilhas montadas podiam ter eficácia superior, por constituírem uma pequena área menos iluminada e que pode proporcionar esconderijo às traças quando estas se deslocam sem recurso ao voo. Após um mês, no dia 13 de março, verificou-se que as 5 armadilhas montadas triangularmente tinham capturado 3 traças, e que as restantes armadilhas suspensas – as 2 colocadas a 13 de fevereiro e as 3 previamente existentes na reserva – não tinham capturado novos insetos.

Considerações

A coleção em estudo apresenta uma fragilidade intrínseca, dada à sua natureza maioritariamente orgânica, tornando os objetos mais suscetíveis aos danos por variações ambientais e agentes biológicos.

Os agentes de deterioração identificados para a coleção que resultaram em evidências de dano são a temperatura e HR inadequadas, as radiações eletromagnéticas, as forças físicas, os poluentes e as pragas.

A presença de infestações de *Tineola bisselliella* é um ameaça considerável à conservação da coleção de Luís Stoffel, dado que a presença desta espécie no espaço da Reserva 2 não se encontra controlada, que se verificam condições ambientais ideais ao seu desenvolvimento, que a coleção em estudo é composta por materiais atrativos para a espécie e que os seus danos são irreversíveis.

Durante a monitorização da presença da espécie *Tineola bisselliella* na Reserva 2, verificou-se uma maior eficácia das armadilhas montadas em formato triangular na captura de insetos da espécie sobre as armadilhas não montadas e penduradas.

A exposição prolongada a condições ambientais inadequadas compromete a conservação da coleção. Estas condições consistem sobretudo em níveis de HR superiores a 65%, valores de T e HR oscilantes e temperaturas elevadas que aceleram processos de deterioração e favorecem o desenvolvimento dos insetos. O controlo ambiental é insuficiente devido à ausência de um sistema de climatização em pleno e continuado funcionamento.

A fragilidade de materiais específicos, como as penas e o têxtil, combinada com uma inadequação nas condições de acondicionamento, pode ter resultado nos múltiplos danos por forças físicas que foram observados.

A escassez de dados que apoiem a monitorização dos poluentes e das radiações eletromagnéticas compromete o controlo sistemático das condições ambientais. Apesar destas lacunas, verificaram-se fontes relevantes, como a deposição de pó, materiais emissores de ácidos (caixas de cartão comum) e poluentes intrínsecos em elementos de papel amarelados.

3.4. Contributo para a conservação da coleção

De acordo com os objetivos estabelecidos e as considerações decorrentes da caracterização da coleção, do seu estado de conservação e dos agentes de dano que a atingem, procedeu-se a uma análise de risco, que posteriormente orientou a elaboração de um plano de conservação preventiva e de um plano de acondicionamento em contexto de reserva e transporte enquanto contributo para a conservação de coleção de Luís Stoffel. Os planos mencionados consistem em orientações baseadas nas evidências teóricas e práticas recolhidas. A estas orientações, acrescentam-se as ações de conservação realizadas durante o período do estágio curricular, norteadas tanto pelas necessidades identificadas como pelo tempo e pelos recursos disponíveis.

3.4.1. Análise do risco

A análise de risco define-se como a avaliação e priorização de riscos com recurso a um método de avaliação. Elegeu-se com este propósito o Método ABC, desenvolvido por Stefan Michalski e José Luiz Pedersoli Jr., com suporte na adaptação e tradução para português, levada a cabo pelo Ibermuseum e pelo ICCROM (Pedersoli Jr. *et al*, 2017).

A aplicação do Método ABC exige, em primeiro lugar, a identificação dos riscos, balizando-os em dez categorias – forças físicas, criminosos, fogo, água, pragas, poluentes, luz e UV, temperatura inadequada, HR inadequada, dissociação – e a frequência em que a sua ocorrência se verifica – eventos raros (Tipo 1), eventos comuns

(Tipo 2) e processos cumulativos (Tipo 3). Depois de identificados, os riscos devem ser pontuados numa escala de 0 a 5 segundo as escalas ABC e a respetiva pontuação deve ser somada para que se obtenha a magnitude de risco. Assim, $A+B+C = \text{Magnitude de Risco (MR)}$.

A escala A (Anexo 5) indica a frequência em que ocorrem os eventos individuais previamente apontados. Para os que se incluem nos processos cumulativos, deve ter-se em conta o tempo (em anos) para que se atinja determinado grau de dano (Pedersoli Jr. *et al*, 2017, p. 95). Os eventos que ocorrem mais do que uma vez por ano devem ser considerados como cumulativos. A escala B (Anexo 5) indica a dimensão da perda de valor que se espera para o objeto afetado pelo risco (Pedersoli Jr. *et al*, 2017, p. 96). A perda pode manifestar-se numa perda total ou quase total do objeto, perda de partes, perda de informação e perda de valor económico. Por fim, a escala C (Anexo 5) indica a percentagem de valor do acervo que é afetada pelo risco (Pedersoli Jr. *et al*, 2017, p. 95).

O resultado da MR permite então apontar níveis de prioridade dos riscos, de acordo com uma escala com 5 níveis (Anexo 5): Prioridade catastrófica (13,5 a 15); Prioridade extrema (11,5 a 13); Prioridade alta (1,5 a 11); Prioridade média (7,5 a 9); Prioridade baixa (7 e inferior).

3.4.1.1 Determinação e avaliação dos riscos

A análise de risco efetuada considera a conservação dos 77 objetos que constituem a coleção em estudo. Foi necessário atentar que, embora a coleção permanecesse acondicionada em reserva durante o período do estágio curricular, a mesma se encontra disponível para aluguer da parte de outras instituições. Assim, para proceder à análise de risco, considerou-se o historial de ocorrências que afetaram, ou poderão vir a afetar a conservação da coleção, tanto quando esta esteve patente na exposição temporária “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria” como desde o início do seu período de permanência em reserva e no seu futuro transporte para outras instituições.

Para determinar os riscos (Tabela 5) e a sua magnitude, foram equacionados eventos específicos relacionados com os dez agentes a ter em consideração segundo o Método ABC.

Tabela 5- Determinação dos riscos para a coleção, a partir do Método ABC (Pedersoli Jr. *et al*, 2017). © Inês Batista, 2025.

	Eventos raros (Tipo 1)	Eventos comuns (Tipo 2)	Processo cumulativos (Tipo 3)
Forças físicas	Dano por terramoto.	Dano por manuseamento inadequado.	Dano por acondicionamento inadequado.
Criminosos	Furto e roubo da coleção; Vandalismo.		
Fogo	Incêndio.		
Água	Grandes inundações.	Infiltração; Vazamento de água do sistema AVAC.	
Pragas			Perfurações, fragilização e perda de partes nas penas e plumas por traça-das-roupas.
Poluentes			Deposição de poeiras; Danos químicos pela presença de ácidos nas caixas de cartão que armazenam parte da coleção.

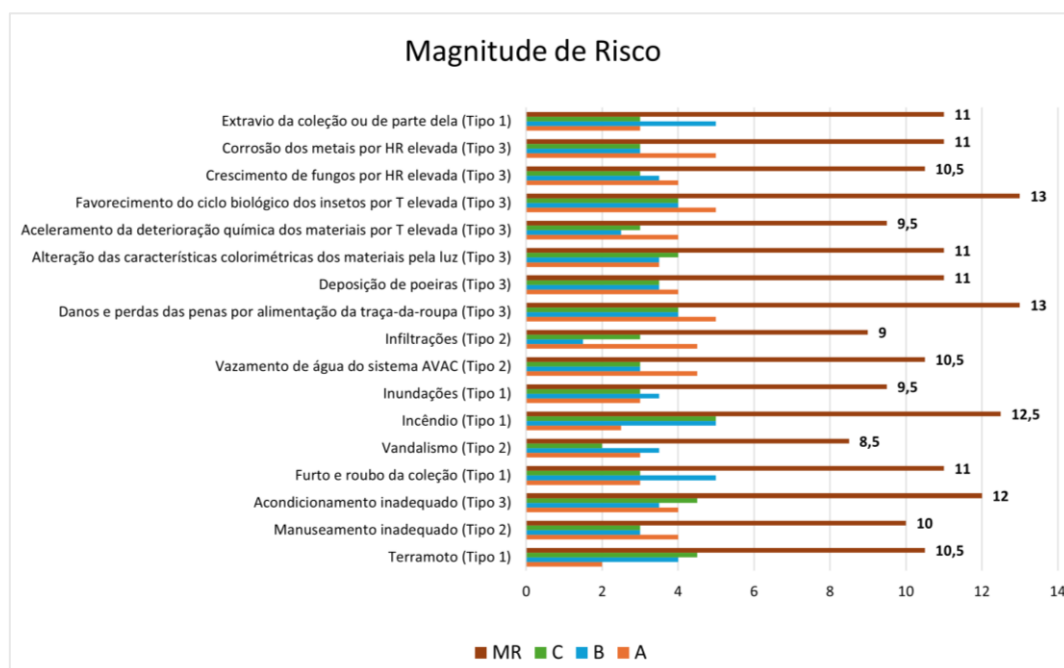
Luz e UV			Alteração das características colorimétricas dos materiais.
Temperatura inadequada			Aceleração da deterioração química dos materiais; Favorecimento do desenvolvimento do ciclo biológico dos insetos.
HR inadequada			Corrosão dos metais; Crescimento de fungos.
Dissociação	Extravio da coleção ou de parte dela.		

Para a avaliação dos riscos, foram considerados os cenários de ocorrência mais provável, pelo que se deve sempre assumir que existe sempre um grau de incerteza associado às pontuações dadas e, conseqüentemente, às magnitudes do risco obtidas.

O Gráfico 6 representa os resultados do exercício de estimativa e cálculo da magnitude dos riscos.

Figura 54- Representação da magnitude de risco, estimada a partir do Método ABC

(Pedersoli Jr. et al, 2017) © Inês Batista, 2025.



Determina-se assim, que os riscos com as magnitudes mais elevadas são o favorecimento do desenvolvimento do ciclo biológico dos insetos devido a uma temperatura elevada (MR=13; 10% de perda de valor a cada 10 anos), os danos e perdas nas penas e plumas causados pela alimentação das traças-das-roupas (MR=13; 10% de perda de valor a cada 10 anos), o incêndio (MR=12,5; 3% de perda de valor a cada 10 anos) e o acondicionamento inadequado (MR=12; 1% de perda de valor a cada 10 anos). Os quatro riscos apresentam um grau de prioridade extrema.

Os dois primeiros riscos enunciados estão diretamente associados. A identificação de infestações por *Tineola bisselliella* tem tido uma frequência bastante elevada, tanto na coleção de Luís Stoffel como no restante acervo têxtil do Museu da Chapelaria. Esta ação pode ocorrer de forma contínua se não for travada, ou de forma intermitente, se se intervir nos objetos infestados, mas não se controlar as condições que atraem a presença de pragas, como as temperaturas que rondam os 20 °C, que favorecem o desenvolvimento da espécie *Tineola bisselliella*.

Existem 61 objetos na coleção de Luís Stoffel que apresentam penas e plumas, materiais que têm sido consistentemente alvos da alimentação das traças-das-roupas. Às penas,

e plumas, acrescenta-se a presença de um objeto composto de feltro natural e pelo menos três objetos que possuem tecidos de seda, fibras que também podem ser consumidas pela espécie alvo. Uma grande fração da coleção de Luís Stoffel é vulnerável a estes riscos e os seus efeitos têm um impacto significativo no valor da coleção, dado que a sua perda teria um elevado impacto na leitura dos objetos e no seu valor estético.

Segue-se o risco de incêndio, que apresenta uma magnitude elevada dado o impacto significativo que este pode ter no valor dos objetos afetados e no seu potencial para afetar toda a coleção, que é composta por materiais facilmente consumíveis pelo fogo. A frequência deste evento é rara e não existem relatos de que se tenha dado um incêndio no Museu da Chapelaria, mas o risco pode ser potenciado pela presença próxima dos espaços da reserva e da cozinha do restaurante do museu. Contudo, o espaço da Reserva 2 está equipado com uma porta corta-fogo, cinco sensores de fumo, um extintor e uma mangueira de incêndio.

Por último, o acondicionamento inadequado surge também como uma prioridade, dado que a coleção é composta por materiais, nomeadamente as penas, frágeis e muito suscetíveis aos danos por forças físicas, e apresenta formas que não proporcionam que os objetos se sustentem sobre si próprios num posicionamento adequado. Estas características são especialmente relevantes por se tratar de uma coleção que está disponível para aluguer da parte de outras instituições e terá de ser transportada para o exterior sem que ainda existam sistemas de acondicionamentos apropriados para este contexto e que considerem as características individuais de cada objeto, podendo surgir do transporte externo danos significativos.

3.4.2. Plano de conservação preventiva para a coleção de Luís Stoffel

Monitorização e controlo ambiental e biológico

Segundo o IMC (Sousa *et al*, 2007, p. 56) “a monitorização e controlo ambiental e biológico” incluem práticas essenciais a manter num museu, devendo ser realizadas periodicamente por um profissional com a formação necessária, em todos os locais onde permaneçam bens patrimoniais, como as reservas e salas de exposição. A monitorização

e controlo devem abranger os níveis de luz, HR, temperatura, poluentes e a presença de infestações, pestes e pragas.

Humidade relativa e temperatura

Os níveis de HR e T que atualmente se verificam podem ser agentes diretos de dano, como proporcionar condições ideais ao desenvolvimento de insetos, como a traça-das-roupas, um agente de dano significativo para a coleção.

Embora os metais beneficiem de uma HR inferior a 30%, estes níveis são desadequados para a conservação dos demais materiais e compõem a coleção. Assim, a HR não deve ser inferior a 40%. A HR a 65% deve ser tida como um limite máximo, contudo. Devem ser mantidos valores inferiores a 65% de HR e 18 °C, para inibir o desenvolvimento de populações de insetos.

Para tal, é essencial que o sistema de controlo do ar do Museu da Chapelaria receba a manutenção necessária para voltar a operacionalizar o controlo efetivo não só da temperatura, como da humidade relativa.

Para complementar a análise decorrente dos registos de HR e T recolhidos no interior da Reserva 2, devem recolher-se, em simultâneo, dados no exterior, em direta proximidade com o edifício do Museu (Sousa *et al*, 2007, p. 59). A recolha de dados no interior e no exterior permite estabelecer comparações e compreender a estanquicidade do edifício.

Para controlar o ambiente no interior da Reserva 2, deve, antes demais, proceder-se à exclusão das fontes de humidade presentes no local, que, no caso, são a infiltração numa das paredes e a abertura presente no topo da porta de entrada, devendo a última ser vedada. Deve também verificar-se se as paredes exteriores comuns à Reserva 2 apresentam uma drenagem eficiente da água. A queda de água do sistema de climatização durante o período do verão é uma consequência da localização inadequada do equipamento e não existem previsões de que esta possa vir a ser alterada num futuro próximo. Contudo, os efeitos nocivos da presença de água podem ser diminuídos por uma manutenção do equipamento, pela inspeção diária do local atingido pela água e

pela remoção da mesma. A coleção de Luís Stoffel, assim como os demais objetos presentes na Reserva 2, deve ser afastada do local onde se verifica a presença de água.

Para um controlo ativo da HR e da temperatura, devem ser utilizados equipamentos. O Museu da Chapelaria apresenta um sistema de climatização com capacidade para controlar a temperatura e a HR e de definir valores máximos e mínimos. Contudo, o controlo da HR encontra-se inoperacional. O sistema de climatização deve ser alvo de uma reparação para recuperar esta funcionalidade, a acrescentar às inspeções e manutenções periódicas realizadas por profissionais capacitados. Em alternativa, devido aos elevados custos de manutenção de um sistema de climatização de grandes dimensões, deve ser pensada a utilização de equipamentos de controlo como desumidificadores com humidistato e de ares condicionados. Estes equipamentos devem ser sempre mantidos ligados, mesmo durante períodos de encerramento da instituição, e necessitam também de uma manutenção periódica. Um desumidificador pode necessitar de uma rotina de esvaziamento do depósito, a realizar por um profissional do Museu da Chapelaria. O ar condicionado depende do cumprimento de um plano de manutenção indicado pelo fabricante do equipamento, que passa, por exemplo, pela limpeza, nomeadamente dos filtros, e pelo carregamento do gás de refrigeração.

A adoção de sistemas de controlo ambiental não dispensa a monitorização dos valores de temperatura e HR, que deve ser sempre mantida (Sousa *et al*, 2007, pp. 62-63). A monitorização e a elaboração de relatórios permitem confirmar a eficácia das estratégias adotadas, detetar anomalias nos valores e eventuais avarias nos equipamentos.

Iluminação

Devem ser estabelecidos valores limite para exposição da coleção de Luís Stoffel às radiações eletromagnéticas. A coleção tem uma composição material mista, cuja sensibilidade à exposição à luz e à radiação UV varia do pouco ao muito sensível. Assim, devem ser considerados os valores de intensidade máxima de exposição à luz para os materiais mais sensíveis. É recomendada uma intensidade de 50 Lux, para períodos de

exposição diária de 7 horas. Dado que a coleção em estudo se encontra acondicionada em reserva e não recebe exposição diária à luz, pode ser considerada uma dose de exposição anual, que concilia a conservação da coleção e fruição dos visitantes durante a permanência da mesma em exposições temporárias. Recomenda-se então uma dose de exposição anual até 12500 Lux.

O sistema LED utilizado na Reserva 2, tal como a sua localização no corredor central da sala, é adequado à conservação da coleção de Luís Stoffel. Do mesmo modo, as luzes permanecem desligadas quando não se encontra ninguém no interior da reserva. Na necessidade de iluminar o local de permanência da coleção, devem ser usadas, preferencialmente, lâmpadas de LED, devido à sua baixíssima emissão de radiações UV e IV (Sousa *et al*, 2007, p. 100). A iluminação natural deve ser evitada e bloqueada – por cortinas, persianas, películas de filtro UV – e a incidência de luz natural direta sobre os objetos da coleção nunca deve ocorrer.

Para efeitos de monitorização, o Museu da Chapelaria deve adquirir um luxímetro, um aparelho capaz de medir a iluminância. A monitorização deve ser realizada para averiguar a intensidade da luz incidente na coleção enquanto ela permanece em reserva, assim como quando as lâmpadas forem substituídas. Um luxímetro poderá também servir a monitorização da intensidade da luz nos locais em que a coleção de Luís Stoffel permanecerá em exposições temporárias. Se a coleção for colocada em vitrinas de exposição, a iluminação deve ser sempre colocada no exterior das mesmas, evitando um aumento da temperatura no interior (Sousa *et al*, 2007, p. 57).

Controlo biológico

A coleção de Luís Stoffel, devido à sua natureza orgânica e à larga representação de penas e plumas, é bastante suscetível ao ataque por traças que se alimentam de materiais queratinosos. A *Tineola bisselliella*, popularmente conhecida por traça-das-roupas, é o agente de dano que mais afeta a coleção.

De modo a prevenir ou reduzir os riscos de um ataque biológico, o Museu da Chapelaria deve manter um controlo integrado de pragas que permite evitar, detetar, reduzir e controlar as infestações.

Para evitar a presença de insetos, devem eliminar-se, tanto quanto possível, os fatores atrativos para a sua permanência e desenvolvimento no interior do museu.

Deve ser feita uma limpeza regular ao espaço da reserva, visto que a sujidade atraia a presença de pragas que se alimentam destes detritos.

Os objetos da coleção de Luís Stoffel devem ser inspecionados regularmente, numa frequência pelo menos mensal, para averiguar o seu estado de conservação e verificar se existem infestações ativas. Existindo uma limitação nos recursos humanos disponíveis para realizar inspeções regulares a toda a coleção, deve ser priorizada a observação dos objetos em Fraco e Mau estado de conservação, para verificar a sua estabilidade.

Caso se verifique que um objeto se encontra infestado, este deve ser isolado dos restantes e receber um tratamento que elimine a infestação. Em caso de suspeita, o objeto deve também ser isolado e mantido em quarentena. Confirmando-se a infestação, deve proceder-se ao tratamento.

É igualmente importante implementar procedimentos de quarentena em todos os objetos que dão entrada no acervo do museu ou objetos que dão saída para o exterior e retornam à reserva, visto que estes podem trazer consigo infestações. Para possibilitar os procedimentos de quarentena, deve ser criada uma sala destinada unicamente a essa função. Na Reserva 2, existem salas que podem ser transformadas em áreas de quarentena, nomeadamente a sala onde são mantidos aparelhos eletrónicos e a casa de banho masculina, se esta sofresse uma transformação significativa.

Quanto ao tipo de tratamento a adotar para responder a infestações ativas, considera-se que o método mais adequado e eficaz para a coleção de Luís Stoffel é a desinfestação por anóxia. Para tal, o Museu da Chapelaria pode contratar serviços externos que realizam este tipo de tratamento, ou adquirir o equipamento necessário. Embora seja um investimento significativo, a aquisição do equipamento e a formação de um membro da equipa para a sua utilização pode ser bastante proveitosa para a conservação, não só da coleção de Luís Stoffel, como dos chapéus e feltros do Museu da Chapelaria, que apresenta uma grande quantidade de objetos compostos por lã e pelos animais, que também sofrem de ataque por traça-das-roupas.

Para efeitos de monitorização, o Museu da Chapelaria posiciona armadilhas autocolantes em lugares estratégicos. Existem dois tipos de armadilhas no museu; as primeiras contêm um aroma atrativo de banana, para insetos rastejantes e voadores; as segundas contêm um outro atrativo alimentar, para insetos rastejantes como baratas, peixinhos-da-prata e aranhas.

Para monitorização da espécie *Tineola bisselliella*, são colocadas as primeiras armadilhas mencionadas, abertas e penduradas em estantes na Reserva 2. Este posicionamento visa a deteção de insetos voadores, como a traça-das-roupas. Após uma revisão bibliográfica, a observação do comportamento da espécie *Tineola bisselliella* durante o período de estágio e a colocação de armadilhas montadas em forma triangular sobre as prateleiras onde se acondicionou a coleção de Luís Stoffel, verificou-se que as armadilhas colocadas desta forma tinham uma eficácia superior e que, dependendo da temperatura e do sexo do inseto, as traças-da-roupa nem sempre mostram uma tendência para o voo.

Visto que já foi identificada uma espécie alvo, a *Tineola bisselliella*, recomenda-se que o Museu da Chapelaria utilize armadilhas autocolantes ou armadilhas em cassette que contenham feromonas atrativas para esta espécie. Optando-se pela utilização de armadilhas autocolantes, estas devem ser posicionadas na sua forma triangular sobre as prateleiras e abertas e penduradas nas estantes, junto à coleção.

A verificação das armadilhas deve ser feita mensalmente, para que se efetue um registo da sua localização, das espécies e número de insetos capturados.

Poluentes

No que diz respeito aos poluentes, o Museu da Chapelaria não apresenta estratégias de monitorização. A utilização de dispositivos de monitorização de poluentes, como tubos de difusão (Homem, 2013, p. 313), permitiria um estudo sobre a identificação, caracterização, origem e efeitos nocivos dos poluentes presentes no museu, particularmente na Reserva 2.

Durante o período de estágio, identificou-se a deposição de partículas sobre os objetos da coleção e o seu acondicionamento em caixas de cartão comum, assim como

poluentes intrínsecos em papéis ácidos que compõem alguns objetos, como possíveis agentes de dano por poluentes para a coleção.

A utilização de caixas ou de outros invólucros de acondicionamento fechados pode ser uma solução que protege os objetos da coleção de Luís Stoffel de poluentes. Nos sistemas de acondicionamento, os materiais utilizados devem ser inertes e livres de ácidos. Para além da utilização dos materiais mais aconselhados, como suportes em papel e tecido livres de ácidos e polímeros sintéticos, como o polietileno e o polipropileno, outros materiais podem ser testados relativamente à sua compatibilidade química com a coleção, através de métodos como o Teste de Oddy, o Teste de Beilstein e tiras que indicam o pH (Homem, 2013, p. 311).

Dada a ausência de caixas de materiais e tamanho adequados ao acondicionamento da coleção de forma mais imediata, recomenda-se que se criem outras soluções para proteger os objetos da deposição de partículas de pó. Seria possível, por exemplo, criar barreiras ou coberturas de tecido, que, ao serem fixadas ou colocadas sobre as estantes, cobrem as aberturas e impedem a deposição de partículas. Estas barreiras podem ser construídas em *voile*, um tecido de fibras poliéster que apresenta transparência. Este sistema permite criar uma proteção economicamente acessível, simples de construir, num tecido que não atrai a presença de pragas, que, pela sua transparência, permite observar os objetos e que não utiliza adesivos.

O sistema de climatização do Museu da Chapelaria apresenta também um controlo de poluentes feito por filtros. Estes devem ser alvo de uma manutenção periódica, conforme as indicações do fabricante, realizada por profissionais competentes, garantindo a sua eficácia.

A abertura presente no topo da porta de entrada deverá ser vedada, também para impedir a entrada de poluentes, em especial daqueles que podem ter origem na cozinha do restaurante do Museu, que se encontra em proximidade com a Reserva 2.

Acondicionamento

A coleção deve ser devidamente acondicionada em reserva e transporte, com sistemas seguros, estáveis, de materiais neutros e que se adequem às características dos objetos

(Sousa *et al*, 2007, p. 71), evitando os danos. No contexto da coleção de Luís Stoffel, o acondicionamento deve proporcionar um suporte adequado aos chapéus e utilizar materiais seguros, não emissores de compostos orgânicos. Em contexto de transporte, o acondicionamento deve ainda proteger a coleção dos danos causados pelos impactos, choques e vibrações decorrentes da movimentação dos objetos e do transporte rodoviário. Os sistemas de acondicionamento elegidos para a coleção de Luís Stoffel serão detalhados adiante, no subcapítulo “Plano de acondicionamento em reserva e transporte”.

Dada a impossibilidade de criar estes sistemas de forma imediata, é possível conceder suportes adequados aos objetos com materiais já existentes na instituição. Durante o período do estágio, o Museu da Chapelaria dispunha de bustos onde acondicionava alguns dos objetos da coleção. Os objetos podem ser acondicionados desta forma, como, em alguns casos, podem ser criados enchimentos, amassando e moldando folhas de papel isento de ácido, também disponíveis no museu.

Limpeza do espaço e equipamento

Uma boa limpeza dos espaços das reservas é essencial para a conservação da coleção do Museu da Chapelaria. A remoção de poeiras dos espaços reduz os possíveis danos que podem ocorrer pela deposição de partículas sobre os objetos e torna o interior do museu menos atrativo para os insetos que se alimentam das partículas e sujidade, como a traça-das-roupas. Não só os espaços devem ser alvo deste tipo de manutenção, mas também as estantes e outros equipamentos que servem o armazenamento em reserva.

A limpeza do chão deve ser feita com um aspirador, para não levantar poeiras. O aspirador utilizado deve necessariamente conter filtros HEPA (*High Efficiency Particulate Arrestance*), que retêm corretamente as partículas. A limpeza húmida do chão deve ser evitada, para não aumentar os níveis de HR nos espaços. Realizando-se limpezas húmidas ao chão, apenas se deve utilizar água, na menor quantidade possível. Vendo-se a necessidade de utilizar detergentes para a limpeza, aqueles que contêm ingredientes como o amoníaco e o ácido acético têm de ser excluídos (Sousa *at al*, 2007,

p. 80). Como alternativa, existem detergentes neutros, bioalcoóis, que podem ser utilizados nas concentrações indicadas pelos fabricantes.

Para uma limpeza eficiente do espaço da Reserva 2, as prateleiras das estantes que estão mais próximas do chão devem ser elevadas, permitindo a passagem dos instrumentos de limpeza. Em proximidade com as estantes, os instrumentos devem ser manuseados com cuidado, evitando choques com as estruturas.

Para a limpeza das estantes e respectivas prateleiras, devem ser utilizados panos secos de microfibras, os mais eficazes na remoção das poeiras das superfícies. Caso seja necessária a utilização de um pano húmido, este deve ser bem torcido para não carregar muita água.

O IMC (Sousa *at al*, 2007, p. 81) recomenda que, para além das rotinas diárias de limpeza, se efetue uma limpeza profunda de cada espaço do museu, um mínimo de quatro vezes ao ano, pelo que é esta frequência que se recomenda para a realização de limpezas profundas ao espaço da Reserva 2, dado que os recursos humanos disponíveis são reduzidos. As limpezas devem ser calendarizadas, garantindo que se dá uma rotação das áreas a serem limpas e que os espaços das reservas não são descurados.

Limpeza da coleção

A coleção em estudo encontra-se em prateleiras de estantes abertas, em metal. Este tipo de móvel é o único existente na Reserva 2. A deposição de partículas nos objetos da coleção ao longo do tempo, que apresenta materiais vulneráveis como as penas e as decorações intrincadas com missangas, pode causar deterioração química, física e biológica. A remoção das partículas é também uma ação que acarreta riscos, dada a fragilidade de alguns materiais.

Por se verificar a deposição de pó em vários objetos da coleção, é recomendável que se proceda a uma limpeza mecânica. Este procedimento deve ser realizado com o maior cuidado, com atenção à fricção aplicada e à vulnerabilidade dos diferentes materiais que compõem a coleção de Luís Stoffel.

Para a limpeza das penas e de outros materiais que se considerarem mais frágeis, devem ser utilizados pincéis de cerdas macias, curtas e finas. No têxtil e em outros materiais, deve utilizar-se pincéis macios e um aspirador de sucção regulável. O Museu da Chapelaria possui um aspirador de conservação com esta característica e que apresenta também diferentes acessórios, com tamanhos e formas variadas, que permitem uma limpeza mais minuciosa. Contudo, é recomendável que a boca do aspirador seja coberta com um tecido fino, como uma gaze de algodão, que permite a limpeza e impede a aspiração de algum elemento que se solte do objeto, como uma missanga ou um vidrilho.

Manuseamento da coleção

O manuseamento da coleção de Luís Stoffel não é restrito, mas deve ser reduzido aos casos em que existe essa necessidade, como o manuseamento para ações de conservação e restauro, as limpezas das prateleiras se nelas se verificar muita deposição de partículas e a circulação interna e externa da coleção, para a sua integração em exposições.

As penas que integram uma significativa parte dos objetos constituem zonas mais frágeis e salientes. Ao pegar nos objetos, estes devem ser sustentados pela base e devem utilizar-se as duas mãos. Apenas deve ser manuseado um objeto de cada vez e, nos casos em que existem várias partes ou se trata de um conjunto, como nos chapéus que são acompanhados de uma gola, cada parte deve ser manuseada individualmente. Deve utilizar-se batas, preferencialmente que abotoem nas costas, e remover acessórios como colares, pulseiras e anéis que possam interferir no manuseamento. Durante o contacto com a superfície dos objetos devem utilizar-se luvas do tamanho correto, ajustadas às mãos e de materiais seguros, como o algodão e o nitrilo, sem pó. O contacto direto com a pele das mãos pode transferir compostos como a gordura, ácidos, sais e humidade que causam danos nos objetos e os tornam mais atraentes para a alimentação dos insetos (Sousa *et al*, 2007, p. 84). Relativamente à escolha dos materiais das luvas, há que ter em atenção que as luvas de algodão acarretam riscos físicos, podendo prender-se aos objetos e repuxar elementos. Contudo, estas podem ser uma opção mais

sustentável do que as luvas descartáveis de nitrilo, salvaguardando que as luvas de algodão são regularmente trocadas e lavadas com detergentes neutros e sem lixívia.

Dada a forma irregular da base de grande parte dos objetos da coleção, estes devem ser manuseados em suportes adequados à sua estabilidade e segurança física. Estes poderão ser os suportes que integram os sistemas de acondicionamento propostos no subcapítulo “Plano de acondicionamento em reserva e transporte” ou, no imediato, pelos bustos de exposição que o Museu da Chapelaria possui ou enchimentos de papel seda amassado, dependendo dos casos. Recomenda-se também a utilização de tabuleiros de elevação nos sistemas de acondicionamento, para proporcionar um manuseamento sem contacto direto.

Plano de emergência de resposta a incêndios

Encontra-se a ser desenvolvido no Museu da Chapelaria um Plano de Emergência, cuja responsabilidade de redação pertence à conservadora-restauradora e gestora da coleção, Diana Tavares. Para responder à magnitude de risco associada à ocorrência de incêndios, o plano deve ter em consideração este evento e incluir uma estratégia de resgate de peças do acervo do museu (Historic England, 2024, s.p.), embora a prioridade deva ser sempre a salvaguarda da segurança das pessoas.

Para tal, devem ser definidos os objetos de maior valor dentro do acervo do museu, para serem resgatados em caso de incêndio, os procedimentos necessários para a sua remoção e posterior ações de conservação a aplicar em objetos afetados pelo fogo. O resgate de determinadas peças irá reduzir a magnitude do risco de incêndio ao reduzir a percentagem do valor do acervo que é afetado.

Deverão ser compilados os contactos das forças de segurança e as plantas dos espaços do museu. Para os objetos do acervo cujo salvamento é prioritário, devem ser criadas folhas que identificam os objetos a remover, incluindo uma imagem identificativa, a sua localização, instruções de remoção, manuseamento, acondicionamento temporário e posterior tratamento dos mesmos.

Durante a movimentação de objetos, a sua localização deve ser sempre documentada, para reduzir o risco de dissociação.

Um plano de emergência direcionado a situações de incêndio deverá também definir papéis e responsabilidades individuais durante uma emergência, sendo necessário treinar a equipa do museu para a resposta em situações de incêndio, tais como a evacuação de pessoas e objetos da coleção do museu, assim como para utilizar extintores.

Embora a localização da cozinha do restaurante do museu seja o maior agravante para a magnitude do risco de incêndio, o sistema elétrico deve ser alvo de inspeções regulares e possíveis manutenções.

Para garantir a eficácia das medidas de prevenção e resposta a incêndios, o Museu da Chapelaria deve a manter a colaboração existente com as forças de segurança e de combate ao fogo, assim como as inspeções periódicas, manutenções e substituições aos sistemas e equipamentos de deteção, alarme e resposta ao fogo (extintores e mangueira), que são feitas por profissionais especializados.

A instituição pode ainda equacionar a instalação de um sistema de extinção, por exemplo, por aspersão.

Circulação externa

Dada a disponibilidade da exposição “Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria” para aluguer por parte de outras instituições, é extremamente relevante incluir no plano de conservação preventiva da coleção orientações para a sua circulação externa.

Como recomendado pelo IMC (Sousa *et al*, 2007, p. 87) a coleção de Luís Stoffel deverá ser acompanhada por um *courier* durante a sua circulação. O *Courrier* é um profissional com competências para acompanhar a inspeção da coleção para a verificação do seu estado de conservação, o seu embalamento, transporte, desembalamento e montagem em exposição (Sousa *et al*, 2007, p. 87). O mesmo processo deverá ser executado no retorno da coleção ao Museu da Chapelaria.

A instituição que recebe a coleção deverá preencher um *facility report*, um documento que permite averiguar as características do edifício e salas de exposição onde permanecerá a coleção, assim como condições ambientais e normas de segurança

vigentes. O Museu da Chapelaria apresenta um modelo de *facility report* no contexto de cedência de exposições temporárias.

Deverá também ser preenchido um relatório do estado de conservação, ou *condition report*, para cada objeto à saída e ao retorno da coleção, da parte do Museu da Chapelaria. A instituição recetora da coleção deverá consultar os *condition reports* existentes e elaborar os seus, assim que a coleção der entrada. O procedimento deverá ser repetido no final do empréstimo. A produção deste tipo de documentação permite identificar alterações no estado de conservação e apontar as suas causas prováveis, que poderão ter tido origem durante as exposições temporárias e/ou durante o transporte.

Para o transporte da coleção, recomenda-se a contratação de empresas especializadas no transporte de obras de arte e bens patrimoniais.

3.4.3. Plano de acondicionamento em reserva e transporte

Dada a preocupação da parte do Museu da Chapelaria em desenvolver sistemas de acondicionamento para a coleção de Luís Stoffel, que se adequem a contextos de armazenamento de reserva, mas também ao transporte da coleção para exposições temporárias externas, a par da magnitude do risco dos danos causados por acondicionamento indevido, procedeu-se à elaboração de um plano para a construção de sistemas de acondicionamento que se adaptem a ambos os contextos em simultâneo.

Partindo dos materiais, foram seleccionados os seguintes:

- Placas de polipropileno alveolar;
- Placas de espuma de polietileno expandido;
- Tecido gaze de algodão;
- Manga tubular de gaze de algodão;
- Enchimento de fibras de poliéster (*dracalon*);
- Tecido não tecido *Tyvek*®;
- Fita de nastro de algodão;
- Cola quente sem solventes;
- Linha de costura de algodão ou poliéster;

- Alfinetes.

As placas de polipropileno alveolar, numa espessura recomendável de cerca de 5 mm, são pensadas para a criação de caixas com lados colapsáveis, por ser um material adequado à preservação de bens patrimoniais ao nível da compatibilidade química e apresentar a resistência estrutural necessária. Este material é recomendado em alternativa ao cartão livre de ácido, pois este tipo de cartão é maioritariamente, se não totalmente, fabricado com reserva alcalina, o que é contraindicado para o acondicionamento de coleções têxteis. Adicionalmente, as placas de polipropileno alveolar são amplamente comercializadas por uma diversidade de fornecedores e o seu custo tende a ser mais baixo, enquanto o cartão livre de ácido é disponibilizado sobretudo por fornecedores de material de conservação e restauro e apresenta custos geralmente mais elevados.

O papel *acid free*, necessariamente sem reserva alcalina, é necessário para criar enchimentos pontuais. A título de exemplo, o Acessório de cabeça escultural “Ráfia” apresenta formas circulares, construídas em ráfia e com pouca estrutura. Dependendo da direção, a estrutura destas formas cede sobre si mesma, pela força da gravidade. Para evitar deformações, o papel *acid free* pode ser utilizado como enchimento, para sustentar a estrutura e manter as formas. As folhas de papel *acid free* amassadas podem ainda ser utilizadas para criar enchimentos para a copa de diversos chapéus.

As placas de espuma de polietileno expandido, frequentemente comercializadas sob o nome *Plastazote*®, são previstas para a construção de moldes mais volumosos, numa forma semelhante a uma cabeça, moldes em forma de arco, moldes em forma triangular, moldes com negativos escavados, placas onde assentarão dos moldes e que servem também para a elevação e manuseamento dos objetos, evitando um contacto direto com os mesmos, e suportes ou travamentos pontuais, que limitam a movimentação dos objetos durante o transporte.

Com o tecido de gaze de algodão entende-se que se crie uma superfície que entrará em contacto direto com os objetos, protegendo-os de uma possível abrasão causada pelos outros materiais empregues nos sistemas de acondicionamento, nomeadamente o polietileno expandido utilizado nos moldes em forma de cabeça e nos moldes em forma

de arco. Com a manga tubular de gaze de algodão pretende criar-se um suporte em forma de anel, com enchimento de *dracalon*, para os chapéus com abas, nomeadamente a “Capeline”, a “Cartola do chapeleiro louco” e o chapéu “Lady do século XVIII”. Em alternativa, o tecido não tecido *Tyvek*® pode ser utilizado para as mesmas funções para que se prevê a utilização da gaze de algodão e ao invés de criar suportes em anel com a manga tubular, pode ser feito um suporte com o mesmo formato amassando e moldando folhas de papel seda. O tecido não tecido *Tyvek*® é então mais adequado ao revestimento dos moldes criados em espaço negativo nas placas de espuma de polietileno expandido.

O enchimento de fibras de poliéster (*dracalon*) servirá não só para realizar o enchimento das mangas tubulares, como para acolchoar os moldes, devendo ser colocado entre a espuma de polietileno expandido e o tecido de gaze de algodão ou do *Tyvek*®.

A fita de algodão irá auxiliar a construção das caixas, uma vez que se prefere reduzir a utilização de adesivos. Esta opção justifica-se pela possível perda da força de adesão ao longo dos anos e por alguns adesivos poderem ser consumidos por insetos e serem emissores de poluentes. A fita de nastro será também utilizada nos moldes, para pender os objetos e evitar que estes se movimentem e danifiquem.

Os alfinetes podem também ser utilizados para fixar os travamentos e suportes pontuais, reduzindo a utilização de adesivos.

Embora se pretenda evitar a utilização de adesivos, a cola quente é necessária para a construção dos sistemas de acondicionamento propostos, de modo a construir os moldes, que resultarão da fixação de várias placas de espuma de polietileno expandido, e para fixar esses mesmos moldes às placas de elevação. A cola quente é um adesivo feito de resinas termoplásticas que apresenta uma boa aderência às espumas de plástico e outros materiais de acondicionamento. É um adesivo de média durabilidade, que não é nutritivo e atraente para insetos, não contém solventes e não emite poluentes no ambiente. Apesar da cola quente ser apropriada à montagem estrutural de sistemas de acondicionamento, deve evitar-se o seu contacto direto com o objeto.

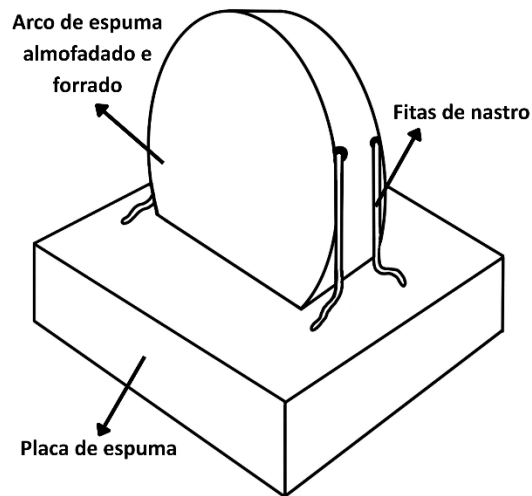
Em associação aos materiais, serão necessários vários utensílios, como materiais cortantes (x-ato, tesoura), agulha, pistola de cola quente e um furador para as placas de polipropileno alveolar. Embora não sejam totalmente indispensáveis, uma espátula quente termorregulável facilita a construção dos moldes em espuma de polietileno expandido e uma dobradeira de osso ajuda a dobrar as placas de polipropileno alveolar para a construção das caixas.

Dada a fragilidade das peças e a impossibilidade da maioria delas se sustentar sobre si próprias sem causar danos, devem ser criados sistemas de acondicionamento que lhes concedam estabilidade e imobilidade. Estas características serão especialmente importantes quando a coleção for movimentada para o exterior.

Assim, projetaram-se quatro sistemas de acondicionamento, para que cada um se adapte às diferentes formas e peso dos objetos.

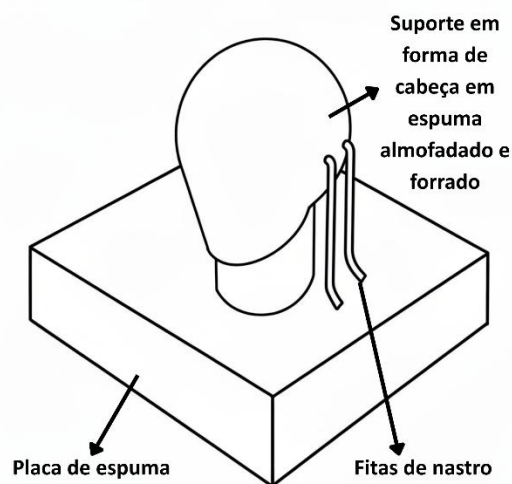
O primeiro sistema (Sistema A, na Figura 49) destina-se ao acondicionamento de peças mais leves e que possuem bandoletes. Tem por inspiração os sistemas criados no *MFA Boston* e propõe a criação de um arco em espuma de polietileno expandido, acolchoado com uma camada de *dracalon* e revestido por tecido gaze de algodão ou de *Tyvek*®. Sobre cada lado do arco, deverão ser costuradas suas fitas de nastro de algodão, que terão a função de pender as bandoletes. O arco de espuma deverá ser fixado a um tabuleiro, também em espuma de polietileno expandido, através de cola quente.

Figura 55- Ilustração representativa do Sistema A. © Inês Batista, 2025.



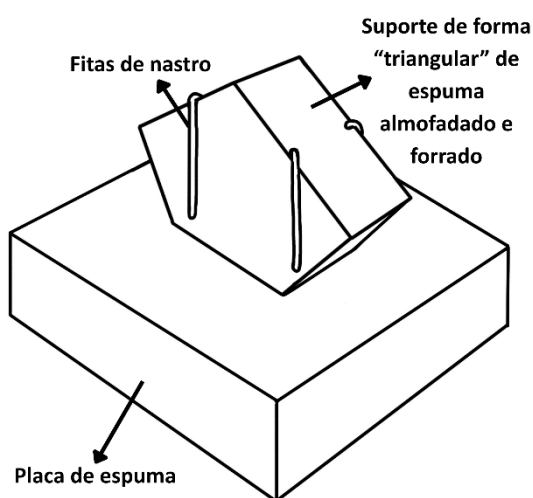
Segue-se o segundo sistema (Sistema B, na Figura 50), para o acondicionamento de peças, que, embora maioritariamente também apresentem bandoletes, são mais pesados e necessitam de um sistema mais robusto. Assim, este sistema é construído ao esculpir e colar sucessivamente placas de espuma de polietileno expandido umas às outras, até que se consiga uma forma semelhante a uma cabeça. Este suporte em forma de cabeça deve ser igualmente acolchoado e revestido, conter fitas de nastro costuradas nas suas laterais e ser fixado a um tabuleiro.

Figura 56- Ilustração representativa do Sistema B. © Inês Batista, 2025.



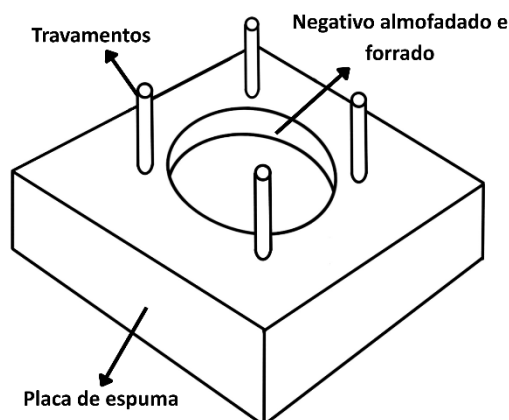
O terceiro sistema (Sistema C, na Figura 51) assemelha-se aos anteriores, em especial ao primeiro, com a diferença de que deverá ser criada uma espécie de arco com o topo triangular, ligeiramente arredondado, com uma forma que se adapta à forma interior das máscaras de proteção individual, devendo estas encaixar horizontalmente sobre o suporte. Deverão ser feitos os mesmos processos de acolchoamento, revestimento, costura de fitas de nastro e fixação a um tabuleiro descritos nos sistemas A e B.

Figura 57- Ilustração representativa do Sistema C. © Inês Batista, 2025.



Por fim, o último sistema pensado (Sistema D, na Figura 52) consiste na construção em moldes em negativos. Este tipo de molde implica que sejam escavadas, em placas de espuma de polietileno expandido, as formas correspondentes à base dos objetos, criando assim uma cavidade, onde os mesmos encaixam. Para promover a imobilidade dos objetos durante o transporte, deverão ser colocados, através da colagem, travamentos feitos de espuma de polietileno expandido, preferencialmente acolchoados e forrados, no perímetro do negativo. Em alternativa, pode ser possível a utilização de fita de nastro para imobilizar os objetos e prendê-los ao suporte. O espaço da cavidade, ou qualquer outro ponto que entre em contacto com o objeto, deverá ser forrado, para evitar abrasão. O Tyvek® é uma boa opção para forrar as cavidades. Se possível, estas deverão também ser acolchoadas.

Figura 58- Ilustração representativa do Sistema D. © Inês Batista, 2025.



Os sistemas descritos constam como uma base sólida para o acondicionamento de toda a coleção. Contudo, considera-se que deverão ser adicionados travamentos, suportes adicionais e enchimentos aos sistemas sempre que tal se vir necessário, considerando a individualidade de cada objeto.

Para encerrar os objetos, as caixas em placas de polipropileno alveolar devem ser construídas sem adesivos e ter os lados colapsáveis. Esta característica permitirá que os objetos sejam manuseados com mais segurança e que sejam sempre segurados a partir da sua base. Dado que vários objetos têm dimensões consideráveis e são envoltos em penas que se estendem em altura e comprimento, seria difícil colocar e remover os objetos em caixas não colapsáveis sem ocorrerem danos por forças físicas devido a um manuseamento incorreto. Para que os lados se tornem colapsáveis, não devem ser utilizados adesivos na sua construção e para os unir devem ser feitos furos, que serão ligados e apertados entre si através de fita de nastro de algodão.

Para o transporte acrescenta-se aos materiais:

- Caixas de transporte de cartão canelado;
- Caixotes de transporte de madeira maciça ou contraplacado;
- Folhas de espuma de polietileno expandido.

Propõem-se ainda a adoção do sistema de acondicionamento com duas caixas para o transporte da coleção, com o posicionamento de um material amortecedor (folhas de

espuma de polietileno expandido), entre as paredes das caixas. Assim, as caixas em polipropileno alveolar devem ser colocadas dentro de outras, que podem ser construídas num material distinto. No Museu da Chapelaria existem caixas de transporte de cartão canelado, assim como caixotes de transporte de madeira, que podem servir este propósito.

3.4.4. Outras ações de conservação realizadas

Medição dos objetos da coleção

Ainda no período inicial do estágio curricular, foi sublinhada pela conservadora-restauradora Diana Tavares a necessidade de efetuar medições a todos os objetos da coleção. Esta ação teve o objetivo de conhecer as dimensões de cada objeto para orientar o planeamento dos seus sistemas de acondicionamento e permitir a construção, ou a compra, de caixas de tamanhos adequados.

Considerando o objetivo apresentado, os objetos foram medidos na posição na qual estes devem ser colocados durante o acondicionamento, que nem sempre corresponde à posição em que os objetos deveriam ser utilizados e expostos. Assim, embora as medições possam complementar a inventariação da coleção, não foram efetuadas sobre as orientações das Normas de Inventário.

Durante as medições houve também a preocupação de acrescentar uma ligeira margem em cada lado, para que, quando acondicionados, os objetos não entrem em contacto com as paredes internas das caixas.

As dimensões de cada objeto da coleção, considerando o seu acondicionamento, são apresentadas nos *Condition Reports*, no Apêndice 17.

Limpeza mecânica de objetos da coleção

De forma intercalada com a inspeção da coleção, foram limpos os objetos que mostravam danos por traça-das-roupas, com o objetivo de remover todos os detritos (ovos, teias, dejetos), deixados pelos insetos, assim como, potencialmente, identificar e remover larvas vivas. Assim, procedeu-se à limpeza mecânica de todos os objetos que mostravam danos por infestações por *Tineola bisselliella*, à exceção dos *Fascinator*

“Burlesque”, “Ave” e “Verde Bronze”, por as suas penas se encontrarem num estado de fragilidade acrescido.

Antes demais, os objetos foram adequadamente suportados em enchimentos de papel *acid free* ou nos suportes em forma de busto e calçaram-se luvas de nitrilo para garantir uma manipulação adequada. Para a limpeza (Figura 53), utilizaram-se pincéis de pequenas dimensões para arrastar a sujidade até ao bocal de um aspirador de conservação com sucção regulável, passando as penas na direção do alinhamento das suas barbas. O aspirador foi utilizado na velocidade mínima. Estas medidas previnem que a estrutura das penas seja danificada.

Figura 59- Material utilizado na limpeza mecânica da coleção: aspirador e respetivos acessórios e pincéis. © Inês Batista, 2025.



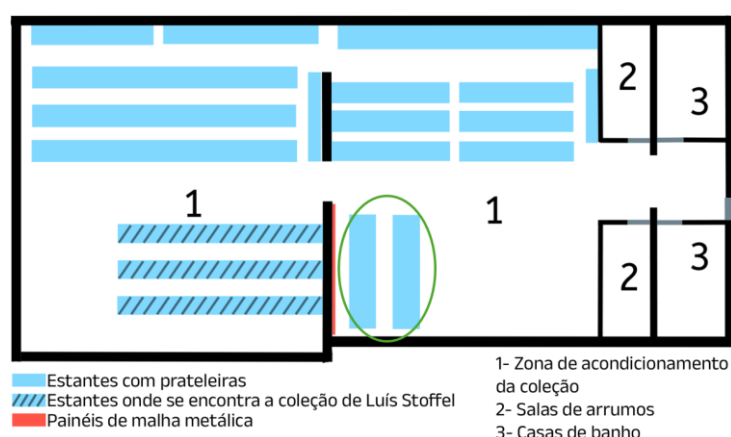
Reorganização temporária do armazenamento da coleção

Durante o processo de inspeção da coleção, tornou-se evidente a necessidade de eliminar as caixas de cartão, que por vários motivos não eram adequadas. Considerou-se que a localização em que se armazenava a coleção de Luís Stoffel não seria a mais indicada, por se tratar de uma zona menos iluminada e pela qual havia menos circulação de pessoas, características que potenciavam o desenvolvimento de infestações de traças-roupas não detetadas.

Pensou-se e iniciou-se um acondicionamento provisório dos objetos da coleção de Luís Stoffel, que respondesse às necessidades urgentes da sua conservação preventiva. Existiam nas estantes próximas das grelhas metálicas de acondicionamento de pinturas várias prateleiras desocupadas (Figura 54). Movimentar a coleção de Luís Stoffel para

este local mostrou-se viável, quer pelo espaço livre existente, quer por se tratar de um local que permanece mais visível quando algum profissional se encontra no espaço da Reserva 2, em particular na mesa de trabalho próxima a estas estantes, dado que existe no Museu da Chapelaria um déficit nos recursos humanos disponíveis, o que impossibilita que se realizem inspeções regulares à coleção. Procurou-se também conceder suportes adequados ao acondicionamento dos objetos que se encontravam indevidamente acondicionados nas caixas de cartão.

Figura 60- Local escolhido (a verde) para a relocação da coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Todos os objetos que se encontravam acondicionados nas caixas de cartão foram removidos das mesmas para serem acondicionados nas referidas estantes, com suportes em papel *acid free* amassado, para responder à forma de cada objeto (Figura 55 a 58). As prateleiras foram revestidas com folha de espuma de polietileno expandido, para absorver vibrações e impedir o deslizamento das folhas de papel *acid free*, ao proporcionar mais atrito devido à sua superfície irregular.

Figura 61- Acondicionamento provisório criado para a coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Figura 62- Acondicionamento provisório criado para a coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Figura 63- Acondicionamento provisório criado para a coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Após todos os objetos que se encontravam nas caixas terem sido movimentados, o processo estendeu-se aos restantes. Contudo, durante o período do estágio, não foi possível acondicionar toda a coleção de Luís Stoffel nas ditas estantes por limitações de tempo e de espaço.

Considerações

Para desenvolver um plano de conservação preventiva adequado às necessidades da coleção em estudo, realizou-se uma análise de risco que classificou como “prioridade extrema” os riscos relacionados com a infestação por *Tineola bisselliella* (traça-das-roupas), os efeitos que os níveis de T e HR registados têm no desenvolvimento de infestações desta espécie, o risco de incêndio e o acondicionamento inadequado.

As medidas recomendadas para o controlo biológico passam pela monitorização mensal de armadilhas, a inspeção das coleções, em especial dos objetos identificados como mais vulneráveis aos danos por insetos, práticas de quarentena e tratamento preferencial por anoxia. A estas medidas aliam-se outras que visam a redução dos fatores atrativos à presença de insetos no interior do museu, nomeadamente a limpeza do espaço das reservas e dos equipamentos de armazenamento e um controlo ambiental que garanta níveis de T e HR mais reduzidos.

O acondicionamento da coleção de Luís Stoffel foi pensado de forma particular para cada objeto da coleção, garantindo a sua estabilidade e imobilidade durante o transporte, e priorizando a utilização de materiais inertes.

Recomenda-se ainda a elaboração de um plano de emergência de incêndio que identifique os objetos de salvamento prioritário, procedimentos de evacuação dos mesmos e a formação da equipa.

Para uma gestão de riscos eficiente, existe ainda a necessidade de reforçar os meios de monitorização das radiações eletromagnéticas e dos poluentes e a manutenção do sistema de climatização para garantir o controlo efetivo da T e da HR.

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido durante o estágio curricular, de que foi alvo o presente relatório, pretendeu contribuir para a conservação da coleção de Luís Stoffel, um *designer* contemporâneo que doou ao Museu da Chapelaria acessórios de cabeça da sua autoria.

Para tal, desenvolveu-se a sua caracterização técnica e material, a sua inspeção, que levou à definição do seu estado de conservação e dos seus agentes de dano predominantes, uma análise de risco e um plano de conservação preventiva.

A caracterização material da coleção vai para além de um exercício descritivo, resultando num conhecimento que serve de base para a tomada de decisões de conservação. A identificação dos materiais constituintes de um objeto, e consequentemente de uma coleção, é essencial, pois cada material tem necessidades de conservação, vulnerabilidades e agentes de deterioração específicos.

A coleção de Luís Stoffel encontra-se globalmente bem conservada, mas existe a necessidade de reforçar ações de conservação preventiva. A maior parte da coleção não requer uma intervenção imediata, devido à predominância dos estados de conservação Muito Bom e Regular. Os objetos em Mau e Fraco estado de conservação devem ser priorizados em ações de conservação, pois apresentam um maior risco de perda material e estética e de contaminarem outros objetos. Não obstante, as ações de conservação preventiva devem ser reforçadas o quanto antes, evitando que o estado de conservação dos objetos se agrave.

Durante o período do estágio curricular surgiram duas linhas de ação fundamentais: primeiro, o planeamento do acondicionamento da coleção de Luís Stoffel em reserva e transporte, uma necessidade expressada pela equipa do Museu da chapelaria; e, então, a do controlo de infestações por *Tineola bisselliella*, ou traça-das-roupas, identificadas durante a inspeção da coleção.

O controlo ambiental, a inspeção regular da coleção e o reforço dos sistemas de acondicionamento devem ser medidas prioritárias. Estas ações visam colmatar a

necessidade de controlar e prevenir as infestações por *Tineola bisselliella* e de conceder à coleção sistemas de acondicionamento adequados ao seu transporte para exposições temporárias externas e às características e vulnerabilidades dos objetos.

A par do controlo e prevenção de infestações por *Tineola bisselliella* e da criação de sistemas de acondicionamento adequados, o exercício da análise de risco, segundo o Método ABC, sublinhou também a necessidade prioritária de elaborar planos de segurança direccionados às emergências, nomeadamente em caso de incêndio.

Encontraram-se várias limitações ao longo de todo o processo. A caracterização da coleção permitiu confirmar a sua diversidade tipológica e material. Todavia, apresenta limitações metodológicas. As limitações são sobretudo visíveis na identificação precisa dos materiais, nomeadamente dos têxteis, plásticos e metais, devido à ausência de técnicas de análise laboratorial, à dependência da observação macroscópica e dos dados presentes no inventário.

Encontraram-se também constrangimentos no estudo dos agentes de deterioração, nomeadamente dos poluentes e das radiações eletromagnéticas, devido à falta de equipamentos de monitorização.

Por fim, a impossibilidade de executar os sistemas de acondicionamento propostos e testar a adaptabilidade das propostas ao contexto em que se inserem consta como uma limitação bastante relevante.

Contudo, os constrangimentos enunciados revelam possibilidades de investigação futuras, se os recursos disponíveis assim o permitirem.

Considera-se, por fim, que o estudo e contributo dado ao nível da conservação preventiva da amostra da coleção selecionada pode também ser proveitosa para a generalidade da coleção de chapéus do Museu da Chapelaria, que se encontra armazenada no mesmo espaço, sob as mesmas condições ambientais e tem uma composição material semelhante, sendo, em grosso modo, vulnerável aos mesmos riscos e agentes de deterioração, permitindo também uma previsão do estado geral da conservação da mesma.

Referências

- Alarcão, T., & Pereira, T. P. (2000). *Normas de Inventário - Têxteis*. Instituto Português de Museus.
- Alegbe, E. O., & Uthman, T. O. (2024). A review of history, properties, classification, applications and challenges of natural and synthetic dyes. *Heliyon*, 10(13), 1–19. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e33646>
- Amaral, J. R. (2011). *Gestão de acervos: proposta de abordagem para a organização de reservas*.
- Amphlett, H. (2003). *Hats: a history of fashion in headwear*. Dover Publication.
- Barclay, R. L., Dignard, C. & Selwyn, L. (2021). *Caring for metal objects*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/metal-objects.html>
- Bishop Museum (1996). The care of feathers. *Art Conservation Handout*.
- Brink, M. (2012a). *Raphia hookeri*. In M. Brink & E. G. Achigan-Dako (Eds.), *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibres* (pp. 389–394). PROTA Foundation. <https://edepot.wur.nl/565639>
- Brink, M. (2012b). *Raphia palma-pinus*. In M. Brink & E. G. Achigan-Dako (Eds.), *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibres* (pp. 394–396). PROTA Foundation. <https://edepot.wur.nl/565639>
- Brink, M. (2012c). *Raphia sudanica*. In M. Brink & E. G. Achigan-Dako (Eds.), *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibres* (pp. 396–397). PROTA Foundation. <https://edepot.wur.nl/565639>
- Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2014, 7 julho). *abaca*. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/plant/abaca>
- Britt, K. W. (1999). *Papermaking*. <https://www.britannica.com/technology/papermaking>

Broeze-Hoernemann, U. (1998). Paper and books. In D. Gilroy & I. Godfrey (Eds.), *A practical guide to the conservation and care of collections* (pp. 61–71). Western Australian Museum.

Canadian Conservation Institute. (2007). Care of Ceramics and Glass – Canadian Conservation Institute (CCI) Notes 5/1. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/care-ceramics-glass.html>

Canadian Conservation Institute. (2008). Natural Fibers. *CCI Notes*, 13/11, 1–4.

Canadian Conservation Institute. (2013). *Textiles and the Environment – Canadian Conservation Institute (CCI) Notes* 13/1. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/textiles-environment.html>

Canadian Conservation Institute. (2009). Storage for Costume Accessories. *CCI Notes* 13/12, 1-4.

Cumming, V., Cunnington C. W. & Cunnington, P. E. (2022) *The Dictionary of Fashion History*. 2nd Edição. Bloomsbury.

Chico, B. (2013). *Hats and headwear around the world: a cultural encyclopedia*. ABC-CLIO.

Costa, A. C., Sousa, M. L., & Carvalho, A. (2008). Seismic zonation for portuguese national annex of Eurocode 8. *The 14th World Conference on Earthquake Engineering*.

Cox, P. D., & Pinniger, D. B. (2007). Biology, behaviour and environmentally sustainable control of *Tineola bisselliella* (Hummel) (Lepidoptera: Tineidae). *Journal of Stored Products Research*, 43(1), 2–32. <https://doi.org/10.1016/j.jspr.2005.08.004>

Cruz, C. L. da S. (2013). *Glossário de Terminologias do Vestuário*. Editora IFB.

Cruz, S. G. da. (2015). *Os usos e a produção do chapéu em Portugal-Uma experiência de mediação patrimonial no Museu da Chapelaria*.

- Dancause, R., Wagner, J., & Vuori, J. (2018). *Caring for textiles and costumes*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/textiles-costumes.html>
- Davison, S. (2003). *Conservation and Restoration of Glass* (2nd ed.). Butterworth-Heinemann.
- Dignard, C. & Mason, J. (2018). *Caring for feathers, quills, horn and other keratinous materials*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/feathers-quills-horn-keratinous-materials.html>
- Direção-Geral do Território. (s.d.). *Carta de Perigosidade de Incêndio Rural*. Consultado a 4 de setembro de 2025 em <https://www.dgterritorio.gov.pt/paisagem/ptp/carta-perigosidade-incendio-rural>
- English Heritage. (s.d.). *Understanding clothes moth infestations*. Consultado a 11 de março de 2025 em <https://www.english-heritage.org.uk/learn/conservation/clothes-moth-research/understanding-clothes-moths/>
- Fenn, J. & Williams, R. S. (2018). *Caring for plastics and rubbers*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/caring-plastics-rubbers.html>
- Florian, M.-L. (1997). *Heritage eaters: insects & fungi in heritage collections*. James & James.
- Futurdidact (s.d.). *PLASTAZOTE™*. Consultado a 25 de novembro de 2024 em <https://futurdidact.com/produto/plastazote/>
- Gausch, K., & Thompson, J. (s.d.). *Conservation Project: Costume Accessories*. Consultado a 21 de dezembro de 2024 em https://www.mfa.org/collections/conservation/feature_costumeaccessories
- Gilberg, M. (1989). Inert Atmosphere Fumigation of Museum Objects. *Studies in Conservation*, 34(2), 80–84. <https://doi.org/10.2307/1506269>

González-Varas, I. (2018). *Conservación del patrimonio cultural. Teoría, historia, principios y normas*. Cátedra.

Grossbard, E. (1992). The care and conservation of metal artifacts. In Bachmann, K. (Ed.), *Conservation Concerns: A Guide for Collectors and Curators* (pp. 111-114). Smithsonian Institution.

Guild, S. (2018). *Caring for paper objects*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/paper-objects.html>

HATalk. (s.d.). *What is Sinamay? Hat Making Materials - Millinery Hints and Tips*. Consultado a 11 de fevereiro de 2025 em <https://hataalk.com/sinamay/>

Hess, C., & Wight, K. (2005). *Looking at Glass: A Guide to Terms, Styles, and Techniques*. Getty Publications.

Historic England. (2024). *Emergency Response Plans*. <https://historicengland.org.uk/advice/technical-advice/emergency-and-fire/response-plans/#Preparing>

Homem, P. M. (2013). Conservação preventiva em contextos culturais. Recursos tecnológicos para gestão de risco ambiental; poluição. *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*, XII, 305–317.

ICOM/CC (2008). Resolution adopted by the ICOM-CC membership at the 15th Triennial Conference, New Delhi, 22-26 September 2008. Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage.

Instituto Português do Mar e da Atmosfera. (s.d.). *Clima de Portugal Continental*. Consultado a 4 de setembro de 2025 em <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/>

Jimu, L. (2012). *Raphia farinifera*. In M. Brink & E. G. Achigan-Dako (Eds.), *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibres* (pp. 386–389). PROTA Foundation. <https://edepot.wur.nl/565639>

Keene, S. (2002). *Managing Conservation in Museums* (2nd ed.). Butterworth-Heinemann.

Knoob, S. P. (2006). *Conservation and Care of Glass Objects*. Archetype Publications.

Landi, S. (1985). *The Textile Conservator's Manual*. Butterworths.

Lira, S. (2007). *Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira*, pp. 75–82.

Marcon, P. (2018). *Agent of Deterioration: Physical forces*. Canadian Conservation Institute. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/physical-forces.html#sources11>

Melchior, M. R. (2014). Introduction: understanding fashion and dress museology. In M. R. Melchior & B. Svensson (Eds.), *Fashion and Museums: Theory and Practice (Dress, Body, Culture)* (pp. 1–18).

Menezes, S. (2006). Museu da Chapelaria. Memórias. Cadernos de Sociomuseologia. 26, pp. 135-251.

Michalski, S. (2018). *Agent of Deterioration: Light, Ultraviolet and Infrared*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/light.html>

Michalski, S. (1992). *A Systematic Approach to the Conservation (Care) of Museum Collections*. Canadian Conservation Institute.

Michalski, S. (1998). Climate Control Priorities and Solutions for Collections in Historic Buildings. *Forum Journal* 12(4), 8-14. <https://muse.jhu.edu/article/905571>.

Minnesota Historical Society (s.d.). Quills, Horn, Hair, Feathers, Claws, and Baleen. Consultado a 17 de dezembro de 2024 em https://mnhs.gitlab.io/archive/conservation/www.mnhs.org/preserve/conservation/connectingmn/docs_pdfs/repurposedbook-quills_000.pdf

Morris, R. (2011). Not just a load of old hat: the preparation of a hat exhibition for display and transport. *Journal of the Institute of Conservation*, 34(1), 66–79.
<https://doi.org/10.1080/19455224.2011.579482>

Museu da Chapelaria. (s.d.). Consultado a 14 de março de 2025 em
<https://www.museudachapelaria.pt/>

Museu da Chapelaria. (2022). *Luís Stoffel. A Arte da Chapelaria*.

MuseumPests.net. (2019). *Webbing Clothes Moth Tineola bisselliella (Hummel)*.

National Park Service. (2002). Appendix K: Curatorial Care of Textile Objects. In *Museum Handbook Part I: Museum Collections*. National Park Service.

National Park Service. (2002). Synthetic Fibers in Costume Collections. *Conserve O Gram*, 16/4, 1–4.

Ohern, R., & McHugh, K. (2014). Red, Blue, and Wound all over: Evaluating Condition Change and Cleaning of Glass Disease on Beads. *American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works Objects Specialty Group Postprints*, 21, pp. 205–228.

Pedersoli, J. L., Antomarchi, C., & Michalski, S. (2017). *Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico*. IBERMUSEUS, ICCROM.

Pinho, E. G., & Freitas, I. da C. (2000). *Normas de Inventário. Normas Gerais - Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Instituto Português de Museus.

Pinniger, D. (2001). *Pest Management in Museums, Archives and Historic Houses*. Archetype Publications.

Plarre, P., Pöschko, M., Prozell, S., Frank, A., Wohlgemuth, R., & Philips, J. K. (1997). Effects of oil of cloves and citronellol, two commercially available repellents, against the webbing clothes moth *Tineola bisselliella* Hum. (Lepidoptera: Tineidae). *Journal of Pest Science*, 70(3), 45–50.

POPART: *Preservation Of Plastics ARTEfacts*. (s.d.). Consultado a 13 de abril de 2025 em
<https://popart-highlights.mnhn.fr/index.html>

Rawle S. G. (1951). The Effects of High Temperature on the common Clothes Moth, *Tineola bisselliella* (Humm.). *Bulletin of Entomological Research*. 1951;42(1), pp. 29-40. doi:10.1017/S000748530002513X

Regulamento (EU) n.º 528/2012 do Parlamento Europeu e do Conselho de 22 de maio de 2012 relativo à disponibilização no mercado e à utilização de produtos biocidas. (2012). *Jornal Oficial Da União Europeia*, pp. 1–123.

Robinson, J., & Tuula, P. (2000). *An Illustrated Guide to the Care of Costume and Textile Collections*. Museums & Galleries Commission.

Ryhl-Svendsen, M. (2006). Indoor air pollution in museums: prediction models and control strategies. *Studies in Conservation*, 51(sup1), pp. 27–41. <https://doi.org/10.1179/sic.2006.51.Supplement-1.27>

Schindler, M. (2022). *Preservation Glossary*. The Conservation Center for Art & Historic Artifacts.

Schrock, N. C., Bede, D., Passafiume, T., & Patkus, B. (2016). *Guide to Collections Care*. Gaylord Archival.

Selwyn, L. (2004). *Metals and Corrosion: A Handbook for the Conservation Professional*. Canadian Conservation Institute.

Shashoua, Y. (2008). *Conservation of Plastics*. Routledge.

Soares, P. (2012). *Visitantes em museus; Visitantes indesejados. Estudo de caso Museu Municipal de Penafiel*. FLUP.

Sousa, C. B. de, Carvalho, G., Amaral, J., & Tissot, M. (2007). *Plano de Conservação Preventiva. Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Instituto dos Museus e da Conservação.

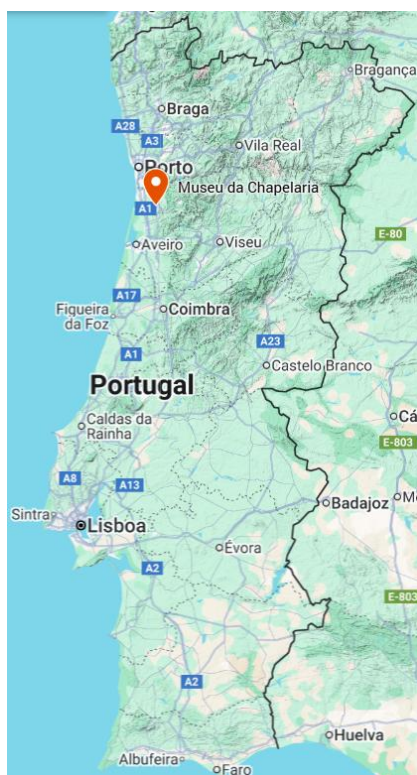
Stewart, D. (2018). *Agent of deterioration: fire*. Consultado a 19 de março de 2025 em <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/fire.html>

- Stolow, N. (1987). *Conservation and Exhibitions: Packing, Transport, Storage, and Environmental Considerations*. Elsevier. <https://doi.org/10.1016/C2013-0-05072-4>
- Tafokou, R. B. J. (2012). *Raphia vinifera*. In M. Brink & E. G. Achigan-Dako (Eds.), *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibres* (pp. 398–399). PROTA Foundation. <https://edepot.wur.nl/565639>
- Tétreault, J. (2021a). *Agent of Deterioration: Pollutants*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/pollutants.html>
- Tétreault, J. (2021b). *Control of Pollutants in Museums and Archives – Technical Bulletin 37*. <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/conservation-preservation-publications/technical-bulletins/pollutants-museums-archives.html#a9i>
- Tétreault, J. (2017). *Products Used in Preventive Conservation*. Canadian Conservation Institute.
- Thomson, G. (1986). *The Museum Environment* (2nd ed.). Butterworths.
- Vaughan, G. (2012). *Musa Textilis*. In M. Brink & E. G. Achigan-Dako (Eds.), *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibres* (pp. 334–340).
- Wiki Aves (s.d). Dicionário Wiki Aves. Consultado a 17 de dezembro de 2024 em https://www.wikiaves.com.br/wiki/dicionario_wiki_aves

Anexos

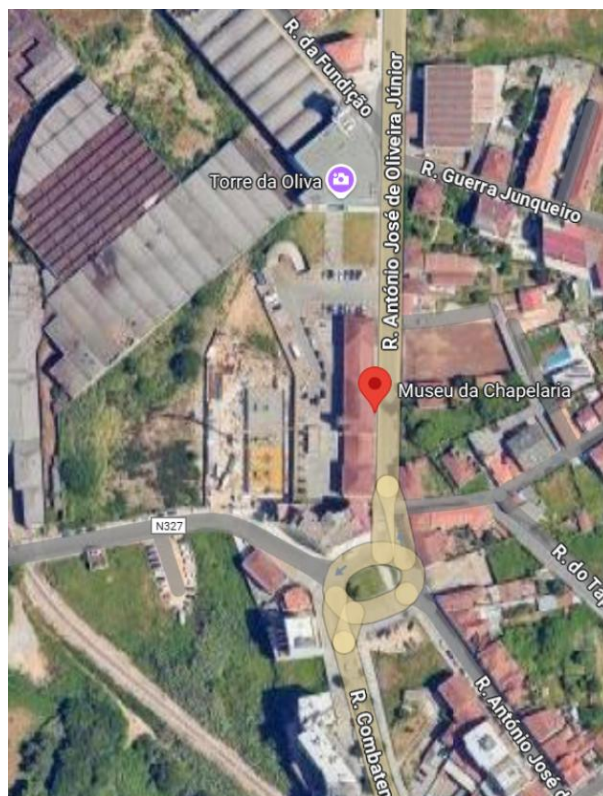
Anexo 1- Características do local de implementação do Museu da Chapelaria.

Figura 64- Localização do Museu da Chapelaria.



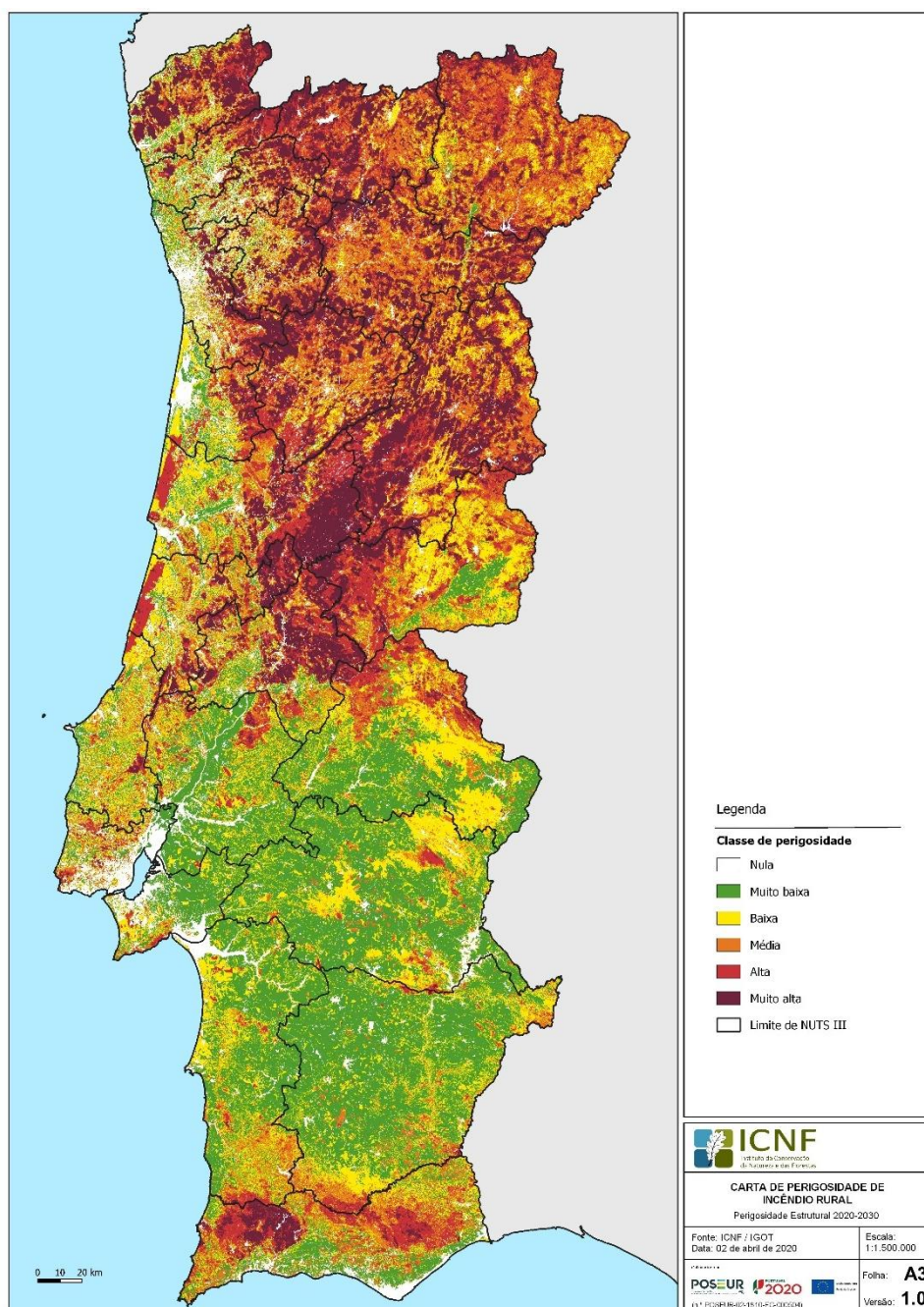
Fonte: Google Maps® (2025).

Figura 65- Localização do Museu da Chapelaria.



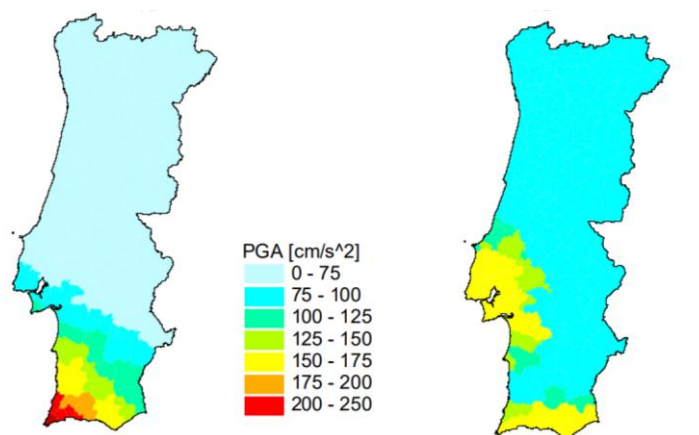
Fonte: Google Maps® (2025).

Figura 66. Carta de perigosidade de incêndio rural. © Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. (ICNF).



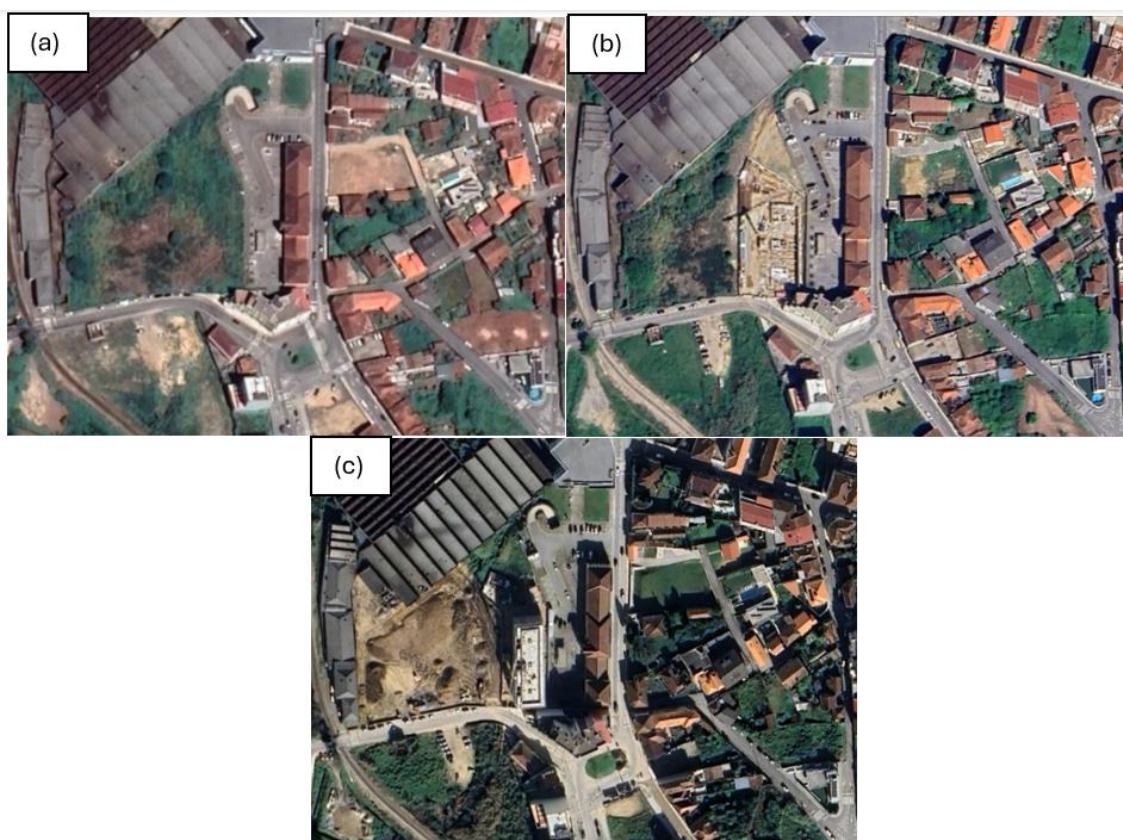
Fonte: DGT (s.d.).

Figura 67- Mapa de perigosidade sísmica para Portugal, considerando as zonas sismogénicas de mar (esquerda) e as zonas sismogénicas de terra (direita). © Costa *et al* (2008).



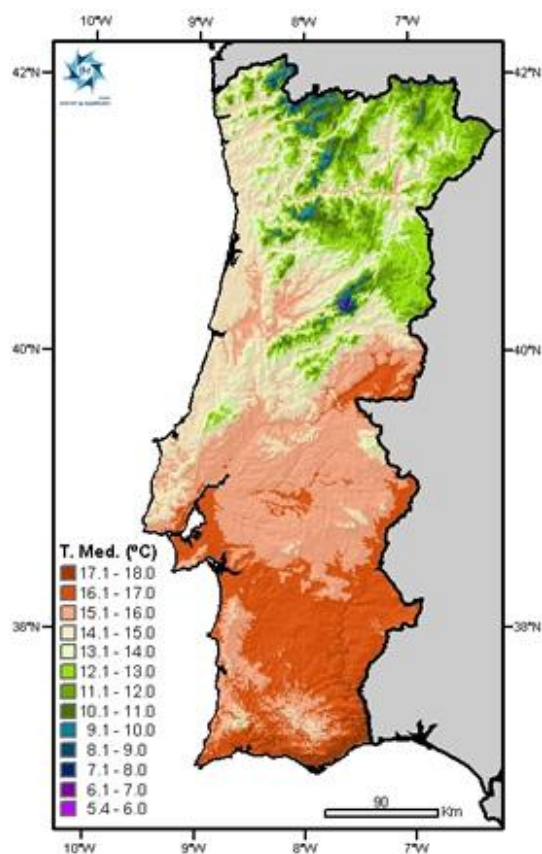
Fonte: Costa et al (2008, s.p.).

Figura 68- Levantamento da área de vegetação das proximidades do Museu da Chapelaria em junho de 2021 (a), maio de 2023 (b) e fevereiro de 2024 (c).



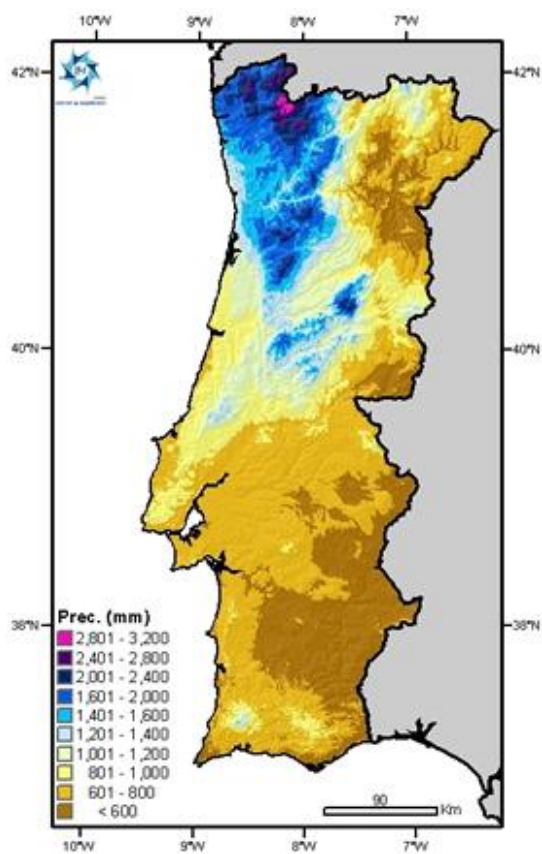
Fonte: Google Maps® (2025).

Figura 69- Temperatura média anual de Portugal Continental. © IPMA, 2025.



Fonte: IPMA (s.d.).

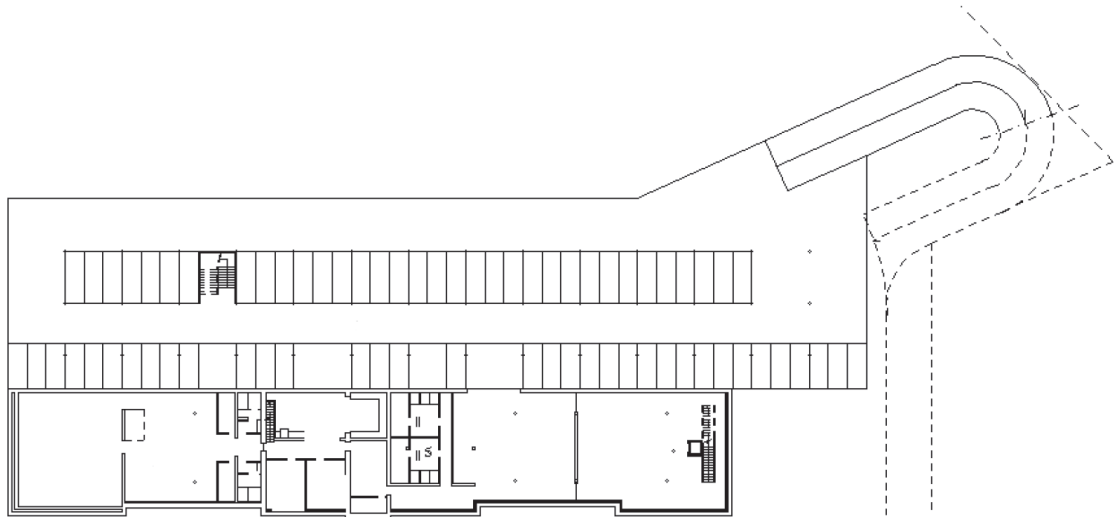
Figura 70- Precipitação acumulada anual de Portugal Continental. © IPMA, 2025.



Fonte: IPMA (s.d.).

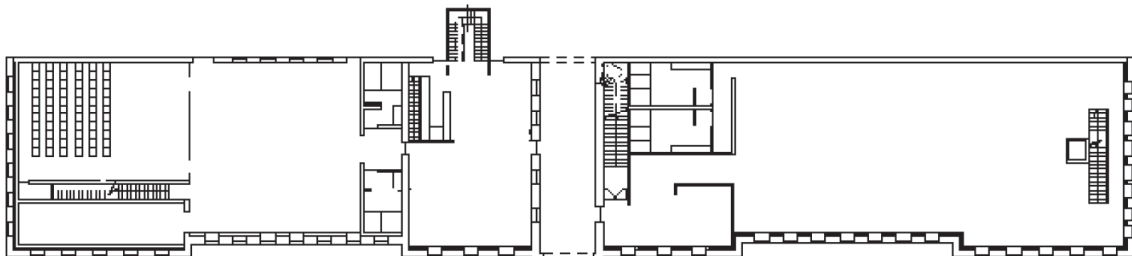
Anexo 2- Plantas do Museu da Chapelaria.

Figura 71- Planta piso -1.



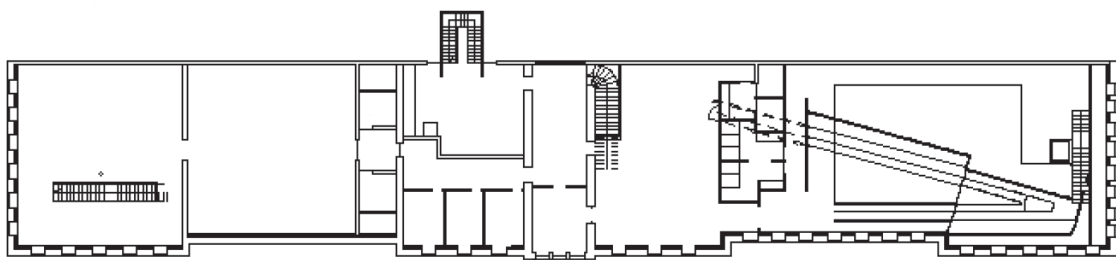
Fonte: Lira (2007, p. 82).

Figura 72- Planta piso 0.



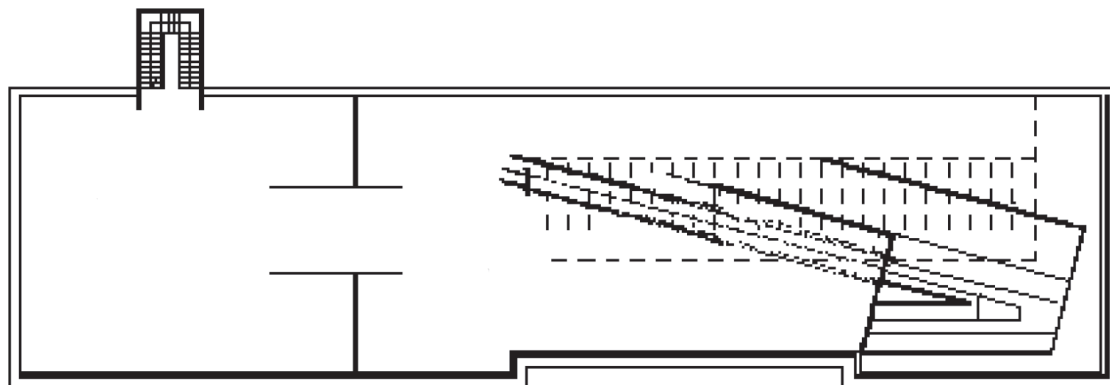
Fonte: Lira (2007, p. 82).

Figura 73- Planta piso 1.



Fonte: Lira (2007, p. 82).

Figura 74- Planta piso 2.



Fonte: Lira (2007, p. 82).

Anexo 3- Níveis de temperatura e HR registados na Reserva 2 do Museu da Chapelaria, de fevereiro de 2023 a outubro de 2024.

Figura 75- Fevereiro a abril de 2023.

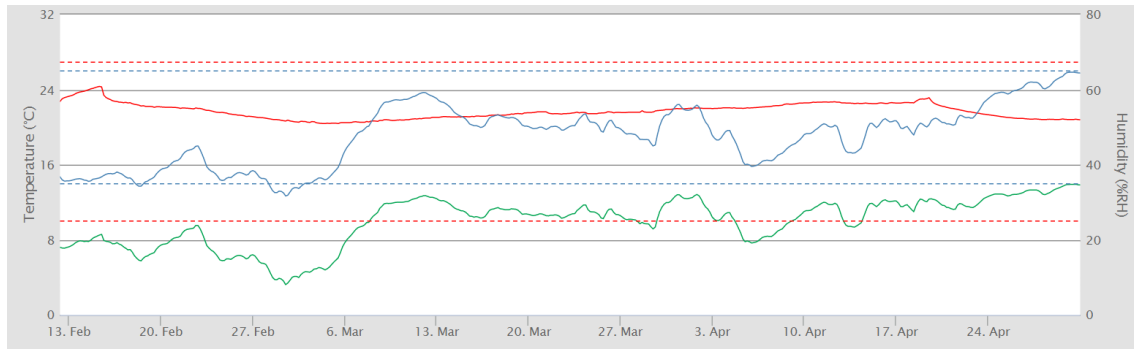


Figura 76- Maio a setembro de 2023.

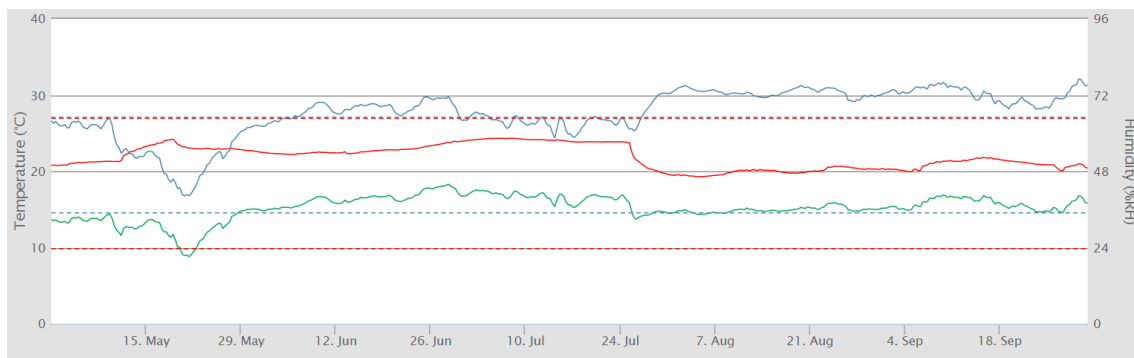


Figura 77- Outubro de 2023 a maio de 2024.

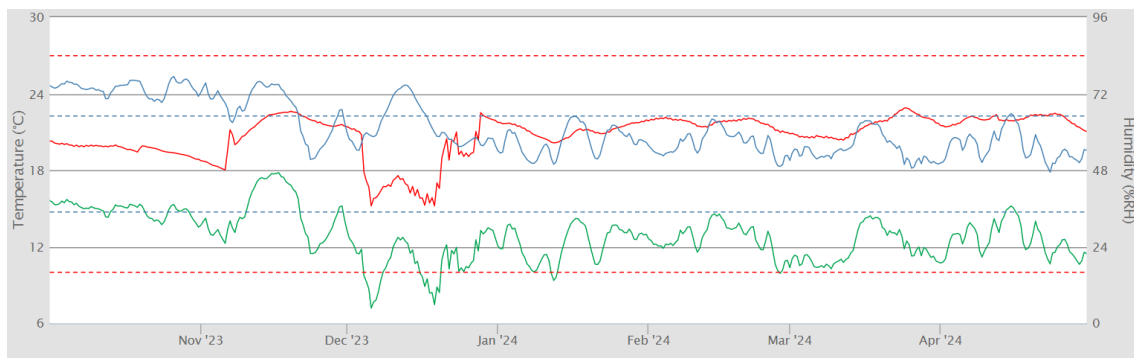
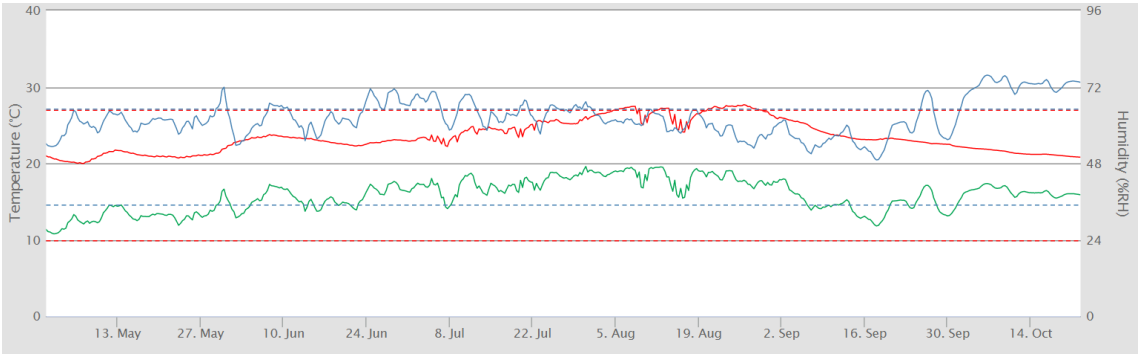


Figura 78- Maio a outubro de 2024.



Anexo 4- *Tineola bisselliella* (traça-das-roupas).

Figura 79- *Tineola bisselliella*. Larvas, inseto adulto e ovos. © Insects Limited, Inc (2019).



Fonte: Insects Limited (2019).

Figura 80- *Tineola bisselliella*. Inseto adulto. © Insects Limited, Inc (2019).



Fonte: Insects Limited (2019).

Figura 81- Detritos e pupa de traça-das-roupas em lã preta. © Insects Limited, Inc (2019).



Fonte: Insects Limited (2019).

Figura 82- Teias de seda e detritos deixados por larvas de *Tineola bisselliella*. © English Heritage.



Fonte: English Heritage (s.d.).

Anexo 5- Modelo ABC (Pedersoli Jr. *et al*, 2017).

Figura 83- Escala de pontuação do componente A.

Pontuação do componente A	Com que frequência ou a cada quantos anos ocorre o evento? Quantos anos para que determinado grau de dano se acumule?
5	~ 1 ano
4 $\frac{1}{2}$	~ 3 anos
4	~ 10 anos
3 $\frac{1}{2}$	~ 30 anos
3	~ 100 anos
2 $\frac{1}{2}$	~ 300 anos
2	~ 1.000 anos
1 $\frac{1}{2}$	~ 3.000 anos
1	~ 10.000 anos
$\frac{1}{2}$	~ 30.000 anos

Fonte: Pedersoli Jr. *et al*, (2017, p. 67).

Figura 84- Escala de pontuação do componente B.

Pontuação do componente B	Perda de valor esperada em cada item afetado	Escala verbal
5	100 %	Perda de valor total ou quase total em cada item afetado
4 $\frac{1}{2}$	30 %	
4	10 %	Perda de valor grande em cada item afetado
3 $\frac{1}{2}$	3 %	
3	1 %	Perda de valor pequena em cada item afetado
2 $\frac{1}{2}$	0,3 %	
2	0,1 %	Perda de valor muito pequena em cada item afetado
1 $\frac{1}{2}$	0,03 %	
1	0,01%	Perda de valor minúscula em cada item afetado
$\frac{1}{2}$	0,003 %	

Fonte: Pedersoli Jr. *et al*, (2017, p. 68).

Figura 85- Escala de pontuação do componente C.

Pontuação do componente C	Porcentagem ou fração do valor do acervo afetada	Escala verbal
5	100 %	Todo ou quase todo o valor do acervo afetado
$4 \frac{1}{2}$	30 %	
4	10 %	Uma fração grande do valor do acervo afetada
$3 \frac{1}{2}$	3 %	
3	1 %	Uma fração pequena do valor do acervo afetada
$2 \frac{1}{2}$	0,3 %	
2	0,1 %	Uma fração muito pequena do valor do acervo afetada
$1 \frac{1}{2}$	0,03 %	
1	0,01%	Uma fração mínima do valor do acervo afetada
$\frac{1}{2}$	0,003 %	

Fonte: Pedersoli Jr. *et al*, (2017, p. 73).

Figura 86- Escala da magnitude do risco (MR).

Grau de prioridade do risco	MR	Perda de valor esperada no acervo
13½ - 15 Prioridade catastrófica Todo ou quase todo o acervo sofrerá perda total em alguns poucos anos.	15	100% em 1 ano
	14½	30% ao ano
	14	10% ao ano = 100% em 10 anos
	13½	3% ao ano = 30% a cada 10 anos
11½ - 13 Prioridade extrema Danos significativos em todo o acervo ou perda total de uma fração significativa de seu valor em aproximadamente uma década. Perda total do acervo ou de uma grande parte de seu valor em aproximadamente um século.	13	10% a cada 10 anos = 100% em 100 anos
	12½	3% a cada 10 anos = 30% a cada 100 anos
	12	1% a cada 10 anos = 10% a cada 100 anos
	11½	0,3% a cada 10 anos = 3% a cada 100 anos
9½ - 11 Prioridade alta Perda de valor significativa numa pequena fração do acervo ou uma pequena perda de valor em parte significativa do acervo em aproximadamente um século.	11	1% a cada 100 anos
	10½	0,3% a cada 100 anos
	10	0,1% a cada 100 anos
	9½	0,03% a cada 100 anos
7½ - 9 Prioridade média Danos pequenos e similar perda de valor no acervo em muitos séculos. Perda significativa na maior parte do acervo no transcurso do vários milênios.	9	0,1% a cada 1.000 anos = 1% a cada 10.000 anos
	8½	
	8	0,01% a cada 1.000 anos = 0,1% a cada 10.000 anos
	7½	
7 e inferior Prioridade baixa Danos e perda de valor mínimos ou insignificantes para o acervo no transcurso de vários milênios.	7	0,001% a cada 1.000 anos = 0,01% a cada 10.000 anos
	6½	
	6	0,0001% a cada 1.000 anos = 0,001% a cada 10.000 anos
	5½	
	5	0,00001% a cada 1.000 anos = 0,0001% a cada 10.000 anos

Fonte: Pedersoli Jr. *et al*, (2017, p. 97).

Apêndices

Apêndice 1- Atividades paralelas desenvolvidas durante o estágio curricular.

Visita à Cortadoria Nacional de Pêlo e à FEPSA

Através do Turismo Industrial de São João da Madeira, realizou-se no dia 18 de dezembro de 2024, uma visita à Cortadoria Nacional de Pêlo e à FEPSA, duas empresas intimamente ligadas à indústria da chapelaria em São João da Madeira e com destaque na produção a nível mundial.

Durante a visita à Cortadoria Nacional de Pêlo observou-se o tratamento da matéria-prima na preparação de fibras de coelho, lebre e castor. Posteriormente, na visita à FEPSA, foi possível conhecer a transformação destas fibras, assim como a lã, em feltros para chapéus.

Estas visitas deram a conhecer um produto turístico de São João da Madeira, que o Museu da Chapelaria também integra, e permitiram a consolidação de conhecimentos relacionados com o património industrial preservado e interpretado pelo Museu da Chapelaria, nomeadamente as técnicas de produção e as funções da maquinaria, que em muito se assemelham às atualmente empregadas na indústria.

Ação de movimentação interna, limpeza mecânica e descrição do estado de conservação de formas de chapéus

O Museu da Chapelaria apresenta no seu acervo uma coleção de formas de chapéus, originalmente utilizadas para moldar os feltros nas formas desejadas. A maioria destas formas encontra-se patente na exposição de longa duração do museu, sem nenhum tipo de proteção contra a deposição de poeiras na sua superfície. Adicionalmente, verificava-se ainda a desassociação das etiquetas amovíveis com os números de inventário das respetivas formas.

Como parte do processo de preparação do museu para a sua reabertura ao público após as obras decorrentes do financiamento do programa ProMuseus, procedeu-se a uma ação de conservação das formas de chapéus em exposição, realizada entre 29 de outubro de 2024 e 8 de janeiro de 2025, com o objetivo de remover a sujidade

acumulada na superfície das formas, identificar o número de inventário de cada uma, captar fotografias das mesmas para integrarem o inventário e preparar a futura marcação dos objetos com uma solução utilizando o *Paraloid B-72*.

O primeiro passo da ação consistiu em separar as formas que continham uma etiqueta com o respetivo número de inventário daquelas cuja etiqueta se encontrava perdida. Durante este processo verificou-se que a utilização de etiquetas amovíveis era desadequada ao tipo de objeto em questão, visto que não é possível prender os fios as etiquetas a nenhuma parte da grande maioria das formas, levando à sua desassociação. Nestes casos, as etiquetas encontravam-se soltas dos objetos e eram colocadas sob os mesmos. Em algumas formas, era apenas possível inserir as etiquetas em orifícios presentes na sua base. Sendo que as formas se encontravam colocadas sobre um chão de gradeamento, durante as limpezas de rotina do pavimento realizadas ao longo dos anos, a deslocação das formas por vezes necessária para que a limpeza se efetuasse, levou a que muitas etiquetas se deslocassem da base das formas e se desassociassem delas. O chão de gradeamento com orifícios largos, permitia ainda que as etiquetas caíssem pelos mesmos. Para além das formas que já não apresentavam nenhuma etiqueta associada, existiam ainda várias que apresentavam mais do que uma etiqueta sob a sua base.

Após a separação das formas, seguiram-se a limpeza mecânica, o registo do estado de conservação e a captação fotográfica.

A limpeza realizou-se com recurso a um aspirador de conservação com sucção regulável e respetivos acessórios. Durante o registo do seu estado de conservação, verificaram-se patologias recorrentes relacionadas com o carácter utilitário dos objetos anteriormente à sua musealização, que eram empregues em maquinaria industrial, que, para além de movimentos mecânicos repetitivos, empregava vapor de água a altas temperaturas. Portanto, o carácter utilitário das formas terá resultado em danos como a abrasão da madeira, produto de corrosão nos elementos metálicos, que geralmente eram pregos e parafusos, migração de óxidos do metal para o feltro que reveste um largo número de formas e lacerações, rasgões, lacunas e manchas nos feltros. Adicionalmente, verificaram-se ainda danos relacionados com a presença de infestações

macrobiológicas. Os feltros apresentavam tipicamente orifícios, lacunas de pequenas dimensões e danos superficiais, provavelmente causados por traças-das-roupas, e nas madeiras verificam-se orifícios, lacunas e galerias interiores, pela ação de insetos xilófagos. Em várias formas, verificou-se que existiam infestações por insetos xilófagos ativas, identificáveis pela pulverização de serrim. As formas infestadas foram então insoladas em sacos de polietileno fechados e isoladas das restantes, para que futuramente se procedesse à sua desinfestação.

Dada a limpeza e registo do estado de conservação, as formas foram fotografadas contra um fundo branco e com incidência de luz artificial, em seis ângulos diferentes. Todas as formas limpas e não infestadas foram então movimentadas de volta para o seu local de exposição.

Devido a limitações de tempo, relacionadas com o período estabelecido para a realização do estágio curricular e cumprimento dos principais objetivos do plano de estágio, assim como da aproximação da data de reabertura ao público do Museu da Chapelaria, as formas – à exceção das que apresentavam infestações ativa – tiveram de regressar à exposição de longa duração sem que antes se pudesse confirmar o seu número de inventário e marcar o mesmo diretamente nas peças utilizando o *Paraloid B-72*. Pelos mesmos motivos, também não foi possível iniciar o processo de desinfestação das formas com o biocida de tratamento para madeiras *Xylophene SOR2 Extreme*.

Durante esta atividade paralela, foi possível contribuir para a conservação preventiva e para o inventário da coleção de formas para chapéus ao realizar a limpeza, registo de estado de conservação e captação fotográfica de 172 objetos, acrescentando a identificação de 11 infestações por insetos xilófagos ativas. A atividade permitiu ainda uma reflexão sobre a utilização de etiquetas amovíveis para a identificação do número de inventário de objetos, que, embora consista num processo mais rápido e económico, é desadequado por frequentemente permitir a desassociação dos números de inventário, dificultando a correta identificação e salvaguarda do património cultural, particularmente numa vasta coleção de objetos em que quase todos se assemelham ou são idênticos e em que o seu inventário é sucinto, carece de elementos identificativos e de fotografias. Em alternativa à utilização de etiquetas amovíveis netas coleção, seria

vantajosa a marcação nos objetos utilizando uma solução da *Paraloid B-72*, que é um método que permite a fixação do número de inventário aos objetos, com materiais estáveis e de aplicação reversível.

Limpeza mecânica e húmida de objetos presentes na exposição de longa duração

Ainda em preparação para a reabertura ao público do Museu da Chapelaria, procedeu-se à limpeza de objetos em exposição.

Num primeiro momento, que decorreu de 5 a 6 de janeiro de 2024, iniciou-se a limpeza mecânica dos objetos expostos no segundo andar do museu, que consistiam em máquinas industriais de grifagem e costura, ferramentas, peças de mobiliário e máquinas de escrever. A limpeza foi feita com recurso a um aspirador de conservação de sucção regulável e respetivos acessórios, a uma trincha e a panos de microfibras secos.

A segunda fase das limpezas decorreu de 22 a 24 de janeiro, e as atividades foram realizadas em conjunto com a conservadora-restauradora Diana Tavares e a voluntária Bruna Moutinho e abrangeram toda a maquinaria industrial presente em exposição no piso 0 e no piso 1. A maquinaria é maioritariamente composta de metal e inclui partes em madeira. Sob orientação e supervisionamento da conservadora-restauradora Diana Tavares, realizaram-se limpezas mecânicas e húmidas.

O processo iniciou-se com a limpeza por aspiração de todas as máquinas, para remover a sujidade depositada. Devido à acumulação de poeiras ao longo dos anos e à presença de óleos anteriormente aplicados em zonas metálicas das máquinas, a sujidade veio a aderir à superfície, tornando a limpeza por aspiração ineficaz.

Procedeu-se à limpeza húmida do metal com discos de algodão e zaragatoas ou cotonetes²⁷, embebidos de álcool etílico a 70%. O protocolo de limpeza consistiu em passar a zaragatoa ou os discos de algodão embebidos em álcool uma única vez sobre as superfícies metálicas e aguardar a sua evaporação. Se após a evaporação a sujidade persistisse, poderia fazer-se uma segunda passagem. Esta sequência poderia repetir-se quantas vezes fosse necessário. Se restassem marcas de maré deixadas pelo líquido após a sua evaporação, as mesmas eram removidas pela passagem de uma *smoke sponge*.

Sobre as partes de madeira não foi aplicada limpeza húmida, mantendo-se apenas métodos de limpeza a seco. A limpeza por aspiração mostrou-se eficaz na remoção das poeiras depositadas nas madeiras e a *smoke sponge* foi pontualmente utilizada para remover sujidades mais persistentes.

²⁷ As zaragatoas ou cotonetes foram construídos a partir de espetos de madeira e algodão em rama, envolvendo uma das extremidades dos espetos em algodão, criando assim uma zona absorvente a ser embebida em álcool.

**Apêndice 2- Modelo de Relatório de Estado de Conservação ou
Condition Report elaborado para a coleção de Luís Stoffel.**

<u>Responsável:</u>	
<u>Data:</u>	
<u>IDENTIFICAÇÃO</u> <u>DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> <u>Denominação:</u> <u>Ano de produção:</u> <u>Autor:</u> <u>Imagem identificativa:</u>
<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> <u>Materiais:</u> <u>Dimensões:</u>

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐

Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐

Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro.

	Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

Apêndice 3- Esquema de acondicionamento em reserva e transporte para a coleção de Luís Stoffel.

Nº Inventário	Denominação	Sistema	Observações
MIC-002602-P	Tocado "Vintage"	D	Adicionar enchimento para a copa e colocar o véu para cima
MIC-002603-P	fascinator "Azul Amarelo"	B	
MIC-002604-P	tocado "Pied de poule"	B	
MIC-002605-P	fascinator "Tricolor"	A	
MIC-002606-P	fascinator "Merry Christmas"	A	
MIC-002607-P	fascinator "Malmequeres Brancos"	B	
MIC-002608-P	Acessório de cabeça escultural "Ráfia"	B	Adicionar pequenos enchimentos nos arcos de ráfia para suportar a sua forma
MIC-002609-P	fascinator "Jardim"	B	
MIC-002610-P	fascinator "Vermelho Roxo"	A	
MIC-002611-P	fascinator "Preto Branco"	A	
MIC-002612-P	fascinator "Primavera"	A	
MIC-002613-P	fascinator "Rosa Preto"	B	

MIC-002614-P	cartola do chapeleiro louco	D	Adicionar enchimento na copa
MIC-002615-P	acessório de cabeça escultural "Étnico"	B	
MIC-002616-P	chapéu "Ascot III"	B	Adicionar suporte em espuma para suportar a ponta da aba e equilibrar o objeto
MIC-002617-P	chapéu "Lady Século XIX"	B	
MIC-002618-P	fascinator "Ascot I"	B	
MIC-002619-P	acessório de cabeça escultural "O Ninho"	A	
MIC-002620-P	chapéu "Lady Século XVIII"	D	Adicionar enchimento na copa e anel de suporte na aba
MIC-002621-P	fascinator "Pandemia"	B	
MIC-002622-P	chapéu "Feltro Vermelho"	A	
MIC-002623-P	chapéu "Capeline"	D	Adicionar enchimento na copa e anel de suporte para a aba
MIC-002624-P	fascinator "Alvo"	B	
MIC-002626-P	fascinator "Tiara Preta"	B	
MIC-002627-P	acessório de cabeça escultural "Ave-do-Paraíso II"	C	Adicionar suporte em espuma para suportar a "ave" e equilibrar o objeto

MIC-002628-P	acessório de cabeça escultural "Coronavírus"	C	
MIC-002629-P	acessório de cabeça escultural "Colors"	C	
MIC-002630-P	acessório de cabeça escultural "Teatro"	D	Adicionar travamentos
MIC-002631-P	acessório de cabeça escultural "Noiva do Minho"	C	Adicionar suporte em espuma para suportar a parte em fita dourada e equilibrar o objeto
MIC-002647-P	máscara "Primavera"	C	
MIC-002657-P	fascinator "Excêntrico"	B	
MIC-002658-P	fascinator "Corista"	B ou D	
MIC-002659-P	fascinator "Burlesque"	B ou D	
MIC-002660-P	acessório de cabeça escultural "Circus"	B	
MIC-002662-P	acessório de cabeça escultural "Circus I"	B	
MIC-002663-P	fascinator "Ascot II"	B	

MIC-002664-P	fascinator "Tiara Branca"	A	
MIC-002665-P	acessório de cabeça escultural "Misteriosa"	B	
MIC-002666-P	fascinator "Baile de Máscaras"	C	Adicionar suporte em espuma para suportar o tufo de penas e equilibrar o objeto
MIC-002667-P	fascinator "Ave"	B ou D	
MIC-002668-P	fascinator "Arara"	B	
MIC-002669-P	tocado "Elegant Gothic"	A	
MIC-002670-P	fascinator "Patchwork I"	B	
MIC-002671-P	fascinator "Patchwork II"	B	
MIC-002672-P	acessório de cabeça escultural "A Borboleta"	B	
MIC-002673-P	fascinator "Corvo"	A (fascinator) e D (gola)	
MIC-002674-P	tocado "Lady Século XVI"	D	
MIC-002675-P	tocado "Cinza Prata"	A	
MIC-002676-P	tocado "Fashion Coquete"	D	Adicionar enchimento na copa
MIC-002677-P	tocado "Salmão"	A	

MIC-002678-P	tocado "Patchwork"	A	
MIC-002679-P	tocado "Rosa Preto"	A	
MIC-002680-P	fascinator "Ondas Vermelhas"	B	
MIC-002681-P	tocado "Azul"	A	
MIC-002682-P	fascinator "Rosa Branco"	A	
MIC-002683-P	fascinator "Rosas Vermelhas"	B	
MIC-002684-P	fascinator "Véu Preto"	B	
MIC-002685-P	fascinator "Verde Bronze"	A	
MIC-002686-P	tocado "Flores"	A	
MIC-002687-P	tocado "Floral"	D	Adicionar enchimento para a copa e colocar o véu para cima
MIC-002688-P	fascinator "Castanho Creme"	B	
MIC-002689-P	fascinator "Palmito"	B	
MIC-002690-P	fascinator "Laranja Verde"	B	
MIC-002691-P	fascinator "Tricolor II"	A	
MIC-002692-P	fascinator "Marfim"	D	

MIC-002693-P	fascinator "Metamorfose"	A	
MIC-002694-P	chapéu "Tricórnio"	A	
MIC-002695-P	acessório de cabeça escultural "Kalinka"	D	Adicionar enchimento em papel ceda para suportar a copa
MIC-002696-P	acessório de cabeça escultural "Coral"	C	Adicionar enchimento de papel ceda para suportar a viseira
MIC-002697-P	acessório de cabeça escultural "Ave-do-Paraíso I"	C	Adicionar suporte em espuma para suportar o pescoço da ave e equilibrar o objeto
MIC-000066-O	máscara "Moulin Rouge"	C (máscara) e D (gola)	
MIC-000067-O	máscara "Gótica"	C	
MIC-000069-O	máscara "Gótico Medieval I"	C	Adicionar travamentos
MIC-000068-O	máscara "Gótico Medieval II"	C	Adicionar enchimento de papel ceda para a parte da viseira
MIC-000070-O	máscara "Cisne Negro"	C	Adicionar suporte em espuma para suportar o pescoço do cisne e equilibrar o objeto
MIC-000071-O	máscara "Marfim"	D	Adicionar travamentos
MIC-000072-O	máscara "Glamour"	D	Adicionar travamentos

Apêndice 4- Variedade de materiais presentes na coleção de Luís Stoffel.

Número de Inventário	Plástico	Têxtil	Metal	Papel	Penas e plumas	Vidro	Outros	Total	Observações
MIC-002602-P	X	X			X			3	
MIC-002603-P	X	X			X			3	
MIC-002604-P		X			X			2	
MIC-002605-P	X	X			X			3	
MIC-002606-P	X	X	X		X			4	
MIC-002607-P	X	X	X		X			4	
MIC-002608-P		X	X					2	
MIC-002609-P	X	X			X	X		4	
MIC-002610-P		X	X		X			3	
MIC-002611-P		X	X		X			3	
MIC-002612-P	X	X	X		X		X	5	plantas secas
MIC-002613-P	X	X			X			3	
MIC-002614-P	X	X	X	X				4	
MIC-002615-P		X					X	2	vime
MIC-002616-P	X	X	X		X	X		5	
MIC-002617-P	X	X		X	X	X		5	
MIC-002618-P			X		X			2	
MIC-002619-P	X	X	X		X	X		5	
MIC-002620-P	X	X						2	
MIC-002621-P		X			X			2	
MIC-002622-P	X	X						2	
MIC-002623-P		X				X		2	
MIC-002624-P	X	X	X		X			4	
MIC-002626-P	X	X	X		X			4	
MIC-002627-P	X	X			X			3	
MIC-002628-P	X	X	X	X			X	5	pasta de modelar
MIC-002629-P	X	X			X			3	
MIC-002630-P	X	X	X	X				4	
MIC-002631-P	X	X	X			X		4	
MIC-002647-P	X	X	X		X			4	
MIC-002657-P		X	X		X			3	
MIC-002658-P	X	X	X		X			4	
MIC-002659-P	X		X		X			3	
MIC-002660-P	X	X		X				3	
MIC-002662-P	X	X			X			3	
MIC-002663-P	X	X			X			3	
MIC-002664-P	X	X	X		X			4	

MIC-002665-P	X	X			X	X		4	
MIC-002666-P	X	X	X		X			4	
MIC-002667-P	X	X	X		X			4	
MIC-002668-P	X	X			X			3	
MIC-002669-P	X	X	X		X			4	
MIC-002670-P	X	X			X			3	
MIC-002671-P	X	X	X		X			4	
MIC-002672-P	X	X	X		X	X		5	
MIC-002673-P	X	X	X		X	X		5	
MIC-002674-P	X	X						2	
MIC-002675-P	X	X			X			3	
MIC-002676-P	X	X			X			3	
MIC-002677-P	X	X			X			3	
MIC-002678-P	X	X			X			3	
MIC-002679-P		X	X		X			3	
MIC-002680-P	X	X			X			3	
MIC-002681-P	X	X			X			3	
MIC-002682-P	X	X			X			4	
MIC-002683-P		X	X	X	X			4	
MIC-002684-P	X	X	X		X			4	
MIC-002685-P	X	X			X			3	
MIC-002686-P	X	X			X			3	
MIC-002687-P	X	X		X				3	
MIC-002688-P	X	X			X			3	
MIC-002689-P	X	X	X			X		4	
MIC-002690-P	X	X			X			3	
MIC-002691-P	X	X	X		X			4	
MIC-002692-P		X	X		X			3	
MIC-002693-P	X	X	X		X			4	
MIC-002694-P	X	X	X		X			4	
MIC-002695-P	X	X						2	
MIC-002696-P	X	X			X	X		4	
MIC-002697-P	X	X		X	X	X		5	
MIC-000066-O	X	X	X			X		4	
MIC-000067-O	X	X	X		X			4	
MIC-000068-O	X	X	X					3	
MIC-000069-O		X	X		X	X		4	
MIC-000070-O	X	X			X			3	
MIC-000071-O	X	X			X			3	
MIC-000072-O	X	X	X		X	X		5	

Figura 87- Flores de papel no *fascinator* “Flores Vermelhas”. © Inês Batista, 2025.



Figura 88- Vários materiais presentes no acessório de cabeça escultural “Coronavírus”. Rosa- massa de modelar; Verde- metal; Azul - plástico; Vermelho- têxtil. © Inês Batista, 2025.



Figura 89- Vários materiais presentes no *fascinator* “Primavera”. Rosa- penas; Verde- metal; Amarelo- plantas secas; Azul- plástico; Vermelho- têxtil. © Inês Batista, 2025

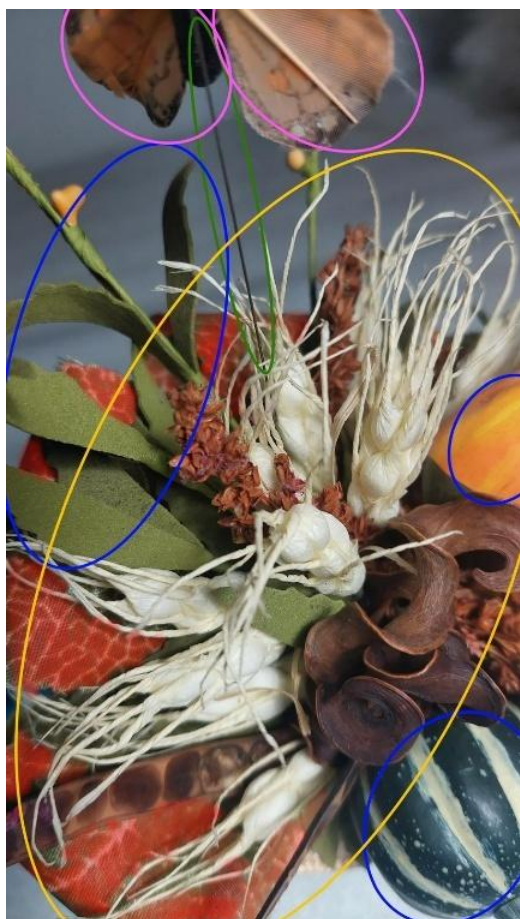


Figura 90- Vários materiais presentes no acessório de cabeça escultural “Étnico”. Têxtil e vime (a verde). © Inês Batista, 2025.



Figura 91- Vários materiais presentes no Acessório de cabeça escultural “A Borboleta”. Rosa- penas e plumas; Verde- metal; Amarelo- vidro; Azul- plástico; Vermelho- têxtil. © Inês Batista, 2025.



Figura 92- Diferentes estilizações aplicadas nas penas e plumas na coleção de Luís Stoffel. © Inês Batista, 2025.



Apêndice 5- Estado de conservação da coleção.

Número de Inventário	Muito Bom	Regular	Fraco	Mau
MIC-002602-P	X			
MIC-002603-P	X			
MIC-002604-P		X		
MIC-002605-P		X		
MIC-002606-P		X		
MIC-002607-P	X			
MIC-002608-P	X			
MIC-002609-P	X			
MIC-002610-P	X			
MIC-002611-P	X			
MIC-002612-P		X		
MIC-002613-P	X			
MIC-002614-P		X		
MIC-002615-P	X			
MIC-002616-P	X			
MIC-002617-P		X		
MIC-002618-P		X		
MIC-002619-P		X		
MIC-002620-P		X		
MIC-002621-P		X		
MIC-002622-P		X		
MIC-002623-P	X			
MIC-002624-P		X		
MIC-002626-P		X		
MIC-002627-P	X			
MIC-002628-P		X		
MIC-002629-P		X		
MIC-002630-P	X			
MIC-002631-P		X		
MIC-002647-P		X		
MIC-002657-P		X		
MIC-002658-P	X			
MIC-002659-P			X	
MIC-002660-P	X			
MIC-002662-P		X		
MIC-002663-P		X		
MIC-002664-P		X		
MIC-002665-P	X			
MIC-002666-P		X		
MIC-002667-P				X

MIC-002668-P		X		
MIC-002669-P	X			
MIC-002670-P	X			
MIC-002671-P	X			
MIC-002672-P		X		
MIC-002673-P	X			
MIC-002674-P		X		
MIC-002675-P		X		
MIC-002676-P		X		
MIC-002677-P	X			
MIC-002678-P	X			
MIC-002679-P	X			
MIC-002680-P	X			
MIC-002681-P		X		
MIC-002682-P		X		
MIC-002683-P		X		
MIC-002684-P	X			
MIC-002685-P			X	
MIC-002686-P	X			
MIC-002687-P	X			
MIC-002688-P	X			
MIC-002689-P		X		
MIC-002690-P		X		
MIC-002691-P	X			
MIC-002692-P			X	
MIC-002693-P	X			
MIC-002694-P	X			
MIC-002695-P	X			
MIC-002696-P		X		
MIC-002697-P	X			
MIC-000066-O		X		
MIC-000067-O		X		
MIC-000068-O		X		
MIC-000069-O		X		
MIC-000070-O	X			
MIC-000071-O	X			
MIC-000072-O		X		

Apêndice 6- Tipos de dano verificados na coleção.

Número de Inventário	Danos estruturais maiores	Danos estruturais menores	Danos superficiais	Desfiguração	Danos Químicos	Danos Biológicos	Depósitos	Intervenções anteriores
MIC-002602-P								
MIC-002603-P								
MIC-002604-P	X	X			X			
MIC-002605-P		X				X		
MIC-002606-P		X						
MIC-002607-P							X	
MIC-002608-P								
MIC-002609-P								
MIC-002610-P								
MIC-002611-P								
MIC-002612-P	X		X			X		
MIC-002613-P								
MIC-002614-P		X			X		X	
MIC-002615-P							X	
MIC-002616-P							X	
MIC-002617-P	X	X			X	X		
MIC-002618-P	X	X				X	X	
MIC-002619-P		X						
MIC-002620-P		X					X	
MIC-002621-P	X	X				X		
MIC-002622-P		X	X				X	
MIC-002623-P								
MIC-002624-P	X						X	

MIC-002626-P	X	X						
MIC-002627-P							X	
MIC-002628-P		X						
MIC-002629-P			X					
MIC-002630-P								
MIC-002631-P		X						
MIC-002647-P	X	X						
MIC-002657-P		X				X	X	
MIC-002658-P								
MIC-002659-P	X					X		
MIC-002660-P								
MIC-002662-P		X						
MIC-002663-P		X				X	X	
MIC-002664-P	X				X	X		
MIC-002665-P								
MIC-002666-P	X	X				X		
MIC-002667-P	X					X		
MIC-002668-P	X	X				X	X	
MIC-002669-P								
MIC-002670-P								
MIC-002671-P								
MIC-002672-P		X			X		X	
MIC-002673-P								
MIC-002674-P		X						
MIC-002675-P		X						
MIC-002676-P		X					X	

MIC-002677-P								
MIC-002678-P								
MIC-002679-P								
MIC-002680-P								
MIC-002681-P		X	X			X	X	
MIC-002682-P		X				X		
MIC-002683-P			X		X		X	
MIC-002684-P								
MIC-002685-P	X	X	X			X		
MIC-002686-P								
MIC-002687-P								
MIC-002688-P								
MIC-002689-P					X			
MIC-002690-P			X				X	
MIC-002691-P								
MIC-002692-P	X	X	X			X		
MIC-002693-P								
MIC-002694-P								
MIC-002695-P								
MIC-002696-P		X	X					
MIC-002697-P								
MIC-000066-O		X	X			X		
MIC-000067-O	X							
MIC-000068-O		X					X	
MIC-000069-O					X		X	
MIC-000070-O								

MIC-000071-O								
MIC-000072-O	X						X	

Apêndice 7- Têxteis: fibras naturais vegetais, fibras naturais animais e fibras sintéticas não celulósicas.

Fibras naturais vegetais

Através da consulta das fichas de inventário da coleção de Luís Stoffel, foram identificadas duas fibras naturais vegetais: a ráfia e o abacá (*Musa textilis*), também conhecido, na língua portuguesa, por Cânhamo-de-manila (Vaughan, 2012, p. 334), embora o abacá não tenha relação com o cânhamo originário da canábis (*Cannabis sativa*) (Britannica, 2014).

As fibras de ráfia são conseguidas a partir das longas folhas de palmeiras do género *Raphia*, nativas da África tropical e de Madagáscar. A obra *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibras* identifica a produção de fibras de ráfia produzidas na região afro-tropical, provenientes de cinco espécies de plantas vulgarmente conhecidas por palmeiras, da família Aceráceas (*Arecaceae*): a *Raphia farinifera*, a *Raphia hookeri*, a *Raphia palma-pinus*, a *Raphia sudanica* e a *Raphia vinífera*.

Depois de retirada das folhas das palmeiras e de seca, a ráfia torna-se numa fibra macia, mas resistente, leve, fácil de cortar, forte e durável e é, também, facilmente tingida. Pode ser utilizada na produção de uma variedade objetos, como cestos, como tapetes, cordas, sacos, redes, mobiliário, têxteis e chapéus (Jimu, 2012, p. 386). A espécie mais exportada e utilizada no continente europeu é a *Raphia farinifera*.

Segundo a entrada “Musa textiles” na obra *Plant Resources of Tropical Africa 16: Fibras* (Vaughan, 2012, p. 336), “a fibra de abacá contém 55-64% de α -celulose, 18-23% de hemiceluloses, 5-18% de lignina, 1% de pectina e 1-3% de cinzas”. Caracteriza-se por ser um material forte, flexível, flutuável e resistente à água doce e salgada. As fibras duras conseguidas a partir da bainha foliar do abacá são utilizadas para fiar. O *sinamay*, composto de abacá, é frequentemente utilizado na estrutura, no revestimento, no acabamento e na decoração de chapéus. Está disponível numa variedade de cores e padrões e em tecidos com mais ou menos rigidez, adequados a diferentes utilizações. Tecidos de *sinamay* mais rígidos permitem conceder forma e estrutura aos chapéus, enquanto os moles são mais maleáveis e se adequam à criação de adornos (HATalk, s.d.).

Fibras naturais animais

As fibras animais identificadas na coleção de chapéus de Luís Stoffel, quer na consulta das fichas de inventário, como na inspeção dos objetos, são a lã e a seda.

As fibras de lã variam em comprimento de cerca de 4 a 38 cm e são compostas principalmente por proteínas queratinosas, semelhantes a todos os pelos dos mamíferos. Sheila Landi (1985, p. 19) indica que a lã de ovelha é composta por uma proteína – a queratina –, e lanolina, uma cera. A queratina é composta dos mesmos aminoácidos encontrados na seda.

Cada fibra de lã é constituída por uma cutícula exterior com escamas características, um córtex que forma o volume e uma medula central oca, que pode estar ausente nas fibras mais finas. As escamas exteriores são essenciais para a identificação da fibra e para a produção de feltro, mas podem ser alteradas ou destruídas em fibras degradadas (CCI, 2008, p. 3).

As fibras de seda podem exceder 2 km de comprimento e consistem em dois filamentos de fibroína unidos por sericina, uma goma de seda solúvel que representa 10-20% do peso da seda. A remoção da sericina separa os filamentos. A fibroína e sericina são duas proteínas constituídas pelos mesmos aminoácidos, mas em diferentes quantidades, que a queratina da lã (Landi, 1985, p. 19).

É possível conseguir um filamento contínuo de seda quando o material é conseguido após a larva criar o casulo e antes da mesma completar a sua metamorfose em mariposa e quebrar o seu casulo. Este processo, típico da produção de seda cultivada, implica que o inseto não complete o seu ciclo de vida. Por outro lado, é possível extrair a seda dos casulos quebrados, após a metamorfose do inseto. Este processo é característico da seda selvagem e resulta em filamentos mais curtos e num tecido mais texturizado e com pequenas imperfeições.

A exposição à luz solar provoca amarelecimento e degradação da seda e da lã, sendo a seda muito sensível à radiação U.V. A seda tem boa resistência aos microrganismos e a lã é propícia ao crescimento de bolor em condições ambientais húmidas. A seda pode ser destruída pelas larvas do besouro dos tapetes e a pode servir de alimento às larvas

de traça-da-roupa e de besouro dos tapetes. A deterioração da seda é acelerada pelo calor e pela humidade, tal como acontece, de forma geral, sobre todas as fibras. As fibras de lã expostas ao calor, à humidade e à fricção podem sofrer uma feltragem irreversível. Tanto a lã como a seda são muito vulneráveis aos danos provocados pelo cloro (CCI, 2008, pp. 3-4).

Fibras sintéticas

Considerando a produção dos objetos da coleção em estudo, pressupõe-se que, pelo menos, a maioria dos elementos têxteis não identificados sejam compostos por fibras sintéticas. Não tendo sido possível a sua identificação, a tabela que se segue compila alguns dados revistos que abordam a caracterização das principais fibras sintéticas não celulósicas.

Tabela 6- Características, composição química, degradação típica e nomes comerciais de fibras sintéticas não celulósicas.

Fibra	Características	Composição química	Degradação	Nomes comerciais
<u>Nylon</u>	-Resistência à abrasão -Resistência ao óleo e à maioria dos produtos químicos -Baixa absorção de humidade -Resistência ao mofo, bolor e traças	-Poliamida	-Amarelecimento por foto-oxidação	-Antron -Durasoft -Supplex

	-Resistência à lavagem			
<u>Poliéster</u>	-Força -Resistência à maioria dos produtos químicos - Secagem rápida -Resistência à lavagem -Resistência ao bolor -Resistência ao enrugamento -Retém as pregas e os vincos definidos pelo calor	- Politereftalato de etileno (PET)	-Abrasão	-Dacron -Fortrel -Thermoloft -Microloft
<u>Acrílico</u>	-Toque de lã -Suavidade e calor -Retenção da forma -Secagem rápida -Resistência às traças -Resistência à luz solar	-Acrilonitrila	-Abrasão	-Orlon -Acrilan -Creslan

	-Resistência a óleos e produtos químicos - Resistência à lavagem			
<u>Poliuretano</u>		-Poliuretano (PU)	-Descoloração -Fissuração -Laminação das camadas -Distorção (formação de “borbulhas”) do tecido exterior	
<u>Elastano</u>	-Leveza -Resistência aos óleos corporais -Resistência à abrasão -Resistência e durabilidade -Pode ser esticado várias vezes e recuperar o seu comprimento e forma originais	- Poliuretano (PU) e polietileno-glicol	-Perda da elasticidade a altas temperaturas -Baixa resistência a produtos oleosos	-Lycra -Cleerspan -Dorlastan -Glospan

Fonte: Dancause *et al* (2018); NPS (2002).

Apêndice 8- Vidro.

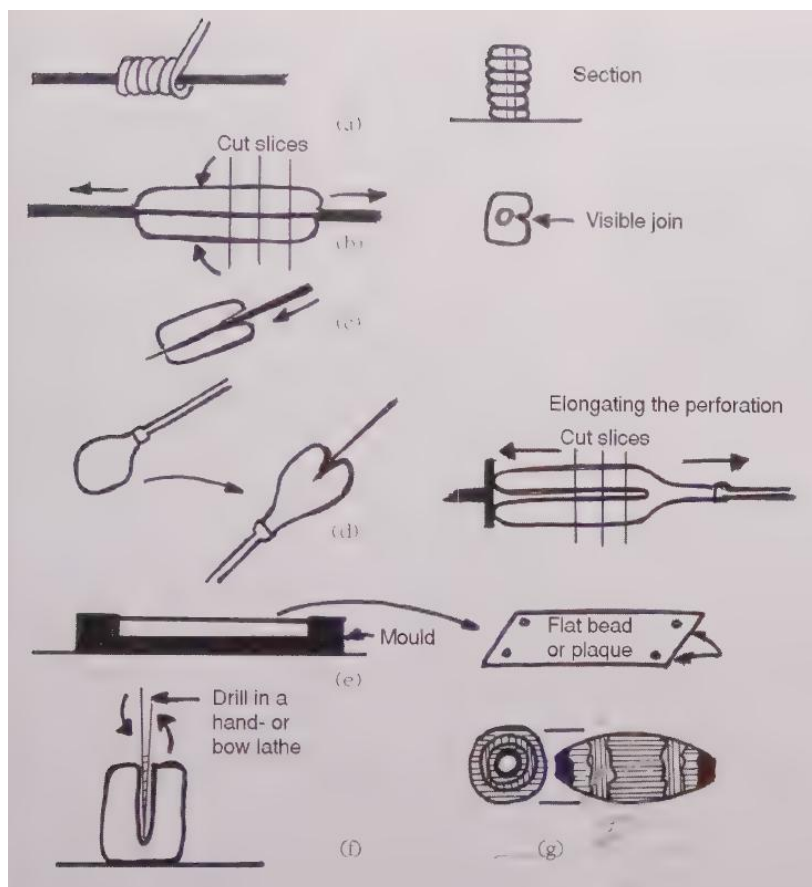
Técnicas de produção de contas de vidro

As contas ou missangas de vidro foram uns dos primeiros objetos de vidro a serem produzidos (Hess & Wight, 2005, p. 42), como imitação de pedras semipreciosas (Davison, 2003, p. 18). As contas podem ser produzidas de diversas formas. Hess e Wight (2005, p. 73) descrevem que é possível produzir contas ao enrolar vidro fundido em torno da ponta de uma haste metálica revestida com argila ou outra proteção que impede a aderência do vidro à haste (*kiln wash*). Esta técnica permite criar formas ocas, como contas com um furo no centro, porque o vidro não adere permanentemente ao metal. A esta técnica, Davison (2003, pp. 87-88) acrescenta as seguintes:

*ii. extrair de uma gota de vidro que foi trabalhada para uma cavidade; iii. dobrar vidro à volta de um núcleo, sendo a junção visível de um lado; iv. pressionar vidro numa vareta; v. perfurar vidro macio com uma vareta; e vi. soprar (embora as contas de vidro soprado cilíndricas sejam bastante excepcionais); vii. perfurar um bloco sólido de vidro*²⁸.

²⁸ Tradução livre de “*ii. drawing from a gob of glass which has been wroked into a hollow; iii. folding glass around a core, the joint being visible on one side; iv. pressing glass into a rod; v. perforating soft glass with a rod; and vi. blowing (though cylindrical blowing glass bead are rather exceptional); vii. drilling through a solid block of glass*”.

Figura 93- Técnicas de produção de contas de vidro. © Davison (2003).



Fonte: Davison (2003, p. 87).

Deterioração do vidro

Idealmente, o vidro deve ser uma mistura homogênea e equilibrada dos seus elementos constituintes. A sua composição, e a falta de equilíbrio na mesma, determinam a estabilidade do vidro e influenciam a sua deterioração (CCI, 2007, p. 4).

A água, em estado líquido ou gasoso, é o maior agente de deterioração do vidro. A água pode ser atraída para os vidros pelos componentes higroscópicos que os compõem e pela sujidade depositada na sua superfície (Ohern & McHugh, 2014, p. 207). A remoção da sujidade depositada na superfície dos vidros pode reduzir a sua deterioração.

A deterioração dos objetos de vidro pode manifestar-se na sua dissolução, sob a forma de formação de gotículas de líquido na sua superfície, um fenómeno chamado de vidro lacrimejante ou suado (*weeping* ou *sweating*) ou de uma rede de microfissuras

(*crizzling*), ambos causados por uma formulação incorreta e exacerbados pela flutuação da humidade relativa (HR) (CCI, 2007, p. 5).

Se o pH da superfície do vidro for inferior a 9, a humidade presente faz com que os iões alcalinos e alcalinos-terrosos (como o sódio e o potássio) sejam “lavados” ou extraídos da estrutura do vidro. Este fenómeno dá origem a uma camada superficial empobrecida nesses iões alcalinos (“lixiviada”), mas enriquecida em sílica. Os iões extraídos podem reagir com o dióxido de carbono com os poluentes presentes no ar e formar sais na superfície do vidro. Quando o pH ultrapassa o valor de 9, a própria estrutura da sílica do vidro pode começar a degradar-se (Other & McHugh, 2014, pp. 207-208).

Numa primeira fase, em ambientes com HR elevada, superior a 55%, os vidros podem aparecer lacrimejantes ou suados. Quando a HR é mais reduzida, inferior a 40%, nota-se a formação de cristais na superfície dos vidros. Na fase seguinte, é possível notar pequenas fissuras localizadas, pelo que, numa terceira fase, a fissuração torna-se uniforme por toda a superfície do vidro. Em seguida, dá-se um destacamento da superfície e, por último, pode dar-se a fratura do vidro.

No caso particular da deterioração das contas de vidro, esta pode não só ser influenciada pela formulação do vidro e pelo historial do objeto, como pelas matérias adjacentes às contas, por exemplo, fios, tecidos e peles (Other & McHugh, 2014, pp. 208-209). É possível prevenir uma deterioração adicional das contas ao limpar os sais que se formam na sua superfície, sendo que esta ação reduz o pH e remove os elementos higroscópicos da superfície do vidro (Other & McHugh, 2014, p. 210).

No que diz respeito ao nível de HR adequado para uma boa conservação dos objetos de vidro, os valores indicados variam entre os 35% e os 40% (Other & McHugh, 2014, p. 210).

Apêndice 9- Plástico.

A vulcanização da borracha natural, que consiste no tratamento da borracha com calor e na ligação cruzada com enxofre, constituiu um marco que alavancou o desenvolvimento dos plásticos. Ao adicionar uma pequena quantidade de enxofre, a borracha mantém-se elástica, passando a ser mais resistente a danos, a solventes e a temperaturas elevadas. Adicionando quantidades de enxofre mais elevadas, é possível produzir um material mais duro, chamado de ebonite ou vulcanite, o primeiro material plástico, produzido através da modificação química de um polímero natural (Shashoua, 2008, p. 22).

Seguiu-se a produção de demais plásticos semissintéticos, tais como o nitrato de celulose, em 1846, e o acetato de celulose, em 1869. Estes plásticos proporcionavam a imitação de materiais naturais de luxo, como a madrepérola, o marfim e a carapaça de tartaruga. O nitrato de celulose foi também utilizado na produção de filmes, que foram utilizados na indústria cinematográfica. Contudo, o nitrato de celulose apresenta uma elevada inflamabilidade, o que levou à substituição deste material e significa um elevado risco de incêndio para acervos deste tipo.

Em 1907 foi patenteado o primeiro polímero sintético, o fenol-formaldeído, designado de baquelite, seguido de uma variedade de polímeros. Segundo Shashoua (2008, p. 40), existem 50 tipos de polímeros sintéticos e cerca de 60000 formulações de plástico.

Em 1912, foi registada a patente do poli (cloreto de vinilo), chamado de PVC, depois de já ter sido descoberto ainda no século anterior. O PVC veio a tornar-se num dos plásticos mais amplamente usados devido à sua versatilidade

Dependendo dos aditivos utilizados na produção do PVC, este plástico pode ser rígido ou flexível. A flexibilidade é uma característica do PVC plastificado. Os plásticos plastificados são plásticos que contêm aditivos plastificantes, que lhes concedem maleabilidade e os tornam menos quebradiços.

O desenvolvimento da moldagem de plásticos por injeção na década de 1930 veio a valorizar o plástico de poliestireno. O polietileno, descoberto acidentalmente, é, atualmente, o plástico produzido em maior quantidade. O acrílico, ou polimetil

metacrilato, devido à sua transparência e resistência, tornou-se num frequente substituto do vidro.

Após um grande desenvolvimento da utilização e produção dos polímeros sintéticos durante a Segunda Guerra Mundial, estes vieram a substituir os polímeros semissintéticos nas suas utilizações, assim como outros materiais tradicionais, como a madeira, o metal, o vidro e as peles, devido às suas vantagens económicas e técnicas (Shashoua, 2008, p. 33). Assim, os plásticos vieram assumir uma função utilitária, para além da decorativa.

Deterioração do plástico

Os plásticos podem ser materiais frágeis e instáveis. Shashoua (2008, p. 15) indica que os agentes de dano que causam e agravam a degradação dos plásticos são o oxigénio, a água, a luz, “especialmente a radiação ultravioleta de alta energia”, e o calor. A estes, Fenn e Williams (2018) acrescentam as forças físicas e os poluentes.

Shashoua (2008, p. 15; p. 153) apresenta os nitratos e acetatos de celulose, o PVC plastificado, as espumas de poliuretano e as borrachas como os plásticos mais sensíveis e instáveis encontrados nas coleções de museus. Contudo, os plásticos de poliéster, polietileno e polipropileno têm revelado cada vez mais indícios de degradação.

Como se espera que os plásticos presentes em coleções museológicas sejam preservados e utilizados por largos anos, os aditivos neles presentes tendem a degradar-se durante, ou mesmo antes, do período em que se encontram em acervos de museus. A conservação interventiva de plásticos é uma área de ação que acarreta riscos acrescidos para os materiais, considerando que, quando deteriorados, os plásticos se tornam altamente sensíveis a “líquidos orgânicos, soluções aquosas e à própria água” (Shashoua, 2008, p. 207), pelo que as intervenções realizadas podem ser irreversíveis e causar dano.

Apêndice 10- Deterioração do papel.

O papel é vulnerável à degradação causada por agentes químicos, biológicos e ambientais, assim como a danos mecânicos (Broeze-Hoernemann, 1998, pp. 63-64). A deterioração pode ser causada pela presença substâncias nocivas na composição do próprio papel, por exposição a poluentes externos e a fatores ambientais como a luz, a temperatura e a humidade relativas, serem alvos de ataques de fungos, insetos e roedores e sofrerem de um manuseamento e cuidado inadequados (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63).

Guild (2020, s. p.) salienta que os processos de deterioração mais relevantes no papel são a hidrólise ácida, agravada pela humidade e pela presença de ácidos na composição do papel e no ambiente, e a oxidação, acelerada por poluentes, pela luz e por metais. Ambos quebram as cadeias de celulose, enfraquecendo o papel e alterando a sua aparência.

Segundo Broeze-Hoernemann (1998, p. 63), alguns compostos presentes no papel podem aumentar a sua acidez, como os aprestos à base de resina e alúmen (sécs. XIX-XX), um alto teor de lignina, revestimentos e tintas ácidas. A acidificação é prejudicial para o papel ao atacar e quebrar as longas cadeias de celulose (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63). Os ácidos escurecem e amarelecem o papel (Schrock *et al*, 2016, p. 3), danos aos quais os papéis produzidos a partir de polpa de madeira de baixa qualidade são mais vulneráveis (Guild, 2020, s. p.). Em estados de acidificação avançados, o papel torna-se frágil, quebradiço, pode apresentar furos e perder totalmente a sua resistência (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63).

A celulose é um composto bastante absorvente dos poluentes gasosos que a rodeiam (Guild, 2020, s. p.). Poluentes, como os óxidos de azoto e o enxofre, podem reagir com o papel e contribuir para o aumento dos níveis de acidez (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63).

A oxidação da celulose é outro tipo de deterioração química que afeta o papel ao quebrar as cadeias de celulose. A oxidação é iniciada pela presença de impurezas metálicas, por poluentes e pela degradação fotoquímica induzida pela luz (Broeze-

Hoernemann, 1998, p. 63). A oxidação resulta em amarelecimento, descoloração, na formação de ácidos que aceleram a deterioração do papel, em manchas (*foxing*), em escurecimento e em fragilidade (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63; Guild, 2020, s. p.).

Os níveis de temperatura e humidade também são relevantes na deterioração do papel. O aumento da HR influencia as reações de acidificação do papel (Guild, 2020, s. p.) e as temperaturas elevadas aceleram qualquer deterioração química. Adicionalmente, as variações de HR podem causar danos, como expansão do papel e deformações suaves em forma de ondulação ou rugas, que ocorrem quando os níveis de HR são demasiado elevados, ou tornar o papel frágil e quebradiço, quando a HR atinge níveis muito reduzidos (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63).

Os agentes biológicos, como fungos e insetos, podem também causar danos no papel. Os fungos desenvolvem-se em ambientes com níveis de HR elevados e causam manchas (*foxing*) não removíveis, podendo causar desfiguração (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63). Os insetos que geralmente atacam o papel são os bichos-da-prata, as baratas e os piolhos-dos-livros. Os pequenos roedores podem também atacar o papel. Estes insetos e pequenos mamíferos alimentam-se do papel devido à presença de celulose, fungos e outros materiais orgânicos. Os danos surgem enquanto marcas de mordeduras, que podem deixar orifícios e lacunas no material, assim como manchas e sujidade causada pelos dejetos dos animais.

A presença de sujidade, como o pó, na superfície do papel, pode causar danos físicos pela abrasão das fibras e despoletar danos químicos e biológicos, aumentando a HR envolvente e atraindo animais (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63).

O manuseamento e acondicionamento inadequado podem também ser agentes de danos por forças físicas, visto que o papel pode ser um material frágil, estado facilmente sujeito a danos como, por exemplo, lacerações, rasgões, vincos, dobras e perfurações.

A utilização de fitas adesivas pode também deixar manchas amareladas, pelo contacto com os adesivos, e os danos causados podem ser irreversíveis (Broeze-Hoernemann, 1998, p. 63). Os cliques metálicos também devem ser evitados, pois podem perfurar o papel e, se ocorrer corrosão, os óxidos poderão migrar para o papel.

Apêndice 11- Categorização de materiais de coleções museológicas segundo a norma ISO Blue Wool.

Tabela 7- Sensibilidade à luz dos materiais.

Sensibilidade baixa	Sensibilidade média	Sensibilidade alta
Materiais ISO Blue Wool 7, 8 e superiores	Materiais ISO Blue Wool 4, 5 e 6	Materiais ISO Blue Wool 1, 2 e 3
Pedras, metais, cerâmicas, materiais inorgânicos, a maioria dos pigmentos minerais tintas classificadas como “permanentes”, pigmentos de alta qualidade desenvolvidos para o uso exterior e automóvel.	Pintura a óleo e têmpera, couro, madeira, esculturas policromas, osso, marfim, fotografia a preto e branco, pelo, penas.	Documentos gráficos e obras em papel, fotografias a cores, têxteis, maioria dos extratos de plantas e corantes históricos, extratos de insetos, a maioria dos primeiros corantes sintéticos, corantes sintéticos económicos, tinta de canetas de feltro, tinta de esferográficas, coleções etnográficas, coleções de história natural.

Fonte: Michalski (2018, s.p.); Sousa *et al* (2007, p. 98).

Apêndice 12- Produtos emissores de poluentes.

Deve evitar-se a utilização de materiais emissores de poluentes e, se possível, impedir a sua entrada em museus. Contudo, são muitos os objetos musealizados que contêm materiais com poluentes intrínsecos, e, nesses casos, apenas é possível reduzir as reações químicas nos materiais e bloquear os poluentes. Antes demais, é necessário estudar as coleções para identificar corretamente estes materiais. Após a identificação dos objetos vulneráveis, as reações químicas podem ser diminuídas mantendo os níveis adequados de temperatura, humidade relativa e de radiações eletromagnéticas (em particular a luz visível, os raios ultravioleta e os raios infravermelhos). No caso dos papéis ácidos, é possível bloquear os poluentes dos compostos ácidos, realizando a sua desacidificação com a aplicação de compostos alcalinos (Tétreault, 2021, p. 18).

Tabela 8- Alguns produtos emissores de poluentes, não recomendáveis à conservação dos bens culturais.

Material	Desvantagens
<u>Adesivos e fitas adesivas</u>	Podem deixar manchas nos objetos e perder a força de adesão.
<u>Espumas de poliuretano à base de éster ou éter</u>	Perdem a sua capacidade de amortização ao fim de alguns anos, tornando-se pegajosas e quebradiças. Podem também causar manchas. Quando degradadas, as espumas tipo éster libertam ácido adípico, que corrói o bronze, o zinco e o cobre.
<u>Selantes de silicone</u>	Libertam valores elevados de vapores de ácido acético em seguida à aplicação recente do produto. Objetos com chumbo, cobre, papel, algodão são vulneráveis ao ácido acético. Silicones

	neutrais podem também libertar amónia, que causa danos a pinturas a óleo e filmes de nitrocelulose. Selantes de silicone de cura acetoxi libertam ácido acético, causando danos em metais de chumbo, zinco e cádmio, cerâmica e pedra calcária, fotografias a cores e cerâmica vidrada com chumbo.
<u>Elásticos de borracha</u>	Os elásticos de borracha (natural ou sintética) podem deixar manchas por contacto assim que ficam velhos. Podem perder propriedades físicas e quebrar ao fim de vários meses se estiverem sujeitos a uma tensão ligeira e ao fim de alguns anos se estiverem em repouso.
<u>PVC flexível</u>	A partir de uma década de vida do produto, o PVC flexível pode deixar manchas, pois o plastificante do PVC tende a migrar para outras superfícies. Pode também emitir ácido benzoico, que corrói o bronze e o cobre.
<u>Madeiras e produtos de madeira</u>	Podem emitir ácido acético e ácido fórmico, causando danos em metais de chumbo, zinco e cádmio, bronze, cobre, cerâmica e pedra calcária, fotografias a cores, cerâmica vidrada com chumbo, papeis e vidros de silicato alcalino.

Fonte: Tétreault (2017).

Apêndice 13- Estratégias de controlo de poluentes em museus.

Numa perspetiva do controlo dos danos, foram pensadas estratégias de redução dos níveis dos poluentes que se baseiam em quatro tipos de abordagem: “Evitar, bloquear, diluir e filtrar/adsorver” (Tétreault, 2021, p. 11). Estas estratégias dependem também de medidas de monitorização e de resposta. A monitorização engloba a inspeção periódica dos objetos, identificando evidências de dano, a identificação dos materiais utilizados na construção dos edifícios e dos invólucros, a monitorização dos poluentes e a monitorização do desempenho e eficácia dos mecanismos de controlo ambiental. As respostas passam pela proteção dos objetos dos ambientes nocivos, remover poeiras, eflorescências e corrosão dos objetos e reavaliar a eficácia das estratégias adotadas.

A primeira estratégia refere-se à redução dos efeitos nocivos dos poluentes nos objetos de museus. Tendo desenvolvido as estratégias de controlo suprarreferidas, Jean Tétreault (2021, p. 11) descreve que a redução começa pelo controlo dos fatores ambientais que participam da degradação dos materiais em reação com os poluentes, como a temperatura e a humidade relativa. Em segundo lugar, surge a neutralização dos poluentes, sendo um exemplo disso a desacidificação de papéis. A redução passa também por evitar as fontes e poluentes ou tentar reduzir a exposição dos objetos às mesmas. Quando não é possível evitar por completo os poluentes, torna-se necessário progredir para as estratégias de bloqueamento, diluição e filtração dos poluentes. Estas estratégias podem ser adaptadas a cada espaço de um museu, conforme as condições ambientais de cada um e as necessidades particulares dos objetos nelas expostos ou armazenados.

Tabela 9- Estratégias de controlo de poluentes em museus.

Estratégia	Medidas
<u>Evitar</u>	Evitar fontes exteriores: • Implementar novos edifícios de museus em localizações adequadas, analisando as fontes

	de poluentes atmosféricos circundantes; • Minimizar a produção de poluentes, por exemplo, limitando o tráfego rodoviário nas proximidades imediatas dos edifícios. Evitar fontes interiores: • Selecionar e utilizar materiais de construção e produtos de limpeza com base na sua composição química e emissão de gases poluentes; • Limitar o número de visitantes permitidos por sala, em função da ventilação dos espaços; • Reduzir ao mínimo as atividades geradoras de gases e poeiras na proximidade dos objetos, ou na zona de ventilação dos mesmos. Evitar fontes em invólucros: • Selecionar e utilizar materiais com base na sua composição química e emissão de gases poluentes. Reduzir reações em objetos: • Diminuir níveis de HR, T, e radiação UV, IV e visível. Reduzir tempo de exposição a poluentes:
--	--

	• Limitar a exposição de objetos a valores ambientais inadequados à sua conservação.
<u>Bloquear</u>	Bloquear a infiltração de poluentes nas salas/edifício: • Melhorar a estanquidade do edifício, ou de algumas divisões, acrescentar divisões entre as portas principais e as salas, abrir as janelas com ponderação; • Colocar filtros de gás e de partículas eficientes. Substituir os filtros periodicamente, conforme as recomendações do fabricante, ou com base em resultados de avaliações profissionais à qualidade do ar; Bloquear a infiltração de poluentes nos invólucros: • Utilizar caixas herméticas. • Envolver os objetos com tecidos absorventes, tais como folhas de papel sem ácido (<i>acid-free</i>) ou tecidos de algodão. Bloquear a emissão de poluentes dos produtos usados em salas e invólucros: • Aplicar uma película de barreira na superfície dos produtos emissores de poluentes.

	Bloquear a transferência de poluentes nos objetos: • Aplicar barreiras na superfície dos objetos.
<u>Diluir</u>	Diluir os poluentes nas salas/edifício: • Ponderar uma distribuição sensata das coleções nas diferentes zonas de qualidade do ar do edifício. Quando necessário, utilizar invólucros. • Aumentar a distância entre a fonte de poluentes e os objetos. • Aumentar a distância entre a fonte e os objetos. • Utilizar ventoinhas portáteis para empurrar o ar para fora das divisões/edifício, no caso de emissões elevadas a curto prazo, como a pintura de fresco de paredes. Diluir os poluentes nos invólucros: • Diluir o ar com um gás não reativo, como o árgon, o hélio ou o azoto.
<u>Filtrar e adsorver</u>	Filtrar e adsorver os poluentes nas salas/edifício: • Utilizar a exaustão local para as atividades mais poluentes (cozinha, oficina, armazenamento de produtos químicos);

	• Filtrar o ar de recirculação do sistema AVAC ou utilizar uma unidade de filtragem portátil. Mudar os filtros periodicamente; • Remover periodicamente a acumulação de poeiras no edifício e nas superfícies. Minimizar a ressuspensão de poeiras. Filtrar e adsorver poluentes nos invólucros: • Utilizar métodos de adsorção passivos ou ativos (podem incluir gás, partículas, vapor de água ou adsorvente de oxigénio). Mudar periodicamente os adsorventes;
--	---

Fonte: Tétreault (2021, pp. 11-13).

Apêndice 14- Medidas de controlo, deteção e monitorização de infestações.

A prevenção de infestações de insetos passa por medidas profiláticas como parte de um plano de Controlo Integrado de Pragas, que visa a estanquidade dos edifícios, rotinas de limpeza, a inspeção das coleções, a monitorização das espécies de insetos encontrados nos museus, a quarentena de objetos e materiais vindos do exterior e o controlo das condições ambientais que podem favorecer a reprodução e sobrevivência de insetos, levando a infestações. O Controlo Integrado de Pragas, internacionalmente cunhado com o nome de *Integrated Pest Management* (IPM) é uma estratégia de conservação preventiva que desde a década de 1980 tem sido aplicada em museus, arquivos, bibliotecas e edifícios históricos, focada na prevenção de infestações de pestes através de uma perspetiva holística, que evita a utilização de pesticidas.

Com o objetivo de identificar vulnerabilidades, o antigo Instituto dos Museus e da Conservação (Sousa *et al*, 2007, p. 113) sublinha a necessidade de identificar os seguintes aspetos:

- quais os conjuntos de bens culturais, dentro da totalidade do acervo, que apresentam maior risco de ataque biológico;*
- quais as zonas do edifício que apresentam maior risco de presença de pragas;*
- quais as atividades realizadas no museu que apresentam maior risco favorecendo a presença ou a entrada de pragas.*

Medidas e rotinas a implementar num Controlo Integrado de Pragas são a manutenção uma boa limpeza dos espaços, fechar frinchas de portas exteriores ou janelas que podem servir de entrada dos insetos, evitar o consumo de alimentos em salas de exposição e nas reservas museológicas, não trazer plantas para os espaços museológicos, realizar quarentenas, em espaços isolados da restante coleção do museu, de objetos que cheguem do exterior (por exemplo, de empréstimos, doações, aquisições, etc.), manter níveis de temperatura e humidade relativa adequados, realizar inspeções periódicas a objetos vulneráveis e monitorizar armadilhas para insetos, estrategicamente colocadas pelos espaços do museu.

A nível ambiental, segundo as recomendações do IMC (Sousa *et al*, 2007, p. 116), em concordância com David Pinniger (2001, p. 57), é necessário manter uma temperatura inferior a 20 °C para desincentivar o desenvolvimento de infestações. Embora nestas mesmas fontes não seja apontado um valor específico para a HR, recomenda-se que seja o mais reduzido possível.

As rotinas de limpeza são um elemento a não descurar, uma vez que permitem a remoção de fontes de alimento dos insetos, nomeadamente das traças, que se podem alimentar de pelos e cabelos presentes na sujidade. As rotinas de limpeza rigorosas devem ser transversais, não só aos espaços abertos ao público, mas também aos espaços de reserva. É necessário ter atenção, inspecionar e limpar zonas tipicamente negligenciadas, em especial locais mal iluminados, por de trás e por baixo de mobiliário, as superfícies, como prateleiras, em que o pó normalmente se deposita, filtros de ar condicionado, locais onde se acumulem partículas, insetos mortos e também locais onde se possam formar ninhos de aves.

À inspeção e limpeza dos espaços, acrescenta-se a inspeção das coleções, tanto em exposição como em reserva. Este é um passo importantíssimo de um Controlo Integrado de Pragas. A inspeção é um processo que deve ser minucioso e atento, uma vez que os insetos, nas suas diferentes fases de vida, podem ser difíceis de identificar, particularmente os ovos e as larvas.

As limpezas e inspeções de objetos devem ser planificadas, garantindo que se implemente uma estratégia sistemática, que passa por todos os locais e objetos periodicamente. É mais favorável que se realizem várias inspeções faseadas ao longo de um ano, do que se realize uma única extraordinária inspeção a todos os espaços e objetos em simultâneo uma única vez. Este plano deve incluir uma planta do edifício, um esquema com a localização dos objetos diferenciando os diferentes materiais vulneráveis que os compõem, e a calendarização das ações. Todo o processo de inspeção deve ser documentado.

As inspeções extensivas e regulares são processos que requerem um esforço de muitas horas de trabalho. Quando os recursos humanos de um museu são limitados e não é

possível proceder a este tipo de inspeções, é essencial identificar objetos vulneráveis a espécies alvo e definir prioridade. Nestes casos, David Pinniger (2001, p. 48) recomenda uma inspeção regular aos objetos mais vulneráveis e de valor mais elevado.

No caso da inspeção para identificação de inspeções de *Tineola bisselliella*, se necessário, deve priorizar-se a inspeção de objetos compostos pelos materiais que servem a alimentação da espécie. Deve procurar-se por insetos vivos, insetos mortos, ou partes deles, partículas fecais, fios de seda, peles de larvas, e danos nos materiais, como orifícios e lacunas irregulares.

As armadilhas para insetos são úteis instrumentos de monitorização da presença de insetos, que permitem identificar pequenas infestações, antes que estas se multipliquem. São muitas as espécies de insetos que produzem produtos químicos para atrair os seus parceiros sexuais, conhecidos como feromonas. Tirando proveito deste conhecimento, desenvolveram-se armadilhas adesivas, compostas por uma camada de feromonas sintéticas, idênticas às produzidas pelos insetos fêmeas, que atraem os insetos machos. Assim, os insetos atraídos pousam sobre a camada de adesivo, ficando presos a ela. Estas armadilhas não permitem a desinfestação dos espaços e dos objetos, mas são um auxílio à deteção de infestações. Embora estas armadilhas sejam eficazes na captura de espécies alvo, têm a desvantagem de geralmente poderem repelir as restantes espécies que possam existir. Numa primeira fase, ou em conjunto com as armadilhas de feromonas, é possível usar armadilhas feitas apenas de fita dupla adesiva, sem a camada de feromonas, que possa aprisionar qualquer inseto que sobre elas passe e auxilie na identificação inicial das espécies alvo. Existem também armadilhas adesivas com odor de alimentos.

Cassetes de armadilhas de insetos tratadas com farinha de peixe, um produto alimentar também utilizado para a alimentação da *Tineola bisselliella* em contexto de estudo laboratorial, também se mostraram eficazes na atração e captura desta espécie. As armadilhas para baratas podem também ser usadas para monitorizar traças-da-roupa (Cox & Pinniger, 2007, p. 11).

A colocação e a quantidade de armadilhas para insetos devem ser ajustadas às características do espaço e das espécies, para maximizar a sua eficácia. As armadilhas devem ser colocadas em locais onde se tenha detetado a circulação de insetos, ou onde se suspeite que eles possam circular, nomeadamente junto a objetos vulneráveis, locais escuros e reclusos, junto a portas e janelas. As armadilhas podem ser colocadas no chão, em prateleiras, gavetas e penduradas em locais mais elevados, para capturar espécies voadoras.

As armadilhas de feromonas direcionadas para a espécie *T. bisselliella* podem ser muito eficazes, mas estas são também mais dispendiosas. A sua utilização deve então ser estratégica, próxima dos objetos mais vulneráveis. Estas armadilhas podem ser colocadas de forma suspensa, a alguma altura, ou ser utilizadas no formato triangular tradicional. Conforme David Pinniger (2001, p. 51), as armadilhas suspensas poderão ser mais eficazes quando as temperaturas são elevadas o suficiente para incentivar o voo. Por outro lado, as armadilhas triangulares poderão ser muito mais eficazes em ambientes com temperaturas inferiores aos 20 °C.

As armadilhas devem ser verificadas, pelo menos, quatro vezes ao ano e os insetos capturados devem ser registados numa ficha de registo destinada à documentação da verificação das armadilhas. A substituição das armadilhas é necessária quando nelas se depositar muita sujidade, quando o adesivo perder a força ou quando estiverem cobertas de muitos insetos (Pinniger, 2001, p. 50).

A quarentena é um método de conservação preventiva que permite identificar infestações e impedir que estas se alastrem de forma eficaz. De forma económica, protege os demais objetos de sofrerem danos por ação microbiológica. Este método implica o isolamento dos objetos durante um período de tempo. Por norma, uma quarentena corresponde a um período de quarenta dias. Contudo, em museus não climatizados os objetos devem ser isolados pelo período de um verão (Pinniger, 2001, p. 61).

As quarentenas devem ser realizadas numa divisão própria para o efeito a todos os objetos compostos por materiais orgânicos, que, por qualquer motivo, cheguem a um

museu a partir do exterior. Os objetos já presentes no museu, sobre os quais, depois de realizar uma inspeção, se suspeite sem certezas de que apresentem uma infestação ativa, devem também ser colocados numa sala de quarentena. As entradas das salas de quarentena devem ser bem vedadas e não comunicar com os sistemas de ventilação do restante edifício. Os materiais orgânicos de acondicionamento e exposição podem também ser fontes de infestações e o seu isolamento deve ser também considerado. Durante os períodos de quarentena, os objetos e as salas devem ser monitorizados e inspecionados, com o objetivo de verificar a presença de infestações.

Se, durante uma inspeção ou período de quarentena, se verificar a existência de uma infestação ativa o(s) objeto(s) em questão devem ser desinfestados. Os objetos infestados devem ser imediatamente isolados para impedir que os insetos e ovos se alastrem pela coleção, por exemplo, colocando-os num saco de plástico bem fechado. Isolar objetos em sacos transparentes de polietileno permite que os mesmos permaneçam visíveis e sejam analisados. Fechar os sacos utilizando uma fonte de calor é a opção preferível, pois permite selar o interior e interromper a circulação de ar do exterior para o interior (CCI, 1997).

Apêndice 14- Medidas de resposta a infestações.

Após a identificação de uma infestação ativa, é necessário proceder a medidas de resposta e tratamento dos objetos e áreas contaminados. Os métodos utilizados para este efeito devem ter em conta o estado de conservação, os materiais e vulnerabilidades dos objetos. As áreas circundantes dos objetos que possam estar também contaminadas, como o chão ou prateleiras, devem ser devidamente aspiradas e limpas, descartando o saco do aspirador em seguida. Pode ser também necessário aplicar inseticidas residuais em reentrâncias que apresentem sinais de infestação (MuseumPests, 2019, p. 1).

A desinfestação pode ser realizada através da utilização de biocidas, através de extremos de temperatura e através da utilização de atmosferas de anoxia. A opção de tratamento de desinfestação mais eficaz e segura seria a anoxia.

Desinfestação por extremos de temperatura

O método de desinfestação através de temperaturas extremas que surgiu no final da década de 1970, assumiu-se como uma alternativa à utilização de biocidas para a desinfestação em produtos alimentícios e rapidamente passou a ser utilizado também para a desinfestação de bens patrimoniais (Florian, 1997, p.81).

O processo de desinfestação por temperatura é utilizado para as pestes-alvo. A utilização de calor húmido é mais eficiente do que calor seco, pois a água é um melhor condutor térmico do que o ar. Em casos de congelamento, é necessário baixar as temperaturas rapidamente, caso contrário, alguns insetos podem adaptar-se ao ambiente e entrar no estado de hibernação. Contudo, as mudanças abruptas de temperatura são fatores de risco para bens culturais que, para não sofrerem alterações e danos estruturais, devem ser mantidos em ambientes controlados para atingirem temperaturas mais extremas lentamente. Por exemplo, os materiais higroscópicos podem sofrer danos significativos quando sujeitos a variações de temperatura. O congelamento pode causar perda de flexibilidade e fragilizar os materiais. As temperaturas muito elevadas também podem levar à expansão e dilatação do material, originando fissuras, que podem levar a destacamentos, perdas e quebras. Os objetos

em estados frágeis e instáveis não devem ser submetidos a este tipo de tratamento que induz mudanças abruptas de temperatura.

Para realizar desinfestações através de extremos de temperatura, é necessário estudar os efeitos da temperatura nos insetos e nos materiais, de modo a eliminar os insetos de um modo eficaz, mas seguro para os objetos (Florian, 1997, p. 81).

O método de desinfestação por congelamento é utilizado para eliminar as infestações através de uma diminuição rápida e extrema da temperatura, matando assim os insetos presentes nos bens culturais a temperaturas de pelo menos -18 °C.

Os insetos, em todos os seus estados evolutivos, são vulneráveis a temperaturas que rondem os 50 °C e os efeitos do calor matam os insetos muito mais rapidamente do que o congelamento. Tal como no congelamento, é necessária uma grande ponderação sobre a utilização deste método, para garantir que o calor não prejudica os bens culturais a serem desinfestados.

Desinfestação por congelamento

Os insetos são compostos de grandes quantidades de água – 70%, ou mais – e por isso podem ser facilmente congelados (Florian, 1997, p.83). Contudo, muitos insetos também são resistentes às temperaturas baixas. Embora alguns insetos sejam sensíveis à formação de gelo nos seus fluidos corporais, existem espécies que têm a capacidade de o tolerar e outras que o conseguem evitar, aclimatizando-se previamente às temperaturas frias, entrando em estado de hibernação e reduzindo a temperatura de congelamento dos seus fluidos corporais. Para evitar a adaptação de um inseto e matá-lo por congelamento, é necessário induzir um choque térmico frio, o estágio que é atingido por uma diminuição rápida da temperatura, que causa lesões celulares que levam à morte, antes do ponto de superarrefecimento (*supercooling point*) que congela os fluidos. Assim, um choque térmico a frio pode ser atingido desde os 0 °C aos – 20 °C. Sem um choque térmico, os insetos tolerantes e adaptáveis ao congelamento podem sofrer lesões mortais quando têm 65% dos seus fluidos corporais congelados (Florian, 1997, p.81).

Para ser utilizado neste método de desinfestação, um congelador precisa de atingir temperaturas de -18 °C ou inferiores, mas poderão ser conseguidos melhores resultados em unidades de congelamento profundo, que podem atingir os -30 °C. Um congelador deve reduzir o objeto à temperatura desejada em 24 horas, tendo em conta que objetos mais densos podem demorar mais a atingir a temperatura desejada no seu interior, por isso, a temperatura no centro dos objetos deve ser medida (Pinniger, 2001, p. 72).

David Pinniger (2001, p. 72) recomenda que os objetos infestados sejam mantidos em sacos de polietileno, selados, e que o congelamento seja realizado em retirar os objetos destes invólucros. Idealmente, os sacos devem ser também fechados a vácuo. Serão obtidos melhores e mais seguros resultados deste modo, reduzindo o volume de ar na atmosfera que envolve o bem cultural e evitando danos pela migração da humidade.

Tabela 10- Temperatura do congelador e respetivo tempo mínimo de congelamento.

Temperatura do congelador	Tempo de congelamento
– 30°C	3 dias
– 25°C	7 dias
– 18°C	15 dias

Fonte: Pinniger, 2001, p. 73.

É possível impedir adaptações ao congelamento alternando entre ciclos frios e ciclos quentes. Este método permite a desinfestação por congelamento em congeladores domésticos e sobretudo a possibilidade de ambientar os bens culturais infestados a temperaturas baixas, colocando-os previamente em frigoríficos e trazendo-os depois para a temperatura ambiente, antes de proceder ao primeiro ciclo de congelamento (Florian, 1997, p.81).

A *T. bisselliella* é uma espécie de inseto intolerante ao congelamento, uma vez que a formação de cristais de gelo no interior do seu corpo, em qualquer que seja a sua fase de vida, leva ao congelamento (Chauvin & Vannier, 1997, p. 285). Contudo, esta espécie é bastante resistente a extremos de temperatura. Chauvin e Vannie (1997, p. 286)

apontam as seguintes temperaturas para matar de forma instantânea traças-das-roupas nas suas diferentes fases de vida, atingindo o ponto de superarrefecimento: -29 °C para os ovos, - 25 °C para as larvas e pupas e – 22 °C para os adultos.

Desinfestação por aquecimento

O tratamento é realizado pela introdução de ar quente, acima dos 50 °C, num processo que pode durar entre 3 e 48 horas. A temperatura interior dos materiais deve ser monitorizada de modo a confirmar que a mesma é uniforme, para garantir que os insetos não poderão refugiar-se em recantos do objeto em que a temperatura é menor.

Tendo em vista a proteção contra os riscos de dano causados pelo calor, em particular contrações, expansões e distorções em materiais como a madeira, foi desenvolvido um sistema comercial denominado *Thermo Lignum*, uma tecnologia que tem em conta os princípios de estabilidade da humidade relativa. Deste modo, os bens culturais podem ser desinfestados numa câmara especial, projetada para manter a temperatura a 52 °C e a HR em níveis controlados num período de 18 horas, equilibrando as características higroscópicas e anisotrópicas dos materiais (Pinniger, 2001, p. 74).

Em contraste com estas recomendações, surge ainda num período anterior um estudo de Sylvia Rawle (1951), que verificou que era possível induzir a mortalidade em todos os estágios de vida da espécie *Tineola bisselliella* com uma temperatura de 41°C e 70% de HR, durante 4 horas, tendo sido os insetos previamente acondicionados a um ambiente com 70% de HR e 24°C. O método experimental adotou também o uso de incubadoras e de banhos de água para introduzir as altas temperaturas. Concluiu-se também que os ovos são os mais resistentes às altas temperaturas do que as restantes fases de vida da traça-das-roupas.

Desinfestação por atmosfera de anoxia

A desinfestação por atmosfera de anoxia (isenta de oxigénio) é o tratamento mais recomendado, por ser inócuo para os humanos e para os objetos. É bastante eficaz na eliminação das pragas, tendo a capacidade de terminar a vida dos insetos em qualquer uma das suas fases de desenvolvimento – ovos, larvas, pupas e insetos adultos.

Os insetos necessitam de oxigénio para sobreviver, por isso “são utilizados tratamentos que eliminam o oxigénio da atmosfera, através de câmaras com sistemas de gases inertes” (Soares, 2012, p. 36), que resultam na desidratação e asfixia das pragas. Assim, os objetos infestados são isolados e o oxigénio do microclima que os envolve é reduzido para um valor de mais ou menos 0,3%, idealmente de 0,1%, suficiente para matar os insetos existentes por desidratação. A atmosfera de anoxia pode ser atingida pela introdução de gases inertes, pela utilização de absorventes de oxigénio ou por ambos os métodos simultaneamente (Conservation International Lab, s.d.). Os gases utilizados podem ser o dióxido de carbono (CO₂), o nitrogénio (N) ou o árgon (Ar).

Os tratamentos podem ser feitos em câmaras de gás ou em sacos selados e em invólucros conectados a cilindros e geradores de gás, sendo que o material dos sacos e dos invólucros teria de ser feito de um filme com barreira de oxigénio e de temperatura (Pinniger, 2001, p. 75). A criação de invólucros é sobretudo destinada à desinfestação de objetos de grandes dimensões, cuja colocação em câmaras de gás não seria possível.

Durante a desinfestação por anoxia, o controlo dos níveis da temperatura e da HR da atmosfera que confina os objetos é importante para atingir resultados eficazes e seguros. Por exemplo, o nível da HR do nitrogénio é bastante baixo e sem a introdução de um sistema de humidificação no próprio sistema de desinfestação, os materiais podem ficar severamente destratados (Pinniger, 2001, p. 75). Os níveis da temperatura, em articulação com o conhecimento da espécie de insetos a ser eliminada, influenciam a velocidade e eficácia da desinfestação. Com temperaturas por volta dos 25 °C, é necessário menos tempo para a desinfestação – em média, 2 a 3 semanas. Com uma temperatura de cerca de 20°C, é necessária uma exposição à atmosfera de anoxia de cerca de 4 a 5 semanas. Com uma temperatura entre os 15 e 10 °C, os objetos devem permanecer nestas condições durante 6 semanas ou mais.

Mark Gilberg (1989) verificou que em atmosferas com 0,4% de oxigénio, utilizando nitrogénio, à temperatura de 30 °C e níveis de HR que variaram entre os 65% e os 70%, pode atingir-se a mortalidade de todas as fases de vida da *Tineola bisselliella* ao fim de pelo menos uma semana de exposição. Em atmosferas com “baixas concentrações de oxigénio, o período de exposição necessário para atingir 100% de mortalidade diminui

drasticamente com o aumento da temperatura”²⁹ (Gilberg, 1989, p. 82). Como tal, o autor selecionou a temperatura de 30 °C, considerando que esta se encontra no limite de temperatura segura para acondicionar objetos de museus. Um período de exposição de três semanas foi considerado o período de exposição mais longo a que os objetos de museus podem ser acondicionados nas condições apresentadas (Gilberg, 1989, p. 82).

O método da atmosfera de anoxia não apresenta qualquer tipo de ameaça para os seres humanos nem para os bens culturais, tendo em conta que não é tóxico e não altera de forma alguma as propriedades químicas, físicas e mecânicas dos materiais. Salvaguardando assim a boa conservação das propriedades originais do património, pode ser utilizado com segurança em bens culturais sensibilizados e com pouca estabilidade nos materiais.

A utilização de dióxido de carbono é a opção mais acessível, recomendada na desinfestação de um grande número de objetos, seguindo-se do nitrogénio e, por fim, do árgon.

Apesar de ser o método mais recomendado, por ter vantagens de ser inócuo e a possibilidade de ser realizado *in situ*, não previne infestações futuras se o próprio museu estiver infestado e pode ser bastante dispendioso, estado inacessível a muitos museus.

Desinfestação por biocidas

A utilização de biocidas deve ser evitada e reservada para situações críticas, em que a utilização de outros métodos de desinfestação não é possível ou viável. A sua aplicação deve ser estratégica e localizada e, para tal, as rotinas de monitorização são essenciais. A utilização dos biocidas deve respeitar as normas de segurança disponibilizadas pelas fichas técnicas dos produtos. Produtos não profissionais podem ser utilizados para tratamentos em pequena escala, mas para aplicações em larga escala recomenda-se que a desinfestação seja feita por equipas profissionais.

²⁹ Tradução livre de “*At low oxygen concentrations the exposure period needed to achieve 100% mortality decreases dramatically with increase in temperature*”.

Os produtos biocidas podem ser aplicados em diferentes formatos e técnicas – podem ser líquidos, pós, vapores, fumos, aerossóis, tratamentos residuais e armadilhas.

Devido às suas propriedades perigosas, que podem colocar em risco também os mamíferos e o ambiente, os produtos biocidas, tais como inseticidas, repelentes de insetos, desinfetantes, produtos de proteção de materiais e tintas anti-crustantes, são regulados pelo *Regulamento (EU) n.º 528/2012 do Parlamento Europeu e do Conselho de 22 de maio de 2012 relativo à disponibilização no mercado e à utilização de produtos biocidas*. Pelo seu artigo 3º “Definições”, alínea a), é possível definir que os produtos biocidas incluem “qualquer substância ou mistura, na forma em que são fornecidos ao utilizador, que consistam, contenham ou que gerem uma ou mais substâncias ativas, com o objetivo de destruir, repelir ou neutralizar um organismo prejudicial, prevenir a sua ação ou controlá-la de qualquer outra forma, por meios que não sejam a simples ação física ou mecânica”. Os organismos prejudiciais incluem as pragas e os microrganismos, sendo que as pragas podem ser, por exemplo, insetos e ratos, e alguns exemplos de microrganismos são os fungos, bolores, vírus, bactérias e algas.

Os químicos mais frequentemente utilizados na fumigação eram o óxido de etileno e o brometo de metilo, com mais incidência no primeiro. A utilização destes químicos em museus deixou de ser considerada devido aos seus riscos de dano para os objetos e os riscos impostos à saúde das pessoas que utilizam os espaços dos museus e contactam diretamente com os objetos fumigados.

Produtos em forma de bolas e pós, compostos por químicos ativos como o naftaleno (comercialmente conhecido como naftalina), a cânfora e o paradiclorobenzeno, foram amplamente usados para repelir as traças-das-roupas em ambientes domésticos e em museus. Contudo, estes químicos apresentam ameaças à saúde humana e a sua eficácia pode ser desafiada pela habituação e criação da resistência da parte dos insetos.

Atualmente, os inseticidas comuns são compostos de piretrinas naturais e os piretróides sintéticos. As piretrinas naturais e os piretróides sintéticos são inseticidas comuns, obtidos da planta *Chrysanthemum cinerariaefolium*, vulgarmente conhecida como uma espécie de crisântemo. As piretrinas naturais e os piretróides não persistentes são

decompostos pelos raios UV em poucos dias e não têm efeitos residuais. Os compostos sintéticos têm a vantagem de serem menos tóxicos para o ser humano do que os naturais. Por outro lado, os piretróides persistentes, que têm efeitos residuais, têm uma toxicidade mais elevada e devem ser formulados em baixas concentrações. Apesar de mais perigosos, têm a vantagem de serem mais potentes e eficazes no controlo de pragas. Do grupo dos compostos de piretróides persistentes, destacam-se a permetrina e a cipermetrina.

Tem sido testada a utilização de repelentes com compostos derivados de plantas como uma alternativa aos biocidas tradicionais. Contudo, nem sempre estes compostos estão livres de toxicidade e podem também causar danos nos objetos. Produtos com ativos de óleo de cravinho e citronelol perfumado com óleo de lavanda foram testados como repelentes de traças-da-roupa por Plarre *et al* (1997). Os resultados mostram que estes produtos têm eficácia a repelir a presença de traças-da-roupa e a deposição de ovos em ambientes fechados durante até 8 semanas (pp. 47-48).

Apêndice 16- Níveis de temperatura e HR máximos e mínimos registados na Reserva 2 do Museu da Chapelaria, de fevereiro de 2023 a outubro de 2024.

Níveis de 2023					
Mês	Temperatura (°C)		Humidade Relativa (%)		Observações
Fevereiro	20.84	Min.	32.4	Min.	HR min. abaixo do limite (32.4% < 35%)
	24.44	Max.	45.2	Max.	
Março	20.37	Min.	31.4	Min.	HR min. abaixo do limite (31.4% < 35%)
	21.95	Max.	59.3	Max.	
Abril	20.82	Min.	39.5	Min.	HR max. próxima do limite (64.6%)
	23.16	Max.	64.6	Max.	
Maio	20.78	Min.	40.0	Min.	HR max. acima do limite (65.1% > 65%)
	24.20	Max.	65.1	Max.	
Junho	22.18	Min.	61.9	Min.	HR max. acima do limite (71.4% > 65%)
	24.00	Max.	71.4	Max.	
Julho	19.54	Min.	58.0	Min.	HR max. acima do limite (72.7% > 65%)
	23.76	Max.	72.7	Max.	
Agosto	19.25	Min.	69.4	Min.	HR min. e max. acima do limite
	20.67	Max.	75.2	Max.	

					(69.4%, 75.2% > 65%)
Setembro	19.90	Min.	67.1	Min.	HR min. e max. acima do limite (67.1%, 77.3% > 65%)
	21.82	Max.	77.3	Max.	
Outubro	18.83	Min.	68.8	Min.	HR min. e max. acima do limite (68.8%, 78.0% > 65%)
	20.18	Max.	78.0	Max.	
Novembro	17.96	Min.	50.4	Min.	HR max. acima do limite (75.9% > 65%)
	22.68	Max.	75.9	Max.	
Dezembro	14.39	Min.	53.9	Min.	HR max. acima do limite (74.8% > 65%)
	22.95	Max.	74.8	Max.	

Níveis de 2024					
Mês	Temperatura (°C)		Humidade Relativa (%)		Observações
Janeiro	20.12	Min.	49.6	Min.	HR max. acima do limite (65.1% > 65%)
	21.96	Max.	65.1	Max.	
Fevereiro	20.90	Min.	48.4	Min.	
	22.14	Max.	64.5	Max.	
Março	20.28	Min.	47.7	Min.	

	22.93	Max.	64.0	Max.	
Abril	21.08	Min.	45.6	Min.	HR max. acima do limite (66.0% > 65%)
	22.54	Max.	66.0	Max.	
Mai	19.94	Min.	53.2	Min.	HR max. acima do limite (72.0% > 65%)
	22.35	Max.	72.0	Max.	
Junho	22.23	Min.	52.6	Min.	HR max. acima do limite (71.5% > 65%)
	23.8	Max.	71.5	Max.	
Julho	21.27	Min.	56.3	Min.	HR max. acima do limite (70.9% > 65%)
	26.18	Max.	70.9	Max.	
Agosto	23.24	Min.	52.4	Min.	Temperatura max. acima do limite (27.65°C > 27°C); HR max. acima do limite (65.3% > 65%)
	27.65	Max.	65.3	Max.	
Setembro	22.23	Min.	48.9	Min.	HR max. acima do limite (71.0% > 65%)
	25.98	Max.	71.0	Max.	
Outubro	22.30	Min.	58.7	Min.	HR max. acima do limite (75.6% > 65%)
	20.87	Max.	75.6	Max.	

**Apêndice 17- Relatórios do Estado de Conservação (*Condition Reports*)
da coleção de Luís Stoffel.**

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 15/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000070-O <u>Denominação:</u> máscara “cisne negro” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> máscara em forma de cisne negro <u>Cores:</u> preto, vermelho, branco

	<u> Materiais:</u> penas de cegonha, penas de pato, plumas de marabu, tecido aveludado, feltro (sintético), tecido, galão, dracalon, elástico <u>Dimensões:</u> C: 33 cm L: 23 cm A: 29 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Acondicionar com enchimento para elevar a máscara e impedir pressão sobre as penas.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 28/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002668-P <u>Denominação:</u> fascinator "Arara" <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado, acessório de cabeça escultural <u>Descrição:</u> fascinator com penas sintéticas, plumas de marabu e folhas em tecido sintético <u>Cores:</u> azul, amarelo, vermelho, verde, preto, branco

	<u> Materiais:</u> Penas de pato, plumas de marabu, penas de galo, folhas de tecido, bandolete revestida de feltro, elástico revestido de fibras <u>Dimensões:</u> C: 49 cm L: 46 cm A: 70 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☒
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

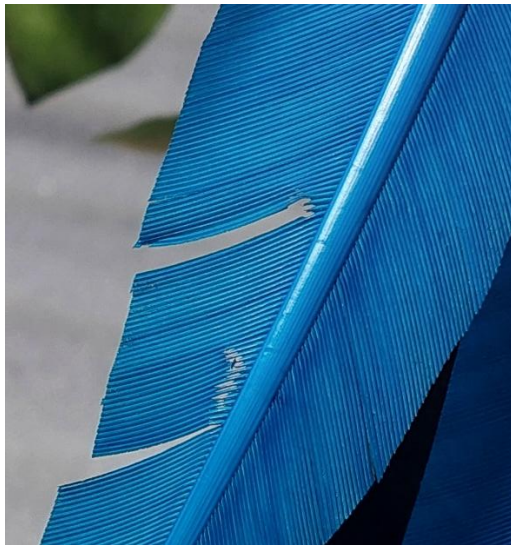
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

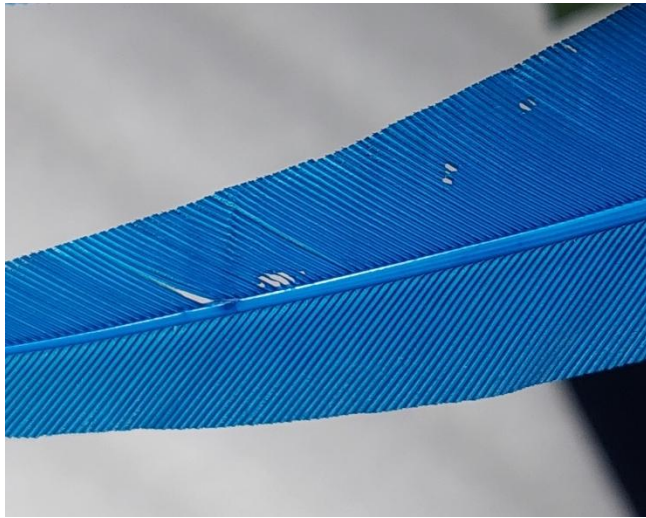
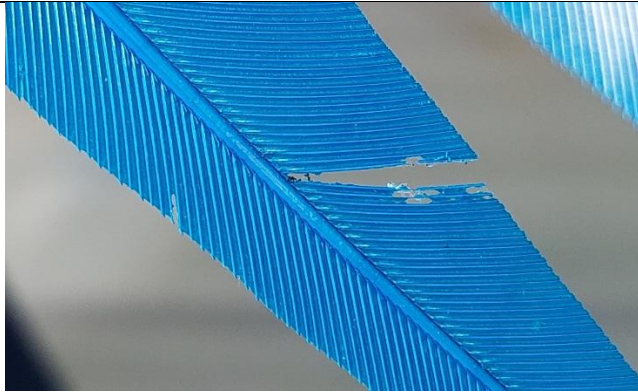
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

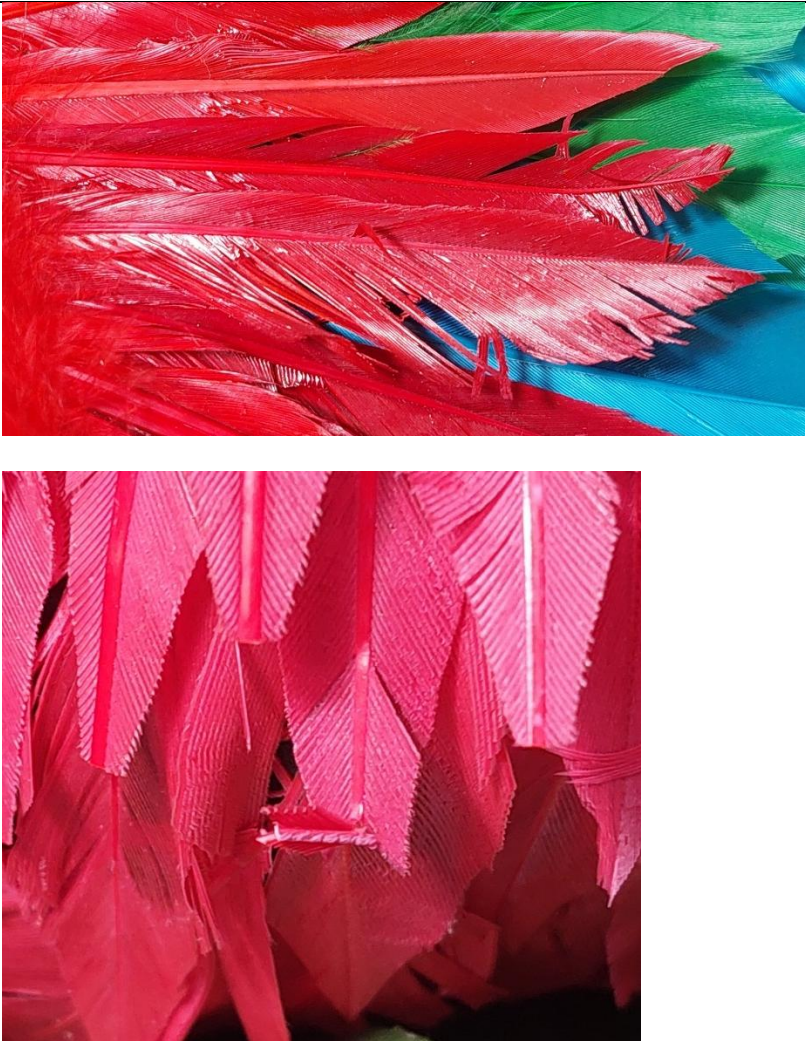
DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície das penas e plumas, fraturas e deformações em várias penas e lacunas e orifícios, devido a uma interior infestação por traça-da-roupa.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	





	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 13/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002697-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Ave-do-Paraíso I" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator, máscara, toucado <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural em dracalon, cartão, penas de pato e penas de galo <u>Cores:</u> azul, rosa, preto, branco <u>Materiais:</u> penas de galo (coloridas artificialmente), penas de pato (coloridas artificialmente), plumas de marabu (coloridas

	artificialmente), vidrilhos, missangas (plástico), feltro, galão, tinta, cartão, tecido, dracalon, elástico <u>Dimensões:</u> C: 39 cm L: 46 cm A: 22 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	Limpeza mecânica das plumas, com o auxílio de um pincel, para remover uma larva de traça-da-roupa e os detritos deixados pela mesma.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Embora se tenha observado e removido a presença de uma traça-da-roupa, não foram observados danos deixados pela mesma, uma vez que a sua alimentação na zona das plumas não causou alterações no aspeto visual do objeto. O objeto foi mantido sobre observação e não se verificou a continuidade da infestação, pelo que permanece estável e sem danos.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 15/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002696-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Coral" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> máscara, fascinator <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural em tecido bordado com vidrilhos, galão de seda bordado com missangas e penas <u>Cores:</u> bege, marfim, branco

	<u> Materiais:</u> penas, tecido aveludado, feltro, bordado, galão de seda, vidrilhos, missangas (plástico), lantejoulas (plástico), elástico <u>Dimensões:</u> C: 30 cm L: 30 cm A: 20 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☒	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se manchas alaranjadas em três penas, uma mancha acinzentada numa pena e uma deformação na rede bordada por um vinco, que terá sido causada por um acondicionamento inadequado.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	Acondicionado com enchimento de papel seda para elevar a máscara e impedir deformações.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 02/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002695-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural “Kalinka” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator, máscara <u>Descrição:</u> Acessório de cabeça escultural que cobre a zona da cabeça e do queixo, composto por pompons de pêlo longo e com máscara facial revestida pompons de pêlo curto. <u>Cores:</u> vermelho, branco, preto

	<u>Materiais:</u> pompons, galão, feltro, elástico <u>Dimensões:</u> C: 39 cm L: 35 cm A: 22 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐
Outro ☐ 	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto acondicionado em saco de plástico.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002692-P <u>Denominação:</u> fascinator “Marfim” <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com penas de faisão e plumas de avestruz <u>Cores:</u> bege <u>Materiais:</u> penas de faisão, plumas de avestruz, feltro, bandolete (metal)

	<u>Dimensões:</u> C: 78 cm L: 78 cm A: 30 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☒
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☒	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☒	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☒ <u>desagregação das penas e das plumas</u>
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐
Outro ☐ 	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em fraco estado de conservação, verificando-se danos por infestação por traça-da-roupa que tornaram as penas frágeis, com danos nas penas e plumas como orifícios, lacunas, marcas de mordedura e desagregação e uma mancha alaranjada numa pena.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☐; Fraco☒; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

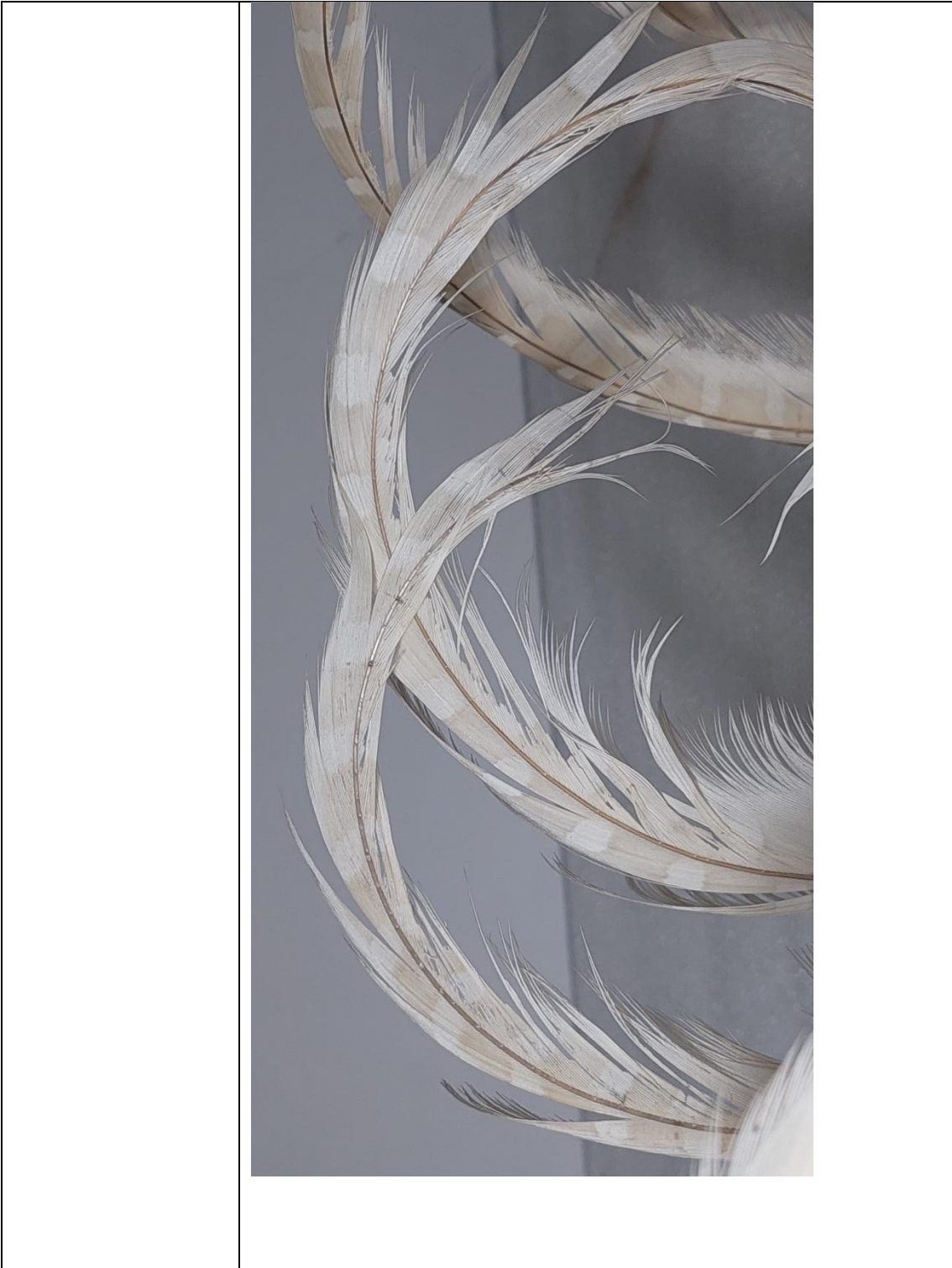
REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS















	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	Foi realizada uma limpeza mecânica, com o auxílio de um pincel e de um aspirador de conservação, tendo-se removido detritos deixados pelas larvas de traça, uma poupa e uma larva.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Sugere-se que o objeto seja assinalado com o código vermelho da instituição, que seja acondicionado com urgência e frequentemente observado, devido à sua tendência para atrair infestações por traça-da-roupa.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Previamente à limpeza, o objeto mostrava sinais de uma infestação e deterioração ativa e encontrava-se em mau estado de conservação. Após a limpeza, o chapéu foi acondicionado numa caixa de plástico de polietileno transparente, para que se pudesse observar o mesmo e

	confirmar se infestação permanecia ativa, o que não se verificou.
--	---

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 02/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002690-P <u>Denominação:</u> fascinator "Laranja Verde" <u>Ano de produção:</u> 2009 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com plumas de marabu de onde saem penas de faisão recortadas <u>Cores:</u> verde, laranja

	<u> Materiais:</u> penas de pato, raques de penas de pato, flor de tecido, crinolina (plástico), missangas (plástico), bandolete de plástico revestida a tecido <u>Dimensões:</u> C: 63 cm L: 53 cm A: 44 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☒	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na sua superfície e manchas amarelas numa pétala da flor de tecido.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Os raques do lado direito do rosto são muito finos e frágeis.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 28/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002683-P <u>Denominação:</u> fascinator "Rosas Vermelhas" <u>Ano de produção:</u> 2009 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com rosas artificiais, penas de pato e raques de pluma de avestruz. <u>Cores:</u> vermelho, amarelo

	<u>Materiais:</u> Raques de plumas de avestruz, penas de pato, rosas de tecido, rosas de papel, bandolete (metal), feltro <u>Dimensões:</u> C: 67 cm L: 53 cm A: 51 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

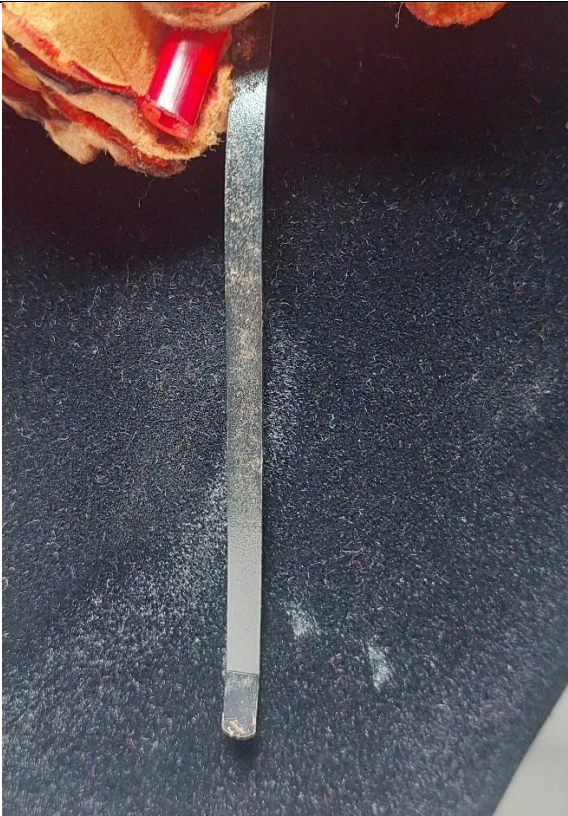
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☒	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☒	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na sua superfície, em especial nas flores de tecido e nas penas, abrasão na camada que reveste o metal, onde também se verifica corrosão, e acidificação das flores de papel.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 03/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002672-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "A Borboleta" <u>Ano de produção:</u> 2019 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator, toucado, chapéu <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural com duas partes: cartola bordada, forrada em patchwork, tule, véu, borboleta em penas de pato, esferas, missangas (a); gola em veludo estampado, botão e penas de galo (b)

	<u>Cores:</u> preto <u>Materiais:</u> a) penas de pato, galão, esferas (metal), lantejoulas (plástico), missangas (plástico), vidrilhos, pedraria (plástico), tule, renda, véu, tecido aveludado, tecido acetinado, feltro, bandolete (metal); b) tecido aveludado, pedraria (plástico), galão, vidrilhos (vidro), penas de galo, botão (metal) <u>Dimensões:</u> C: 40 cm L: 43 cm A: 67 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☒ <u>quebra de uma ligação no véu</u>

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☒	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na sua superfície, produto de corrosão por oxidação nas esferas de metal e uma ligação do véu partida.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel e por aspiração, dependendo da fragilidade das superfícies.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 14/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002665-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Misteriosa" <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator, toucado <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural com plumas de avestruz, penas de galo e véu com canutilhos <u>Cores:</u> preto, prateado <u>Materiais:</u> plumas de avestruz, penas de galo, elástico, feltro, vidrilhos, linha de bordar

	<u>Dimensões:</u> C: 54 cm L: 39 cm A: 20 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐
Outro ☐ 	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 28/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002663-P <u>Denominação:</u> fascinator "Ascot II" <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator com estrutura em palha sintética adornado com penas de faisão, penas de galo, penas de pato e plumas de marabu. <u>Cores:</u> preto, vermelho

	<u>Materiais:</u> penas de faisão, penas de galo, penas de pato, plumas de marabu, palha (sintética), bandolete (plástico). <u>Dimensões:</u> C: 69 cm L: 62 cm A: 72 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

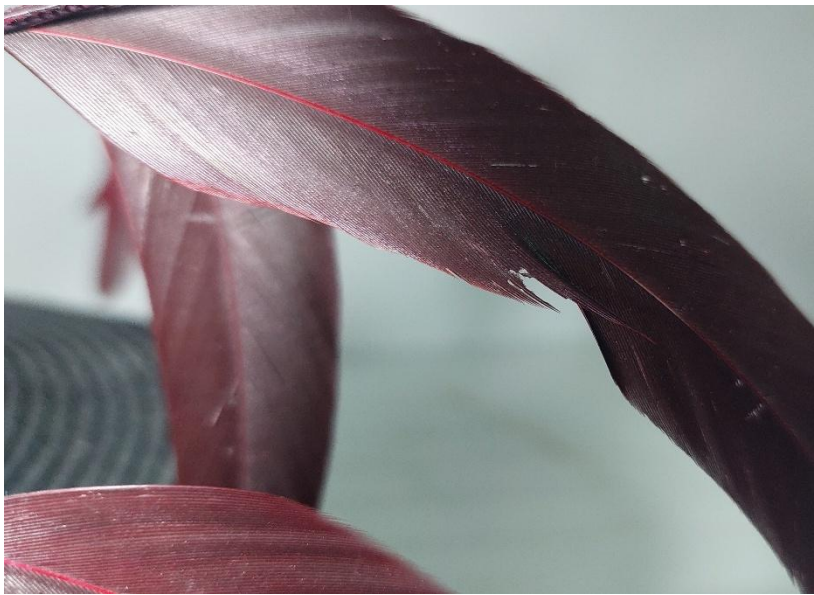
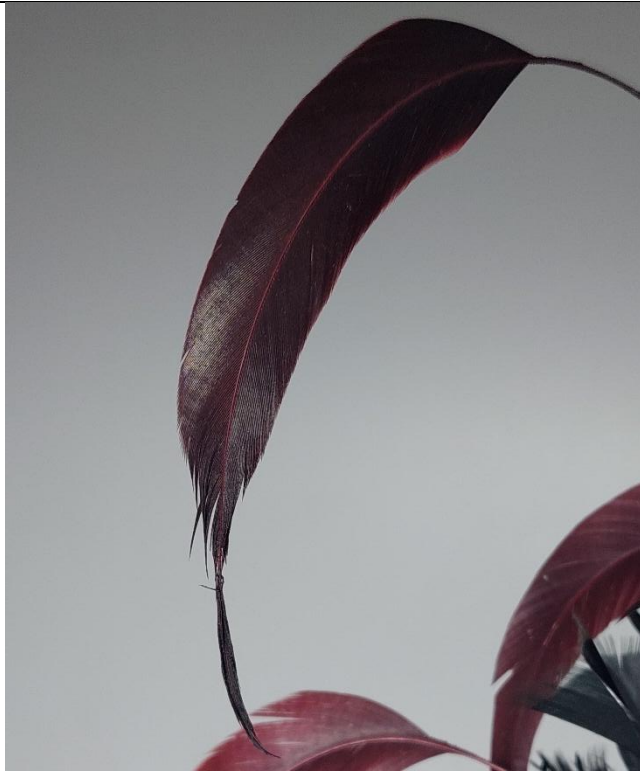
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície das penas e plumas e danos, nomeadamente lacunas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002660-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Circus" <u>Ano de produção:</u> 2008 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça estrutural <u>Outras designações:</u> fascinator, toucado <u>Descrição:</u> fascinator com cubo em cartão forrado com veludo e galão assente em estrutura de bandolete com crinolina azul e rosa <u>Cores:</u> azul, rosa, amarelo

	<u>Materiais:</u> tecido aveludado, crinolina (plástico), galão, feltro, cartão (estrutura do cubo) <u>Dimensões:</u> C: 26 cm L: 27 cm A: 26 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos
Gordura ☐	têxteis ☐
Outro ☐	Colagens ☐
_____	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 14/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002659-P <u>Denominação:</u> fascinator "Burlesque" <u>Ano de produção:</u> 2013 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator com plumas de avestruz e aplicações em strass prata <u>Cores:</u> salmão <u>Materiais:</u> plumas de avestruz (coloridas artificialmente), <i>strass</i> (plástico), bandolete (metal) <u>Dimensões:</u> C: 84 cm L: 56 cm A: 69 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☒	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

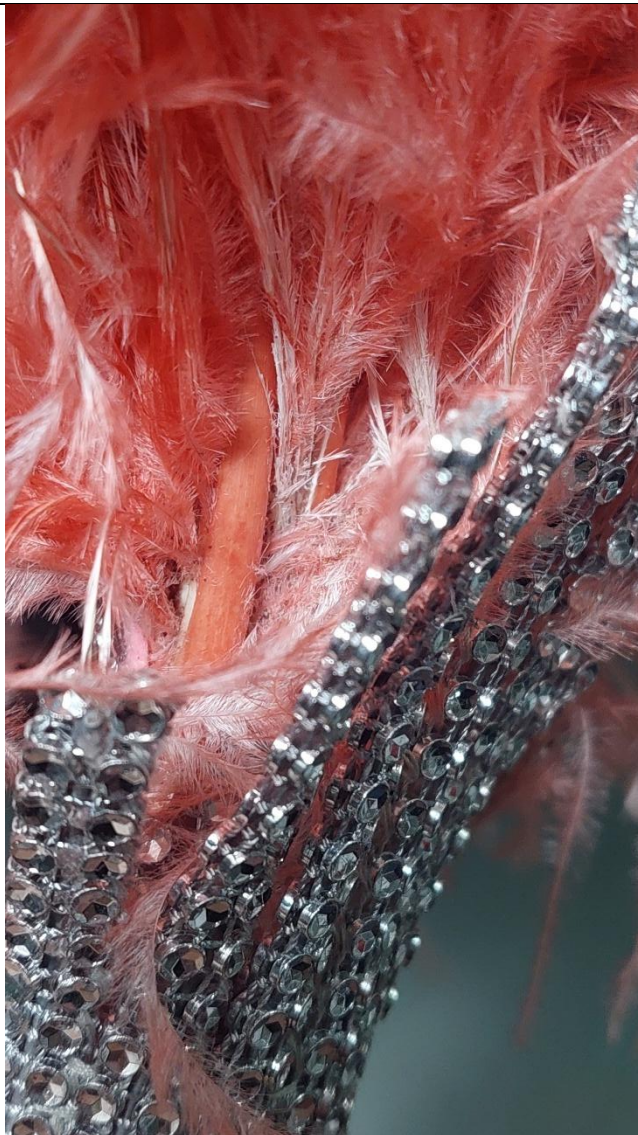
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em fraco estado de conservação, visto que apresenta indícios de infestação por traça-da-roupa, nomeadamente pela presença de serrim e pela desintegração das plumas de avestruz, na zona junto ao <i>strass</i>. Durante o manuseamento, vou perçetível que as plumas se encontram fragilizadas e que se desintegram facilmente. A intervenção é necessária pois não foi possível remover adequadamente os detritos deixados pelas larvas, devido à localização e à natureza do material, nem confirmar se não se encontram larvas a digerir ativamente as plumas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☐; Fraco ☒; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



		
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>		
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Sugere-se que os detritos deixados pelas traças sejam mais bem removidos e que o objeto seja desinfestado por anóxia, pois não é possível garantir a remoção dos agentes de dano de outra forma.	
<u>OBSERVAÇÕES</u>		

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002658-P <u>Denominação:</u> fascinator “Corista” <u>Ano de produção:</u> 2013 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator com plumas de avestruz, penas de galo e aplicações em <i>strass</i> prata <u>Cores:</u> azul <u>Materiais:</u> plumas de avestruz, penas de galo, <i>strass</i> (plástico), bandolete (metal), feltro

	<u>Dimensões:</u> C: 78 cm L: 28 cm A: 30 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐
Outro ☐ 	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Acondicionado em saco de plástico.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 27/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002657-P <u>Denominação:</u> fascinator "Excêntrico" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator com estrutura em palha, com plumas de marabu e penas de faisão <u>Cores:</u> preto, castanho <u>Materiais:</u> Penas de faisão, plumas de marabu, bandolete (metal), palha (sintética)

	<u>Dimensões:</u> C: 100 cm L: 87 cm A: 68 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐
Outro ☐ 	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície das penas e plumas e danos por traça-da-roupa, nomeadamente lacunas e marcas de mordedura em duas penas de faisão.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO

FOTOGRAFICO

DOS DANOS



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 15/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002647-P <u>Denominação:</u> máscara “Primavera” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> máscara totalmente coberta com flores e seis borboletas <u>Cores:</u> azul, rosa, verde, branco, bege, amarelo, lilás, roxo, vermelho, castanho, preto <u>Materiais:</u> espuma EVA, penas, plástico, arame (metal), feltro, galão, elástico

	<u>Dimensões:</u> C: 22 cm L: 27 cm A: 24 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☒	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se penas que compunham a asa de uma das borboletas soltas e uma deformação numa flor de espuma EVA.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Propõe-se a fixação das penas soltas à estrutura da borboleta danificada. Acondicionar na horizontal, com enchimento de forma a elevar a máscara e não deformar os seus elementos.

<u>OBSERVAÇÕES</u>	A forma de acondicionamento inadequada anterior (em caixa de cartão, juntamente com outros objetos) pode ter causado a deformação na flor de espuma EVA.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 28/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002630-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Teatro" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> máscara, fascinador <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural extensível ao rosto (máscara) numa representação de uma sala de teatro <u>Cores:</u> dourado, vermelho, preto, castanho, amarelo <u>Materiais:</u> tecido aveludado, galão, <i>strass</i> (plástico), cartão, arame de metal

	<u>Dimensões:</u> C: cm L: cm A: cm
--	-------------------------------------

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	

Gordura ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐
Outro ☐ 	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se m muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 14/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002627-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Ave do Paraíso II" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural extensível ao rosto (máscara) e cabeça em feltro, strass, penas de galo, penas de pato e penas de garça recortadas <u>Cores:</u> laranja, preto

	<u>Materiais:</u> penas de galo, penas de garça, penas de pato, <i>strass</i> (plástico), canutilhos (plástico), feltro, galão, elástico <u>Dimensões:</u> C: 62 cm L: 73 cm A: 34 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, verificando-se apenas sujidade (pó) depositado na superfície das penas
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 14/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002628-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Coronavírus" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural extensível ao rosto (máscara) e à cabeça, numa representação celular no vírus COVID-19 <u>Cores:</u> azul, vermelho, dourado, preto

	<u>Materiais:</u> Cartão, strass (plástico), corrente de metal, bolas de esferovite, galão, elástico, pasta de modelar, <i>glitter</i> e tinta. <u>Dimensões:</u> C: 35 cm L: 25 cm A: 25 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se que a fixação do <i>glitter</i> é bastante frágil, o que leva à separação desse material e de algumas falhas no revestimento.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	A fixação do <i>glitter</i> é bastante frágil, por isso o manuseamento do objeto deve ser evitado.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 14/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002626-P <u>Denominação:</u> fascinator “Tiara Preta” <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em tiara, com plumas de avestruz, penas de galo e véu <u>Cores:</u> preto

	<u>Materiais:</u> plumas de avestruz, penas de galo, galão, véu, alamares, feltro, cabelo sintético (plástico), arame de metal <u>Dimensões:</u> C: 45 cm L: 37 cm A: 41 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☒ <u>quebra de ligação da rede do véu</u>

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se uma pena de galo fraturada e com o raque deformado, outra pena de galo com uma pequena lacuna, o véu apresenta uma deformação, causada pelo mau acondicionamento uma lacuna, causada pela quebra de ligações da rede.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	

<u>OBSERVAÇÕES</u>	O método de acondicionamento anterior (em saco de plástico) podia estar a causar a deformação do véu
---------------------------	--

FICHA DE VERIFICAÇÃO INDIVIDUAL DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO DE
LUÍS STOFFEL

Responsável: Inês Batista

Data: 14/01/2025

IDENTIFICAÇÃO
DO OBJETO

Nº de inventário: MIC-002623-P

Denominação: chapéu "Capeline"

Ano de produção: 2020

Autor: Luís Stoffel

Imagem identificativa:



DESCRIÇÃO DO
OBJETO

Designação comum: chapéu

Outras designações: toucado

Descrição: capeline totalmente em tule com vidrilhos

Cores: rosa

Materiais: tule, feltro, vidrilhos

Dimensões: C: 58 cm L: 53 cm A: 15 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
	Humidade ☐

Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐
Descoloração ☐	_____
Outro ☐	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐
Rede de microfissuras no vidro ☐	_____
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não se verificando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 27/11/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002624-P <u>Denominação:</u> fascinator "Alvo" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com plumas de marabu e penas de pato <u>Cores:</u> preto

	<u>Materiais:</u> Penas de pato, plumas de marabu, têxtil, missangas (plástico), bandolete (metal) <u>Dimensões:</u> C: 50 cm L: 46 cm A: 50 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície das penas e plumas e duas penas de pato fraturadas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	 
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 15/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002622-P <u>Denominação:</u> chapéu “Feltro Vermelho” <u>Ano de produção:</u> 2007 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> chapéu <u>Outras designações:</u> fascinator, toucado <u>Descrição:</u> chapéu em feltro com galão e botões <u>Cores:</u> vermelho, branco <u>Materiais:</u> feltro, galão, botões (plástico), elástico <u>Dimensões:</u> C: 40 cm L: 29 cm A: 18 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

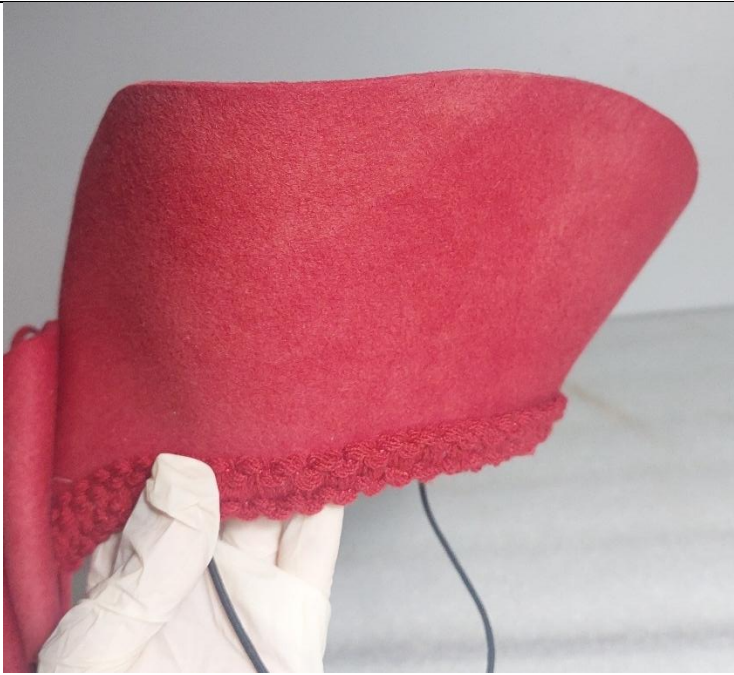
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☒	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície do tecido, uma leve deformação na copa e uma ligeira descoloração do feltro, no lado direito da aba.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Acondicionar em caixa com enchimento de papel <i>acid free</i>, na copa e no interior da aba, para apoiar a forma do chapéu e para o elevar.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 14/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002621-P <u>Denominação:</u> fascinator “Pandemia” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com plumas de marabu de onde saem penas de faisão recortadas <u>Cores:</u> preto, vermelho

	<u>Materiais:</u> plumas de marabu, penas de faisão, penas de pato, galão, feltro <u>Dimensões:</u> C: 84 cm L: 56 cm A: 69 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

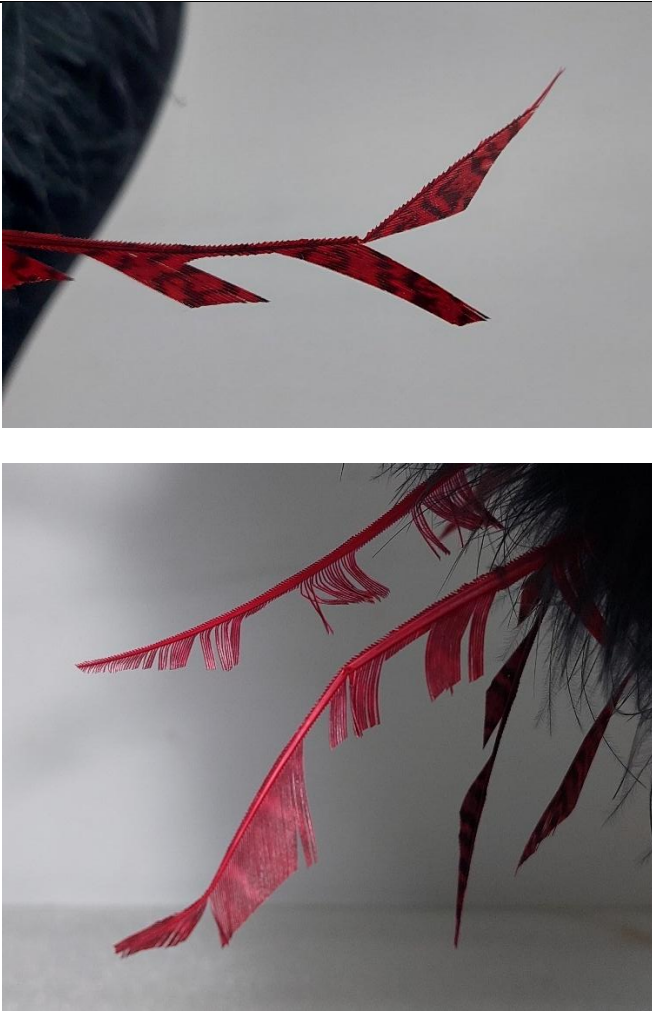
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície das penas e plumas, uma pena vermelha fraturada e outra com o raque deformado.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 28/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002620-P <u>Denominação:</u> fascinator "Lady Séc. XVIII" <u>Ano de produção:</u> 2005 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> chapéu <u>Outras designações:</u> fascinator, toucado <u>Descrição:</u> chapéu de estilo senhorial século XVIII em palhinha e seda selvagem com flores decorativas e fita de cetim de prender abaixo do queixo (em conjunto com MIC-000065-O) <u>Cores:</u> bege, bordeaux

	<u> Materiais:</u> seda selvagem, tecido acetinado, fita de tecido aveludado, flores artificiais (plástico) <u>Dimensões:</u> C: 37 cm L: 37 cm A: 24 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☒
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície do tecido, a perda de adesão nos pontos de fixação das flores artificiais e vincos nas fitas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel e que as fitas sejam enroladas em volta de um tupo de papel, evitando a formação de vincos.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002618-P <u>Denominação:</u> fascinator "Ascot I" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado

	<u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com plumas de marabu à esquerda do rosto de onde saem penas de faisão recortadas e encurvadas <u>Cores:</u> amarelo, castanho, preto <u>Materiais:</u> plumas de marabu, penas de faisão, penas de galo ou pato, bandolete (metal) <u>Dimensões:</u> C: 92 cm L: 61 cm A: 76 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se sujidade (pó) depositado na superfície das penas e plumas, uma pena alaranjada fraturada e uma lacuna numa pena de faisão, causada por uma anterior infestação de traça-da-roupa.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a limpeza do pó depositado nas penas com um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/01/2025		
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000068-O <u>Denominação:</u> máscara "Gótico Medieval II" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 	
	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> máscara com viseiras e aplicações em plástico <u>Cores:</u> prateado, azul, preto <u>Materiais:</u> galão, feltro, plástico, metal, elástico <u>Dimensões:</u> L: 35 cm A: 23 cm C: 33 cm	
DANOS ESTRUTURAIS MAIORES		DANOS ESTRUTURAIS MENORES

Elemento separados ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS QUÍMICOS	DESFIGURAÇÃO
Corrosão ☐	Descoloração ☐
Sais ☐	Alterações cromáticas ☐
Acidificação do papel ☐	Desidratação ☐
Amarelecimento do papel ☐	Humidade ☐
Deterioração da seda ☐	Abrasão ☐
Vidro lacrimejante ☐	Manchas ☐

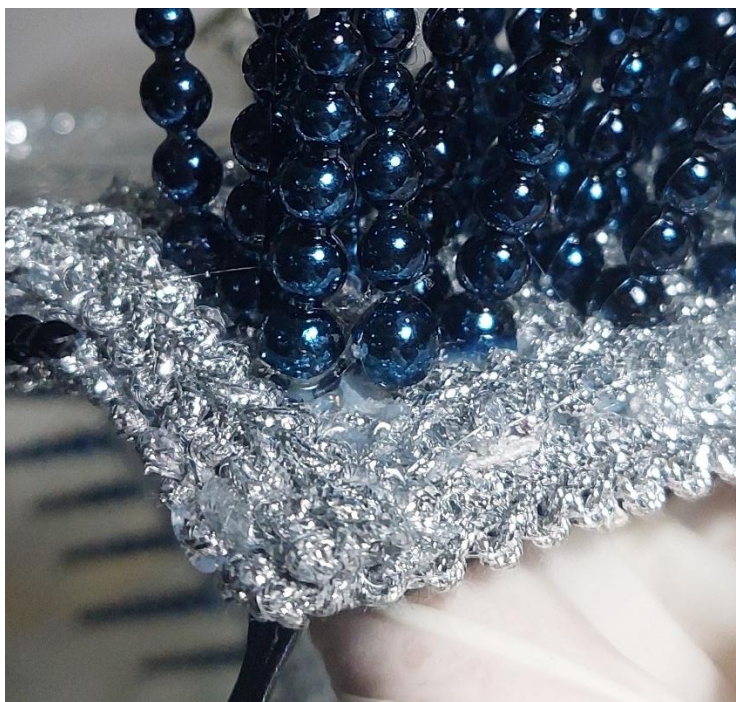
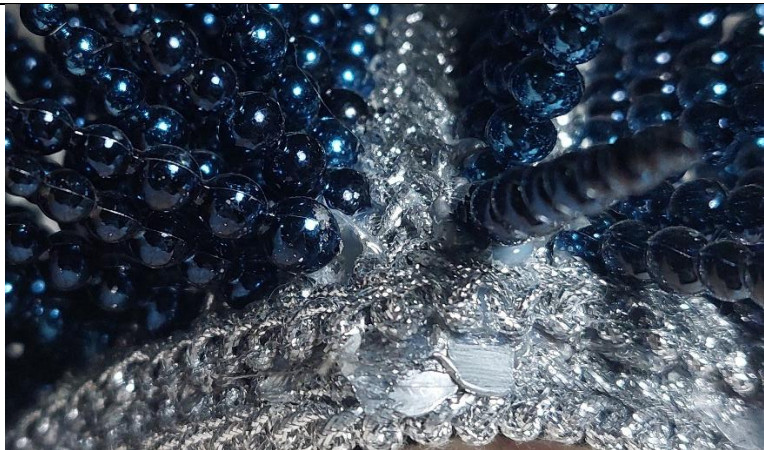
Rede de microfissuras no vidro ☐ Outro ☐ _____	Outro ☐ _____
---	---

DANOS SUPERFICIAIS	DANOS BIOLÓGICOS
Manchas ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Destacamento da policromia ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Danos por microorganismos ☐
Pulverulência ☐	Danos por insetos ☐
Desgaste de uso ☐	Danos por roedores ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☒	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Verifica-se pó depositado na superfície têxtil, de metal e de plástico e gordura depositada na superfície das viseiras de plástico. Apresenta perda de pontos de fixação em 3 elementos de plástico. 1) na parte superior, ao cento. 2) na parte inferior, ao centro. 3) na parte inferior, à esquerda.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se a limpeza por aspiração do pó depositado, a limpeza da gordura nas viseiras e a fixação dos elementos de plástico soltos. A acondicionar em caixa, com acolchoamento e suporte com folhas de papel <i>acid free</i>.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000067-O <u>Denominação:</u> Máscara "Gótica" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> máscara com rendas e aplicações <u>Cor:</u> preto, roxo <u>Materiais:</u> tecido aveludado, renda, galão, pedraria (plástico e metal), penas de galo <u>Dimensões:</u> na horizontal: C: 47 cm L: 30 cm A: 15 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☒	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, apresentando uma pena de galo separada do mesmo.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se a colagem da pena separada.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 21/02/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002682-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Rosa Branco” <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com penas de pato, penas de marabu e missangas <u>Cores:</u> rosa, branco, preto <u>Materiais:</u> penas de pato, plumas de marabu, metal (bandolete), plástico (missangas), feltro <u>Dimensões:</u> C: 31 cm L: 21 cm A: 32 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separados ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☒
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐
Rede de microfissuras no vidro ☐	_____
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	Objeto em estado de conservação regular. O objeto apresenta lacunas e marcas de mordeduras causados pela alimentação das larvas em várias penas de pato.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	Realizou-se uma higienização das penas e das plumas por aspiração, com auxílio de um pincel.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 02/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002666-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Baile de Máscaras" <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> máscara veneziana pintada com galão, fita de cetim, véu, plumas de marabu, penas e pregadeira com pedraria <u>Cores:</u> preto, branco <u>Materiais:</u> máscara (plástico), penas, plumas, fita de tecido aveludado, véu, pregadeira (metal e plástico) <u>Dimensões:</u> na horizontal: C: 45 cm L: 35 cm A: 13 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☒	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☒
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☒ <u>desagregação das barbas das penas</u>
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, apresentando um elemento frágil, o molho de penas brancas, devido à perda de fixação. Apresenta também danos por insetos, nomeadamente uma desagregação das barbas das penas. Os danos por insetos, nomeadamente traça-da-roupa poderão ter causado a perda de fixação do molho de penas brancas, uma vez que os principais danos causados por insetos se encontravam na área de fixação do molho. Apresentava sinais de uma infestação ativa, nomeadamente o serrim que foi removido num procedimento de higienização. Após a higienização, o objeto parece ter estabilizado.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	As penas brancas foram higienizadas, removendo o serrim deixado pelas larvas de traça da roupa.
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se o objeto seja vigiado para verificar a continuidade da infestação. Recomenda-se também que seja feita uma colagem no ponto de fixação do molho de penas, estabilizando a fragilidade do elemento.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 27/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002664-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Tiara Branca" <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com penas marabu e joia ao centro <u>Cores:</u> branco, cinzento <u>Materiais:</u> penas de marabu (coloridas artificialmente), metal, pedraria (plástico), bandolete (plástico e tecido sintético) <u>Dimensões:</u> C: 42 cm L: 18 cm A: 25 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☒	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☒
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☒ <u>Amarelecimento do tecido.</u>	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta uma pedra de plástico em falta no elemento decorativo no lado frontal do fascinator e uma pena fraturada no lado traseiro. O tecido que reveste a bandolete encontra-se amarelecido nas pontas da mesma, onde poderá ter sido utilizada uma cola que contaminou o mesmo. O objeto apresenta também danos por traças-da-roupa, nomeadamente ocasionais partículas de serrim que a higienização não foi capaz de remover e barbas das penas que soltam dos raques.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	Realizou-se a limpeza mecânica das penas.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção. Atualmente acondicionado em saco de plástico fechado.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/02/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002605-P <u>Denominação:</u> fascinator "Tricolor" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com missangas, plumas de marabu e penas de pato <u>Cores:</u> preto, vermelho, laranja <u>Materiais:</u> penas de pato, plumas de marabu, missangas (plástico), feltro, bandolete (plástico) <u>Dimensões:</u> C: 43 cm L: 35 cm A: 40 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☒
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☒
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	Objeto em estado de conservação regular. O objeto apresenta lacunas, orifícios e marcas de mordedura causados pela alimentação das larvas de traça-das-roupas em duas penas de pato.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	Realizou-se a limpeza das penas e das plumas por aspiração, com auxílio de um pincel. O objeto tornou-se estável, retirando-se os ovos e o serrim visíveis e a pupa que nele se encontravam.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 03/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002604-P <u>Denominação:</u> Toucado "Pied de poule" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> toucado em tecido "pied de poule" com véu, penas de pato e raque de avestruz <u>Cores:</u> preto, vermelho, branco <u>Materiais:</u> tecido "pied de poule", véu, raques de avestruz, penas de pato <u>Dimensões:</u> C: 42 cm L: 30 cm A: 50 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☒	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☒ <u>ligações da rede quebradas</u>

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
	Manchas ☐

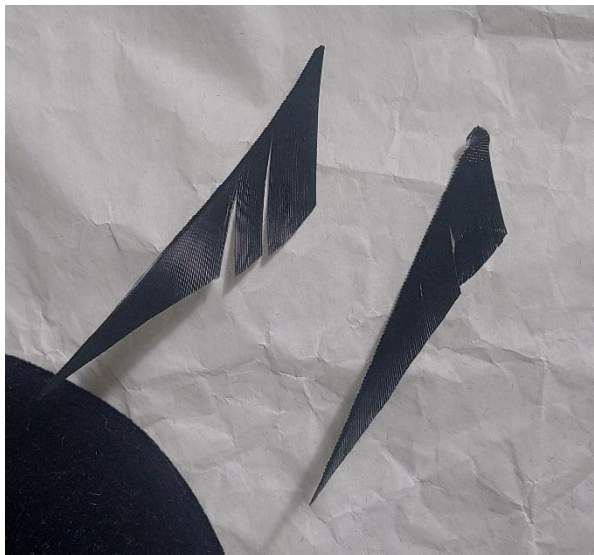
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

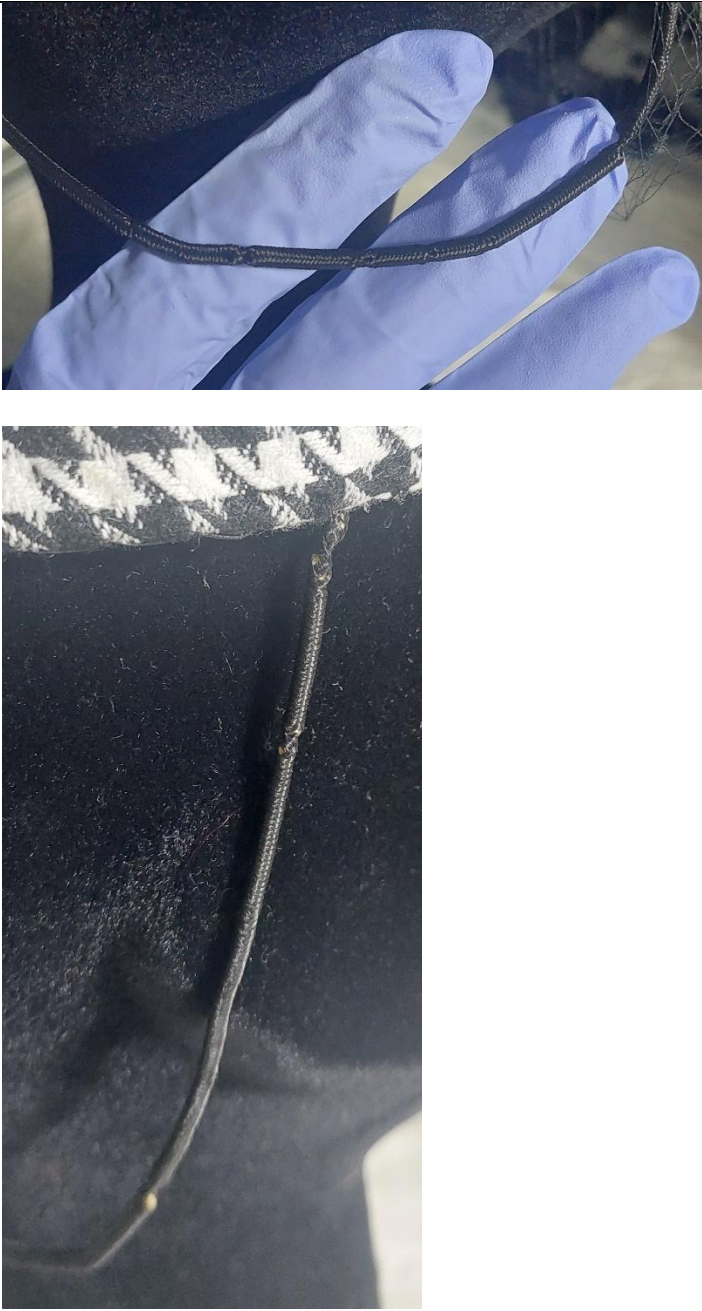
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☒ <u>degradação da borracha do elástico</u>	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta duas penas de pato pretas soltas e uma com perda de fixação e a rede do véu apresenta duas ligações quebradas. A borracha do elástico encontra-se degradada e quebrada em várias zonas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se que as penas separadas e a pena solta sejam coladas nos seus pontos de fixação.

<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.
---------------------------	--

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 28/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002606-P Denominação: fascinator “Merry Christmas” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com pedraria e plumas de avestruz <u>Cores:</u> vermelho, branco, prateado <u>Materiais:</u> plumas de avestruz (coloridas artificialmente), penas de pato (coloridas artificialmente), missangas (plástico), pedraria (plástico e metal), feltro (sintético), tecido (sintético) <u>Dimensões:</u> C: 43 cm; L: 23 cm; A: 47 cm;

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separados ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa que pode causar laceração ou rasgão ☐	Deformação ☒
Vinco significativo que pode causar laceração ou rasgão ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, verificando-se deformações no galão de pedraria e perda de fixação em alguns pontos do galão de pedraria.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se a colagem do galão nas áreas em que o adesivo perdeu a fixação.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	O objeto encontrava-se acondicionado numa caixa, juntamente com outros objetos, sem o suporte adequado. As deformações podem dever-se ao seu anterior acondicionamento inadequado.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002616-P <u>Denominação:</u> chapéu “Ascot III” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> chapéu <u>Outras designações:</u> fascinador <u>Descrição:</u> chapéu em seda bordada com flores, pedraria e cordão brilhante, com penas de pato no topo <u>Cores:</u> preto, amarelo <u>Materiais:</u> seda, cordão (plástico), pedraria (plástico e metal), bordado, véu, vidrilhos, penas de pato, feltro, galão

	<u>Dimensões:</u> C: 66 cm L: 36 cm A: 54 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, verificando-se pó depositado na sua superfície.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se a limpeza do pó depositado, através da aspiração e de um pincel.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002615-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Étnico" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinador <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural em tecido, lã, vime, feltro e flores, que se prolonga até aos ombros <u>Cor:</u> vermelho, rosa, bordeaux <u>Materiais:</u> tecido, lã (sintética), feltro, flores de tecido, vime

	<u>Dimensões:</u> L: 37 cm; A: 46cm; C: 40cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, verificando-se pó depositado na sua superfície.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Sugere-se a limpeza do pó depositado.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002607-P <u>Denominação:</u> fascinator "Malmequeres Brancos" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em veludo, com galão, penas de pato, raque de pluma de avestruz e véu com flores <u>Cor:</u> preto, branco

	<u> Materiais:</u> penas de pato, tecido aveludado, galão, raque de pluma de avestruz, missangas (plástico), véu, bandolete (metal) revestida de fita de tecido acetinado <u>Dimensões:</u> C: 50 cm L: 38 cm A: 55 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, verificando-se deposição de pó sobre a sua superfície.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada, sugere-se a remoção do pó por aspiração e com pincéis.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 02/12/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002608-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Ráfia" <u>Ano de produção:</u> 2022 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator <u>Descrição:</u> <u>Cor:</u> bege <u>Materiais:</u> ráfia, arame de metal (no interior da estrutura) <u>Dimensões:</u> C: 32 cm L: 47 cm A: 66 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação. Não apresenta danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Acondicionar com rolos de espuma ou papel <i>acid free</i> entre os “anéis” de ráfia, para manter a sua forma.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002688-P <u>Denominação:</u> fascinator "Castanho Creme" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> Fascinator com bandolete bordada com missangas e pedraria, raque de pluma de avestruz e flores em penas de pato. <u>Cores:</u> castanho, bege <u>Materiais:</u> missangas e pedraria (plástico), raque de avestruz, penas de pato, têxtil

	<u>Dimensões:</u> C: 43 cm L: 38 cm A: 57 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação. Não apresenta danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000069-O <u>Denominação:</u> máscara "Gótico Medieval I" <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> acessório de cabeça escultural <u>Descrição:</u> máscara com correntes metálicas <u>Cor:</u> branco, cinzento, prateado, preto; missangas: verde, amarelo, rosa <u>Materiais:</u> tecido aveludado, fita de galão, vidrilhos, metal, raques de pena de pato, feltro <u>Dimensões:</u> C: 54 cm L: 40 cm A: 37 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☒	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta pó depositado, especialmente visível na superfície dos vidrilhos aplicados no material têxtil, e produto de corrosão nas esferas de metal e no fecho metálico que une as correntes.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Como medida de resposta à sujidade acumulada nos vidrilhos, sugere-se a limpeza por aspiração do objeto.

<u>OBSERVAÇÕES</u>	
---------------------------	--

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002629-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Colors" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> máscara <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural colorido, extensível ao rosto (máscara) com elástico para prender <u>Cor:</u> rosa, roxo, laranja, amarelo, verde, azul, vermelho, branco <u>Materiais:</u> pompons, penas de galo, elástico, feltro <u>Dimensões:</u> na horizontal: C: 60 cm L: 53 cm A: 22 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☒	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

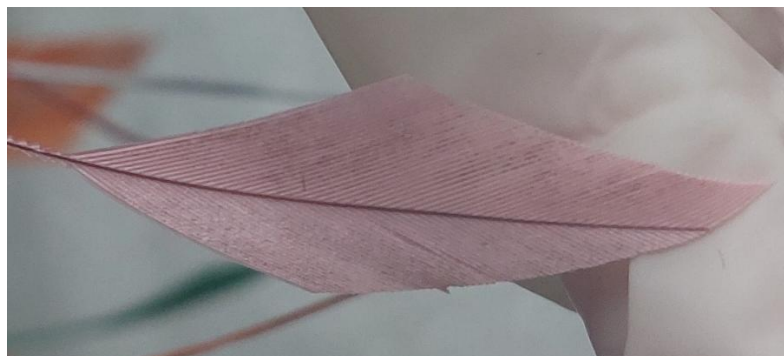
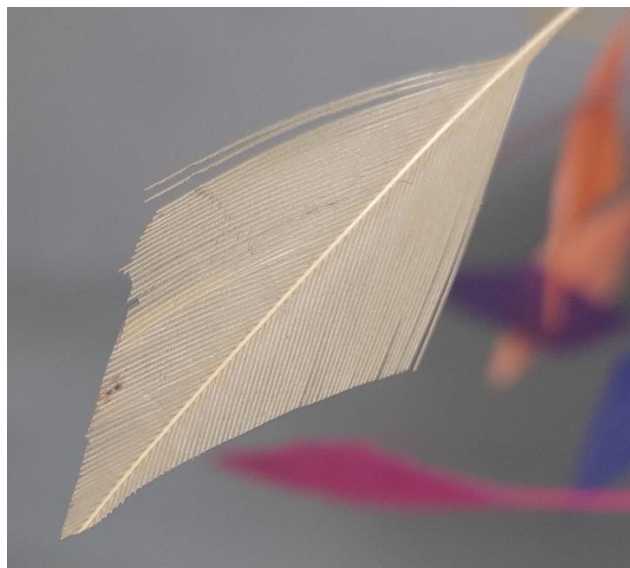
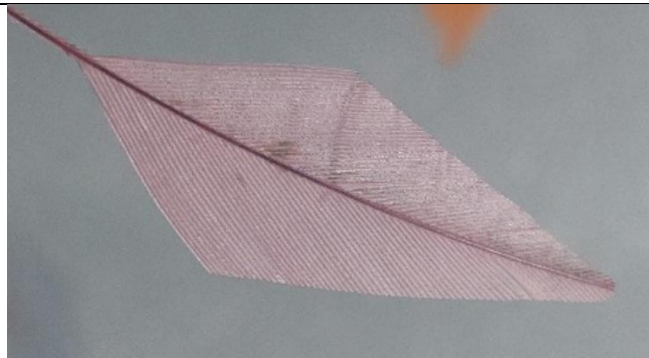
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

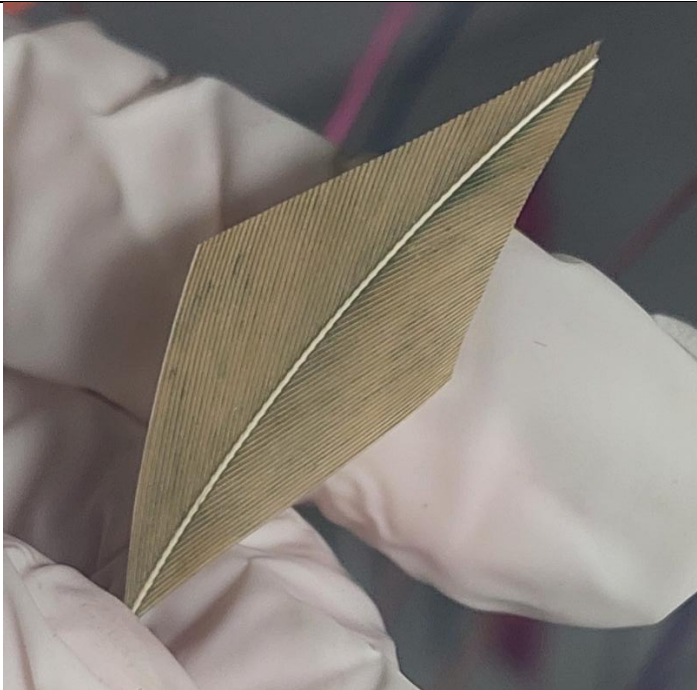
DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta manchas em quatro penas de galo.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/11/2024	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002617-P <u>Denominação:</u> chapéu "Lady Século XIX" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> chapéu <u>Outras designações:</u> fascinator <u>Descrição:</u> Conjunto composto por dois elementos: a) chapéu de fazenda em xadrez, penas castanhas e véu; b) gola em fita de cetim e flores de papel. <u>Cor:</u> castanho, amarelo, laranja

	<u>Materiais:</u> véu, pompons, fazenda, penas de marabu, elástico, tecido acetinado, flores de papel, vidrilhos <u>Dimensões:</u> C: 34 cm L: 36 cm A: 45 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

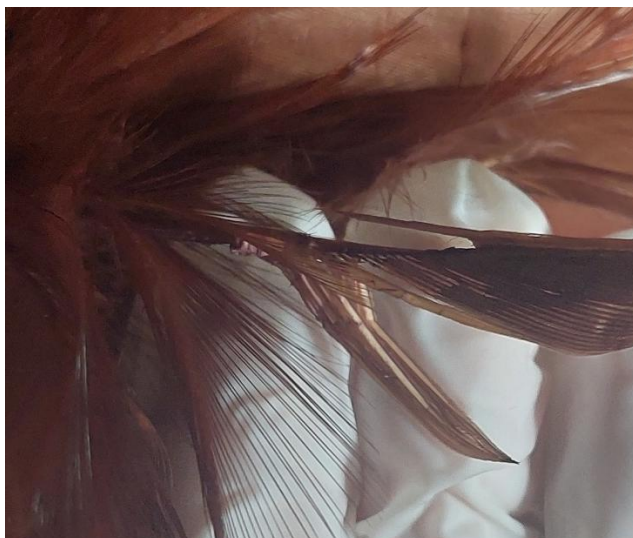
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☒	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

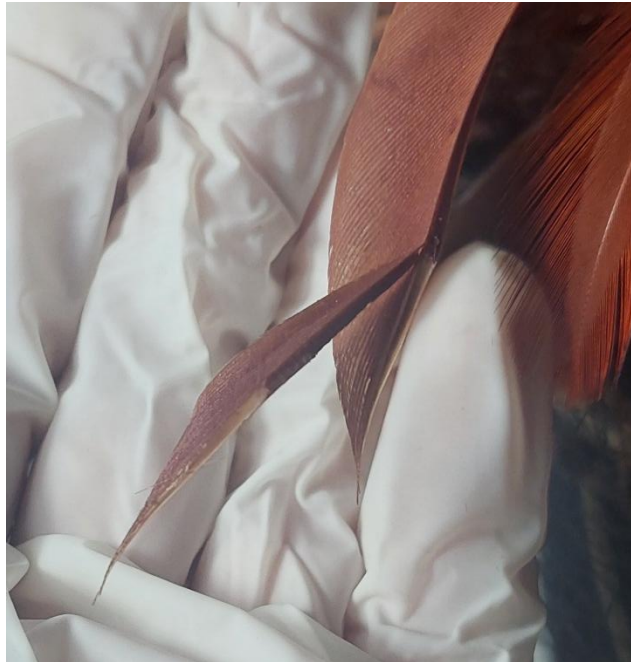
DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta fraturas e danos por infestação biológica, nomeadamente lacunas e marcas de mordedura, em algumas penas. As flores de papel apresentam deformações e um tom amarelado.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS





	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/02/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002603-P <u>Denominação:</u> fascinator "Azul Amarelo" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator forrado com veludo com penas de pato <u>Cores:</u> azul, amarelo <u>Materiais:</u> tecido aveludado, penas de pato, elástico, tecido acetinado <u>Dimensões:</u> C: 31 cm L: 27 cm A: 28 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação. Não apresenta danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 21/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002602-P <u>Denominação:</u> Toucado "Vintage" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> toucado "vintage" em fazenda com véu, missangas e duas penas de pato. <u>Cores:</u> rosa, branco, cinzento <u>Materiais:</u> tecido de fazenda, tecido acetinado, missangas (plástico), elástico, véu, penas de pato

	<u>Dimensões:</u> C: 42 cm L: 33 cm A: 24cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000072-O <u>Denominação:</u> Máscara “Glamour” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> máscara com aplicações <u>Cores:</u> preto, verde, vermelho, laranja, azul, lilás, amarelo, rosa <u>Materiais:</u> tecido aveludado, galão, pedraria (plástico, metal), vidrilhos, penas de pato, elástico <u>Dimensões:</u> na horizontal: C: 31 cm L: 21 cm A: 26 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☒	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta alguns elementos em falta, nomeadamente cinco elementos de pedraria de plástico em falta, devido à perda de fixação. Apresenta também sujidade, nomeadamente partículas de pó depositadas na superfície, especialmente visível nos vidrilhos e nos raques das penas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	 
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002693-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Metamorfose” <u>Ano de produção:</u> 2010 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> assente em bandolete com penas de pato, tecido <i>chenille</i> e borboleta figurativa <u>Cores:</u> castanho, laranja <u>Materiais:</u> arame (metal) com <i>chenille</i>, penas de pato borboletas figurativas com penas e plástico, palha (sintética), feltro

	<u>Dimensões:</u> C: 34 cm L: 26 cm A: 48 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 25/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002691-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Tricolor II” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> Fascinator assente em bandolete com penas de pato, missangas e de pluma de avestruz <u>Cores:</u> preto, azul, roxo, rosa <u>Materiais:</u> penas de pato, plumas de avestruz, raques, missangas (plástico), bandolete (metal), fita de tecido acetinado, feltro <u>Dimensões:</u> C: 50 cm L: 19 cm A: 52 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 21/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002687-P <u>Denominação:</u> Toucado "Floral" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> Toucado em veludo com missangas, papel e véu <u>Cores:</u> branco, verde, roxo, rosa, amarelo, vermelho, laranja <u>Materiais:</u> tecido aveludado, papel, véu, missangas (plástico), elástico <u>Dimensões:</u> C: 49 cm L: 33 cm A: 22 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação e não apresenta danos.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 21/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002678-P <u>Denominação:</u> Toucado "Patchwork" <u>Ano de produção:</u> 2010 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> Toucado em bandolete com penas de galo, crinolina, rede e botões <u>Cores:</u> preto, branco, cinzento.

	<u> Materiais:</u> penas de galo, penas de galinha-d’angola, crinolina (plástico), botões (plástico), bandolete (plástico), véu, fita de tecido acetinado, missangas (plástico), palha (sintética) <u>Dimensões:</u> C: 37 cm L: 27 cm A: 38 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002685-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Verde Bronze" <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com palha sintética com penas de faisão e esferas <u>Cor:</u> verde, bronze, castanho, preto <u>Materiais:</u> penas de faisão, arame (metal), bandolete (plástico), galão, palha (sintética)

	<u>Dimensões:</u> C: 50 cm L: 40 cm A: 56 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☒	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☒	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☒	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☒
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em fraco estado de conservação, apresentando danos por insetos, nomeadamente lacunas de material e orifícios em três penas e deformações e fraturas em três penas. Apresenta também descoloração da coloração da palha.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☐; Fraco ☒; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO

FOTOGRAFICO

DOS DANOS









	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Sugere-se que o objeto seja assinalado com o código vermelho da instituição, que seja acondicionado com urgência e frequentemente observado, devido à sua tendência para atrair infestações por traça-da-roupa.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002694-P <u>Denominação:</u> Chapéu “Tricórnio” <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> chapéu <u>Outras designações:</u> toucado, fascinator <u>Descrição:</u> chapéu modelo tricórnio em palha sintética com tule e penas <u>Cores:</u> preto, branco <u>Materiais:</u> palha (sintética), penas, tule, galão, pérola (plástico e metal), bandolete (metal)

	<u>Dimensões:</u> C: 42 cm L: 42 cm A: 42 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos
Gordura ☐	têxteis ☐
Outro ☐	Colagens ☐
_____	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 25/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002684-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Véu Preto” <u>Ano de produção:</u> 2017 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> fascinator em <i>sinamay</i> com véu, penas de faisão e alfinetes <u>Cores:</u> preto <u>Materiais:</u> <i>sinamay</i>, véu, penas de faisão, tecido aveludado, alfinetes de chapéu (plástico, metal)

	<u>Dimensões:</u> C: 48 cm L: 36 cm A: 57 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos
Gordura ☐	têxteis ☐
Outro ☐	Colagens ☐
_____	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002677-P <u>Denominação:</u> Toucado “Salmão” <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> toucado em tecido <i>sinamay</i> com missangas, rede e raque de penas de galo. <u>Cores:</u> salmão, rosa, branco. <u>Materiais:</u> <i>sinamay</i>, raques de penas de galo, véu, flor de tecido, missangas (plástico), bandolete (plástico), tecido.

	<u>Dimensões:</u> C: 22 cm L: 18 cm A: 36 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação. Não apresenta danos.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

FICHA DE VERIFICAÇÃO INDIVIDUAL DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO DE
LUÍS STOFFEL

<u>Responsável:</u> Inês Batista	
<u>Data:</u> 21/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO</u> <u>DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002676-P <u>Denominação:</u> Toucado "Fashion Coquete" <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> toque, fascinator <u>Descrição:</u> toucado em tecido sinamay com pena de pato <u>Cores:</u> preto <u>Materiais:</u> <i>sinamay</i> , pena de pato (colorida artificialmente), missangas (plástico) <u>Dimensões:</u> C: 23 cm L: 24 cm A: 38 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☒
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta fios soltos no <i>sinamay</i> das fitas. Os fios soltos podem ser uma consequência do corte do tecido durante o processo de produção do toucado. O objeto apresenta sujidade depositada, especialmente visível na superfície das missangas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se uma limpeza mecânica para remover a sujidade depositada.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002675-P <u>Denominação:</u> Toucado “Cinza Prata” <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> toque <u>Descrição:</u> toucado em tecido <i>sinamay</i> com missangas e raque de penas de galo. <u>Cores:</u> Cinzento. <u>Materiais:</u> <i>sinamay</i>, véu, raque de penas de galo, missangas (plástico), bandolete (plástico), tecido <u>Dimensões:</u> C: 25 cm L: 19 cm A: 31 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☒
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☒
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta, no <i>sinamay</i> um orifício. O véu apresenta dobras no lado frontal e traseiro do toucado, devido à pressão exercida sobre o mesmo durante um acondicionamento inadequado.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se que o véu seja engomado a vapor, para remover as dobras.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

FICHA DE VERIFICAÇÃO INDIVIDUAL DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA COLEÇÃO DE
LUÍS STOFFEL

<u>Responsável:</u> Inês Batista	
<u>Data:</u> 23/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO</u> <u>DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002674-P <u>Denominação:</u> Toucado “Lady Século XVI” <u>Ano de produção:</u> 2007 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> Toucado em veludo com cordão, galão e pérolas <u>Cores:</u> bordô, branco <u>Materiais:</u> veludo (sintético), cordão (sintético), galão (sintético), pérolas (plástico). <u>Dimensões:</u> na horizontal: C: 26 cm L: 26 cm A: 12 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	Objeto em estado de conservação regular. O objeto apresenta deformação nos cordões, sendo perceptível que estes se encontraram previamente atados em nós ou laços. O objeto apresenta também duas pérola de plástico que perdeu a sua fixação, encontrando-se solta.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



AÇÕES DE
CONSERVAÇÃO
REALIZADAS

AÇÕES DE
CONSERVAÇÃO
RECOMENDADAS

Recomenda-se que a pérola solta seja fixada com um adesivo.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 21/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002673-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Corvo” <u>Ano de produção:</u> 2019 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> Fascinator com duas partes: bandolete com estrutura em veludo, galão, canutilhos, missangas, plumas de marabu (1); gola em transparência riscada, plumas de marabu e penas de avestruz (2). <u>Cores:</u> preto, vermelho

	<u> Materiais</u>: tecido aveludado, tecido, galão, vidrilhos, missangas (plástico), plumas de marabu, penas de avestruz, bandolete (metal), missanga (metal), botão (metal). <u>Dimensões</u>: C: 65 cm L: 50 cm A: 31 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 21/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002669-P <u>Denominação:</u> Toucado "Elegant Gothic" <u>Ano de produção:</u> 2019 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> toque <u>Descrição:</u> Toucado em veludo com plumas de marabu, missangas e penas de pato. <u>Cores:</u> preto, cinzento <u>Materiais:</u> tecido aveludado, missangas (plástico), plumas de marabu, penas de pato, bandolete (metal) <u>Dimensões:</u> C: 32 cm L: 28 cm A: 34 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem evidência de dano visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente acondicionado num saco de plástico.

<u>Responsável:</u> Inês Batista		
<u>Data:</u> 26/03/2025		
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002662-P	
	<u>Denominação:</u> Acessório de cabeça escultural "Circus I"	
	<u>Ano de produção:</u> 2008	
	<u>Autor:</u> Luís Stoffel	
	<u>Imagem identificativa:</u>	
		
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural	
	<u>Outras designações:</u> toucado, fascinator	
	<u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural com barbas de plástico forradas a veludo, plumas e pedraria	
	<u>Cores:</u> vermelho	
	<u>Materiais:</u> tecido aveludado, plástico, plumas, pedraria (plástico)	
	<u>Dimensões:</u> C: 49 cm L: 42 cm A: 60 cm	
DANOS ESTRUTURAIS MAIORES		DANOS ESTRUTURAIS MENORES

Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☒
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
	Manchas ☐

Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, apresentando um rasgão de pequenas dimensões no veludo, causado por danos físicos entre a barba de plástico e o tecido.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 27/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002631-P <u>Denominação:</u> acessório de cabeça escultural "Noiva do Minho" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> máscara <u>Descrição:</u> acessório de cabeça escultural extensível ao rosto (máscara) e à cabeça, numa alegoria às tradicionais noivas do Minho <u>Cores:</u> branco, preto, dourado

	<u> Materiais </u>: tecido aveludado, vidrilhos, missangas (plástico), lantejoulas (plástico), renda, galão, metal, cordão, fita de tecido, arames (metal) <u> Dimensões </u>: na horizontal: C: 43 cm L: 36 cm A: 14 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☒
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☒
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta duas sobras na renda, devido à pressão sobre a mesma durante o acondicionamento indevido, e fios soltos nas duas extremidades da fita de tecido dourada.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 25/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002619-P <u>Denominação:</u> Acessório de cabeça escultural "O Ninho" <u>Ano de produção:</u> 2019 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> acessório de cabeça escultural <u>Outras designações:</u> fascinator <u>Descrição:</u> Acessório de cabeça escultural em bandolete com a representação de um corvo a voar para o seu ninho <u>Cores:</u> preto, roxo <u>Materiais:</u> penas de pato, raque de pena de avestruz, sisal (natural), missangas (plástico), vidrilhos, bandolete (metal)

	<u>Dimensões:</u> C: 28 cm L: 22 cm A: 42 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☒
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☒
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta fios de sisal soltos na parte do ninho e uma pena de pato com perda de fixação, no lado traseiro da ave representada.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se que a pena de pato solta seja colada.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 25/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002613-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Rosa Preto" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete larga com rede, com a representação de duas flores em penas de pato recortadas, raque de pluma de avestruz e missangas <u>Cores:</u> preto, rosa, branco

	<u> Materiais:</u> penas de pato, missangas (plástico), raque de pluma de avestruz, feltro, rede, bandolete (plástico) <u>Dimensões:</u> C: 57 cm L: 31 cm A: 45 cm
--	---

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☐	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002611-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Preto Branco” <u>Ano de produção:</u> 2019 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com plumas de marabu e penas de pato recortadas <u>Cores:</u> preto, branco <u>Materiais:</u> plumas de marabu, plumas de marabu, bandolete (metal), feltro

	<u>Dimensões:</u> C: 35 cm L: 35 cm A: 41 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002610-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Vermelho Roxo” <u>Ano de produção:</u> 2019 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com penas de pato e penas de galo <u>Cores:</u> roxo, vermelho <u>Materiais:</u> penas de pato (coloridas artificialmente), penas de galo (coloridas artificialmente), metal (bandolete), feltro <u>Dimensões:</u> C: 34 cm L: 32 cm A: 33 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 25/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002609-P <u>Denominação:</u> Fascinator “Jardim” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com missangas e vidrilhos, com flores de penas e raques <u>Cores:</u> verde, amarelo, laranja, azul, vermelho, branco, rosa <u>Materiais:</u> missangas (plástico), vidrilhos, tecido aveludado, galão, bandolete (plástico), penas, plumas, raque <u>Dimensões:</u> C: 27 cm L: 18 cm A: 45 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 03/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002670-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Patchwork I" <u>Ano de produção:</u> 2007 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> Fascinator em veludo com bordados, rendas, bordados, franjas, botões, organza, plumas e véu <u>Cores:</u> preto, vermelho <u>Materiais:</u> penas, plumas, tecido aveludado, renda, véu, organza, tecido acetinado, botões (plástico) <u>Dimensões:</u> C: 45 cm L: 27 cm A: 23 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002671-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Patchwork II" <u>Ano de produção:</u> 2007 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em veludo com bordados, rendas, seda selvagem, organza, plumas e véu <u>Cores:</u> preto, branco <u>Materiais:</u> seda, organza, plumas de avestruz, penas, bordado de renda, véu, tecido aveludado, tecido acetinado, lantejoulas (plástico), arame (metal).

	<u>Dimensões:</u> C: 40 cm L: 30 cm A: 49 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 03/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002680-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Ondas Vermelhas" <u>Ano de produção:</u> 2012 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator assente em bandolete com crinolina, plumas de avestruz e penas de pato <u>Cores:</u> vermelho, preto <u>Materiais:</u> penas de pato, plumas de avestruz, bandolete (plástico), crinolina (plástico), feltro <u>Dimensões:</u> C: 56 cm L: 46 cm A: 53 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 26/03/2025			
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002679-P <u>Denominação:</u> Toucado “Rosa Preto” <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 		
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> toucado assente em bandolete com plumas de marabu, penas de galo, penas de galinha-da-índia e penas de pato <u>Cores:</u> preto, rosa <u>Materiais:</u> plumas de marabu, penas de galo, penas de galinha-da-índia, penas de pato, feltro, bandolete (metal) <u>Dimensões:</u> C: 37 cm L: 23 cm A: 35 cm		
<table border="1"> <tr> <td>DANOS ESTRUTURAIS MAIORES</td> <td>DANOS ESTRUTURAIS MENORES</td> </tr> </table>		DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES		

Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
	Manchas ☐

Abrasão ☐	Outro ☐
Descoloração ☐	
Outro ☐ 	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ 	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ 	Pintura ☐

	Outro ☐
--	---

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002686-P <u>Denominação:</u> Toucado “Flores” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> toucado assente em bandolete com penas de cegonha e missangas <u>Cores:</u> verde, azul. <u>Materiais:</u> penas de cegonha, missangas (plástico), bandolete (plástico), tecido

	<u>Dimensões:</u> C: 22 cm L: 16 cm A: 24 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, sem apresentar danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☒; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002667-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Ave" <u>Ano de produção:</u> 2016 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator imitando um faisão <u>Cor:</u> preto, castanho <u>Materiais:</u> penas de faisão, bandolete (metal), tecido acetinado, gancho em forma de pente (plástico)

	<u>Dimensões:</u> C: 65 cm L: 25 cm A: 43 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☒	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☒
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☒ <u>fragilidade generalizada das penas</u>
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos
Gordura ☐	têxteis ☐
Outro ☐	Colagens ☐
	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em fraco estado de conservação, apresentando danos por insetos, nomeadamente lacunas de material e orifícios na generalidade das penas que o revestem. Existe também deposição de detritos fecais de larva na generalidade da superfície de penas e teias de seda. As penas encontram-se fragilizadas, verificando-se uma desagregação do material das penas durante o manuseamento. Existe suspeita de uma infestação ativa, uma vez que os danos nas penas são generalizados e que foram encontradas uma traça adulta morta e uma pupa no interior do saco de plástico onde o objeto foi temporariamente acondicionado. É provável que a infestação presente neste objeto tenha afetado outros e que possa continuar a afetar.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☒ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que

	apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	 







<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se que o objeto seja higienizado e desinfestado com urgência e que lhe seja atribuído o código vermelho da instituição, para que seja mantido sob observação regular.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção. Atualmente encontra-se acondicionado num saco de plástico.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002614-P <u>Denominação:</u> Cartola do Chapeleiro Louco <u>Ano de produção:</u> 2010 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> cartola <u>Outras designações:</u> fascinator, chapéu <u>Descrição:</u> cartola em patchwork com pregos de chapéu numa representação da cartola da personagem fictícia chapeleiro louco do livro "Alice no País das Maravilhas" <u>Cor:</u> preto, vermelho, verde, azul, branco <u>Materiais:</u> tecidos, galão, papel, botões (plástico), alfinetes (plástico e metal), feltro

	<u>Dimensões:</u> C: 39 cm L: 39 cm A: 43 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☒
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☒	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, apresentando sujidade depositada na superfície, sobretudo no exterior da copa e nos alfinetes. Apresenta também fios soltos em duas áreas e corrosão superficial nos alfinetes.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO FOTOGRÁFICO DOS DANOS</u>	

	 
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se que o objeto receba uma limpeza mecânica, de modo a remover a sujidade depositada.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 20/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002681-P <u>Denominação:</u> Toucado “Azul” <u>Ano de produção:</u> 2018 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> toucado <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> toucado assente em bandolete em <i>sinamay</i> com penas de arara e rede. <u>Cores:</u> azul, amarelo. <u>Materiais:</u> penas de arara, <i>sinamay</i>, véu, missangas (plástico), bandolete (plástico), tecido

	<u>Dimensões:</u> C: 22 cm L: 13 cm A: 38 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☒
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☒	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

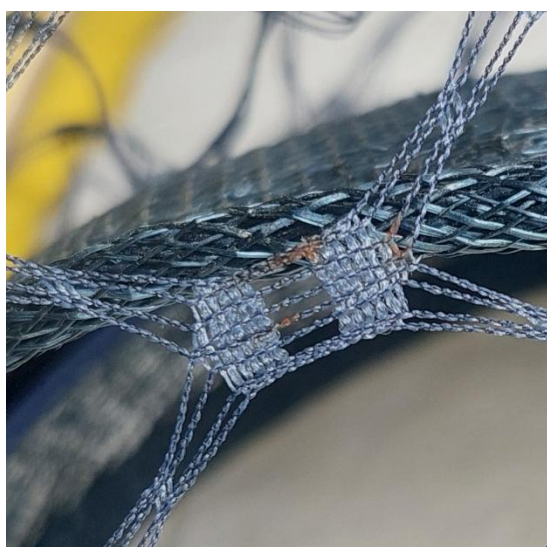
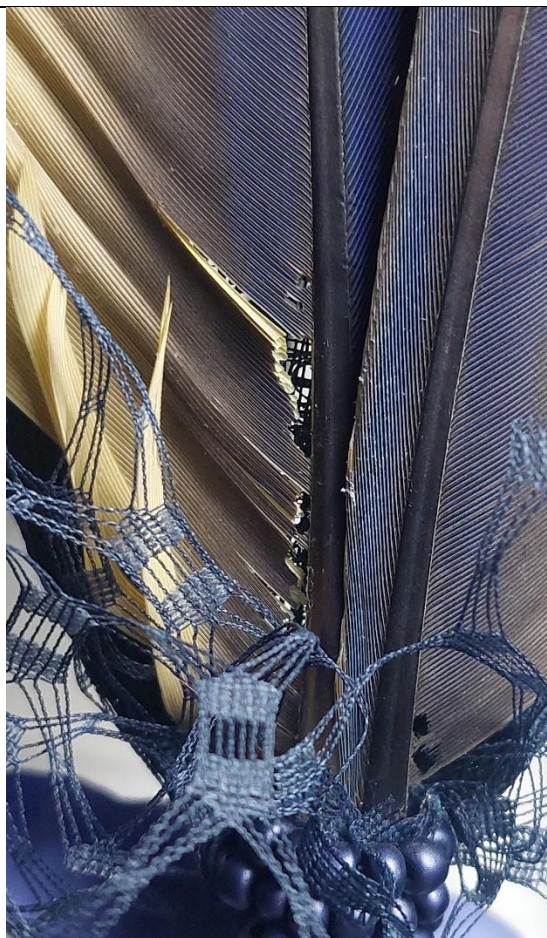
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☒	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐ Colagens ☐ Pintura ☐ Outro ☐ _____
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta sujidade (partículas) depositada, especialmente visível no <i>sinamay</i> e nas missangas. O véu apresenta uma ligeira deformação, devido à pressão exercida sobre o mesmo durante o acondicionamento inadequado, e pequenas manchas. Apresenta danos por traça-da-roupa, nomeadamente orifícios e lacunas nas penas de arara.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



AÇÕES DE
CONSERVAÇÃO
REALIZADAS

Limpeza por aspiração do serrim e teias de sedas deixados pelas larvas de traça da roupa nas penas.

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 03/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002612-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Primavera" <u>Ano de produção:</u> 2010 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> fascinator em bandolete com decoração de elementos vegetalistas e animais, e raque de pena de galo <u>Cores:</u> laranja, verde, bege, castanho <u>Materiais:</u> raque de pena de galo, espuma EVA, tecido, palha, plantas secas, arame, penas, elementos de plástico, bandolete (plástico), feltro

	<u>Dimensões:</u> C: 22 cm L: 19 cm A: 38 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☒	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☒	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

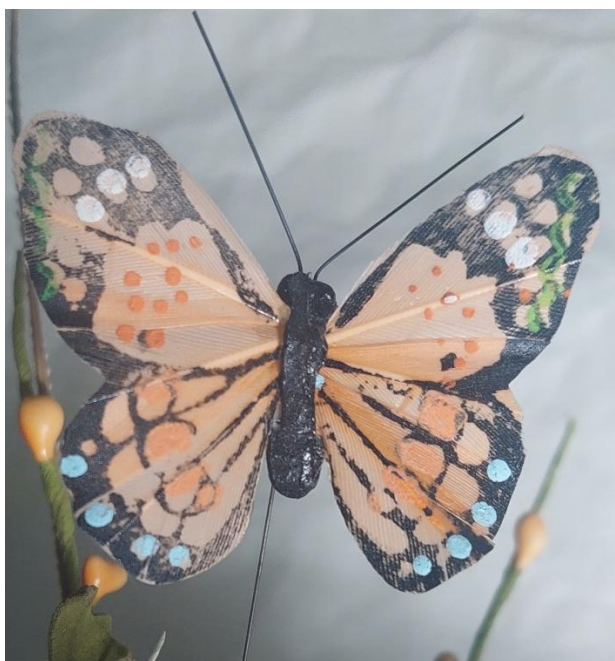
DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	
Outro ☐ _____	
	Colagens ☐
	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular. Apresenta uma folha de espuma EVA separada, danos por traça-da-roupa, causando a perda de quase todo o material das penas do pássaro representado, e destacamento da policromia que reveste as asas de penas da representação de borboleta.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



AÇÕES DE
CONSERVAÇÃO
REALIZADAS

Os detritos de dejetos depositados nas penas da representação do pássaro foram removidos com um pincel.

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	Recomenda-se que a folha de espuma de EVA separada seja colada.
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 04/04/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000066-O <u>Denominação:</u> Máscara "Moulin Rouge" <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> <u>Descrição:</u> máscara com acessório de pescoço em seda com aplicações <u>Cor:</u> preto, vermelho

	<u> Materiais </u>: tecido acetinado, vidrilhos, missangas (plástico), renda, galão, organza, lantejoulas (plástico), alfinetes (metal e plástico), feltro, elástico <u> Dimensões </u>: na horizontal: C: 40 cm L: 32 cm A: 14 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☒
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐

Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
Desgaste de uso ☐	Abrasão ☐
Abrasão ☒	Manchas ☐
Descoloração ☐	Outro ☐ _____
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☒
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
------------------	--------------------------------

Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐
Outro ☐ _____	Pintura ☐
	Outro ☐ _____

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, apresentando sinais de abrasão na pedra de plástico do alfinete e dois locais no verso da gola com fios soltos. Num deles, os fios soltos poderão ser danos causados por traça-das-roupas, uma vez que neles se encontrava uma pupa de traça, envolta em fibras vermelhas.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

REGISTO
FOTOGRAFICO
DOS DANOS



<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	A gola foi higienizada por aspiração, tendo sido removidos detritos fecais de larvas, fios de seda, fragmentos de penas de outro objeto e uma pupa de traça.
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 25/03/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-002689-P <u>Denominação:</u> Fascinator "Palmito" <u>Ano de produção:</u> 2021 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> fascinator <u>Outras designações:</u> toucado <u>Descrição:</u> Fascinator assente em bandolete adornada com missangas <u>Cores:</u> dourado, prateado <u>Materiais:</u> missangas (plástico), vidrilhos, tecido, arames de metal, papel, galão, feltro, bandolete (plástico)

	<u>Dimensões:</u> C: 23 cm L: 20 cm A: 39 cm
--	--

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
	Desidratação ☐

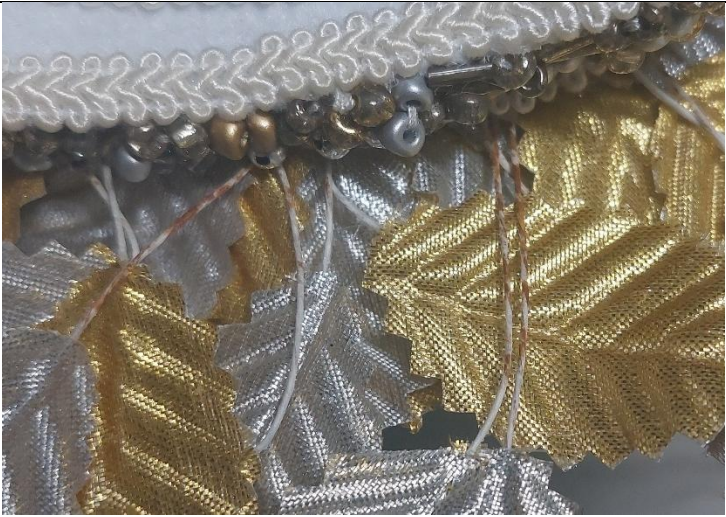
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Humidade ☐
Pulverulência ☐	Abrasão ☐
Desgaste de uso ☐	Manchas ☐
Abrasão ☐	Outro ☐ _____
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☒	Infestação macrobiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐

Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos
Gordura ☐	têxteis ☐
Outro ☐	Colagens ☐
_____	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em estado de conservação regular, apresentando corrosão em alguns arames de metal.
<u>ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☒; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.

<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.

<u>Responsável:</u> Inês Batista <u>Data:</u> 15/01/2025	
<u>IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Nº de inventário:</u> MIC-000071-O <u>Denominação:</u> máscara “Marfim” <u>Ano de produção:</u> 2020 <u>Autor:</u> Luís Stoffel <u>Imagem identificativa:</u> 
<u>DESCRIÇÃO DO OBJETO</u>	<u>Designação comum:</u> máscara <u>Outras designações:</u> fascinator <u>Descrição:</u> máscara totalmente decorada com esferas e penas de faisão <u>Cores:</u> bege, marfim, branco, cobre <u>Materiais:</u> penas de faisão, missangas (plástico), feltro, galão, elástico <u>Dimensões:</u> C: 52 cm L: 45 cm A: 32 cm

DANOS ESTRUTURAIS MAIORES	DANOS ESTRUTURAIS MENORES
Elemento separado ☐	Fissuração ☐
Elemento em falta ☐	Rasgão de pequena dimensão ☐
Fratura ☐	Orifícios ☐
Fissuração de grande dimensão ☐	Lacuna de pequena dimensão ☐
Lacuna de grande dimensão ☐	Laceração de pequena dimensão ☐
Rasgão de grande dimensão ☐	Vinco ☐
Laceração de grande dimensão ☐	Dobra ☐
Dobra significativa ☐	Deformação ☐
Vinco significativo ☐	Perda de fixação ☐
Elemento frágil ☐	Estiramento ☐
Outro ☐ _____	Encolhimento ☐
	Fios soltos ☐
	Outro ☐ _____

DANOS SUPERFICIAIS	DESFIGURAÇÃO
Manchas ☐	Descoloração ☐
Destacamento da policromia ☐	Alterações cromáticas ☐
Material/ policromia/ revestimento em falta ☐	Desidratação ☐
Pulverulência ☐	Humidade ☐
	Abrasão ☐

Desgaste de uso ☐	Manchas ☐ Outro ☐ _____
Abrasão ☐	
Descoloração ☐	
Outro ☐ _____	

DANOS QUÍMICOS	DANOS BIOLÓGICOS
Corrosão ☐	Infestação microbiológica ativa ☐
Sais ☐	Infeção microbiológica ativa ☐
Acidificação do papel ☐	Danos por microorganismos ☐
Amarelecimento do papel ☐	Danos por insetos ☐
Deterioração da seda ☐	Danos por roedores ☐
Vidro lacrimante ☐	Outro ☐ _____
Rede de microfissuras no vidro ☐	
Outro ☐ _____	

DEPÓSITOS	INTERVENÇÕES ANTERIORES
Sujidade depositada ☐	Costuras ☐
Sujidade aderida ☐	Associação de outros elementos têxteis ☐
Gordura ☐	Colagens ☐

Outro ☐	Pintura ☐
	Outro ☐

<u>DESCRIÇÃO DO</u> <u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u>	O objeto encontra-se em muito bom estado de conservação, não apresentando danos visíveis.
<u>ESTADO DE</u> <u>CONSERVAÇÃO</u> <u>GERAL</u>	Muito Bom ☐; Regular ☐; Fraco ☐; Mau ☐ Muito Bom: Objeto que se apresenta sem danos e estável. Sem necessidade de intervenção de conservação curativa ou de restauro. Regular: Objeto estável, mas que apresenta alguma(s) lacuna(s). Sem necessidade de intervenção de conservação curativa, mas com necessidade de restauro. Fraco: Objeto instável e com lacunas significativas. Com necessidade de uma intervenção de conservação curativa e de restauro. Mau: Objeto altamente instável e enfraquecido, em deterioração ativa, podendo afetar outros objetos, que apresenta lacunas significativas. Com necessidade de intervenção de conservação curativa e de restauro urgente.
<u>REGISTO</u> <u>FOTOGRAFICO</u> <u>DOS DANOS</u>	

<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO REALIZADAS</u>	
<u>AÇÕES DE CONSERVAÇÃO RECOMENDADAS</u>	
<u>OBSERVAÇÕES</u>	Objeto previamente em más condições de acondicionamento, numa caixa de cartão com outros objetos da coleção.